

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

CAIO MARCONDES RIBEIRO BARBOSA

**Do mito à balbúrdia:
o bolsonarismo e o ressurgimento da direita conservadora no Brasil**

São Paulo
2022

CAIO MARCONDES RIBEIRO BARBOSA

**Do mito à balbúrdia:
o bolsonarismo e o ressurgimento da direita conservadora no Brasil**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciência Política.

Área de Concentração: Ciência Política

Orientador: Prof. Dr. André Vitor Singer

São Paulo
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B238m Barbosa, Caio Marcondes Ribeiro
Do mito à balbúrdia: o bolsonarismo e o
ressurgimento da direita conservadora no Brasil /
Caio Marcondes Ribeiro Barbosa; orientador André
Vitor Singer - São Paulo, 2022.
227 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Ciência Política. Área de
concentração: Ciência Política.

1. bolsonarismo. 2. direita. 3. conservadorismo.
4. liberalismo. 5. Bolsonaro. I. Singer, André Vitor,
orient. II. Título.

Agradecimentos

Dizem que há uma maldição chinesa que implica desejar que uma pessoa “viva em tempos interessantes”. Acredito que viver e pesquisar tempos interessantes é uma maldição ainda mais cruel. Dizer que este trabalho não foi fácil seria ainda pouco comparado ao desafio que se apresentou. Agora concluído, há muitas pessoas a quem sou grato nesta longa e árdua jornada.

Primeiramente, preciso agradecer ao meu orientador, Prof. André Singer, por acreditar que eu seria capaz de realizar esta difícil tarefa e por me apoiar, entre mestrado e doutorado, por quase uma década. Muito do que aprendi de melhor foi com ele, e seguirei tendo-o como referência do tipo de intelectual que acredito que o Brasil precisa. Foi uma honra tê-lo como meu orientador.

Sou muito grato também à minha coorientadora no meu período de doutorado-sanduíche na Universidade de Harvard, a Prof. Melani Cammett. Graças ao seu convite, tive a oportunidade passar 6 meses em Cambridge (EUA) estudando e dialogando com brilhantes intelectuais e pesquisadores. Agradeço aos professores Pippa Norris, Fran Hagopian e Steven Levitsky, pelas excelentes aulas e comentários tão úteis para o meu trabalho, assim como os professores Roberto Mangabeira Unger e Dani Rodrik com quem também tive a oportunidade de aprender.

Agradeço também aos professores que estiveram na minha banca de qualificação, a Prof. Esther Solano, da UNIFESP, e o Prof. Gustavo Venturi, do Departamento de Sociologia da USP. Ambos fizeram comentários de grande valor, que certamente contribuíram para o avanço deste trabalho. Em particular, expressei a minha tristeza que o Prof. Gustavo tenha nos deixado tão cedo em vida, mas foi uma honra tê-lo conhecido e seguirei grato por suas contribuições.

Os longos anos na Universidade de São Paulo também me possibilitaram o contato e o aprendizado com grandes professores e colegas. Agradeço aos professores Jean Tible, Eunice Ostrensky, Glauco Arbix, Alexandre Barbosa, Glauco Peres, Cícero Romão, Bernardo Ricupero, entre outros, com os quais tive aulas e diálogos que contribuíram para o meu trabalho e para a minha formação. Agradeço à Prof. Daniela Mussi, com quem realizei estágio em docência, pela amizade e pelo aprendizado acadêmico e intelectual. Agradeço também aos

diversos amigos e colegas que leram e contribuíram para o meu trabalho: Daniela Costanzo, Rafael Marino, Gabriel Nunes, Nicole Herscovici, Fellipe Bernardino, Rafael Costa, Marina Lacerda, Maria Campello, Vinícius do Valle, Camila Rocha, Moacir Marques de Lima Jr., entre outros.

Agradeço, também, aos amigos que me ajudaram de diferentes formas, no trabalho e nessa trajetória, inclusive tendo paciência com a minha prolongada ausência. São eles Ricardo Cozer, Aloysio França, Luiz Felipe Lima, Beatriz Mendes, Lucas Marmitt, Felipe Magalhães, entre outros. Agradeço à minha mãe, por todo o apoio, desde sempre. E um agradecimento especial à Jessica Satie, que, além da amizade, foi fundamental na transcrição das entrevistas deste trabalho e no cuidado de nossas “filhas felinas”, Ayla e Bethania, enquanto fiquei fora em Harvard.

Expresso a minha gratidão, também, a todos aqueles que participaram da pesquisa. Seja nas manifestações de direita, seja nas entrevistas, muitos deixaram seus medos e preconceitos de lado para conversar com um pesquisador. Em tempos de forte polarização política e desconfianças com o meio acadêmico e científico, é muito importante que se mantenha o diálogo, pois todos somos parte do mesmo povo, da mesma nação.

Por fim, nenhuma outra pessoa, além de mim, se envolveu tanto neste trabalho quanto Carol Mendes. Além do seu irreduzível apoio, suas leituras e releituras em diferentes estágios do trabalho, e as longas discussões sobre os achados foram todas fundamentais para que se chegasse até aqui. A jornada é longa, difícil e dolorosa, mas é muito mais suportável quando compartilhada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

BARBOSA, Caio Marcondes Ribeiro. *Do mito à balbúrdia: o bolsonarismo e o ressurgimento da direita conservadora no Brasil*. 2022. 227 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

O presente trabalho revisita um estudo clássico sobre a direita janista e malufista dos anos 1980, que encontrou um bastião do voto conservador que se estende do início da Zona Leste até a Zona Norte no município de São Paulo. Em 2018, esta mesma região voltou a se destacar como base eleitoral, desta vez para a eleição de Jair Bolsonaro como presidente da República. Por meio de entrevistas semiestruturadas com cabos eleitorais bolsonaristas que moram nessa região e observação etnográfica em manifestações de direita na cidade, a pesquisa buscou estabelecer elos entre aquela direita nos anos 1980 e a atual. O trabalho encontrou uma direita plural, mas convicta de si, sem vergonha de dizer seu nome, que ressurgiu no cenário político conforme se identificou e se uniu em torno de uma candidatura competitiva de um político de direita como Bolsonaro. Reforçada pelo antipetismo, por um sentimento antissistema e pelo desejo de ordem – que flertam com o autoritarismo – simbolizado pelos militares, encontrou-se uma direita bolsonarista engajada por uma agenda liberal na economia, amparadas por um sentimento meritocrata e avessa a políticas redistributivas, e por um conservadorismo moral, em reação às mudanças culturais e aos avanços nas últimas décadas conquistados por minorias políticas, como mulheres, negros e LGBTQIA+.

Palavras-chave: bolsonarismo, direita, conservadorismo, liberalismo, Bolsonaro.

Abstract

BARBOSA, Caio Marcondes Ribeiro. *From myth to shambles: bolsonarismo and the resurgence of the conservative right in Brazil*. 2022. 227 p. Thesis (PhD in Political Science) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

The present work revisits a classic study about the *Janista* and *Malufista* right of the 1980s, which found a bastion of the conservative vote that extends from the beginning of the East Zone to the North Zone in the city of São Paulo. In 2018, this same region once again stood out as an electoral base, this time for the election of Jair Bolsonaro as President of the Republic. Through semi-structured interviews with Bolsonaro's campaigners who live in this region and ethnographic observation of right-wing demonstrations in the city, the research sought to establish links between that right in the 1980s and the current one. The work found a plural, but staunch right, unashamed to say its name, which resurfaced on the political scene as it identified itself and united around a competitive candidacy of a right-wing politician like Bolsonaro. Reinforced by *antipetismo*, an anti-establishment feeling, and the desire for order – which flirt with authoritarianism – symbolized by the military, there was a Bolsonarista right engaged by a liberal agenda in the economy, supported by a meritocratic sentiment and averse to redistributive policies, and by a moral conservatism, in reaction to cultural changes and the advances made in recent decades by political minorities such as women, blacks and LGBTQIA+.

Keywords: bolsonarismo, right-wing, conservatism, liberalism, Bolsonaro.

Lista de gráficos

Gráfico 1: Mapa Eleitoral do município de São Paulo com as 20 regiões com maior votação em Jânio Quadros na eleição para prefeito em 1985	20
Gráfico 2: Mapa Eleitoral do município de São Paulo no 1º turno da eleição de 2018 para Presidente da República	21
Gráfico 3: Mapa Eleitoral do município de São Paulo no 1º turno da eleição de 1989 para Presidente da República	43
Gráfico 4: Mapa Eleitoral do município de São Paulo com as maiores votações de Paulo Maluf no 1º turno da eleição de 1989 para Presidente da República	44
Gráfico 5: Autolocalização em campos ideológicos (escala de 11 pontos), 2002-2018 (em %)	47
Gráfico 6: Mapa Eleitoral do município de São Paulo no 1º turno da eleição de 2002 para Presidente da República	51
Gráfico 7: Mapa Eleitoral do município de São Paulo no 1º turno da eleição de 2006 para Presidente da República	52
Gráfico 8: Mapa Eleitoral do município de São Paulo no 1º turno da eleição de 2010 para Presidente da República	53
Gráfico 9: Mapa Eleitoral do município de São Paulo no 1º turno da eleição de 2014 para Presidente da República	54
Gráfico 10: Dados da Pesquisa Genial/Quaest de agosto de 2021 sobre a atitude política de diferentes eleitores – Segurança e Patriotismo	117
Gráfico 11: Latinobarómetro – Satisfação com a Democracia em países sul-americanos em 2018	125
Gráfico 12: Latinobarómetro – Apoio à Democracia em países sul-americanos em 2018	125
Gráfico 13: Latinobarómetro – Confiança nos Partidos Políticos em países sul-americanos em 2018	126
Gráfico 14: Latinobarómetro – Confiança nas Forças Armadas em países sul-americanos em 2018	127
Gráfico 15: Relação entre uso de redes sociais e intenção de voto no 2º turno da eleição presidencial de 2018	132
Gráfico 16: Dados da Pesquisa Genial/Quaest de agosto de 2021 sobre a atitude política de diferentes eleitores – Economia e Anticomunismo	146

Gráfico 17: Relação entre religião (católicos, evangélicos e outros) e voto para presidente no 2º turno (2010-2018)	164
Gráfico 18: Dados da Pesquisa Genial/Quaest de agosto de 2021 sobre a atitude política de diferentes eleitores – Costumes	168
Gráfico 19: Relação entre gênero e voto para presidente no 2º turno com dados do ESEB (2010-2018)	169
Gráfico 20: Relação entre gênero e voto para presidente no 2º turno (2010-2018)	170

Lista de tabelas

Tabela 1: Ranking das zonas eleitorais no município de São Paulo onde Bolsonaro obtém mais de 50% já no 1º turno.	46
Tabela 2: Ranking das 10 Zonas Eleitorais do município de São Paulo com a menor porcentagem de votos para o candidato petista no 2º turno das eleições presidenciais nos pleitos de 2002 a 2018	49
Tabela 3: Ranking das 10 zonas eleitorais no município de São Paulo onde Alckmin obteve suas melhores votações	58

Lista de figuras

Figura 1: Vista de cima da Vila Maria, 2019	92
Figura 2: Rua na Vila Guilherme, 2019	93
Figura 3: Rua no Tatuapé, 2019	93
Figura 4: Rua na Vila Prudente, 2019	94
Figura 5: Aglomeração de manifestantes na Av. Paulista. Ato do dia 07 de abril de 2019	98
Figura 6: Faixa de protesto em inglês. Ato do dia 26 de maio de 2019	98
Figura 7: “Tomataço”: manifestante jogando tomate em cartaz de Dias Toffoli e Davi Alcolumbre. Ato do dia 25 de agosto de 2019	99
Figura 8: Manifestantes com diferentes cartazes. Ato do dia 30 de junho de 2019	100
Figura 9: Marreteiro vendendo camisetas e bandeiras. Ato do dia 08 de dezembro de 2019	102
Figura 10: Grupo pedindo intervenção militar. Ato do dia 26 de maio de 2019	122
Figura 11: Carro de som com homem fardado pedindo intervenção militar. Ato do dia 30 de junho de 2019	123
Figura 12: Carro-de-som com faixa “Artigo 142 Já”. Ato do dia 25 de agosto de 2019	123
Figura 13: Manifestante com cartaz pedindo intervenção no STF. Ato do dia 17 de novembro de 2019	124
Figura 14: Manifestante pedindo o fechamento de Congresso Nacional e STF. Ato do dia 08 de dezembro de 2019	130
Figura 15: Manifestante associando TV Globo a <i>fake news</i> . Ato do dia 08 de dezembro de 2019	131
Figura 16: Manifestante com cartaz contra o comunismo. Ato do dia 08 de dezembro de 2019	145
Figura 17: Homem com camiseta com foto de Bolsonaro e a bandeira do movimento LGBT. Ato do dia 26 de maio de 2019	186
Figura 18: Marcello Reis, do Revoltados Online, fazendo um vídeo para seu canal. Ato do dia 07 de abril de 2019	203

Figura 19: Jovens com cartazes com reivindicações e críticas a membros do Congresso, STF e o MBL. Ato do dia 26 de maio de 2019	203
Figura 20: Carro de som do grupo Direita São Paulo. Ato do dia 30 de junho de 2019	204
Figura 21: Vereador Fernando Holiday (DEM-SP) discursando em carro de som do MBL sem identificação do grupo. Ato do dia 30 de junho de 2019	204
Figura 22: Manifestantes pedindo intervenção militar. Ato do dia 25 de agosto de 2019	205
Figura 23: Ativistas do Partido Novo apoiando a Lava Jato e a indicação de Deltan Dallagnol para Procurador-Geral da República. Ato do dia 25 de agosto de 2019	205
Figura 24: Carro de som do VemPraRua e faixas a favor da prisão em segunda instância. Ato do dia 09 de novembro de 2019	206
Figura 25: Militantes do Partido Novo e manifestantes com faixa a favor de Sergio Moro. Ato do dia 09 de novembro de 2019	206
Figura 26: Manifestantes bolsonaristas e bolivianos comem churrasquinho. Ato do dia 17 de novembro de 2019	207
Figura 27: Cartaz contra o STF. Ato do dia 17 de novembro de 2019	207
Figura 28: Deputada Federal Carla Zambelli (PSL-SP) discursa em carro-de-som. Ato do dia 08 de dezembro de 2019	208
Figura 29: Senador Major Olímpio (PSL-SP) posa com manifestantes. Ato do dia 08 de dezembro de 2019	208
Figura 30: Deputado Estadual Arthur do Val, vulgo Mamãe Falei (DEM-SP), vereador Fernando Holiday (DEM-SP) e Kim Kataguirí (DEM-SP) em meio a manifestantes e membros do MBL. Ato do dia 08 de dezembro de 2019	209
Figura 31: Cordão policial para isolar manifestantes bolsonaristas de outro grupo que gritavam ofensas. Ato do dia 08 de dezembro de 2019	209

Lista de abreviações e siglas

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

DEM – Partido Democratas

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ESEB – Estudo Eleitoral Brasileiro

EUA – Estados Unidos da América

FIES – Fundo de Financiamento Estudantil

INMETRO – Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexuais e demais orientações sexuais.

MBL – Movimento Brasil Livre

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

MEI – Microempreendedor Individual

MPL – Movimento Passe Livre

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MTST – Movimento dos Trabalhadores sem Teto

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

ONU – Organização das Nações Unidas

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PDC – Partido Democrata Cristão

PL – Partido Libertador

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PP – Partido Progressista

PR – Partido Republicano

PRP – Partido de Representação Popular

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PSC – Partido Social Cristão

PSD – Partido Social Democrático

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSL – Partido Social Liberal

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PSP – Partido Social Progressista

PST – Partido Social Trabalhista

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PTN – Partido Trabalhista Nacional

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas

SM – Salário Mínimo

STF – Supremo Tribunal Federal

SUS – Sistema Único de Saúde

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

UDN – União Democrática Nacional

UKIP – United Kingdom Independence Party

USP – Universidade de São Paulo

Sumário

Introdução	17
Procedimentos metodológicos	25
Capítulo 1 – A ascensão de Bolsonaro no contexto local e global	35
1.1. Do janismo e malufismo à eleição de Bolsonaro.....	36
1.1.1. O PSDB e a mulher de César	50
1.2. O avanço da extrema-direita no contexto global	60
1.3. O bolsonarismo em contexto	66
Capítulo 2 – Das redes para as ruas: formação e atuação da militância bolsonarista	73
2.1. A “nova velha direita”: das redes sociais à eleição de Bolsonaro	74
2.1.1. A nova direita e as redes	75
2.1.2. As Jornadas de Junho de 2013	79
2.1.3. A Operação Lava Jato	86
2.2. A direita bolsonarista no bastião conservador de São Paulo	90
2.3. Bolsonaristas vs. Lavajatistas: a direita nas ruas em 2019	95
2.4. O racha entre as direitas para os militantes	108
Capítulo 3 – A direita que diz seu nome: desejo de ordem e revolta contra o sistema ...	112
3.1. Da “direita envergonhada” para a direita orgulhosa	113
3.2. Reestabelecer a ordem: a segurança pública e o militarismo	116
3.3. Autoritarismo e revolta contra o sistema	124
Capítulo 4 – “Liberais na economia”: antipetismo, anticomunismo e meritocracia	137
4.1. Antipetismo: entre ressentidos e nunca convertidos	138

4.2. Aversão à esquerda: anticomunismo e anti-intelectualismo	145
4.3. Meritocracia e liberalismo econômico	151
Capítulo 5 – “Conservadores nos costumes”: <i>backlash</i> cultural e a “cilada da diferença”	162
5.1. Conservadorismo moral e a pauta dos costumes	163
5.2. Feminismo e radicalismos	169
5.3. Os negros e as cotas para afrodescendentes	174
5.4. A questão LGBTQIA+	180
Considerações finais	189
Anexo 1 – Questionário de pesquisa	193
Anexo 2 – Perfis dos entrevistados	198
Anexo 3 – Fotos nas manifestações de direita	203
Referências	210

Introdução

A Nova República marca o restabelecimento da democracia no Brasil após 21 anos de militares no poder, tendo início em 1985 e se estendendo até os dias atuais. O primeiro presidente desse novo período democrático, eleito ainda pela via indireta pelo Congresso Nacional, foi Tancredo Neves, que faleceu antes de tomar posse, e foi sucedido por seu vice, José Sarney. Em 1986, foi eleita a Assembleia Nacional Constituinte, que teria início no ano seguinte e terminaria os trabalhos em 1988, aprovando o novo texto constitucional que regeria os novos tempos democráticos. Em 1989, ocorreria a primeira eleição presidencial pelo voto direto, na qual Fernando Collor se elegeu presidente. Collor, porém, não terminaria seu mandato, sofrendo impeachment no final de 1992, sendo sucedido por seu vice, Itamar Franco.

Após um início turbulento, marcado por instabilidade política e econômica, a partir de 1994, o Brasil viveria mais de duas décadas de estabilidade na sua democracia. Desde a eleição daquele ano, a cadeira presidencial passou a ser disputada por dois principais partidos: PSDB (que governou o país de 1995 a 2002) e PT (que esteve no poder de 2003 até 2016). Mesmo no longo período hegemônico do PT na presidência, o segundo turno das eleições sempre era ocupado por um candidato opositor do PSDB. Portanto, a eleição em 2018 de Jair Bolsonaro como presidente da República, concorrendo por um partido então inexpressivo – o Partido Social Liberal (PSL) – foi uma surpresa. Mesmo com inúmeros candidatos participando da eleição, a união do eleitorado em torno de Bolsonaro foi tanta que o candidato quase encerrou a eleição já no 1º turno, obtendo 46,03% dos votos (TSE, 2018).

O ex-capitão do Exército e deputado federal que se tornou presidente nunca teve uma carreira política de destaque. Apesar de receber expressivas votações em suas eleições, notoriamente nunca foi um parlamentar exemplar, tendo pouquíssimos projetos de lei aprovados em mais de 20 anos no Congresso Nacional. Em todo esse tempo, o deputado era considerado como um dos representantes do chamado “baixo clero” do Congresso, grupo mais discreto e de pouco destaque, sendo mais famoso por suas aparições em programas populares de TV vociferando disparates contra a comunidade LGBTQIA+, contra a democracia e a favor da tortura e do regime militar. Mesmo assim, Bolsonaro não escondia o desejo de ser presidente da República. Até 2013, Bolsonaro permanecia um personagem relativamente desconhecido e folclórico do Congresso Nacional. Todavia, conforme a crise institucional avançava sobre o governo do PT e o sistema político como um todo, o deputado buscava se posicionar e aparecer

mais como alguém honesto e distante de escândalos de corrupção, e como o único que poderia “mudar tudo isso aí”.

Em 2014, Bolsonaro manifestou o anseio de ser candidato a vice-presidente de Aécio Neves (ORDONES, 2014). Em 2017, aventurou-se a ser candidato a presidente da Câmara dos Deputados, mas angariou apenas 4 votos, sendo o menos votado da eleição (O ESTADO DE S. PAULO, 2017). Apesar desses fracassos, trabalhou com afinco desde a reeleição de Dilma Rousseff em 2014 para tornar realidade o projeto de ser presidente. Progressivamente, o deputado passou a fazer forte uso das redes sociais para angariar apoio popular, estabelecendo-se como o político brasileiro com mais seguidores nas redes¹, utilizando plataformas como Facebook, Twitter e WhatsApp.

O crescimento da popularidade de Bolsonaro coincide com o acirramento de uma crise que abalou o sistema político brasileiro e os seus principais atores. Este processo – cujo estopim foram as Jornadas de Junho de 2013 – aprofundou-se e acelerou-se com o processo de impeachment de Dilma Rousseff e com o avanço das investigações sobre políticos de diferentes partidos na Operação Lava Jato. Frequentemente associadas à imagem de Bolsonaro, cresciam também, nos últimos anos, manifestações de grupos de direita pedindo intervenção militar como forma de solucionar a crise institucional que assolava o país. Em maio de 2018, caminhoneiros por todo o território nacional declararam uma greve que paralisou o Brasil, afetando o transporte de cargas, alimentos, combustíveis, entre outros tantos bens essenciais, e que, ainda assim, obteve apoio de 87% dos brasileiros (GIELOW, 2018). Além do escopo da greve, destacava-se a quantidade de pedidos por parte de alguns caminhoneiros – e por alguns grupos políticos infiltrados – por uma intervenção militar (SENRA, 2018). Além disso, Bolsonaro se destacou por ser um dos políticos que fez declaração pública apoiando os grevistas (PITOMBO, 2018). Por seu apoio e por ser associado ao militarismo e a uma candidatura antissistema, Bolsonaro surgia, portanto, como referência maior de muitos manifestantes, saindo fortalecido da greve para o pleito que se aproximava.

Após mudar de partido – primeiro saindo do PP, indo para o PSC, flertando com o Patriotas, e acabar no PSL – Bolsonaro, enfim, lançou-se candidato à presidência. Com Lula – que era líder nas pesquisas – fora da disputa, após ser considerado inelegível por ter sido condenado pela Justiça em segunda instância, Bolsonaro surgiu como favorito no 1º turno, apesar de possuir menos de 10 segundos de tempo de televisão (MORTARI, 2018) e poucos

¹ Em janeiro de 2019, Jair Bolsonaro possuía mais de 9 milhões de seguidores no Facebook.

recursos de campanha (D'AGOSTINO, 2018). No dia 06 de setembro, em um ato na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, Bolsonaro foi esfaqueado por um agressor (G1, 2018a). Após a comoção com o atentado, Bolsonaro se posicionou cada vez mais como favorito para as eleições, mesmo após o PT colocar como substituto de Lula o candidato Fernando Haddad, que subiu rapidamente nas pesquisas, mas sem conseguir alcançar Bolsonaro. O jornal *Folha de S. Paulo* ainda apuraria que empresários estariam comprando pacotes de disparos de mensagens no WhatsApp, impulsionando ilegalmente a campanha de Bolsonaro com mensagens contra o PT (MELLO, 2018). Contudo, sem uma apuração conclusiva sobre o caso, apesar da grande quantidade de *fake news* que circularam durante as eleições (PASQUINI, 2018), Jair Bolsonaro venceu o pleito no 2º turno das eleições com 55,54% dos votos válidos (TSE, 2018).

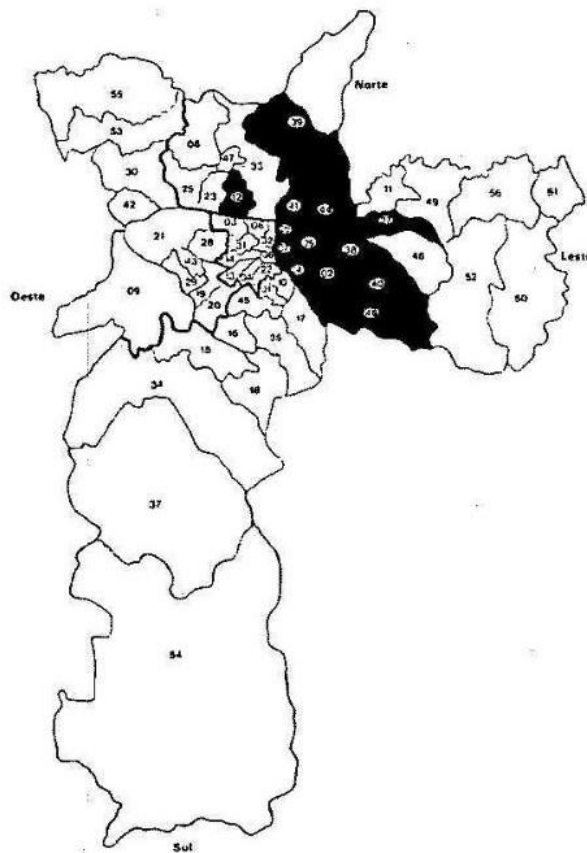
A ascensão de Bolsonaro faz parte de um recrudescimento da direita na política brasileira. Após mais de uma década de hegemonia eleitoral do PT no pleito para presidente da República, a direita – amparada principalmente no antipetismo – reorganizou suas forças e revelou novos nomes e atores no cenário político, o que suscitou alguns pesquisadores (CODATO; BOLOGNESI & ROEDER, 2015; ORTELLADO & SOLANO, 2016; ROCHA, 2019) a falar de uma “nova direita”. Porém, não seria a primeira vez que se utiliza esse termo nas ciências sociais brasileiras.

O sociólogo Antônio Flávio Pierucci, realizando estudos nos primeiros anos após a redemocratização do país nos anos 1980 e 1990, efetuou um estudo de caso no município de São Paulo a respeito das eleições de Jânio Quadros para prefeito em 1985 e de Paulo Maluf para governador em 1986. Entrevistando cabos eleitorais desses candidatos, Pierucci (1999) encontrou o que ele chamou de uma “nova direita”, que teria surgido com o fim do regime militar. E para realizar a sua pesquisa, ele delimitou geograficamente onde Jânio Quadros (e, posteriormente, Paulo Maluf) havia obtido a maior concentração de votos, estabelecendo como patamar um terço dos votos na eleição (que só tinha um turno), que seria a região no começo da Zona Leste até a Zona Norte de São Paulo.

Outro aspecto interessante a ser levantado do mapeamento realizado por Pierucci é de que ele identificou uma tendência na capital paulista de um voto janista entre as classes sociais no formato de um “V invertido”. Isso significa que Jânio teria uma votação menor entre os mais pobres, que subiria conforme chegava na classe média – moradora da região mencionada acima –, mas que decrescia outra vez com os mais ricos.

Saltando no tempo para a eleição presidencial de 2018, é notável destacar a semelhança de alguns achados que Pierucci identificou há mais de 30 anos na eleição de Jânio para prefeito. No Gráfico 1 a seguir, é possível ver as 20 regiões do município de São Paulo onde Jânio Quadros teria sido mais votado em 1985, enquanto o Gráfico 2 ilustra o mapa eleitoral do município de São Paulo, no qual as zonas em verde escuro mostram onde Bolsonaro obteve mais de 50% dos votos já no 1º turno de 2018.

Gráfico 1: Mapa Eleitoral do município de São Paulo com as 20 regiões com maior votação em Jânio Quadros na eleição para prefeito em 1985²

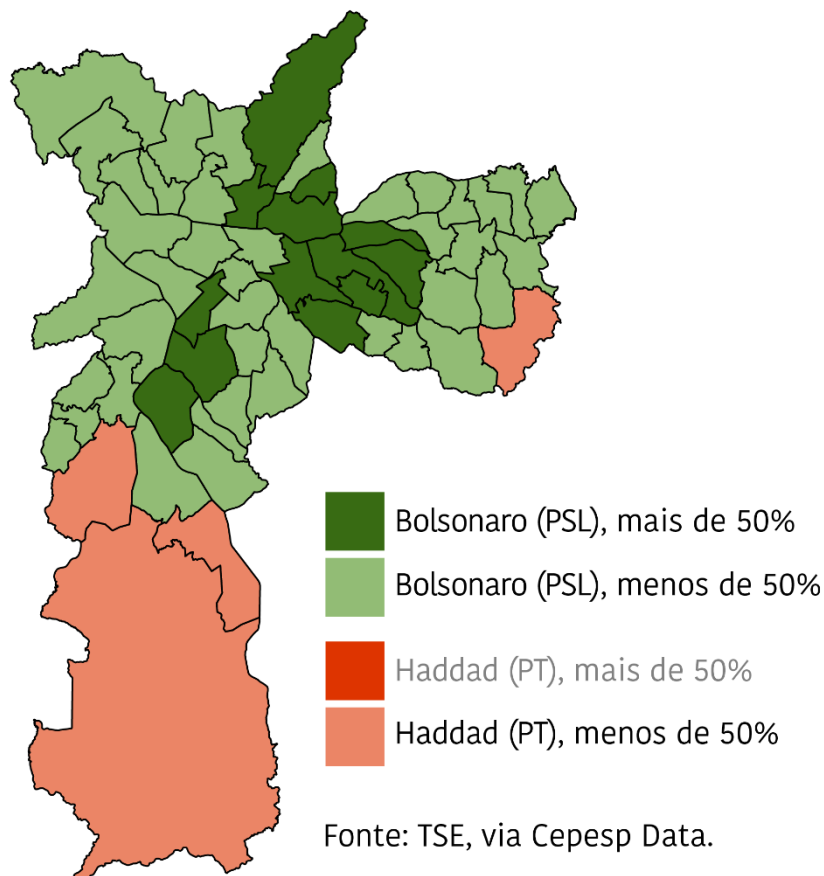


² Mapa retirado de Pierucci (1988).

Gráfico 2: Mapa Eleitoral do município de São Paulo no 1º turno da eleição de 2018 para Presidente da República³

Candidato a presidente mais votado na cidade de São Paulo em 2018

Por Zona Eleitoral, no primeiro turno



Como se vê nas imagens, a zona contígua que se estende dos bairros da Zona Leste próximos ao Centro até a Zona Norte é quase igual às regiões onde Pierucci encontrou a base janista. Além disso, essa mesma região, no 2º turno, também garantiu a Bolsonaro mais de dois terços do voto. Há, portanto, uma forte semelhança na base geográfica da direita janista de 1985 com a direita bolsonarista em 2018 no município de São Paulo. Além disso, a distribuição geográfica do voto, pelo menos na capital paulista, leva a crer que a eleição de 2018 alteraria o alinhamento eleitoral presente ao menos desde 2002, de que o voto no candidato adversário do lulismo cresce conforme aumenta a renda do eleitor, adotando, em sua média, um formato mais

³ Elaborado em colaboração com Gabriel Zanlorensi.

próximo de um “V invertido” que Pierucci identificou em 1985 (embora, em 2018, com uma queda menor entre o eleitorado mais rico). Silotto (2017), enquanto pesquisava as eleições municipais de 2008 a 2016, também encontrou que, já em 2016, apesar de haver maior apoio entre o eleitorado mais pobre e menos escolarizado, havia uma discreta reversão com tendência de alta na intenção de voto no candidato petista (no caso, o candidato à reeleição Fernando Haddad) conforme se avançava ao outro extremo do eleitorado mais escolarizado. Além disso, Pierucci (1988) já reiterava certa constância no voto dessas regiões em pleitos diferentes. Em 1982, semelhante região da Zona Leste foi onde Lula obteve menos votos; e em 1986, Maluf obteve votação expressiva para governador nas mesmas regiões. Seria possível, portanto, que, mais de 30 anos depois, a presença de um candidato competitivo da direita conservadora tenha reanimado a mesma base geográfica eleitoral?

A hipótese inicial deste trabalho é que a semelhança entre os mapas eleitorais de 1985 e 2018 não é mera coincidência. Acreditamos que a direita bolsonarista não é um simples acidente histórico, mas o ressurgimento de uma direita que não se sentia representada no cenário político e que, portanto, estava camuflada no meio das disputas eleitorais para presidente no período pós-redemocratização. Com o surgimento de um candidato competitivo que se apresentou desavergonhadamente como representante da direita conservadora, como o fez Bolsonaro, essa base eleitoral ressurgiu. Assim, em São Paulo, acreditamos que a direita bolsonarista teria bases que remontam, pelo menos, até o janismo e malufismo.

Ademais, buscamos testar mais outras hipóteses, considerando as mudanças ocorridas de janistas e malufistas para bolsonaristas. Pierucci (1999) argumenta que, apesar de possuírem valores e apoiarem políticos de direita, eles não se assumiam como tal. Esse constrangimento de se posicionar como alguém de direita, bem documentado no período pós-regime militar (SOUZA, 1988; MAINWARING; MENEGUELLO & POWER, 2000), coincide com a associação entre ser de direita e a defesa da ditadura recém terminada. Possivelmente por isso, não se encontra no trabalho do sociólogo qualquer defesa de ditadura, militares, ou algo relacionado entre seus entrevistados. Assim, partimos da hipótese de que isso mudou entre bolsonaristas. Não só eles teriam orgulho de se declararem agora de direita, como também manifestariam apoio e entusiasmo com o militarismo na política, já que Bolsonaro era ex-capitão do Exército e ainda trouxe de vice um general da reserva, Hamilton Mourão.

Outro aspecto entre janistas e malufistas é que não se encontrava apoio ao liberalismo econômico, ainda vendo o Estado com um papel importante na economia. Trabalhamos então

com a hipótese de que isso também mudou. Em consonância com o movimento de uma “nova direita” (CODATO; BOLOGNESI & ROEDER, 2015; ORTELLADO & SOLANO, 2016; ROCHA, 2019), acreditamos que os bolsonaristas também tenham aderido a valores liberais na economia, pregando a diminuição do Estado, especialmente após a experiência petista no governo com suas políticas de redistribuição de renda.

Por fim, outra hipótese que trabalhamos é a do conservadorismo moral. Os entrevistados de Pierucci (1999) eram conservadores, alguns abertamente racistas, e demonstravam preconceito contra nordestinos. No momento atual, alguns autores, como Norris e Inglehart (2019), ressaltam questões culturais como propulsoras do apoio a líderes populistas e autoritários de direita, considerando a velocidade de mudanças culturais na sociedade, com a maior participação e visibilidade de causas feministas, de minorias raciais e LGBTQIA+. De fato, Bolsonaro baseou boa parte de sua campanha – e de sua carreira política – com polêmicas a respeito de temas morais envolvendo minorias, como mulheres, afrodescendentes e, especialmente, grupos LGBTQIA+. Portanto, testamos também a hipótese de que os bolsonaristas foram motivados por uma reação conservadora aos avanços que essas minorias obtiveram nas últimas décadas no Brasil.

Com base nessas hipóteses, retornamos aos bairros pesquisados por Pierucci (1999), onde Bolsonaro foi mais votado, com o propósito de entender quem são, como pensam e o que motivou o voto de seus ativistas na eleição em 2018, assim como Pierucci o fez com cabos eleitorais de Jânio em 1985 e Maluf em 1986. Deste modo, buscou-se compreender quem é e como pensa essa “nova direita” bolsonarista, demonstrando suas diferenças e semelhanças, suas rupturas e continuidades com a “nova direita” identificada por Pierucci nos anos 1980. Com base em entrevistas semiestruturadas e observação etnográfica em manifestações de rua de grupos bolsonaristas, amparadas por outros dados de caráter quantitativo, buscamos contribuir para a compreensão e a localização do fenômeno do bolsonarismo dentro da história política brasileira, com uma perspectiva a partir da cidade de São Paulo.

Por conseguinte, a tese será organizada do seguinte modo. O capítulo 1 tratará de situar o bolsonarismo no contexto local e global. Inicialmente, descreveremos a trajetória recente da direita brasileira pós-redemocratização, especialmente em São Paulo – a partir do janismo e do malufismo – para destacar os indícios da conexão com o bolsonarismo, ressaltando este como parte de um processo – e não um acidente – histórico. Em seguida, descreveremos o atual momento global de ascensão de diferentes líderes populistas e autoritários de extrema-direita a

partir de diferentes conceitos utilizados para analisá-lo – como populismo, contrarrevolução e, até mesmo, de fascismo. No final do capítulo, contextualizaremos, então, o caso brasileiro, delineando o bolsonarismo para os propósitos e dentro dos achados deste trabalho.

No capítulo 2, discutiremos a formação e a atuação da militância bolsonarista. A princípio, analisaremos a ideia de “nova direita” e a sua relação com os bolsonaristas. Em seguida, descreveremos a formação política desses ativistas, com três processos-chave: o surgimento de uma nova direita ativista durante os anos lulistas, especialmente nas redes sociais; as Jornadas de Junho de 2013; e a Operação Lava Jato. Nas seções seguintes, descreveremos brevemente o perfil socioeconômico dos entrevistados e as regiões onde vivem e, por fim, exploraremos os dados obtidos da etnografia realizada em manifestações de direita durante o ano de 2019, que revelam que a direita ativista que atuou para eleger Bolsonaro era múltipla, analisando o seu eventual racha e o impacto disso entre os militantes.

Nos capítulos seguintes, analisaremos as principais motivações desses ativistas para o apoio a Bolsonaro. No capítulo 3, olhando a questão política, apresentaremos a transição da “direita envergonhada” do pós-redemocratização para uma direita orgulhosa de si mesma. Esse retomado orgulho coincide com apoio ao militarismo na política, associando os militares a virtudes como “respeito”, “disciplina”, “honestidade”, e um sentimento de ordem em contraste ao caos político e de violência urbana, além de apoiar a sua participação ativa no governo, ao mesmo tempo que expressam nostalgia pelo regime militar, seja pela vivência dos mais velhos, seja pelos relatos dos pais e avós ouvidos pelos mais jovens. Também descreveremos o caráter antissistêmico entre os entrevistados, demonstrando o descrédito que sentem com relação a diferentes instituições, como a mídia, o Supremo Tribunal Federal, os partidos políticos etc., o que revela o seu baixo sentimento democrático, chegando ao ponto de alguns defenderem uma intervenção militar, como pregavam alguns grupos intervencionistas em manifestações de direita.

No capítulo 4, exploraremos as questões socioeconômicas que motivaram o apoio a Bolsonaro. Neste capítulo, ficarão mais evidentes as diferentes facetas do antipetismo, de modo que a aversão ao Partido dos Trabalhadores por parte dos bolsonaristas vai muito além do discurso moralista sobre corrupção, demonstrando ressentimento e divergências de teor sobretudo ideológico. Além disso, retorna o anticomunismo em meio a esse eleitorado – representado pelo medo da *venezuelização* – o que reverbera em um sentimento avesso à esquerda e a todos os grupos que enxergam como associados à mesma, o que inclui artistas,

intelectuais, as universidades etc. Analisaremos também as mudanças que ocorreram em suas vidas durante o período do PT no poder e demonstraremos como esses ativistas adotaram parte do ideário neoliberal, expressado por meio de um sentimento meritocrático e anti-igualitário.

Por fim, no capítulo 5, olharemos a questão do conservadorismo moral e a oposição a pautas identitárias entre bolsonaristas. Algumas minorias políticas, como feministas, os afro-brasileiros e os LGBTQIA+, que foram alvos frequentes de falas polêmicas de Bolsonaro, obtiveram conquistas importantes nas últimas décadas. Analisaremos, portanto, de que forma essas rápidas mudanças culturais causaram desconforto entre esses eleitores e serviram de motivação para que escolhessem um candidato como Bolsonaro.

Procedimentos metodológicos

Para a realização deste trabalho, utilizamos muito da metodologia aplicada na pesquisa de Pierucci (1999) com cabos eleitorais janistas e malufistas como inspiração. Inicialmente, o sociólogo planejava realizar 40 entrevistas semiestruturadas com esses militantes. No final, dadas as condições favoráveis, com a possibilidade de realizar entrevistas durante campanhas eleitorais em diferentes pleitos e com o auxílio de uma equipe de pesquisadores, o autor conseguiu 150 entrevistas com cabos eleitorais de Jânio e Maluf que moravam nos bairros demarcados como suas bases eleitorais. Essas entrevistas tiveram duração média de 1 hora.

Dadas as limitações deste trabalho – seja de tempo, seja de realizá-lo individualmente – buscamos seguir o plano original de Pierucci, realizando um total de 40 entrevistas até o final da pesquisa. Ressalta-se que o foco da pesquisa é qualitativo, e não quantitativo; ou seja, não se espera que esses 40 entrevistados sejam uma amostra representativa estatisticamente de todos os bolsonaristas da região pesquisada, muito menos de bolsonaristas pelo país em geral, mas que seus relatos nos garantam acesso a dados e informações que moldam suas motivações e atitudes de modo que seria inacessível por pesquisas quantitativas. Assim, é um trabalho mais intensivo do que extensivo. Como diz McCracken: “qualitative research does not survey the terrain, it mines it.” (1988: p. 17).

Diferentes autores já sugeriram números ideais de entrevistados para diferentes tipos de pesquisas qualitativas (MORSE, 1994; BERNARD, 2000; BERTAUX 1981). No entanto, a

métrica que consideramos mais eficaz de determinar o número total de entrevistados é o da saturação (GLASER & STRAUSS, 1967); ou seja, quando entrevistas adicionais já não fornecem informações novas além do que o pesquisador já obteve com as anteriores. É um conceito bastante relativo para cada tipo de pesquisa e cada tipo de grupo pesquisado, mas serve como um bom referencial para concluir que os dados obtidos já são suficientes. No caso deste trabalho, 40 entrevistas foram além do suficiente, já que é possível dizer que o nível de saturação foi obtido antes disso; porém, prosseguimos com o objetivo de um número maior de entrevistas de modo a confirmar impressões e hipóteses com grupos os quais tivemos mais dificuldade de acesso, como mulheres e jovens.

A seleção dos entrevistados seguiu dois critérios principais, os mesmos adotados por Pierucci (1999). Primeiramente, o regional, selecionando moradores das seguintes zonas eleitorais que se estendem da Zona Leste – de Vila Prudente, Vila Matilde, Vila Formosa, Tatuapé, Penha de França, Mooca – até a Zona Norte – nas zonas eleitorais de Vila Maria, Santana, Vila Sabrina e Tucuruvi, todos onde Bolsonaro obteve mais de 50% dos votos já no 1º turno. Essas regiões são as mesmas pesquisadas por Pierucci (1999), com exceção dos bairros como Limão, e a Lapa de Baixo na Zona Oeste. Sua exclusão se justifica somente pelo fato que suas respectivas zonas eleitorais (Limão na Zona Eleitoral da Casa Verde, e Lapa, na sua própria Zona Eleitoral), apesar de resultados expressivos para Bolsonaro, não alcançaram 50% no 1º turno das eleições. A exclusão dos bairros nas zonas eleitorais de Jardim Paulista, Indianópolis e Santo Amaro, onde Bolsonaro também obteve mais de 50% dos votos logo no 1º turno, se justifica por serem bairros que não foram pesquisados por Pierucci naquela ocasião, por não serem da mesma região contígua que os outros bairros, e além de possuírem renda média acima dos outros bairros a serem pesquisados.

Ao longo da pesquisa, buscamos garantir pelo menos um entrevistado de cada uma das zonas eleitorais citadas acima. Algumas zonas tiveram mais entrevistados do que outras, o que não representa um problema para a pesquisa, pois, como alertamos, não almejamos obter uma amostra representativa estatisticamente. Além disso, mesmo entrevistados na mesma zona eleitoral moravam, geralmente, em diferentes bairros, já que as zonas eleitorais englobam muitos bairros menores além daquele que lhe dá o nome. É necessário destacar, contudo, que 5 dos entrevistados foram de regiões de São Paulo fora daquelas listadas. As entrevistas foram realizadas mesmo assim em razão da disponibilidade dos entrevistados e porque eram *gatekeepers*; ou seja, pessoas que poderiam abrir portas para obter outros entrevistados. Embora

o trabalho foque nos entrevistados das zonas eleitorais especificadas, os cabos eleitorais de outras regiões invariavelmente contribuiram para a pesquisa como um todo.

O segundo critério utilizado foi com eleitores que, além de votar em Bolsonaro nos dois turnos, foram ativistas, cabos eleitorais voluntários do candidato. Assim como Pierucci (1999) fez em sua pesquisa, trata-se de um eleitor intermediário entre aquele que votou sem tanta convicção no candidato e o militante partidário, utilizando como simples parâmetro para essa caracterização o fato do entrevistado ter tentado convencer pelo menos uma outra pessoa a votar em seu candidato. Como a pesquisa se estendeu pela presidência de Bolsonaro, outro parâmetro que passamos a considerar para classificar eleitores também como ativistas foi a participação em manifestações de direita de 2019 em diante. Alguns eleitores, embora fossem participantes assíduos das manifestações, declararam que não tentaram convencer diretamente outras pessoas a votar em Bolsonaro (o que, em muitos casos, não era verdade, após maior investigação). Consideramos que não seria adequado excluir esse tipo de pessoa, visto que ainda se encaixavam fortemente na ideia de ativistas. Além disso, também não deixamos de incluir aqueles que disseram ter feito campanha apenas online.

Embora o escopo da definição de ativista seja amplo, o que, de fato, significou entrevistar um espectro mais extenso de bolsonaristas – desde moderados a alguns mais radicais – isso não gerou um problema para a pesquisa. Primeiramente, porque os bolsonaristas mais extremistas e radicais eram os mais inacessíveis: havia uma forte desconfiança com relações a pesquisadores, dada a impressão entre esses ativistas que as universidades são tomadas por pessoas ligadas à esquerda. Deste modo, se nos restringíssemos aos mais radicais, o número de entrevistas seria muito menor. Todavia, o que a pesquisa mostrou é que as diferenças de opiniões entre os moderados e os radicais era mais de grau do que de substância. Como, por exemplo, desde manifestar impressões positivas a respeito dos militares e do regime militar até defender abertamente uma nova ditadura no país. Ou então, desde o desconforto com homossexuais trocando afeto em público até o desejo de querer impedir esse tipo de ato. Havia diferença no radicalismo, mas a opinião positiva a respeito dos militares participando no governo permanecia. Da mesma forma, o desconforto sobre homossexuais trocando afeto em público era generalizado, o que mudava entre eles era o que podia ou deveria ser feito a respeito. E isso se mostrou verdade também nos mais variados assuntos, de forma que as opiniões costumavam divergir mais no grau de adesão a propostas mais radicais do que no sentimento a respeito da matéria em si. E todos se engajaram em algum grau pela eleição de Bolsonaro.

Dois dos entrevistados reconheceram filiação a partidos políticos: um ao PSL e outra ao Podemos. Aquele filiado no PSL já o era mesmo antes da filiação de Bolsonaro, por estar ligado a uma de suas tendências, e a outra se filiou ao Podemos, mas não chegou a se envolver na militância partidária, e depois saiu do partido. Não os excluímos da pesquisa justamente porque ambos não eram mais ativamente envolvidos com o partido e a sua militância, de forma que o apoio a Bolsonaro não era influenciado por algum cargo ou interesse direto dentro dos seus partidos.

Apesar da relevância em geral do tema, não foi estabelecido um critério de renda para selecionar os entrevistados. Pierucci (1988) demonstrou em sua pesquisa que a base geográfica se mostrava mais relevante do que a renda para explicar o voto de sua “nova direita” janista e malufista, com diferentes grupos de renda semelhante apresentando votos diferentes dependendo da região onde morassem. Assim, mantivemo-nos primordialmente ao critério geográfico, embora retornemos à questão nos capítulos 2 e 4.

De modo diverso ao realizado por Pierucci (1999), a pesquisa empírica foi realizada fora do período de campanha eleitoral, o que muda a dinâmica da seleção de entrevistados, pela ausência de campanha nas ruas. Porém, mesmo que fosse durante a campanha, é verdade também que a maior parte dos ativistas não realizam mais campanhas nas ruas, e sim nas redes sociais. Assim, o recrutamento de entrevistados seguiu dois métodos. O primeiro foi por meio de abordagem direta em manifestações realizadas por grupos de direita no ano de 2019, utilizando um pequeno roteiro de perguntas para identificar eleitores que pudessem ser do perfil desejado pela pesquisa e conseguir os seus contatos para, posteriormente, efetuar entrevistas mais aprofundadas. O segundo foi pelo método bola-de-neve, buscando indicações de pessoas que conhecessem eleitores no perfil desejado da pesquisa que, uma vez que fossem entrevistados, também poderiam indicar mais outros amigos, conhecidos, vizinhos ou familiares que também se encaixassem no mesmo perfil.

A mistura dos dois métodos foi importante para corrigir distorções que apenas uma, utilizada de forma isolada, causaria. A abordagem direta tem limitações, pois era grande a dificuldade de encontrar pessoas no perfil desejado pela pesquisa, e quando estes eram encontrados, a grande maioria recusava ser entrevistada. Por outro lado, o método bola-de-neve, embora eficaz para conseguir mais entrevistados, induz ao risco de selecionar entrevistados apenas dos mesmos círculos sociais e que, portanto, pensariam de forma semelhante. A abordagem direta em manifestações adicionava um elemento de aleatoriedade para o

recrutamento de entrevistados, ampliando as possibilidades. Além disso, a abordagem direta também era útil para corrigir outras possíveis distorções causadas pelo método bola-de-neve, como pessoas das mesmas categorias (ou seja, apenas homens, apenas pessoas acima de 60, etc). Assim, percebendo a falta de um grupo específico de entrevistados, poder-se-ia direcionar a abordagem para este grupo, de modo a tentar aumentar a sua proporção entre os entrevistados.

Apesar das entrevistas seguirem um roteiro (ver Anexo 1), como mencionado, elas foram semiestruturadas. Isso significa que, para testar as hipóteses do trabalho, as entrevistas não foram estruturadas de modo que as respostas já fossem presumidas. Como Leech (2002) sugere, há benefícios em se seguir um caminho do meio, permitindo que as entrevistas possuam abertura o suficiente para envolver outros temas que forem sendo citados, além de outros tipos de perguntas mais básicas a serem adicionadas, como “por quê”, “como”, “quando”, “onde”, entre outras. Deste modo, a entrevista permite testar hipóteses sem deixar de explorar as falas dos entrevistados sempre que possível. Na impossibilidade de se perguntar todas as questões presentes no roteiro pela limitação de tempo, as perguntas foram utilizadas conforme o fluxo da entrevista, sem deixar de lado perguntas-chave para as hipóteses do trabalho.

As 40 entrevistas foram realizadas ao longo dos anos de 2019, 2020, 2021 e até o início de 2022. Quase metade delas ocorreu na residência dos entrevistados, ainda em 2019. Com o início da pandemia de covid-19, todas as entrevistas subsequentes foram realizadas por videochamada ou por telefone. Além disso, uma foi realizada no trabalho de um entrevistado, e um entrevistado apenas aceitou responder perguntas por trocas de mensagens no aplicativo de mensagens WhatsApp. Apesar da pandemia ter prejudicado o andamento do trabalho, em geral, a passagem das entrevistas para o meio virtual não trouxe prejuízo para a pesquisa, a não ser de poder conhecer melhor o lugar onde vivessem. Isso à parte, ocorreram de forma semelhante, sem alterações significativas. O propósito inicial era de que as entrevistas tivessem duração de 1 hora e 30 minutos; entretanto, a duração média foi de 2 horas, com algumas passando até de 3 horas. Em acordo com os entrevistados, o nome de todos e todas foi alterado para garantir a confidencialidade e o seu anonimato. Uma pequena descrição de todos os entrevistados pode ser encontrada no Anexo 2.

A pergunta-chave de todas as entrevistas era por que esses ativistas teriam votado e apoiado Bolsonaro na eleição de 2018. Sendo assim, como todas as entrevistas foram realizadas em período posterior à eleição e em diferentes momentos do governo, é inevitável que os relatos do passado fossem influenciados pelo contexto do presente, como registrado na literatura

(KAPISZEWSKI; MacLEAN & READ, 2015). Ainda assim, sempre buscamos, ao longo da entrevista, localizar os pontos de inflexão: se houve mudança de opinião, e quando, por que etc. Ao mesmo tempo, seguindo nossas hipóteses e a experiência de entrevistas passadas, podíamos explorar temas recorrentes, o que ajudava a reativar temas que o entrevistado não lembrava ou não queria admitir. Entrevistas em diferentes momentos também permitia avaliar a reação dos entrevistados aos diferentes escândalos do momento, e mesmo com eventos-chave, como a saída de Sergio Moro do governo, ou a postura deste com relação ao combate da pandemia de Covid-19, perguntas adicionais foram enviadas por mensagem de texto aos que já tinham sido entrevistados para medir suas opiniões e possíveis mudanças de humor.

Além das entrevistas, como mencionado, também realizamos observação etnográfica nas manifestações de rua organizadas por grupos de direita em 2019. Embora o propósito inicial fosse apenas de recrutar entrevistados para a pesquisa, logo ficou claro que o material proporcionado pela presença nesses atos era rico demais para não ser incorporado ao trabalho. No final, a etnografia dessas manifestações trouxe uma valiosa contribuição para compreender melhor quem é e como pensa essa direita ativista, fornecendo importante material que embasa este trabalho.

Após a eleição de Bolsonaro como presidente em 2018, diferentes grupos de direita que contribuíram para a sua eleição seguiram fortemente mobilizados. Mesmo com a direita no poder, os movimentos que promoveram grandes manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff continuaram realizando manifestações de rua durante o primeiro ano de governo de Bolsonaro. Este trabalho apresenta a pesquisa realizada durante todos os grandes atos realizados em 2019 na cidade de São Paulo; ou seja, as manifestações nos dias 07 de abril, 26 de maio, 30 de junho, 25 de agosto, 09 de novembro, 17 de novembro e 08 de dezembro. Foi realizada uma pesquisa etnográfica desses atos, em conjunto a rápidas entrevistas com alguns manifestantes, de modo a se estabelecer uma narrativa que pudesse esclarecer um pouco mais sobre como pensava essa direita nas ruas e constatar como foi se tornando menos unida do que durante as eleições.

Apesar da intenção de prosseguir realizando essas etnografias posteriormente a 2019, a chegada da pandemia de Covid-19 inviabilizou este propósito. É importante notar que os atos de rua seguiram ocorrendo ao longo do governo Bolsonaro, ainda que em menor número, e, como alguns órgãos de imprensa reportaram, com muitos manifestantes sem máscaras de proteção (URIBE, 2020). Pelo risco de saúde que a ida a esses atos representava, infelizmente,

não foi mais possível acompanhá-los de perto, o que dificultou e atrasou a busca por mais entrevistados para a pesquisa.

Mesmo assim, o método etnográfico mostrou-se fundamental para a compreensão do fenômeno de manifestações de rua de direita ao longo do ano de 2019. Embora seja um método que possui limites – afinal, o espaço a ser observado não é (e nem deve ser) controlado (HARRINGTON, 2003), e um pesquisador sozinho não pode estar presente por todo o espaço em todos os momentos, testemunhando tudo que acontece ao longo de toda uma manifestação – a observação participante revela nuances que um olhar distante não permite. Como ressaltam De Volo e Schatz (2004), o que a etnografia perde em método por sua confiabilidade estatística, ela ganha pela validade dos seus achados.

Destaca-se que em todas essas datas, atos também ocorreram em diversas cidades do país. Assim, torna-se necessário enfatizar que não é possível atestar que os achados durante os atos de São Paulo podem ser puramente replicáveis para manifestações em outras cidades. Entretanto, São Paulo é, em geral, o palco mais numeroso e importante dessas manifestações, de modo que não é possível minimizar a sua relevância no contexto nacional. Ao mesmo tempo, os atos foram convocados por todo o país pelos mesmos grupos; portanto, era de se esperar uma semelhança razoável a ser encontrada por todas as manifestações.

A observação dos atos dividia-se em dois momentos. No primeiro momento, acompanhava-se as manifestações “disfarçado”; ou seja, sem nada que me caracterizasse como pesquisador, e apenas como mais um da multidão. Assim, poderia prestar atenção ao redor e às falas durante os atos sem que a minha posição como pesquisador alterasse o objeto observado. Em um segundo momento, depois de circular por todo o ato, eu colocava em volta do pescoço um crachá de pesquisador de pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP), o que permitia que as pessoas soubessem meu papel ali. Timothy Pachirat (2009) discute a hipótese teórica de como seria se fosse possível tomar uma poção de invisibilidade para realizar uma etnografia sem a interferência no objeto por parte do pesquisador. Graças à natureza da manifestação, no primeiro momento, seria como se, de fato, eu tivesse tomado a poção de invisibilidade, já que não haveria nada que me destacasse dos outros manifestantes. Por outro lado, assim que colocava o crachá, seria como se o efeito da poção desaparecesse, e eu passaria, assim, a interferir no espaço observado.

Como destacado, a presença em atos organizados pela direita durante o governo Bolsonaro servia a dois propósitos. Como se buscava a realização de entrevistas com eleitores

militantes de Bolsonaro para a pesquisa de doutorado, as manifestações eram o ambiente perfeito para encontrar esse tipo de eleitor. Ao mesmo tempo, os atos ajudavam a acompanhar os principais temas que mobilizavam esse eleitorado, conhecer a força e a mobilização dos movimentos que convocavam os atos e sentir a “temperatura” dos manifestantes com relação ao seu apoio ao governo.

Como um dos objetivos era encontrar possíveis novos entrevistados, além de percorrer as manifestações, ouvir os discursos nos carros de som e ler as diferentes faixas e cartazes levantadas pelos manifestantes, buscava-se abordar os presentes com um simples roteiro de perguntas de forma a identificar se o indivíduo se encaixava no perfil desejado para as entrevistas. Embora o roteiro não tivesse nenhuma pretensão de assumir o papel de um *survey* quantitativo das manifestações, além de auxiliar na obtenção de contatos, ele também permitia saber um pouco mais sobre os presentes em cada um dos atos. As perguntas do roteiro eram as seguintes:

1. Qual é o seu nome?
2. Quantos anos você tem?
3. Qual é a sua profissão?
4. Em que bairro mora?
5. Quantas pessoas moram na sua residência?
6. Juntando a renda de todo mundo na sua casa, quanto dá no total?
 - a. Até R\$ 2.000,00
 - b. De R\$ 2.000,00 a R\$ 5.000,00
 - c. De R\$ 5.000,00 a R\$ 10.000,00
 - d. De R\$ 10.000,00 a R\$ 20.000,00
 - e. Acima de R\$ 20.000,00
7. Em quem você votou na última eleição? E no 1º turno?
8. Você fez campanha pelo seu candidato, tentou convencer ao menos uma pessoa a votar nele?

9. Você já votou em algum candidato do PT à presidência em alguma eleição?

10. Qual sua avaliação do governo Bolsonaro até o momento?

- a. Ótimo
- b. Bom
- c. Regular
- d. Ruim
- e. Péssimo

11. Você pode deixar algum número de contato?

Todas as manifestações frequentadas foram realizadas na Av. Paulista, em São Paulo. Em todos os atos, em um segundo momento, eu colocava um crachá com uma identificação de pesquisador da USP de modo a facilitar a abordagem e logo esclarecer do que se tratava. À distância, alguns poucos observavam curiosos o crachá, apontavam para mim, entre cochichos e risadinhas, destacando a minha presença. A maioria (mas não muito grande) dos manifestantes abordados foi cordial e aceitava responder às perguntas. O restante reagia de diferentes formas: alguns suspeitavam das intenções das perguntas, e preferiam não responder; outros tratavam com escárnio, dizendo que não falaria com gente da esquerda, que a USP era um “antro de esquerdistas”, entre outras coisas; e alguns poucos ainda eram um pouco mais agressivos, e aproveitavam para discursar contra as universidades e a esquerda em geral. Ressalto que nunca sofri nenhuma agressão física, e embora houvesse certa hostilidade de alguns presentes, as reações negativas eram mais jocosas e de escárnio do que verdadeiramente agressivas, e sempre busquei não entrar em conflito ou discutir as crenças que os manifestantes poderiam ter a respeito da pesquisa, das universidades e do meu propósito ali.

O número de abordagens bem-sucedidas nas manifestações oscilava entre 40 e 50 pessoas. Isso não inclui os manifestantes que se recusavam a responder as perguntas do questionário. No total de todos os atos, isso significou mais de 300 pessoas abordadas com sucesso. Em geral, a maioria das pessoas se limitava apenas a responder as perguntas quando abordadas; outras, no entanto, aproveitavam para dar suas opiniões – por vezes de forma estendida – sobre diferentes temas, como a avaliação daquele ato, os resultados do governo, a insatisfação com adversários do presidente (PT, imprensa, Congresso, STF, etc), entre outros.

Todos, de alguma forma, contribuíram para compreender melhor o panorama dessa direita bolsonarista.

Por fim, apesar do foco na utilização de métodos qualitativos, buscamos demonstrar no trabalho a validação externa de nossos achados com base em outros dados ou pesquisas quantitativas. Para tanto, apresentamos dados eleitorais, de pesquisas de opinião, além de outros repositórios de dados, como o Latinobarômetro e o ESEB. Pretendemos, assim, mostrar que os resultados deste trabalho, apesar de não espelharem uma amostra representativa estatisticamente, são amparados por outras pesquisas de caráter quantitativo.

Capítulo 1 – A ascensão de Bolsonaro no contexto local e global

A eleição de Bolsonaro foi um fenômeno que, por mais que possa ser explicado pelo processo histórico e político brasileiro, não é isolado do resto do mundo. Há um contexto global que contribui para a compreensão deste momento singular da história brasileira e mundial. O primeiro capítulo irá explorar, portanto, os diferentes aspectos que moldaram o cenário onde Bolsonaro emergiu como um dos protagonistas.

A parte inicial do capítulo tratará da história política brasileira recente para traçar a trajetória até a eleição de Bolsonaro. Como o estudo foi realizado com o eleitorado paulistano, haverá foco na história política da cidade e do estado, principalmente a partir do estudo clássico de Pierucci (1987) com os cabos eleitorais janistas e malufistas, mas sem deixar de fazer conexão com a política nacional. Ressalta-se que outros aspectos mais recentes que contribuíram para a formação política dos cabos eleitorais bolsonaristas serão analisados no capítulo 2.

A seção seguinte tratará especificamente do PSDB. Enquanto o PT continuou protagonista no embate com Bolsonaro, o PSDB, partido que governou o país de 1995 a 2002 e que assegurou seu lugar no segundo turno das quatro seguintes eleições presidenciais, acabou derrubado pela ascensão de Bolsonaro, sendo substituído como representante político da direita brasileira. Analisaremos, portanto, os motivos que levaram o eleitorado de direita a “abandonar o barco” do PSDB para embarcar com tudo na campanha de Bolsonaro.

Em seguida, discutiremos a ascensão de diferentes políticos de extrema-direita ao redor do globo e as diferentes teorizações a respeito. Assim como no Brasil, outros líderes radicais de direita também ganharam proeminência ou conseguiram se eleger na última década. Esta seção, portanto, irá descrever brevemente esse fenômeno e explorar as explicações e teorias de diferentes autores sobre o mesmo.

Por fim, o capítulo se encerra discutindo o bolsonarismo nos termos deste trabalho. Com base na pesquisa empírica realizada e na explanação conceitual e histórica exposta até então, introduziremos uma explicação para o que move os bolsonaristas que encontramos, o que norteará o restante do trabalho, delineando nos capítulos seguintes quem é a direita bolsonarista desta pesquisa e quais foram as suas motivações.

1.1. Do janismo e malufismo à eleição de Bolsonaro

Há importantes estudos clássicos sobre o comportamento eleitoral dos moradores da capital paulista, e em particular com relação à base de eleitores de políticos de direita. A análise da base eleitoral desses políticos em diferentes períodos democráticos ajuda a revelar elos não tão claros à primeira vista, e que podem elucidar a ascensão desses políticos de tempos em tempos, como a eleição de Bolsonaro em 2018. Dos anos 1950 e 1960, é possível destacar dois políticos muito presentes no imaginário paulista: Adhemar de Barros e Jânio Quadros.

Adhemar Pereira de Barros foi interventor federal (1938-1941)⁴, nomeado por Getúlio Vargas, prefeito de São Paulo (1957-1961) e duas vezes governador do Estado (1947-1951 e 1963-1966). Principal liderança no partido que organizou, o Partido Social Progressista (PSP), Adhemar ainda concorreu à Presidência da República em duas ocasiões – 1955 e 1960 – e nas duas vezes amargou a terceira colocação nas urnas. Foi, assim, um político de carreira política duradoura e forte influência em São Paulo, mas que não conseguiu atravessar as fronteiras do Estado para concretizar sua ambição de chegar à Presidência.

A carreira de Adhemar de Barros se destacou pela realização de grandes obras, em particular obras viárias; por uma grande estrutura publicitária, que incluía um programa de rádio todo dia às 19 horas e documentários sobre si que eram passados nas salas de cinema; e por obras de assistência social, personificadas na imagem de sua esposa, dona Leonor. Sua imagem entre o eleitorado era ligada à ideia de um homem “realizador” e “generoso”, mesmo que por vezes o seu trabalho fosse manchado por denúncias de corrupção, gerando entre seus apoiadores o slogan do “rouba, mas faz” (SAMPAIO, 1982).

A base eleitoral adhemarista era composta principalmente por trabalhadores autônomos, pequenos empresários, profissionais liberais e trabalhadores informais. De acordo com Natalício Bezerra da Silva, ex-vereador em São Paulo (1997-2000) e presidente do sindicato de taxistas da capital paulista desde 1986: “Diziam que taxista, jogador e prostituta sempre votava no Adhemar” (PULS, 2000: p. 20). Era um político de imagem patriarcal, que apelava para a ideia de retorno ao passado, algo que agradava o seu eleitorado, sentindo-se prejudicado e deslocado, como classe decadente, com o avanço da modernidade capitalista.

⁴ O equivalente a governador do Estado, mas nomeado pelo Presidente da República em vez de eleito em sufrágio universal.

Contudo, ao ancorar sua imagem principalmente às suas realizações, Adhemar não conseguiu desenvolver sua popularidade fora do estado de São Paulo, impedindo maior projeção nacional que possibilitasse a sua eleição como presidente. Dentro do estado, Adhemar conseguia mais votos no interior do que na capital, onde ele conquistaria o voto em bairros populares mais centrais e antigos (WEFFORT, 1980).

Jânio Quadros, por outro lado, conseguiu chegar mais longe na sua carreira política. Além de cargos no Legislativo, Jânio foi prefeito de São Paulo (1953-1955), governador do estado (1955-1959) e Presidente da República (1961) por curtos sete meses até a sua renúncia. Após o regime militar, teve um surpreendente retorno a um cargo no Executivo com a vitória na eleição para prefeito de São Paulo em 1985 contra Fernando Henrique Cardoso, o então favorito das pesquisas.

Como um dos personagens políticos mais marcantes e, no mínimo, interessantes do país, Jânio Quadros teve uma trajetória estrondosa em suas disputas eleitorais. Na sua campanha para prefeito em 1953, Jânio utilizou-se do famoso slogan do “tostão contra o milhão” e promoveu uma grande surpresa no pleito. Apesar de enfrentar o candidato adhemarista Francisco Cardoso, apoiado por uma ampla coligação de partidos (UDN, PSD, PSP, PST, PTB, PTN, PRP, PR e PL), Jânio, com apenas o apoio do PDC e do PSB, obteve 65,8% dos votos contra 26,5% do representante da máquina estadual. Assim, Jânio fez valer o seu slogan, e se tornou um símbolo da vitória do fraco contra os fortes, o homem simples e humilde contra os poderosos e privilegiados (SOUZA, 1986).

Em 1954, antes de terminar o mandato na prefeitura, Jânio se candidata ao governo do Estado e mais uma vez se consagra vitorioso, desta vez derrotando o próprio Adhemar de Barros. Assim como na campanha para a prefeitura, Jânio não apresentou um programa de governo, mas prometeu moralizar a administração pública e “varrer” a corrupção e as injustiças. Ao mesmo tempo, Jânio se declarava independente com relação aos partidos⁵, como se fosse o que chamamos hoje de *outsider* na política.

Em 1958, Jânio elege seu sucessor para o governo do estado e, buscando-se manter em evidência para a eleição presidencial, ainda se elege deputado com um slogan de campanha “mais administração e menos política”. Embalado pelo simbolismo de sua “vassourinha”, com a promessa de moralizar o país, combatendo privilégios e varrendo a corrupção para fora, Jânio

⁵ *Ibid.*

Quadros venceu a eleição presidencial de 1960. Embora concorresse diretamente contra Adhemar de Barros, Jânio se apresentou como adversário dos privilégios, do patriarcalismo e da política de favores e facilidades pessoais, valores que eram associados a Adhemar, e sua imagem de defensor da justiça lhe proporcionou a abrangência nacional necessária para vencer o pleito presidencial⁶.

A base eleitoral janista diferia de maneira relevante dos eleitores adhemaristas. Com relação à base geográfica de seu reduto eleitoral em São Paulo, Jânio conquistou em 1953 o voto de áreas da então periferia da cidade com grande concentração de operários (aproximadamente os mesmos bairros desta pesquisa). Jânio tinha mais popularidade entre trabalhadores assalariados e as classes médias que não se sentiam ameaçados com a modernização do país, ou que até se beneficiavam dela. Como Weffort coloca: “sentem-se menos como pequena burguesia em crise de decadência do que como operários com situação estabilizada ou em ascensão” (WEFFORT, 1980: p. 34). Sendo assim, a ideia de retorno a um passado melhor não atrai esse eleitorado; pelo contrário, eram otimistas, encontravam-se em situação mais estável, e era o discurso de um futuro mais promissor que gerava o seu entusiasmo. E esse futuro envolvia a moralização do país, por um homem do povo, enfrentando os poderosos para acabar com a corrupção e os privilégios da máquina pública.

Mais do que a imagem de “realizador” de Adhemar de Barros, esse apelo moralizante e de justiça social teve mais sucesso em se nacionalizar, o que, junto a seu carisma particular, permitiu que Jânio Quadros conquistasse a presidência. Após a malfadada experiência como presidente, Jânio ainda retornaria a um cargo público com o fim do regime militar (1964-1985). Porém, Maurício Puls (2000) destaca que as bases eleitorais tanto de Adhemar quanto de Jânio não desapareceram com o golpe de 1964; pelo contrário, permaneceram latentes, ressurgindo com a abertura democrática sob novas lideranças: Paulo Maluf, herdando o eleitorado de Adhemar, e Fernando Collor, herdando o eleitorado de Jânio.

Paulo Salim Maluf, ou “Dr. Paulo”, como muitos eleitores gostam de chamá-lo, iniciou sua carreira política durante o regime militar. Foi nomeado prefeito de São Paulo pelo regime em 1968, tornou-se secretário estadual de Transportes (1971-1975) e tornou-se governador em 1978, vencendo a disputa contra o candidato indicado pelo presidente Ernesto Geisel. Mesmo

⁶ *Ibid.*

assim, Maluf fazia parte do partido de apoio ao regime (ARENA), e sempre manifestou apoio, não oposição, ao regime⁷.

Com a abertura do regime, Maluf amargou uma série de derrotas. Primeiro, disputou a eleição indireta em 1985, mas foi derrotado por Tancredo Neves. No ano seguinte, em 1986, concorreu à eleição para governador do estado de São Paulo, mas foi derrotado por Orestes Quércia, ficando apenas em terceiro lugar. Em 1988, concorreu à prefeitura de São Paulo, e foi derrotado pela petista Luiza Erundina. Na primeira eleição direta para Presidente da República após o fim do regime militar, Maluf concorreu mais uma vez, ficando em um distante quinto lugar. E em 1990, concorreu novamente a governador do estado, sendo derrotado por Luiz Antônio Fleury Filho, do PMDB⁸.

Maluf, enfim, teria um triunfo eleitoral em 1992, tornando-se prefeito de São Paulo. Ele ainda conseguiria emplacar seu sucessor, Celso Pitta, em 1996, após enfatizar a frase no horário eleitoral: “Votem no Pitta e se ele não for um bom prefeito, nunca mais vote em mim”. Todavia, Pitta teve um governo marcado por denúncias de corrupção e alta impopularidade⁹. Desde então, Maluf nunca mais conseguiu vencer nenhuma disputa para cargos no Executivo. Foi eleito por três vezes consecutivas deputado federal (2006, 2010, 2014). Em 2022, Maluf encontrava-se retirado da vida pública e em prisão domiciliar por diferentes condenações por lavagem de dinheiro e falsidade ideológica (VEJA, 2019a).

Definitivamente, o malufismo foi a principal força política de direita em São Paulo nos 1980 e 1990. Para compreendê-lo melhor, Mauricio Puls fornece uma interessante definição do termo, caracterizando a sua base política e justificando por que pessoas de meios de vida tão distintos se uniam sob a alcunha de malufistas:

O malufismo é uma corrente política conservadora, muito influente em vários meios, cuja base social é formada por pessoas de “classe média”, como elas mesmas se classificam: pequenos empresários (comerciantes, industriais), assalariados em cargos de chefia (supervisores, gerentes) e funções técnicas (analistas, economistas, engenheiros), profissionais liberais (advogados, dentistas, médicos), trabalhadores autônomos do setor formal (taxistas, artesãos) e informal (marreteiros, biscateiros) e indivíduos afastados do mercado de trabalho (desempregados, aposentados, donas-de-casa). [...] O que unifica politicamente esses setores não é o fato de possuírem a mesma renda ou escolaridade, mas o de não terem vínculos com qualquer organização capaz de representar seus interesses. Esse isolamento social leva essas pessoas a apoiarem líderes carismáticos, aos quais atribuem uma capacidade para transformar a realidade que elas mesmas julgam não possuir (PULS, 2000: p. 9-10).

⁷ *Ibid.*

⁸ *Ibid.*

⁹ *Ibid.*

Como é possível ver, a base de eleitores não era muito diferente daquela de Adhemar de Barros. Aliás, curiosamente, o mesmo presidente do sindicato dos taxistas (uma profissão notoriamente repleta de malufistas) citado anteriormente, que era adhemarista, depois se converteu também ao malufismo. Maluf também ressaltava em suas campanhas a ideia de muito trabalho e grandes obras, apresentando-se como exemplo de realizações e competência administrativa, ainda que igualmente com diversas denúncias de corrupção. Além disso, seu discurso moralizador encontrava respaldo entre os conservadores principalmente no tema da segurança pública, tema de grande preocupação em São Paulo nos anos 1980 e 1990. A imagem da ROTA¹⁰ nas ruas e do combate impiedoso a bandidos ajudou a sedimentar o apoio a Maluf entre os setores conservadores da sociedade paulista.

Apesar de não ser paulista, o herdeiro político de Jânio Quadros, ao menos nos simbolismos e nos valores que representava, foi Fernando Collor de Mello¹¹. Collor teve uma carreira meteórica na política: foi prefeito de Maceió (1979-1982), deputado federal (1982-1986), governador de Alagoas (1987-1989) e foi o primeiro Presidente da República da Nova República eleito pelo voto direto, em 1989. Collor também foi o presidente mais novo da história brasileira, eleito aos 40 anos de idade.

Assim como Jânio, a campanha à presidência de Collor baseou-se em sua trajetória como “caçador de marajás”; ou seja, no combate implacável a corruptos e privilegiados. Collor também tinha o apelo do homem pequeno (por vir do pequeno Estado brasileiro de Alagoas, e por concorrer através de um pequeno e desconhecido partido, o PRN) contra os grandes – embora não fosse de origem humilde, pois vinha de família rica. Em uma eleição fragmentada entre muitos candidatos, Collor conseguiu se destacar e avançou para o 2º turno em primeiro lugar, tendo como oponente o petista Luís Inácio Lula da Silva. Assim, Collor assumiu um discurso patriótico e anticomunista contra seu adversário, além de prometer governar para os “descamisados” e “pés descalços”, em uma tentativa de se livrar da imagem de candidato da elite. Collor venceu a eleição, mas não terminaria o mandato: prestes a ser condenado em um processo de impeachment, renunciou no dia 29 de dezembro de 1992.

Em São Paulo, Collor precisou enfrentar diferentes representantes tradicionais de direita do Estado na eleição de 1989, notavelmente Maluf e Afif. Como destacam Pierucci e Lima

¹⁰ A Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (ROTA) é o batalhão de choque da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

¹¹ Collor, inclusive, chegou a receber o apoio de Jânio Quadros na eleição para Presidente da República em 1989 (TERRA, 2021).

(1991), Mário Covas foi o candidato mais bem votado na cidade de São Paulo, particularmente em bairros de elite, enquanto Maluf, o segundo mais votado na capital, recebeu mais votos nos bairros tradicionalmente conservadores de classe média. Collor foi o terceiro colocado no Estado, e não conseguindo competir com os candidatos mais tradicionais do Estado, teve seu melhor desempenho nas periferias. De maneira interessante, Collor ainda atrairia o apoio de um inesperado segmento conservador da sociedade brasileira, que ganharia cada vez mais importância, força e participação política nos anos e décadas seguintes: os evangélicos¹².

O aspecto mais interessante da direita paulistana é a sua constância geográfica. Apesar das mudanças sociais e demográficas, certa região da sua cidade permanece como bastião do voto conservador. Dos anos 1950 até o início dos anos 1960, Jânio Quadros estabeleceu uma região de São Paulo como sua base eleitoral, o que é considerada a periferia histórica do município. Como Maria Teresa Sadek R. de Souza pontua:

Geograficamente, as zonas Leste e Norte do município sempre foram focos janistas [...]. Os distritos da Mooca, Alto da Mooca, Belém, Tatuapé, Vila Prudente e Vila Guilherme, na Zona Leste e os distritos da Vila Maria e Tucuruvi, na zona Norte, que nas eleições de 1953 deram os mais altos percentuais a Jânio Quadros, permaneceram nos pleitos posteriores, até 1962, entre os que continuariam a lhe dar uma votação sempre muito acima da média por ele obtida no município como um todo. (SOUZA, 1986: p. 75).

Com a abertura democrática após o fim do regime militar, Jânio retorna ao cenário político e, contrariando as expectativas, elege-se prefeito de São Paulo mais uma vez em 1985. Ao analisar o padrão de votação que Jânio obteve no pleito, Antônio Flávio Pierucci assinala:

[...] os distritos de maior votação janista em 1985 estavam situados naqueles bairros da Zona Leste mais próximos do Centro de São Paulo; a saber, o Brás, a Mooca, o Belenzinho, puxando um pouco mais ali pra cima, o Pari, caindo um pouco mais para o miolo, o Tatuapé, o Alto da Mooca, Vila Matilde, Vila Formosa e, descendo ali para os lados do ABC, toda aquela grande faixa do subdistrito de Vila Prudente composta por bairros como Vila Zelina, Vila Alpina, Vila Califórnia, Parque São Lucas e a própria Vila Prudente. Eram estes, na Zona Leste, os bairros onde se havia concentrado a votação janista. E, na Zona Norte, além dos famosos bairros historicamente janistas, como a Vila Maria e a Vila Guilherme, subindo para Vila Sabrina e chegando até o Tucuruvi, voltando depois para Santana e entrando naquele pedaço do Limão, aquele pedaço que se comunica do lado de cá com a Lapa de Baixo, região também de altíssima votação da direita explícita. Ficava assim, nitidamente bem recortada no mapa da cidade de São Paulo, uma grande mancha que vinha do Oeste pela Zona Norte e, sem solução de continuidade, se espalhava por toda a parte mais central da Zona Leste, o Leste mais próximo do Centro. Ora, para quem conhece, isto abrange uma região muito grande do município de São Paulo. Trata-se de bairros históricos da antiga periferia, habitados nos anos da pesquisa, os anos 80, pelas volumosas camadas inferiores dos estratos médios da sociedade paulistana, com forte presença de paulistanos natos, muitos deles descendentes de imigrantes europeus, brancos e “quase brancos” (PIERUCCI, 1999: p. 89-90).

¹² Ver MARIANO & PIERUCCI, 1992.

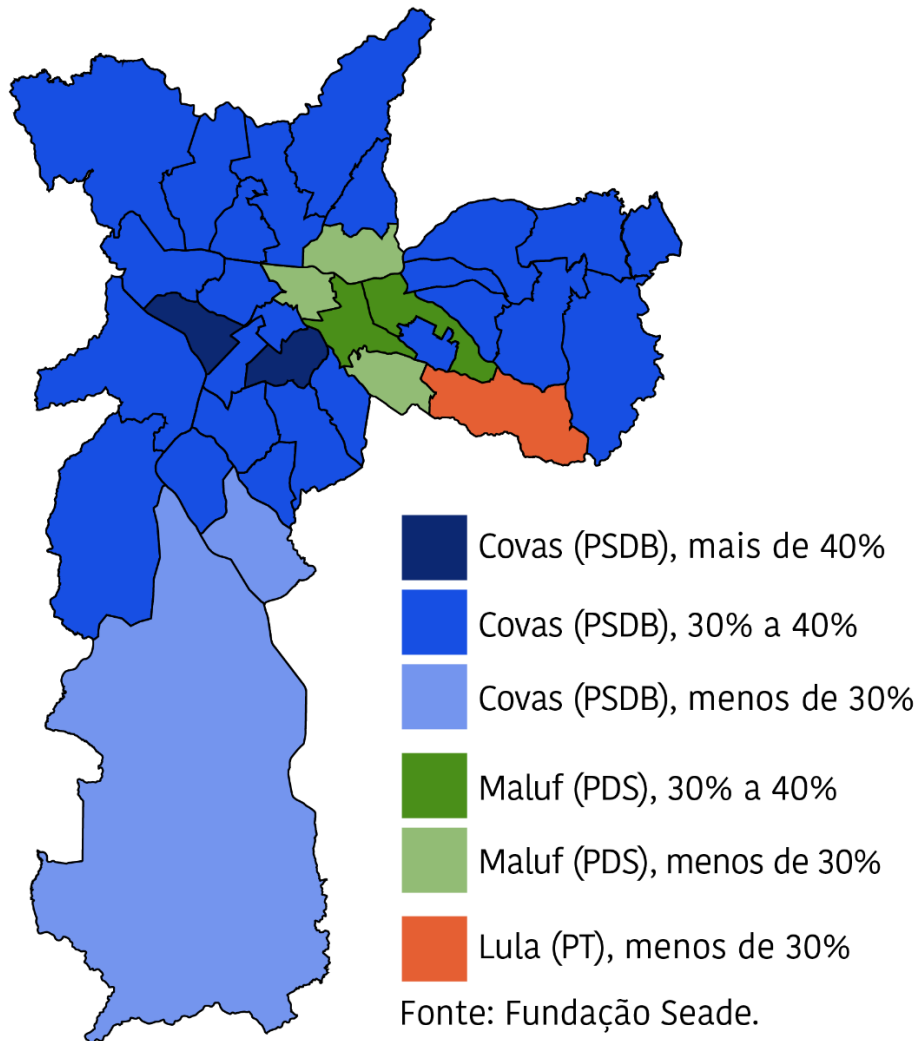
Pierucci (1999) ainda destaca que Paulo Maluf, na eleição de 1986 para governador do Estado, teria um forte desempenho em geral na mesma região, mostrando uma coesão entre o eleitorado conservador paulistano. Em 1988, como Puls (2000) destaca, Maluf começaria, então, a atrair o voto em bairros mais ricos também, como forma desses setores de combater a adversária de esquerda que, na época, era a candidata petista Luiza Erundina.

Apesar de serem eleições de tipos diferentes – para prefeito, governador e presidente – e em tempos diferentes, as semelhanças não parecem ser mera coincidência. De fato, como elencado a respeito da eleição presidencial de 1989, Mário Covas foi o vencedor na cidade de São Paulo, com Paulo Maluf em segundo lugar. Olhando o mapa eleitoral do 1º turno do candidato mais votado por zona eleitoral do município em 1989, é possível ver que Maluf demonstra força nos mesmos bairros onde ele e Jânio Quadros tinham suas bases eleitorais, como é possível ver na Gráfico 3. Porém, quando isolamos o voto malufista (ver Gráfico 4), fica evidente que, mesmo em uma eleição presidencial, Maluf seguiu forte nas mesmas regiões, demonstrando significativa semelhança com o mapa eleitoral traçado por Pierucci (1988) e repetido em 2018 por Bolsonaro em mais outra eleição presidencial.

Gráfico 3: Mapa Eleitoral do município de São Paulo no 1º turno da eleição de 1989 para Presidente da República¹³

Candidato a presidente mais votado na cidade de São Paulo em 1989

Por Zona Eleitoral, no primeiro turno

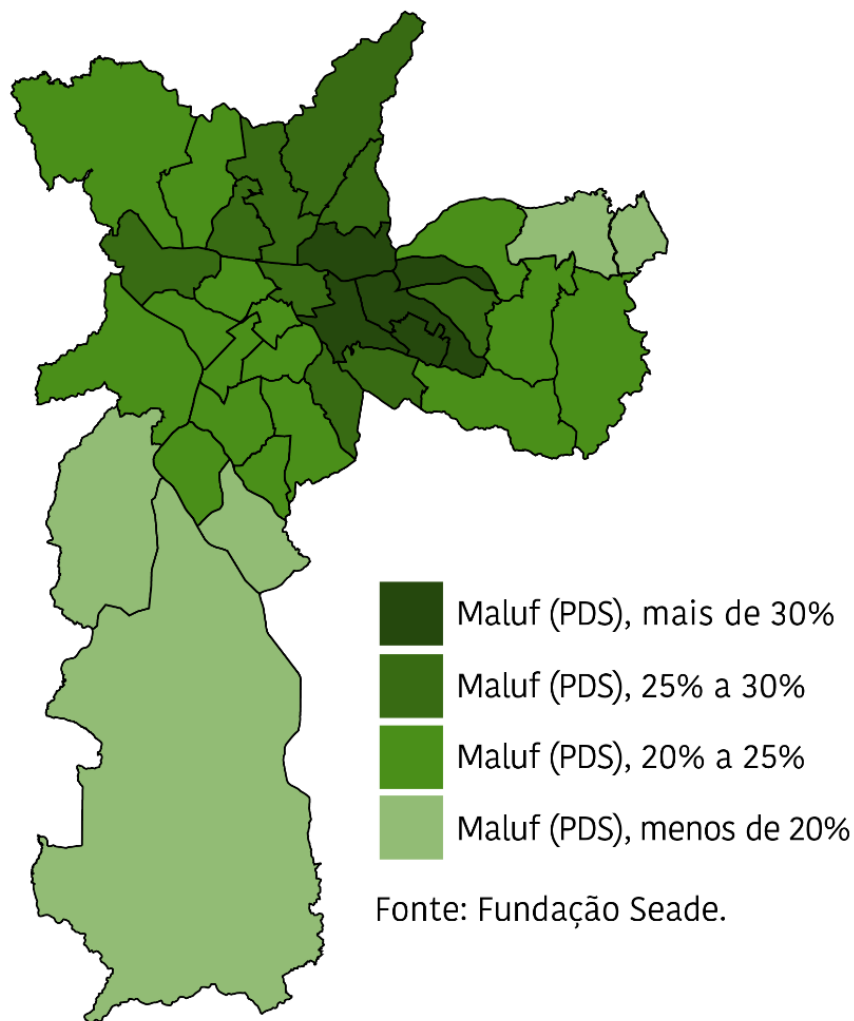


¹³ Gráficos 3 e 4 elaborados em colaboração com Gabriel Zanlorenssi.

Gráfico 4: Mapa Eleitoral do município de São Paulo com as maiores votações de Paulo Maluf no 1º turno da eleição de 1989 para Presidente da República

Votação presidencial Maluf (PDS) na cidade de São Paulo em 1989

Por Zona Eleitoral, no primeiro turno



Mais de trinta anos depois dos estudos de Pierucci (1987), surge, então, Jair Messias Bolsonaro como novo baluarte da direita brasileira do século XXI. Após décadas de uma carreira inexpressiva no Congresso Nacional, Bolsonaro, no PSL, emerge como forte candidato da direita para derrotar o PT, surpreendendo a grande maioria dos analistas ao conseguir se eleger Presidente da República em sua primeira tentativa, quase encerrando a disputa já no primeiro turno. À primeira vista, com seu jeito truculento, de falas exaltadas, sem muita reflexão, e de enaltecimento ao regime militar, pode parecer que Bolsonaro é um personagem

totalmente único na história política brasileira. Todavia, há mais simbolismos e valores exaltados e defendidos historicamente pela direita nacional reunidos em Bolsonaro do que um olhar superficial pode crer.

São muitas as características dos políticos da direita paulista (e brasileira) presentes em Bolsonaro. Não lembra Adhemar de Barros (com seu programa de rádio diário) a sua *live* semanal para seus seguidores que Bolsonaro realiza nas redes sociais? Da mesma forma, Michelle Bolsonaro, com seu ativismo por causas sociais e pelo voluntariado, não remete a Dona Leonor, a esposa de Adhemar, com a imagem caridosa de assistência social? Não lembra Jânio Quadros, com sua trajetória do homem pretensamente humilde, de hábitos simples – como comer pão com leite condensado – e de poucos recursos, enfrentando o *establishment* e os poderosos? Não lembra Fernando Collor, candidatando-se por um partido pequeno e surpreendendo a todos na eleição, defendendo a bandeira brasileira contra a ameaça vermelha, colocando-se como o único capaz de mudar o país e acabar com a corrupção? Não lembra Paulo Maluf, destacando, em suas redes sociais, obras de reforma de rodovias por todo o país, enfatizando o forte trabalho em infraestrutura, além do discurso combativo e incisivo contra a criminalidade? Assim, as mesmas virtudes, que eram exaltadas por seu eleitorado, compartilhadas por esses políticos de direita do passado, são vislumbradas agora, de um modo ou outro, pelo eleitorado de direita que ajudou a eleger Bolsonaro.

Uma das constatações ao entrevistar esses eleitores é que eles não só moram nessa região típica do eleitorado conservador, mas a maior parte também nasceu por lá ou em bairros vizinhos, seguindo nas regiões onde seus pais moram ou moravam. Quando migravam de bairro, era nunca muito longe: do Tatuapé para a Penha, da Vila Maria para Santana, da Vila Prudente para a Mooca, e vice-versa, com diferentes combinações nessa grande região contígua. Com relação às profissões dos ativistas bolsonaristas, os entrevistados, inclusive aqueles nas manifestações, costumam seguir alguns padrões: pequenos empresários (especialmente comerciantes), aposentados, donas-de-casa, desempregados, trabalhadores assalariados em cargos gerenciais e trabalhadores autônomos (prestadores de serviços, taxistas, caminhoneiros, motoristas de Uber etc). Ou seja, com um padrão bastante similar aos malufistas típicos listados por Mauricio Puls (2000).

Com Bolsonaro na disputa, muitas dessas mesmas regiões que formavam a base eleitoral de Jânio Quadros nos anos 1950 e 1960, e de novo em 1985 para Jânio e em 1986 para Maluf, reaparecem como áreas de forte apoio a um candidato competitivo de direita como Bolsonaro.

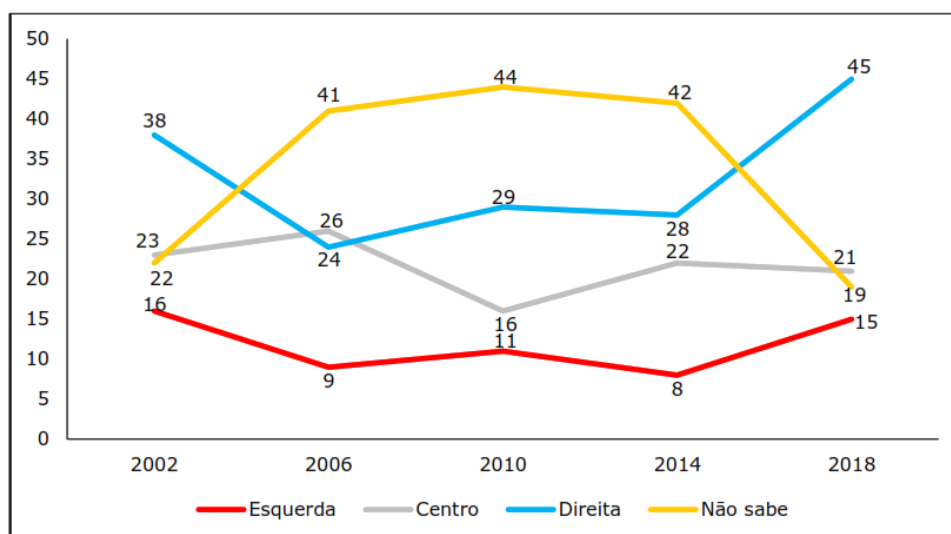
Isso fica ainda mais claro quando olhamos para as zonas eleitorais de São Paulo onde Bolsonaro já venceu no primeiro turno, como a Tabela 1 demonstra.

Tabela 1: Ranking das zonas eleitorais no município de São Paulo onde Bolsonaro obtém mais de 50% já no 1º turno.

Zona Eleitoral	% de Votos em Bolsonaro 1º turno/2018
Santana	55,22%
Mooca	55,07%
Tatuapé	54,91%
Vila Formosa	54,54%
Indianópolis	53,97%
Vila Prudente	53,27%
Jardim Paulista	52,37%
Vila Maria	52,36%
Penha de França	52,10%
Vila Sabrina	51,73%
Tucuruvi	51,02%
Vila Matilde	50,84%
Santo Amaro	50,55%

A pesquisa de Singer (2021) reforça ainda mais o argumento de que uma direita conservadora estava oculta e foi “reativada” com a entrada de Bolsonaro na disputa em 2018. Singer utiliza a tese de ativação de Lazarsfeld, Berelson e Gaudet (1960), de que as campanhas políticas buscam ativar as respectivas predisposições do eleitorado, da esquerda à direita. Assim, com base em dados do ESEB de 2002 a 2018, Singer demonstra como, durante a vigência do lulismo, as predisposições à direita do eleitorado brasileiro foram desativadas. Entretanto, o cenário se altera com a candidatura de Bolsonaro, em 2018, elevando substancialmente a predisposição de parte do eleitorado para a direita, reativada com a sua candidatura, como demonstra o Gráfico 5 abaixo.

Gráfico 5: Autolocalização em campos ideológicos (escala de 11 pontos), 2002-2018 (em %)¹⁴



Se as semelhanças entre os mapas eleitorais e os dados apresentados por Singer (2021) não bastassem, o presente trabalho revela ainda mais indícios. Quase 1/3 dos entrevistados do nosso estudo citaram Maluf como um dos políticos do passado que admiram ou admiravam, sendo que 1/4 do total o fez de forma totalmente espontânea, sem que o nome de Maluf fosse citado. Isso, naturalmente, ocorria com mais frequência com eleitores mais velhos, mas mesmo alguns mais jovens citaram Maluf, às vezes por influência dos pais.

Olha, o Maluf, eu vou te contar uma coisa. Todo mundo critica o Maluf, rouba, mas faz, rouba, mas faz, rouba, mas faz, rouba, mas faz; mas esse homem prestou um grande serviço, roubando e tudo, se você andar, tudo que é lugar que você andar, aqui em São Paulo, se está andando é porque esse homem tinha uma visão de desenvolvimento. (Luís, 66 anos, comerciante autônomo – morador do Belenzinho).

- Tem algum político do passado que você admirava? [...]

- Puxa vida, do passado? Posso falar do Maluf, né? (Risos) O Maluf era um... é que o cenário era outro, ele era bastante empreendedor, mas ele roubava (risos), mas, qual político que não roubava no passado? O Adhemar de Barros, que é muito velho, da época do seu pai, do meu pai, nem era da minha época também roubava, o Vicente Mateus, que era presidente do Corinthians, ele fala assim pra todo mundo que ele roubava, ele pavimentava um quarteirão e cobrava dois quarteirões, então era comum, era uma prática normal roubar, era uma coisa incrível, né? Era normal. (Nilson, 65 anos, engenheiro aposentado – morador do Tatuapé).

Eu já fui malufista... [...] eu tenho uma certa simpatia por Maluf, mas apoiar ele, nunca mais apoiaria de novo, vamos supor, claro, ele não vai mais. Mas eu gostava da política do Maluf, das obras, de tudo o que ele fazia, eu gostava, sim. [...] As obras, a política de buscar melhores condições de vida para as pessoas, moradias... Enfim. eu gostava da política do Maluf, sim. Mas isso há muitos anos, muitos anos mesmo. (Sindoval, 55 anos, eletricista – morador da Vila Guilherme).

¹⁴ Gráfico retirado de Singer (2021).

- *Por que você gostava do Maluf?*

- Porque, para a região, a gente sempre esnoba dele, né? Você tinha o Leve Leite... é uma coisa que pegava muito. É ponte, estrada... eu não sei falar, hoje em dia, se você andar por São Paulo, você tem que passar por uma obra que ele fez, você entendeu? É, então, isso marca muito, você está vendo a obra. (Nicolas, 38 anos, técnico de eletrotécnica e motorista de Uber – morador de Santana).

Jânio Quadros, por outro lado, foi menos lembrado, por cerca de um sexto dos entrevistados, e somente pelos mais velhos. Mesmo entre estes, era citado mais como alguém que seus pais admiravam do que eles próprios. Isso se deve por ter falecido e se retirado da vida pública há muito tempo¹⁵, enquanto Maluf ainda prosseguiu na política por um período maior.

(O Jânio) era forte aqui na Vila Maria, ele foi forte aqui na Zona Norte, ele se candidatou... olha a força bairrista aí, né, regional, ele se candidatou como prefeito, na época, tinha sido presidente, *papapá*, mas se candidatou a prefeito com o varrerre, vassourinha na Vila Maria e Vila Guilherme, ele virou prefeito, mas não sustentou... [...] Eu era muito menina, eu era muito mocinha, mas o meu pai gostava (dele), então, a gente gostava. O boca-a-boca, né? Meu pai gostava, a gente gostava, a gente acreditava que a vassourinha ia varrer toda a sujeira. A gente sempre lutou por isso, né? Por uma política limpa, por uma política decente, que vão acontecer os jogos, aquelas... o toma-lá-dá-cá, a vida vai ter isso sempre, até numa empresa privada, vai ter isso sempre. Dentro da sua casa, você vai negociar com a sua mãe, que você quer uma bicicleta, eu vou estudar bastante para ganhar uma bicicleta... Cada um no seu nível ali, sempre vai ter, mas desde que não faça essa coisa destruidora que foi feita. Então, ele, a gente tinha simpatia. (Patrícia, 60 anos, aposentada – moradora da Vila Maria).

Eu admirava a oratória do Janio Quadros, assim como a do Brizola, ele provava para você que o azul era amarelo (risos). Eu ficava admirado, se eu tivesse essa capacidade de convencimento... ele começava a falar, ele convencia qualquer um, entendeu? (Nilson, 65 anos, engenheiro aposentado – morador do Tatuapé).

- Meu pai era janista, apoiou o Jânio Quadros, né?

- *O Jânio Quadros você gostava?*

- Eu, na verdade, eu não tive... não acompanhei muito assim, não. Meu pai gostava muito dele [...] o meu pai era janista mesmo, a vassourinha, tudo.

- *O seu pai que gostava mais...*

- O meu pai era janista. Ah, e a minha família também tinha muita ligação com Adhemar de Barros, na década de 1960. (Neusa, 53 anos, funcionária pública aposentada – moradora do Tucuruvi).

Como alguns entrevistados mencionam acima, até Adhemar de Barros chegou a ser lembrado, mais como um político admirado por seus familiares. Assim, o ressurgimento dessa região como base eleitoral para um político de direita parece ter acontecido justamente quando surgiu um candidato que melhor representava os valores dessa direita. Isso se torna mais evidente quando se olha o padrão do voto antipetista em São Paulo nas eleições presidenciais. Para colocar em perspectiva histórica, a Tabela 2 delinea as 10 zonas eleitorais onde o PT obteve os menores índices de votação no 2º turno desde 2002.

¹⁵ Jânio Quadros deixou a prefeitura de São Paulo em 1989 e faleceu em fevereiro de 1992.

Tabela 2: Ranking das 10 Zonas Eleitorais do município de São Paulo com a menor porcentagem de votos para o candidato petista no 2º turno das eleições presidenciais nos pleitos de 2002 a 2018¹⁶

2002		2006		2010		2014		2018	
Jardim Paulista	29,34%	Jardim Paulista	17,19%	Jardim Paulista	17,6%	Jardim Paulista	13,3%	Indianópolis	23,85%
Indianópolis	31,22%	Indianópolis	18,98%	Indianópolis	18,7%	Indianópolis	13,5%	Santana	25,53%
Pinheiros	35,44%	Pinheiros	21,63%	Pinheiros	22,5%	Santana	17,0%	Mooca	26,13%
Vila Mariana	37,00%	Vila Mariana	22,15%	Vila Mariana	22,6%	Saúde	17,1%	Tatuapé	26,26%
Butantã	37,99%	Saúde	23,95%	Saúde	23,2%	Vila Mariana	17,8%	Jardim Paulista	27,03%
Santo Amaro	39,70%	Perdizes	25,57%	Santana	24,4%	Santo Amaro	18,9%	Vila Formosa	27,03%
Perdizes	39,43%	Santo Amaro	27,79%	Perdizes	26,5%	Pinheiros	19,6%	Santo Amaro	27,05%
Mooca	42,02%	Mooca	27,88%	Santo Amaro	27,3%	Mooca	19,6%	Vila Prudente	28,70%
Lapa	43,64%	Lapa	29,80%	Mooca	27,7%	Tatuapé	21,4%	Saúde	28,83%
Santana	43,95%	Butantã	30,35%	Lapa	29,8%	Lapa	22,0%	Penha de França	29,80%

Como a Tabela 2 demonstra, de 2002 a 2014, havia uma certa constância dos bairros que davam as menores votações para o PT, sendo, em geral, os bairros mais ricos. A partir de 2014, o cenário começa a mudar um pouco, mas em 2018 a mudança de cenário se acentua, com a entrada definitiva de bairros tradicionalmente conservadores entre as zonas eleitorais com menor voto no PT. Por outro lado, alguns bairros, antes radicalmente antipetistas, testemunharam grande alteração no voto. Regiões como Vila Mariana e Pinheiros, por exemplo, onde o PT conquistou 17,8% e 19,6%, respectivamente, em 2014, dariam quase o dobro do percentual de votos ao PT na eleição quatro anos depois: Haddad conquistou 31,91% dos votos na Vila Mariana e 38,5% dos votos em Pinheiros.

Isso nos leva a hipótese de que, em alguns bairros mais ricos, ou de classe média alta em São Paulo, apesar da oposição ao PT, a aversão a Bolsonaro – um candidato radical e ultraconservador – foi maior em alguns casos. Por outro lado, nos bairros paulistanos mais tradicionais de classe média, e onde costumou ser a base eleitoral de políticos conservadores, Bolsonaro não encontrou tanta rejeição, e embora o PT tenha também recuperado votos nessas regiões, o fez em menor grau do que nos bairros mais ricos.

Como explicar a constância de uma região de São Paulo – do início da Zona Leste até a Zona Norte – como base eleitoral reiterada de políticos conservadores em um período de mais de 60 anos, desde 1953 até 2018? Maria Teresa Sadek R. de Souza (1986) se fez a mesma pergunta quando encontrou em 1985 uma votação em Jânio seguindo o mesmo padrão de votação que ele teria obtido havia cerca de 30 anos. Portanto, a pesquisadora se questionou como isso poderia ser possível com as mudanças demográficas, sociais, econômicas e culturais que essas mesmas regiões experimentaram ao longo das décadas. Sem dar uma resposta

¹⁶ Fonte: TSE.

definitiva, Souza sugere que a vizinhança, mais que qualquer outro aspecto, como classe, renda, raça ou religião, seria um fator mais definitivo para o voto. Além disso, ela sugere – assim como a presente pesquisa confirma – a constância de núcleos familiares nessas mesmas regiões. Ou seja, uma geração se fixa no bairro, seus filhos também decidem se fixar nas proximidades, próximos de seus pais, assim como seus netos, e assim por diante. Portanto, como ela suspeita, “uma possível resposta é que o moralismo é o foco do sistema de valores de uma pequena classe média que se identifica com determinadas áreas geográficas” (SOUZA, 1986: p. 83). E, de fato, considerando a semelhança dos votos entre pais e filhos dos entrevistados, inclusive na admiração de políticos do passado, ficava claro que os valores seguiam sendo transmitidos de geração em geração.

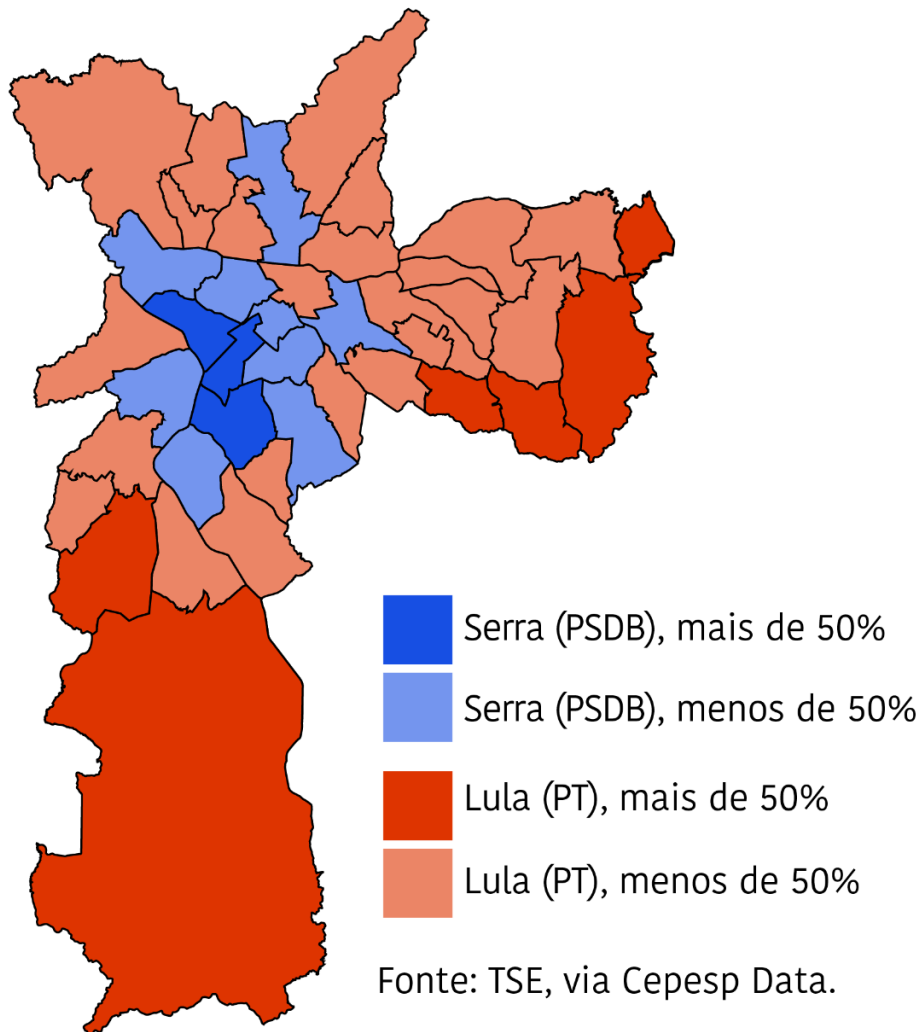
1.1.1. O PSDB e a mulher de César

Entre Maluf e Bolsonaro, há um grande hiato de tempo, e levanta a questão de como esse eleitorado via o principal partido de oposição ao PT ao longo de todos esses anos, e que ainda venceu todas as eleições para governador de São Paulo entre 1994 e 2018: o PSDB. Sendo o principal adversário do PT por todos esses anos, não é simples explicar por quais motivos o PSDB não teria conseguido fidelizar esse eleitorado. Após o ocaso de Maluf, e com o estabelecimento da disputa entre PT e PSDB a nível nacional (e, frequentemente, municipal e estadual, também), a região que era a base do voto conservador deixou de se destacar no mapa como base eleitoral diferenciada. Afinal, não somente, mas particularmente na cidade de São Paulo, a partir de 2002, o voto era dividido geograficamente de maneira bastante clara: as regiões mais ricas e centrais teriam uma proporção maior de voto no PSDB, enquanto as regiões mais pobres e periféricas teriam uma proporção maior de voto no PT, como demonstram os Gráficos 6, 7, 8 e 9, com os mapas eleitorais de São Paulo no 1º turno nas eleições de 2002, 2006, 2010 e 2014.

Gráfico 6: Mapa Eleitoral do município de São Paulo no 1º turno da eleição de 2002
para Presidente da República¹⁷

Candidato a presidente mais votado na cidade de São Paulo em 2002

Por Zona Eleitoral, no primeiro turno



¹⁷ Gráficos 6, 7, 8 e 9 elaborados em colaboração com Gabriel Zanlorenssi.

**Gráfico 7: Mapa Eleitoral do município de São Paulo no 1º turno da eleição de 2006
para Presidente da República**

Candidato a presidente mais votado na cidade de São Paulo em 2006

Por Zona Eleitoral, no primeiro turno

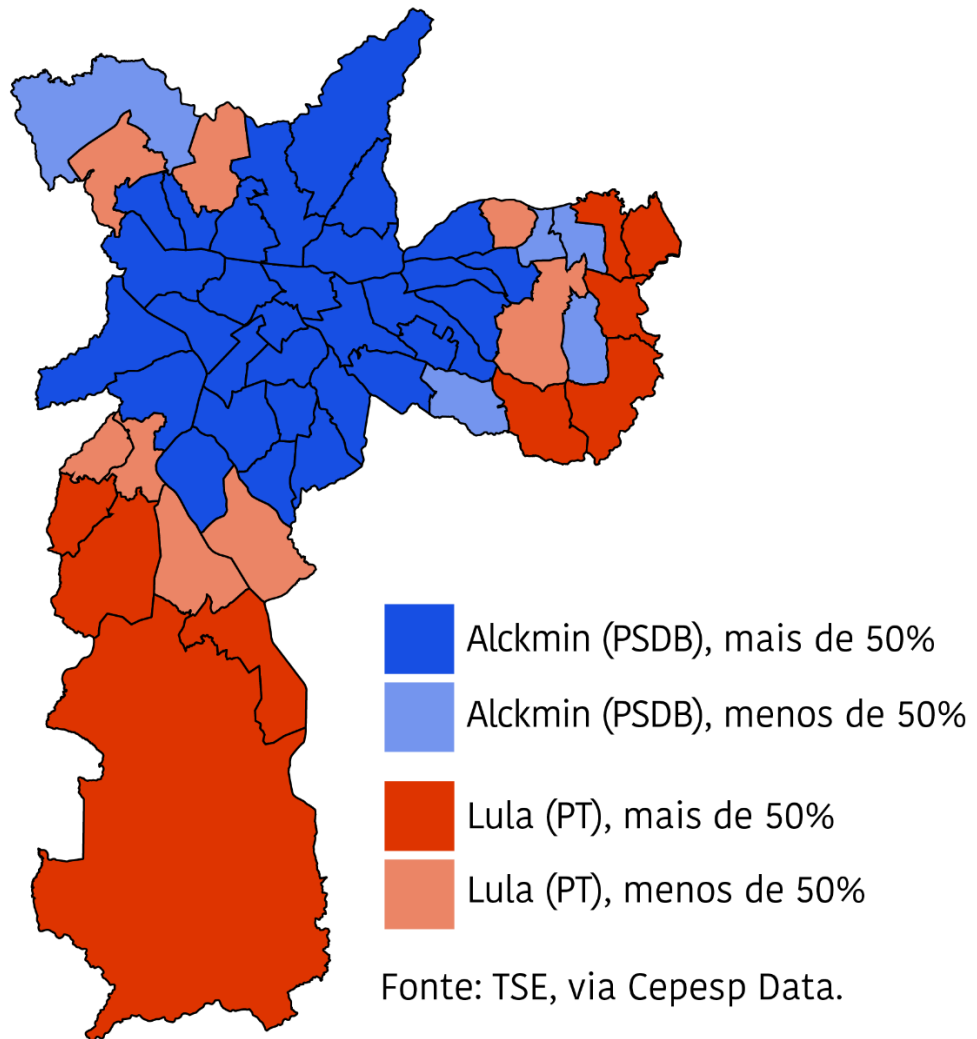


Gráfico 8: Mapa Eleitoral do município de São Paulo no 1º turno da eleição de 2010
para Presidente da República

Candidato a presidente mais votado na cidade de São Paulo em 2010

Por Zona Eleitoral, no primeiro turno

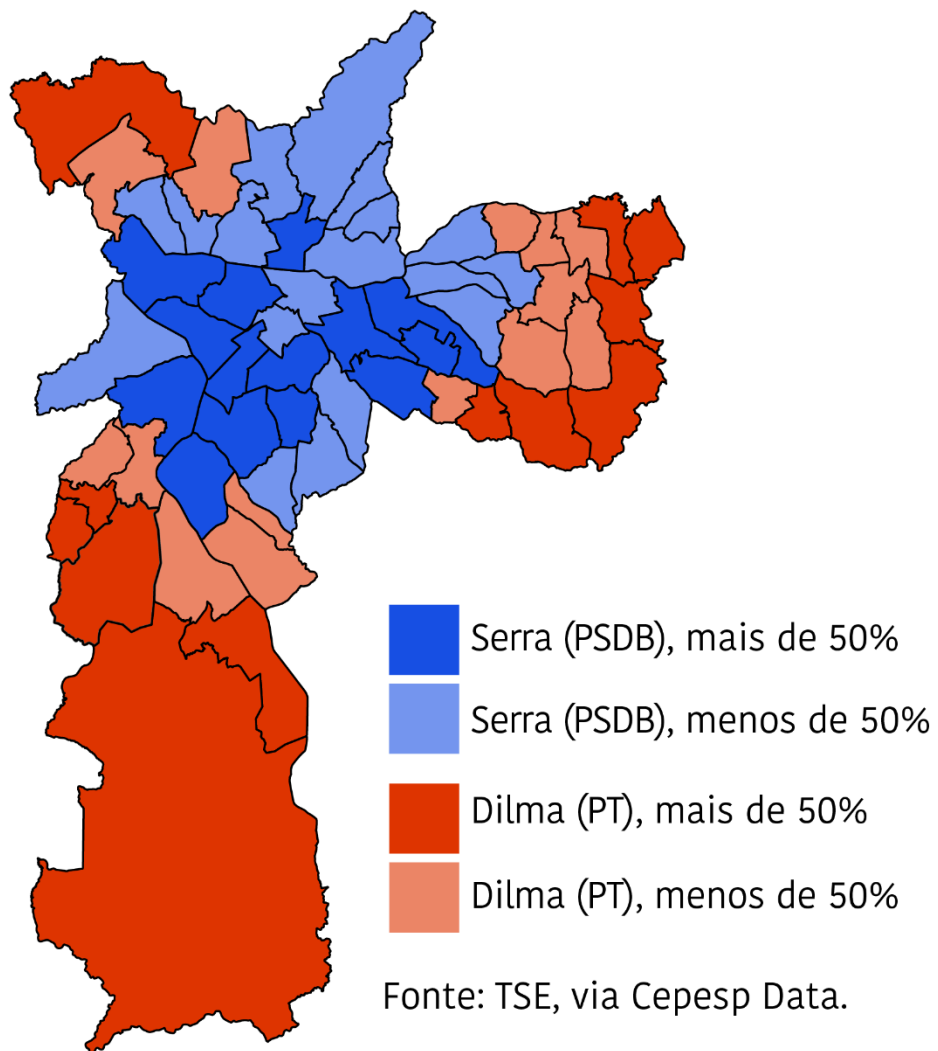
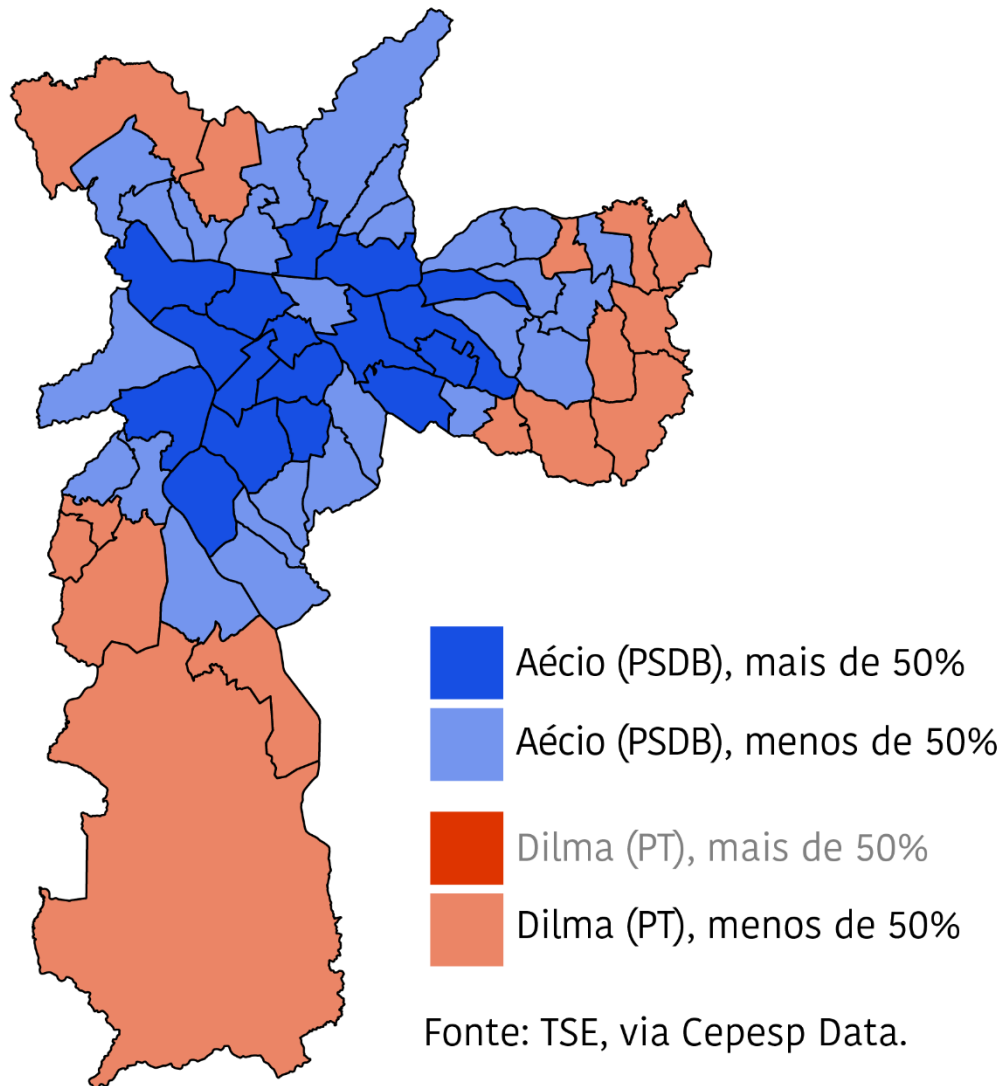


Gráfico 9: Mapa Eleitoral do município de São Paulo no 1º turno da eleição de 2014 para Presidente da República

Candidato a presidente mais votado na cidade de São Paulo em 2014

Por Zona Eleitoral, no primeiro turno



Em 2018, no entanto, o cenário mudou dramaticamente. O candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, por exemplo, sequer conseguiu avançar ao segundo turno. Seria lógico pensar que, se esses eleitores bolsonaristas são de direita, e rejeitam a esquerda, eles votavam e apoiavam em

peso a maior oposição ao PT nos seus anos de governo: o PSDB. Porém, não é exatamente isso o que os entrevistados demonstraram. A maioria votou, sim, em candidatos do PSDB para a Presidência da República contra o PT, ou mesmo para outros cargos. Mesmo assim, nenhum expressou entusiasmo com o PSDB da mesma forma que o expressavam a respeito de Bolsonaro.

Pode se argumentar que o PSDB fazia parte do *establishment* e, portanto, não gerava mais entusiasmo entre eleitores de direita. É possível ir além, e sustentar que as revelações suscitadas pelas investigações da Operação Lava Jato abalaram não só a imagem do PT, mas também de outros partidos tradicionais como o MDB e, inclusive, o PSDB. São pontos válidos e que possuem pertinência. E, de fato, esses foram fatores que tiveram impacto entre os ativistas bolsonaristas.

Eles (PSDB) faziam que eram oposição, mas eram a mesma coisa, eles se alternavam, né? Eu acho que o PSDB está totalmente reto... eu não sei por que não sai na mídia, você acompanhou a história do Paulo Preto? (Nilson, 65 anos, aposentado – morador do Tatuapé).

Eu acreditava no PSDB até a gente ficar sabendo das coisas que líderes, dentro do PSDB são capazes de fazer. É contra o que eles falam. O Alckmin, o Aécio, um absurdo a postura de aeroportos, de envolvimento com o tráfico e a corrupção, lavagem de dinheiro. Ele e a família, irmã e o caramba. É chocante! Então, é... a gente se assusta com o PSDB que a gente vai conhecendo. Eu não conhecia o PSDB e votei PSDB a vida toda. Votei para ir contra o que eu achava que era pior ainda (risos). E eu ainda acho que o PSDB é melhor do que o outro. (Patricia, 60 anos, aposentada – moradora da Vila Maria).

Somente esses fatores, todavia, são insuficientes para explicar a apatia dos ativistas bolsonaristas com relação ao PSDB. A questão principal parece residir sobre o quão representativo o PSDB era para esse eleitorado. Se são eleitores de direita e, em geral, conservadores, é possível dizer que o PSDB acolhia os seus anseios, como um partido de direita e conservador? Os eleitores não enxergavam assim e, provavelmente, nem mesmo o próprio PSDB se enxergue de tal maneira. Afinal, praticamente nenhuma figura importante do partido já se declarou de direita. Nem Aécio Neves, que, mesmo após uma campanha presidencial que o polarizou de maneira frontal e contundente contra o PT em 2014, chegou a declarar: “Para a direita não me adianta me empurrar que eu não vou” (LIMA, MEDEIROS & FONSECA, 2014); e nem mesmo João Dória, governador do Estado de São Paulo eleito em 2018, que possui um histórico de discursos agressivos contra o PT e a esquerda, e afirmou: “Eu não sou de esquerda nem de direita. Minha posição é a de centro e de respeito ao diálogo. Nosso governo dialoga com todos os setores” (FELÍCIO, 2019).

Uma das entrevistadas, Neusa, admitiu ter sido filiada do PSDB. O seu relato e a sua transição de partido e de opinião com relação ao PSDB refletem de forma categórica o sentimento de muitos dos entrevistados: de que o partido era a opção que tinha na falta de uma alternativa que os representasse melhor. Uma vez que essa alternativa surgiu, ainda mais em um contexto de crise do sistema partidário como um todo, esses eleitores migraram o seu apoio.

E aí, eu fiquei agora [...] por ter surgido um partido que realmente... tem uma agenda mais condizente com o meu pensamento, assim, conservador e de direita, agora eu vejo, realmente, a possibilidade de ter um partido de direita, com os princípios que eu defendo. Então, eu estou esperando a criação (do partido Aliança pelo Brasil) para isso. (Neusa, 53 anos, funcionária pública aposentada – moradora do Tucuruvi).

Embora seja considerado válido chamar o PSDB de um partido de – pelo menos – centro-direita, dada a sua oposição ao PT – um partido à esquerda no espectro político – e pela associação do partido com visões mais liberais para a economia, a verdade é que o partido nunca se anunciou como tal. Talvez em parte pelo projeto original do partido quando foi criado – Partido da “Social Democracia” Brasileira –, e em parte pelo fenômeno da “direita envergonhada”, o grande partido de oposição à esquerda representada pelo PT não vestiu completamente as vestes de um partido de direita. E isso não passou despercebido pelos eleitores de direita.

- A gente que é de São Paulo conhece muito bem esse pessoal assim. Eu, pelo menos, não tenho recordação muito boa desses caras, não vi que eles fizeram um bom governo para São Paulo, não. [...] para mim, [...] o Alckmin era um PT com grife.

- *Entendi, você acha que eles eram muito parecidos, apesar do PSDB ser oposição ao PT?*

- Ah, “oposição” (fazendo aspas com os dedos), né? “Oposição”. Acho que sim. Acho que tinham mínimas coisas diferentes, assim, mas acho que era basicamente a mesma coisa, o Alckmin. (Vitor, 25 anos, desempregado e trabalhador autônomo – morador do Tucuruvi).

- *E o que você acha do PSDB no geral?*

- Acho que o PSDB acabou se perdendo no caminho aí, né?

- *Assim como o PT?*

- Assim como o PT, andaram de mão dada todo esse tempo aí desde a época do FHC. FHC e PT andaram junto de mão dada e um acabou afundando o outro.

- *E como você diria que o PSDB se perdeu?*

- O PSDB se perdeu lá atrás quando o FHC deixou de fazer aquilo que deveria ter sido feito no segundo mandato dele e foi onde ele perdeu a eleição. O Lula ganhou força ali. O PT ganhou força, mas também dependia do PSDB na primeira gestão do Lula, tanto na segunda, tanto na Dilma... sempre eles dependeram das aprovações do PSDB, mas eu acho que se perdeu nesse meio aí.

- *Mas você diria que o PSDB é parecido com o PT? É diferente? Melhor ou pior...*

- Ah cara, pior que o PT acho que não é. É melhor que o PT, mas também não está muito... poderia estar bem melhor, né?

- *Mas, por exemplo, de esquerda ou direita você colocaria o PSDB como o quê?*

- Ah, de esquerda. O FHC é um cara de esquerda. (Daniel, 61 anos, aposentado e empresário – morador do Tatuapé).

Gostando ou não do PSDB, quase todos entrevistados votaram em candidatos do partido à Presidência da República. Porém, a falta de entusiasmo com o partido ou seus candidatos e a decisão de apoiar Bolsonaro em vez de Geraldo Alckmin, o candidato do PSDB em 2018, encontraram sua melhor definição no provérbio sobre “a mulher de César”. Foi Samuel, um funcionário público de 62 anos, morador do Tatuapé, que, assim, justificou sua decisão de não votar em Alckmin, apesar de aprovar a sua gestão como governador do Estado:

O Alckmin é aquela pessoa que ele foi meu chefe um tempão no Governo do Estado de São Paulo, você conhece aquele ditado antigo da época de César que “não basta ser, tem que parecer ser”? Eu acho que o Alckmin fica mais ou menos, cai nesses caminhos aí. (Samuel, 62 anos, funcionário público – morador do Tatuapé).

A sua frase tem origem em um velho provérbio que diz: “À mulher de César não basta ser honesta, deve parecer honesta”. Deste modo, Samuel conseguiu traduzir de forma sagaz um sentimento que muitos entrevistados compartilhavam, mas não tiveram a capacidade de ilustrar de forma tão eficaz. Alckmin não era um líder, pelo menos não para esses eleitores. Não bastava a ele, aos candidatos do PSDB ou ao partido como um todo ser a oposição ao PT, era preciso “parecer” oposição ao PT. Igualmente, não bastaria ser, na prática, um partido de direita conservadora – uma denominação que até os próprios caciques do partido rejeitariam – o PSDB deveria parecer um partido de direita conservadora. E aos maiores interessados no assunto, o eleitorado de direita e conservador, o partido não lhe parecia assim, de fato.

Isso ajudaria a explicar por que, com o PSDB como alternativa à esquerda, representada pelo PT, esse eleitorado conservador paulistano não era seu eleitor mais fiel. De fato, parece que o PSDB atendia muito mais aos anseios dos moradores de regiões de classe média alta e mais ricos, onde o partido obtinha as melhores votações. Não surpreende, portanto, que entre as 10 zonas eleitorais onde Geraldo Alckmin obteve suas melhores votações, nenhuma delas seja das zonas tradicionais da direita paulista¹⁸. A Tabela 3 detalha as maiores votações de Alckmin no município, em um ranking que lembra mais as melhores votações do PSDB em eleições anteriores.

¹⁸ Em geral, a diferença não é grande entre uma região e outra, até pela baixa porcentagem de votos que Alckmin obteve no geral. Assim, nessas regiões, Alckmin obteve uma faixa de 8 a 9% de votos, nunca acima de 10%.

Tabela 3: Ranking das 10 zonas eleitorais no município de São Paulo onde Alckmin obteve suas melhores votações

Zona Eleitoral	% de Voto em Alckmin 1º turno/2018
Saúde	12,20%
Pinheiros	11,06%
Jardim Paulista	11,03%
Jabaquara	11,03%
Santo Amaro	10,91%
Indianópolis	10,86%
Vila Mariana	10,72%
Casa Verde	10,37%
Perdizes	10,29%
Butantã	10,27%

É possível que esse eleitorado retorne ao PSDB? Sim, mas havendo outras opções competitivas à direita, não parece provável. A maioria demonstra descrença com o partido, seja por ter se corrompido, por considerarem igual ao PT, ou porque seria um partido “de esquerda”. O movimento de João Dória, ex-governador do Estado de São Paulo, de tentar colocar o partido de forma mais explícita como oposição ao PT, embora de forma mais moderada do que Bolsonaro (apesar de sua frase declarando-se nem de esquerda nem de direita), poderia ter rendido frutos ao partido em um eventual desprestígio de Bolsonaro e seu grupo político.

Olha, o novo PSDB, com o Dória, eu acho que ele tende a se livrar desses caras antigos, que eram uma filosofia em cima do muro, mas, eles se aliaram à corrupção. Se tornaram iguais. Por que o PT ganhou quatro eleições seguidas? Porque era a mesma coisa, o próprio Fernando Henrique, ele é esquerdista, ele é esquerdista... [...] Então, o PSDB... também não acho que o Dória seja um cara... pode ser que administre bem, se chegar lá, mas, é... tem muita dificuldade de limpar o PSDB, porque isso é histórico, é uma coisa que vem... essa velha guarda aí toda é corrupta e não sei se os

jovens que entraram aí também são, mas, a velha guarda... (Luciano, 62 anos, bancário – morador de Santana).

A realidade, contudo, é que, apesar de concordarem com algumas ideias de Dória, a maioria apresentou rejeição ao político. Alguns, de antemão, por ele ser do PSDB; alguns outros, por ele ter abandonado a prefeitura de São Paulo para concorrer ao governo do Estado. O fato de ter abandonado a Prefeitura, e a sua conseqüente repercussão entre o eleitorado paulistano, é uma particularidade da presente pesquisa, e certamente não deve ter o mesmo reflexo com eleitores de outras partes do Estado ou do país¹⁹. De qualquer modo, na maioria dos casos, a rejeição era mesmo por Dória ter entrado em conflito com Bolsonaro, direcionando críticas cada vez mais contundentes ao presidente ao longo do tempo. Dória buscou rivalizar com Bolsonaro, almejando a presidência, e até ganhou as prévias do PSDB para ser o candidato. Contudo, vendo a dificuldade de subir nas pesquisas no ano de eleição, Dória abandonou a disputa (ROMERO, 2022).

Um safado, corrupto, sujo, sem vergonha. Esse prefeito foi um pangaré de prefeito no trabalho. Saiu fora para se candidatar, pegou o governo nas costas do Bolsonaro e agora está traindo, e traindo, não é que ele tenha... ele é de outro partido, ele tem todo o direito de ser contrário a opinião de um e de outro, mas ele está visando o cargo do outro. Está na cara que ele quer ser presidente. Agora, para que esse cara quer ser presidente? Boa intenção, não é. Se ele não fez uma boa intenção na prefeitura, e no governo, vamos ver, o que eu vou esperar dele como presidente? Não dá. E é outra coisa, ele está dentro de um partido que também não dá credibilidade. (Patricia, 60 anos, aposentada – moradora da Vila Maria).

Não, não gosto [do Dória], mesmo tendo votado nele na primeira vez. Eu gostei da ideia dele, mas aí, depois que ele abandonou o cargo para tentar disputar o governo do estado, aí, eu falei: “Meu, que palhaço, velho”. Porque ele deu a palavra que ia ficar. E para mim, palavra, o cara deu a palavra e vai lá e abandona para disputar algo maior. (Marcelo, 25 anos, gerente comercial – morador do Tucuruvi).

O fato de um político como Bolsonaro ter se tornado um candidato viável à Presidência da República advém de uma multiplicidade de fatores. Contudo, é de se refletir o prejuízo em particular que a ausência de um partido declaradamente de direita fez no debate político brasileiro. Por muito tempo, a alternativa para os eleitores que se identificavam com valores de direita era votar no PSDB, um partido que nunca se assumiu explicitamente como representante dessa vertente. O fenômeno da “direita envergonhada” após o fim do regime militar constrangeu o surgimento de partidos declaradamente de direita, porém democráticos. Se ser de direita significava ter sua imagem associada ao regime militar, e a tudo de negativo que esse período representou, a geração de políticos e partidos que surgiu com o fim da ditadura buscou ao máximo evitar essa associação. A infeliz consequência parece ser que, quando surgiu um

¹⁹ Apesar de vencer a disputa para governador com 51,77% dos votos válidos no Estado, Dória obteve apenas 41,9% dos votos na capital paulista. Fonte: TSE.

candidato competitivo e assumidamente de direita, ele emergiu justamente na forma que se temia: a de alguém autoritário, radical e saudosista dos “anos de chumbo” da ditadura. E o eleitorado conservador, carente de líderes e representação, o acolheu.

1.2. O avanço da extrema-direita no contexto global

Embora a eleição de Bolsonaro tenha sido surpreendente no contexto político brasileiro, rompendo anos de estabilidade política polarizada entre dois grandes partidos, ela não é uma situação inédita no cenário mundial. Os anos 2010 testemunharam um recrudescimento de uma extrema-direita²⁰, ou direita radical, também chamada de populista ou autoritária por diferentes autores (LEVISTKY & ZIBLATT, 2018; RODRIK, 2018; NORRIS & INGLEHART, 2019; entre outros)²¹. Norris e Inglehart (2019) detalham exemplos, em particular na Europa e nos Estados Unidos, alguns dos quais iremos descrever.

Talvez o primeiro sinal de alerta de recrudescimento da extrema-direita na União Europeia nos anos 2010 tenha partido da Hungria. Na eleição de 2010, o Fidezs, partido liderado por Viktor Orbán, venceu as eleições com 54% dos votos, mas conquistando 68% dos assentos do parlamento húngaro. Apesar de não ter sido a primeira vez que Orbán ocupava o cargo de primeiro-ministro, tendo governado o país de 1998 a 2002, ele retomou o cargo e segue no poder até o presente momento (VISNOVITZ & JENNE, 2021). Desde então, com a supermaioria obtida na eleição, seu partido realizou mudanças significativas na Constituição húngara, alterando a lei eleitoral, enfraquecendo a Comissão Eleitoral do país, além de uma deterioração dos direitos e liberdades, inclusive de imprensa, tudo de modo a favorecer que o Fidezs permanecesse no poder (NORRIS & INGLEHART, 2019).²²

²⁰ Entenda-se o conceito de extrema-direita para designar grupos que, além de defender pautas de caráter anti-igualitário ligadas ao espectro político da direita, como liberalismo econômico e conservadorismo moral, se engajam em atos e atitudes antidemocráticas, buscando questionar, alterar ou usurpar o processo político, assim como deslegitimar seus adversários. Seguimos, assim, a definição de Norberto Bobbio: “mesmo que a antidemocracia, a aversão pela democracia como conjunto de valores e como método, não seja o único ponto em comum entre extremistas de direita e esquerda, ele é por certo, em minha opinião, o ponto historicamente mais persistente e significativo.” (BOBBIO, 1995: p. 58).

²¹ Alguns desses autores ressaltam que o populismo ou o autoritarismo não vem só da direita, podendo ser encontrado à esquerda também, mesmo quando em menor grau. Porém, o trabalho focará aqui nos casos de direita.

²² Curiosamente, a Hungria se tornou um dos principais aliados de Bolsonaro no cenário internacional, tendo o governo Orbán inclusive oferecido ajuda para a reeleição do mandatário brasileiro (MARCHESINI, 2022).

No lado ocidental do continente, no Reino Unido, um tema dividiu o país e foi motivo de intensos debates por anos: o “Brexit”, como se chamou a saída do Reino Unido da União Europeia. O Brexit era defendido por grupos mais radicais de direita no país, o mais destacado dele sendo o partido UKIP, com seu líder Nigel Farage. Como Norris e Inglehart (2019) ressaltam, de modo a frear a ascensão no cenário político do UKIP, que obteria 27,5% dos votos nas eleições para o Parlamento Europeu em 2014, David Cameron, então primeiro-ministro e líder do Partido Conservador, fez sua campanha nas eleições gerais de 2015 prometendo, caso vencesse, realizar um referendo nacional sobre o Brexit. Cameron, assim, garantiu a sua vitória, mesmo se posicionando e fazendo campanha pelo “Remain”, o voto para que o Reino Unido permanecesse no bloco europeu. Mesmo assim, no dia 23 de junho de 2016, o povo britânico foi às urnas, e 51,8% votaram pelo “Leave”, a favor da saída do país. David Cameron anunciou a sua renúncia no dia seguinte. O Brexit ainda levaria anos para efetivamente acontecer, concretizando-se sob o governo de Boris Johnson, também do Partido Conservador, no dia 1º de maio de 2021 (CERDEIRA, 2021).

Do outro lado do Oceano Atlântico, outra eleição importante ocorreria, a de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos. O empresário e personalidade da TV venceu as primárias pelo Partido Republicano, contrariou as pesquisas de opinião e venceu a eleição presidencial pela contagem do Colégio Eleitoral americano, apesar de perder no voto popular por cerca de 2,9 milhões de votos para sua concorrente, Hillary Clinton, pelo Partido Democrata. Com um discurso conservador, anti-imigração e fortemente anti-*establishment*, Trump conseguiu surpreender e se tornar presidente, embora elementos que foram construindo a sua candidatura estivessem presentes desde muito antes, desde a candidatura à vice-presidência da ultraconservadora Sarah Palin, à criação do Tea Party²³ no ano seguinte (NORRIS & INGLEHART, 2019), até o ressentimento que foi se formando com o *establishment* político (LEVISTKY & ZIBLATT, 2018) e com mudanças sociais e culturais (HOCHSCHILD, 2016; CRAMER, 2016).

Fora do Ocidente, um caso que se destaca, principalmente na semelhança com Bolsonaro, é a eleição de Rodrigo Duterte, nas Filipinas. Promovendo um “populismo penal”, Duterte fez sua campanha presidencial em 2016 com a promessa de um combate duro às drogas e à criminalidade, conquistando principalmente as classes médias e, assim, ganhando a eleição

²³ O Tea Party, cujo nome se inspira em um evento do mesmo nome ocorrido durante o processo de independência nos EUA em Boston, é um movimento dentro do Partido Republicano que nasceu em 2009 de cunho conservador e que prega a redução de impostos e do Estado em geral. Ver mais em Hochschild, 2016.

(CURATO, 2016). Duterte governou o país até junho de 2022, deixando um rastro de até 30 mil execuções extrajudiciais na sua guerra às drogas, e declarou que se aposentaria da vida política, sendo sucedido por Ferdinand Marcos Jr., filho do ex-ditador filipino Ferdinand Marcos, e tendo sua filha, Sara Duterte, como vice-presidente (RATCLIFFE, 2022).

Mesmo em casos que a extrema-direita não chegou ao poder, ela fez diversos avanços em diferentes países. Na Alemanha, a AfD (“Alternativa para Alemanha”), depois de conquistar mais de 12% dos votos nas eleições federais em 2017 e ingressar pela primeira vez no parlamento alemão (STRUCK, 2021), caiu para pouco mais de 10% em 2021, mas se consolidou como o partido mais forte em dois estados ao leste do país (KNIGHT & GOLDENBERG, 2021). Na França, Marine Le Pen, filha do político de extrema-direita, Jean-Marie Le Pen, e líder do partido Reagrupamento Nacional, foi ao segundo turno da eleição presidencial pela segunda vez consecutiva em 2022, reduzindo a diferença de sua derrota para o seu opositor, Emmanuel Macron, de 32 pontos em 2017 para 17,1 pontos (STRUCK, 2022). Em Portugal, o partido Chega, liderado por André Ventura, conquistou 7,15% dos votos na eleições gerais em 2022, tornando-se a terceira maior força política do país (O GLOBO, 2022). São apenas alguns exemplos, entre tantos outros, e mesmo na América do Sul, apesar de vitórias de candidatos de esquerda, o continente também testemunhou forças tradicionais de direita sendo substituídas por políticos mais radicais deste campo que conseguiram avançar para o segundo turno do pleito presidencial, como nos casos de José Antonio Kast, no Chile (VEJA, 2021), e Rodolfo Hernández, na Colômbia (UOL, 2022), ambos nas eleições de seus respectivos países em 2021 e 2022.

Explicar este fenômeno, presente em diferentes regiões do globo, não é uma tarefa simples, ainda mais por ser contemporâneo e continuar em andamento. Os desdobramentos dessa ascensão da extrema-direita ao redor do mundo ainda são incertos, assim como a sua duração. Mas se não é possível prever o seu fim, é possível levantar hipóteses sobre suas origens, e diferentes autores sugerem teses que ajudam a elucidar o desenvolvimento deste processo histórico.

Levitsky e Ziblatt (2018) fornecem uma explicação política para a ascensão de líderes autoritários ao redor do mundo. Para os autores, a perda de confiança na democracia e o enfraquecimento dos partidos políticos tradicionais teria pavimentado o caminho para que políticos radicais e mais extremistas ganhassem destaque. Eles ilustram, em particular, o caso

da eleição de Trump, nos EUA, enfatizando o deterioramento das bases do sistema político no país.

Norris e Inglehart (2019) levantam outra tese, a do “*backlash* cultural” como base para a ascensão de líderes populistas e autoritários. De acordo com os autores, as rápidas mudanças culturais das últimas décadas, envolvendo os direitos das mulheres, de minorias raciais e de LGBTQIA+ teriam gerado uma forte reação do eleitorado, em particular o mais idoso e rural. Com dados de diferentes países, e com destaque para os casos do Brexit, no Reino Unido, e a eleição de Trump, nos EUA, eles enfatizam o papel da reação conservadora na guinada à direita radical.

Independentemente da via de explicação, esses autores têm em comum a utilização do mesmo conceito para tentar explicar o fenômeno do surgimento desses políticos radicais: o populismo. Populismo é um termo para o qual não faltam definições para diferentes autores, o que deixa constantemente em aberto o debate sobre o que é verdadeiramente populista ou não. Fizemos a escolha de nos restringir a algumas das definições de populismo mais utilizadas no debate contemporâneo sobre a ascensão da direita autoritária no atual período histórico, as quais serão relevantes para discutir o caso brasileiro.

Cas Mudde escreveu sobre populismo antes do conceito retornar com força nos 2010, e ele o define “como uma ideologia que considera a sociedade em última análise separada em dois grupos homogêneos e antagônicos, ‘o povo puro’ versus a ‘elite corrupta’, e que defende que a política deve ser uma expressão da *volonté générale* (vontade geral) do povo” (MUDDE, 2004: p. 543). Pippa Norris e Ronald Inglehart (2019: p. 66-67) trabalham com ideia semelhante, mas em vez de ideologia, consideram o populismo uma retórica que age em duas frentes: uma reivindicação anti-*establishment*, questionando autoridades legítimas (políticos, partidos, oficiais do governo, intelectuais e especialistas, ricos e poderosos, corporações e multinacionais, a imprensa, o Judiciário, etc); e uma reivindicação de que o poder está na vontade popular (*vox populi*), favorecendo medidas de voto popular, enquetes, comícios, referendos, etc. Já Levitsky e Ziblatt (2018: p. 22) simplificam o conceito, considerando como populistas os políticos anti-*establishment*; ou seja, figuras que se apresentam como representantes da “voz do povo” que combatem uma elite corrupta e conspiratória.

Ainda outra via de explicação para a ascensão desse tipo de políticos seria a economia. Os países desenvolvidos ocidentais testemunham uma desigualdade crescente desde os anos 1970, o que levou alguns autores, como Brynjolfsson e McAfee (2014), a atribuir este processo

primordialmente ao avanço das tecnologias e da automação, enquanto outros, como o economista Dani Rodrik (2018) ressaltam o papel da globalização, exacerbado pelas políticas de austeridade promovidas em países desenvolvidos no período pós-crise econômica de 2008.

Rodrik é outro autor que também trabalha com o conceito de populismo. Ao descrever diferentes movimentos políticos que ele classifica como populistas, citando os “partidos anti-euro e anti-imigrantes na Europa, Syriza e Podemos na Grécia e Espanha, respectivamente, o nativismo anticomércio de Trump nos EUA, (e) o populismo econômico de Chávez na América Latina”, ele declara que “o que todos esses compartilham é uma orientação anti-*establishment*, uma pretensão de falar pelo povo contra as elites, oposição à economia liberal e à globalização, e muitas vezes (mas nem sempre) uma propensão para governança autoritária” (RODRIK, 2018: p. 1).

A conceituação de Rodrik encontra algum grau de consonância com a de outros autores mencionados; contudo, o problema de sua definição é tentar delimitar o populismo na esfera econômica. Ao restringi-lo em sua agenda antiliberal, sua conceituação acaba deixando no limbo casos como o de Bolsonaro, no Brasil, e Duterte, nas Filipinas, que implementaram políticas econômicas de cunho neoliberal, tratando como populismo de direita apenas os casos dos países desenvolvidos. Assim, definições mais amplas do termo contribuem melhor para discutir o caso brasileiro e de outros países periféricos.

Outro autor resolve o dilema de Rodrik deixando de lado o conceito de populismo e utilizando o termo “contrarrevolução”. O filipino Walden Bello (2019) cita dois tipos de contrarrevolução. O primeiro, no Norte global, entre os países desenvolvidos, seria uma contrarrevolução contra a democracia liberal, em resposta ao fracasso do regime político em defender os interesses da população. Ela seria capitaneada, principalmente, pela classe trabalhadora desses países, que enxergam os partidos de centro-esquerda e centro-direita como culpados pela erosão do Estado de bem-estar social e pela implementação de políticas neoliberais ao mesmo tempo em que se associam a minorias e imigrantes em busca de “roubar” seus benefícios e privilégios. O outro tipo de contrarrevolução seria no Sul global, entre os países em desenvolvimento, protagonizada desta vez pelas classes médias e altas em resposta a reformas progressistas que beneficiassem o campesinato e os trabalhadores, e colocassem em risco a posição econômica e social de privilégios daqueles setores. Em ambos os casos, utilizam-se de líderes carismáticos, de forte tendência autoritária e que costumam usar minorias e grupos marginalizados como bode expiatório.

Há ainda outras conceituações que tentam explicar a ascensão de líderes autoritários de direita pelo mundo. Teitelbaum (2020) faz uso do Tradicionalismo, uma linha de pensamento que nortearia as ideias por trás dos “gurus” de Donald Trump, nos EUA, Vladimir Putin, na Rússia, e Jair Bolsonaro, no Brasil: respectivamente, Steve Bannon, Aleksandr Dugin e Olavo de Carvalho. De acordo com o autor, o Tradicionalismo se opõe à modernidade, ao domínio da razão sobre a religião, ao capitalismo e ao materialismo. Ao mesmo tempo, é hierarquizante, colocando em patamares superiores grupos como homens, brancos, do Norte global. Por fim, tem uma visão pessimista e cataclísmica da história; ou seja, o caminho da melhoria da nação é mergulhar primeiro na degeneração. Assim, de acordo com o autor, essas ideias embasariam o pensamento dos gurus nos três países que, por sua vez, influenciariam a visão e comportamento político daqueles líderes ligados a eles.

Por fim, outro termo controverso utilizado para descrever radicais de direita em ascensão seria o fascismo. O termo, mais utilizado como ofensa do que como conceituação, traz controvérsia justamente devido ao quanto se pode utilizá-lo de forma técnica e não meramente como um xingamento. Afinal, utilizar o conceito significa equiparar, de alguma maneira, Donald Trump ou Jair Bolsonaro a ditadores como Benito Mussolini, Francisco Franco e, de modo mais amplo, até a Adolf Hitler.

Ao analisar o trumpismo, Riley (2018) rejeita essa comparação. Citando peculiaridades dos diferentes períodos, Riley argumenta que o fascismo, entre outras coisas, floresceu na Itália e na Alemanha nos anos 1920 e 1930 em momentos de efervescência política, com sociedades altamente politizadas. O fascismo assim seria organizado em partidos de massa e agindo de forma contrarrevolucionária ao fracasso de tentativas de socialismo, mas sempre com a ameaça da Revolução Russa bem-sucedida de poucos anos atrás. O trumpismo, por outro lado, emergiu de uma conquista eleitoral, em um momento de despolitização e passividade eleitoral, sem mobilização de massas, nem organizada pelo surgimento de um novo partido, e sem a ameaça do socialismo. Além disso, apesar das ameaças e flertes com o autoritarismo, Trump nunca chegou perto de instituir um Estado totalitário, um aspecto característico e fundamental do fascismo.

Stanley (2020), por outro lado, tem uma abordagem diferente ao conceitualizar o fascismo. O autor caracteriza o fascismo como “qualquer tipo de ultranacionalismo (étnico, religioso, cultural), no qual a nação é representada na figura de um líder autoritário que fala em seu nome” (STANLEY, 2020: p. xiv). Além disso, Stanley diferencia a política fascista como

estratégia do estado fascista em si, e que embora a primeira não leve necessariamente ao segundo, ela é inevitavelmente perigosa. E ele lista estratégias de política fascistas, como o uso de “um passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, vitimização, lei e ordem, ansiedade sexual, apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público” (STANLEY, 2020: p. xiv-xv).

Outro autor, Finchelstein (2017) ainda retoma o conceito de populismo para diferenciá-lo do fascismo. Para ele, o populismo seria, em verdade, um conceito pós-fascista, embora tivesse o fascismo como uma de suas maiores fontes de inspiração enquanto se constitui como representante da voz do povo. A diferença é que o fascismo seria, de fato, uma ditadura, enquanto o populismo seria somente uma forma autoritária da democracia. Ressalta-se o aspecto de se manter democrático, já que o populista mantém a dinâmica eleitoral da vontade popular pelo voto, rejeitando a ideia de uma ditadura, e aceitando deixar o poder em caso de derrota nas urnas.

De todo modo, as tentativas de definir o fenômeno das direitas radicais contemporâneas não se esgotam nessas definições. Certamente, elas seguirão sendo revisadas e rediscutidas com o passar dos anos. Ainda assim, esses conceitos se fazem úteis para pensar e buscar discuti-los à luz do caso brasileiro.

1.3. O bolsonarismo em contexto

Descrevendo a trajetória política recente até à eleição de Bolsonaro, inclusive discutindo a posição do PSDB após o seu advento, assim como a discussão conceitual a respeito da ascensão da extrema-direita em diferentes lugares do mundo, é possível pensar em formas de definir o caso brasileiro. No entanto, o bolsonarismo, ainda mais como um fenômeno ainda em andamento, não se esgotará em uma definição. Neste trabalho, analisamos em profundidade um recorte do bolsonarismo, especificamente na cidade de São Paulo. Alguns aspectos importantes presentes na direita bolsonarista não serão abordados, ou não o serão em profundidade, como o seu forte apoio nas áreas rurais e do agronegócio, a adesão no meio militar, ou entre policiais militares, e até mesmo no meio evangélico. Assim, discutiremos o bolsonarismo a partir do recorte desta pesquisa, sem a pretensão de encerrar a sua conceituação, mas na expectativa de que mais trabalhos confirmem os achados aqui apresentados.

Nos limites deste trabalho, o bolsonarismo se expressa então, entre os entrevistados e nas etnografias nos atos de rua, como uma revolta contra a Nova República por parte de grupos e indivíduos que se sentiram desprivilegiados, deslegitimados ou simplesmente não representados pelos principais atores políticos e sociais do pós-pacto de 1988 – os quais teriam promovido uma degradação política, social e moral do país – e que tem como símbolo a figura mítica de Jair Messias Bolsonaro²⁴. Essa revolta foi desencadeada pelo ativismo – principalmente digital – de novos atores de direita, pela convulsão social decorrente das Jornadas de Junho de 2013, e pelo impacto devastador no sistema e nos partidos políticos com a Operação Lava Jato.

O bolsonarismo se apresenta também, sobretudo, como um fenômeno identitário. Hochschild (2016), fazendo uso das ideias de Durkheim (1965), fala da “efervescência coletiva” que sentem aqueles que se tornam membros de uma “tribo”, que se unem em torno de um “totem”, um símbolo que sela a unidade entre eles. E um político carismático pode servir de totem. As pessoas confiam em quem fala o que elas pensam, e unidos em torno do líder, os membros se sentem seguros e respeitados. Hochschild usa essa simbologia para dizer que Trump é um político identitário para homens brancos nos EUA. Do mesmo modo, Bolsonaro é um político identitário para homens brasileiros brancos, heterossexuais e cristãos. E mesmo os que não são parte desse grupo, o que os une em torno de Bolsonaro é a identificação que sentem com o que ele fala e pensa. Sentem-se seguros, porque o capitão vocaliza o que eles sentem que não podem mais expressar livremente.

Também dentro do escopo do trabalho, havia um perfil mais típico do militante bolsonarista com o qual nos deparamos, como já mencionado, de forma semelhante ao encontrado por Puls (2000) sobre o malufismo. Nas manifestações e entre os entrevistados, apesar de haver algum grau de diversidade, alguns grupos se encontravam mais representados, como brancos, religiosos, indivíduos de classe média que trabalham como pequenos empresários ou comerciantes, assalariados em cargos de liderança (supervisores, gerentes), profissionais liberais (advogados, dentistas, médicos etc.), trabalhadores autônomos do setor formal (taxistas ou motoristas de Uber, eletricitas, encanadores etc.), além de grupos fora de mercado de trabalho (aposentados, donas de casa). O que membros desses grupos têm em comum é que demonstravam acreditar na ascensão social apenas pelo esforço próprio e, de forma semelhante a como Puls (2000) assinala, não possuem filiação ou vínculo com nenhuma

²⁴ Além de possuir “Messias” como seu nome do meio, Bolsonaro também é conhecido por seus seguidores pelo apelido de “Mito”.

organização capaz de representar seus interesses, o que os torna mais suscetíveis a apoiar líderes carismáticos como Bolsonaro.

No sentido mais amplo, com base não somente na visão dos cabos eleitorais bolsonaristas desta pesquisa, mas também pelo comportamento de Bolsonaro em campanha e no governo, é possível analisar o caso brasileiro do mesmo modo com base nos conceitos expostos na seção anterior. Em particular sobre o populismo, as definições dadas pelos autores citados possuem pequenas variações, mas convergem nos principais pontos, como no caráter *anti-establishment* dos populistas e de como estes se apresentam como representantes da “voz do povo”. Mesmo assim, o enquadramento entre quem é populista ou não pode não ser consensual.

No caso de Bolsonaro, por exemplo, Levitsky chegou a afirmar, em certo momento, que apesar de reunir algumas características, ele não o consideraria “totalmente populista” (ESTADÃO CONTEÚDO, 2019). A questão não é simples de elucidar: como Bolsonaro poderia ser *anti-establishment* se fez parte do sistema político como deputado federal por 27 anos, a maior parte deste tempo em um partido fisiológico como o PP? Ou então que, com o passar do tempo de seu governo, tenha aceitado governar junto ao chamado “Centrão”, grupo informalmente conhecido de partidos fisiológicos do Congresso Nacional? A resposta a essa questão talvez esteja na definição de Norris e Inglehart (2019), já que Bolsonaro se posiciona frontalmente contra outros setores do chamado *establishment*, como a imprensa, o Judiciário, intelectuais e especialistas, etc. Além disso, ressalta-se que Bolsonaro, apesar de conviver dentro do sistema político por décadas, ainda se apresentou como um *outsider* por ser um político do chamado “baixo clero”, ou seja, de baixa relevância e destaque. Ademais, mesmo que a prática o desminta, sua campanha e o discurso de seus apoiadores se ampara na ideia de que Bolsonaro é diferentes dos demais políticos, e que estaria combatendo sozinho o “sistema” para mudar o Brasil.

O segundo ponto principal do populismo para esses autores, o de se apresentar como representante da “voz do povo” também encontra consonância com Bolsonaro. Sua retórica pretensamente nacionalista, endossando lemas como “meu partido é o Brasil” (ROCHA, DUARTE & BONATELLI, 2019) e se colocando como porta-voz dos “cidadãos de bem” (REUTERS, 2020a) em contraposição aos “inimigos da nação” (CRUSOÉ, 2022) são exemplos evidentes disso. Da mesma forma, Bolsonaro e seus apoiadores costumam deslegitimar qualquer evidência de que a maioria da população não está com ele, em particular de pesquisas

eleitorais, mas costuma mobilizar seus seguidores para demonstrar o que bolsonaristas chamam de “Datapovo”; ou seja, evidências diversas de que Bolsonaro tem o apoio da população, como na participação orquestrada em enquetes online, comícios, “motociatas”, e até na votação para se tornar o “homem do ano” da revista Time.

Já em preparação para a eleição de 2022, um vídeo foi “vazado” em julho com o que seria o *jingle* de sua campanha, convenientemente chamado de “Capitão do Povo”. O vídeo se inicia com um trecho do hino nacional tocado na guitarra e mostra diferentes momentos de Bolsonaro entre a população em cavalgadas e motociatas, além de imagens dramáticas em câmera lenta de sua facada na campanha de 2018 e o seu transporte médico em um helicóptero. A letra do *jingle*, contudo, que apresenta uma rica mistura da retórica populista, como se pode ver a seguir.

*“É o capitão do povo
que vai vencer de novo
Ele é de Deus, e pode confiar
Defende a família e não vai te enganar
É o capitão do povo
que vai vencer de novo
Igual a ele nunca existiu
É a salvação do nosso Brasil
No mito eu boto fé
É ele que defende a nação
Que tem nossa bandeira no seu coração
Está em nossas mãos
Temos a chance de novo
De cuidar do nosso povo
E gritar ‘Brasil acima de tudo, Deus acima de todos’”²⁵*

A conceituação de Rodrik (2018) sobre o populismo não convém ao caso brasileiro, já que Bolsonaro adotou um programa neoliberal. O conceito de contrarrevolução de Bello (2019), por outro lado, resolve esse dilema tanto para o caso filipino quanto para o brasileiro. Além disso, como ressalta o autor entre o tipo de contrarrevolução no Sul global, o apoio a Bolsonaro é mais forte justamente entre as classes médias e altas, cujos membros – como veremos em mais detalhes no capítulo 4 – demonstraram-se motivados a apoiarem o candidato de extrema-direita por se oporem às políticas econômicas e sociais de cunho igualitário promovidas pelo PT enquanto no poder. Além disso, a ideia de contrarrevolução se torna mais coerente se

²⁵ Fonte: MAIA, 2022

considerarmos as mudanças sociais promovidas pelos governos do PT como uma revolução – ao menos uma revolução passiva, no sentido gramsciano.

Com relação ao autoritarismo, o termo não chega a ser consenso nos conceitos mencionados, em particular com relação ao populismo. Rodrik (2018), como citado, argumenta que nem sempre populistas são autoritários. Norris e Inglehart (2019) argumentam que há populistas autoritários e não autoritários, embora os primeiros sejam o destaque do seu trabalho. Levitsky e Ziblatt listam, então, quatro indicadores de comportamento autoritário. São eles: rejeição ou fraco comprometimento com as regras democráticas do jogo; negação da legitimidade de oponentes políticos; tolerância ou encorajamento a violência política; prontidão para cercear liberdade civis de oponentes, incluindo a mídia (LEVITSKY & ZIBLATT, 2018: p. 23-24).

Não é difícil encontrar evidências do autoritarismo de Bolsonaro. Seja com o questionamento de urnas eletrônicas nas eleições, sugerindo possibilidade de fraude (ANDRADE, 2022); chamando o PT de “quadrilha” e dizendo que está em “guerra” com o partido (ESTADÃO CONTEÚDO, 2022); declarando que vão “fuzilar a petralhada” (RIBEIRO, 2018); ou nas ameaças de não renovar a concessão pública à TV Globo (FRAZÃO & GAYER, 2022), só para citar alguns exemplos pontuais, que escancaram o seu pendor autoritário, de acordo os indicadores de Levitsky e Ziblatt (2018). E se restassem ainda dúvidas, ainda há as reiteradas defesas por parte de Bolsonaro do regime militar de 1964 a 1985 (NEXO, 2022).

Já sobre o Tradicionalismo, não é possível dizer que o bolsonarismo é Tradicionalista do jeito que Teitelbaum (2020) preconiza. É possível que seu diagnóstico tenha algum sentido para o pensamento de Olavo de Carvalho; porém, por mais que o olavismo tenha sido importante para levar até o bolsonarismo, o segundo transcende e é maior do que o primeiro. Há um único aspecto Tradicionalista que encontra eco no bolsonarismo, que é o seu caráter destrutivo. Por acreditar que muitas das estruturas e instituições do Estado brasileiro estão apodrecidas, seria melhor deixá-las apodrecer por completo para dar espaço para algo novo e melhor no lugar. Como Teitelbaum (2020) afirma, essa é uma das crenças de Steve Bannon, utilizando o conceito de “destruição criativa” de Schumpeter para argumentar que perseguir o colapso, destruir as instituições, seria bom.

Por fim, utilizar o termo fascista para caracterizar o bolsonarismo é complexo. Apesar da ameaça autoritária, o Brasil não avançou – ainda – no sentido de se tornar um Estado

totalitário. Entre os elementos citados por Riley (2018), não há um partido de massa – sequer há um partido consolidado para o bolsonarismo – o que o deixa mais como um movimento político, ainda que almeje ser um movimento de massas, estimulando constantes comícios, manifestações, motociatas e outros tipos diferentes de mobilização. Algumas questões também o diferenciam do trumpismo. Não há uma ameaça real do socialismo como havia nos anos 1920 e 1930; mesmo assim, o bolsonarismo fez campanha com mais veemência em cima de discursos contra o “comunismo” e o risco de “venezuelização”. Além disso, se nos EUA havia um período de despolitização, o Brasil passou um processo diferente, de grande efervescência política especialmente após as Jornadas de Junho de 2013 (como veremos em mais detalhes no capítulo 2).

Por outro lado, é possível identificar diferentes estratégias de política fascista listadas por Stanley (2020) no bolsonarismo. A memória ao passado mítico do regime militar (CAMPOS, 2019), o uso maciço de propaganda com base em *fake news* nas redes sociais (BENITES, 2018), o apelo a questões ligadas à sexualidade (ERNESTO, 2018), além do discurso nacionalista exacerbado e centrado na figura carismática de Bolsonaro, todas são estratégias que remetem ao modo de fazer política fascista listadas pelo autor.

Finchelstein (2017) resolve o dilema diferenciando o fascismo do populismo, reforçando o argumento que o primeiro exige necessariamente a existência de uma ditadura. Todavia, em uma entrevista, Finchelstein explicita que o fascismo possui quatro elementos: mentira, ditadura, violência e racismo, sendo que os três últimos o populismo teria abandonado. O autor argumenta então que todos esses elementos estariam presentes em Bolsonaro, com exceção – ainda – de uma ditadura, por mais que o mandatário brasileiro desejasse mudar isso. Sendo assim, Finchelstein declara que Bolsonaro gostaria de ser um fascista, e que ele “é o populista que mais se aproximou do fascismo na história” (FINCHELSTEIN, 2020).

Em mãos do quadro conceitual exposto, é possível tentar então situar o bolsonarismo. Ele é populista, no sentido que se apresenta como antissistêmico e se coloca como verdadeiro porta-voz dos anseios do povo brasileiro; é contrarrevolucionário, no sentido que reage às mudanças sociais e culturais das últimas décadas, além de pregar a meritocracia e rejeitar políticas que promovam igualdade social; é autoritário, no sentido que ameaça as instituições democráticas e deslegítima, ataca e encoraja a violência contra adversários políticos; tem em comum com o Tradicionalismo a pulsão pela destruição; e tem um viés fascista, no sentido que, enquanto não é uma ditadura, se utiliza de nacionalismo eivado de religião, de desinformação,

de anti-intelectualismo, do louvor à violência, do apelo ao temor de segurança e das ansiedades sexuais do eleitorado mais conservador.

Ao longo do restante do trabalho, serão expostos os resultados da pesquisa empírica que embasaram junto com a discussão bibliográfica o conceito de bolsonarismo adotado dentro do escopo deste trabalho. No próximo capítulo, serão explorados em maiores detalhes os eventos que fundamentaram a formação política dos cabos eleitorais do bolsonarismo, assim como os dados oriundos da etnografia em manifestações de direita no primeiro ano do governo. Nos capítulos seguintes, o trabalho irá descrever a degradação política, social e moral, respectivamente, que embasou a revolta dos bolsonaristas ao regime político pelo qual não se sentiam mais reconhecidos ou representados.

Capítulo 2 – Das redes para as ruas: a formação e atuação da militância bolsonarista

O ressurgimento da direita no Brasil não foi um acidente. Mais do que a candidatura de Bolsonaro, diversos fatores contribuíram para a sua eleição. E por mais que a direita tenha se unido em torno de Bolsonaro, ela se mostrou mais múltipla do que um primeiro olhar revela. Este capítulo tratará dos principais processos e eventos que formaram e fundamentaram o ativismo da direita bolsonarista na última década.

A princípio, discutiremos brevemente a ideia de “nova direita”. Usaremos este conceito, tanto utilizado para descrever esse fenômeno contemporâneo, para relacioná-lo à direita bolsonarista, demonstrando que apesar dos novos atores políticos, o bolsonarismo ainda representa valores de uma velha direita no Brasil. A partir dessa discussão, descreveremos os principais fenômenos que influenciaram o ativismo da direita bolsonarista: o surgimento das redes de direita na Internet; as Jornadas de Junho de 2013, e a Operação Lava Jato.

Em seguida, descreveremos um perfil geral da direita bolsonarista que entrevistamos assim como uma breve impressão dos bairros visitados. Com base no seu perfil socioeconômico, explicaremos por que os consideramos como indivíduos majoritariamente de classe média. Além disso, daremos detalhes adicionais sobre o que os caracteriza e a sua relação com a região.

Posteriormente, já com o início do governo Bolsonaro, apresentaremos achados da etnografia realizada em manifestações de direita ao longo do ano de 2019, o seu primeiro ano de governo. Analisaremos a dinâmica dessas manifestações e os grupos envolvidos, assim como descrições das falas e pautas encontradas enquanto se observava os atos. Destacaremos a multiplicidade da direita, dividida fundamentalmente em dois campos, que chamamos de bolsonarista e lavajatista

A seção seguinte do capítulo se dedicará ao racha que se formou entre essas direitas ao longo do começo do governo Bolsonaro. Apesar de unidas a princípio, principalmente pela eleição de Bolsonaro, esses campos políticos, representados por seus principais símbolos – Jair Bolsonaro e Sergio Moro, respectivamente – foram acumulando conflitos até o seu rompimento; primeiro nas ruas, o que seria um prenúncio da saída de Moro do governo em 2020. Analisaremos, assim, o impacto desse racha entre os entrevistados da pesquisa.

2.1. A “nova velha direita”: das redes sociais à eleição de Bolsonaro

Quando analisamos a bibliografia que trata dos eventos políticos que ocorreram nos últimos anos, é comum encontrar o conceito de “nova direita” (CODATO, BOLOGNESI & ROEDER, 2015; ROCHA, 2018; CASIMIRO, 2018; MESSENERG, 2019; entre outros). O conceito não encontra consenso, com diferentes autores fornecendo diferentes perspectivas sobre o fenômeno. De certo, apenas que o termo retomou protagonismo desde que Pierucci (1987) o cunhou.

A “nova direita” então aparece em diferentes roupagens. Casimiro (2018) utiliza o termo ainda na linhagem de Pierucci (1987), sobre os atores novos da direita brasileira desde a redemocratização; Codato, Bolognesi e Roeder (2015) usam o termo para endereçar novos atores da direita – não só no Brasil, mas também na América Latina – que aceitam incluir algumas políticas sociais promovidas pela esquerda, ao mesmo tempo em que buscam se desvincular da memória dos regimes militares ditatoriais associados à velha direita nesses países; enquanto Rocha (2018) e Messenberg (2019) usam o termo de forma mais ampla para se referir a novos atores políticos da direita que ganharam protagonismo nos últimos anos em contrapartida aos grupos e partidos tradicionais das décadas anteriores desde a redemocratização. De um modo ou de outro, o que todos concordam é com o surgimento de novos atores de direita que começaram a ter influência e participação no processo político.

De fato, uma gama de novos grupos, movimentos e partidos políticos de direita emergiu no cenário político brasileiro. Eles protagonizaram o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, encerrando o longo ciclo de 13 anos do Partido dos Trabalhadores à frente da Presidência da República, e culminaram na eleição de Jair Bolsonaro como presidente em 2018. Além de derrotar a esquerda, esses novos atores políticos alijam, em grande parte, a direita tradicional brasileira (entre eles, o PSDB), que se encontra enfraquecida após perder lugar para esses novos participantes do jogo político.

Mesmo assim, como demonstramos no capítulo anterior, a direita que se mobilizou e cuja atuação culminou na eleição de Bolsonaro tem evidências de suas origens a uma direita mais antiga – como a do janismo e do malufismo – e até de raízes anteriores a esses, aderindo ao militarismo e ao autoritarismo (como o capítulo seguinte irá demonstrar). Portanto, se é inegável o surgimento de novos atores na política brasileira, trazendo temas inovadores, como

o ultraliberalismo relatado por Rocha (2018), o conservadorismo moral não é exatamente uma novidade, como Pierucci (1999) bem destaca, atualizando-se apenas para as pautas morais deste momento histórico, já que a oposição a políticas redistributivas e a defesa da meritocracia também não representam valores novos. Por fim, a luta contra a corrupção é uma marca histórica e tradicional da direita, ainda mais no Brasil, como demonstramos anteriormente ao citar candidatos históricos da direita como Jânio Quadros e Fernando Collor. Deste modo, a direita, entre novos atores, retorna às suas bases com o bolsonarismo e resgata valores antes sublimados. A direita bolsonarista emerge então como uma “nova velha direita”. Ela envolve novos atores, com algumas propostas praticamente inéditas na direita brasileira – como o ultraliberalismo – mas algumas das mesmas velhas ideias de sempre, repaginadas em um novo momento histórico.

Todavia, entre novos grupos e velhas ideias, alguma forma de conflito seria inevitável. Como veremos posteriormente neste capítulo, a direita que possibilitou e atuou pela eleição de Bolsonaro era múltipla, e por mais que tivessem muitas semelhanças e pautas em comum, algumas diferenças foram se tornando irreconciliáveis com o tempo. A despeito disso, essas diferentes direitas foram influenciadas pelos mesmos eventos e processos, o que tornou a sua união natural quando surgiu um candidato de direita competitivo como Bolsonaro.

Assim, identificamos três desses processos ou eventos que foram os mais importantes e tiveram um grande impacto na formação política dos entrevistados. Eles foram o surgimento de novos atores na direita, com novos grupos e agentes políticos articulados principalmente pelas redes na Internet; as Jornadas de Junho de 2013; e a Operação Lava Jato. Por conseguinte, analisaremos esses fenômenos e a influência que tiveram na formação política e ideológica desses militantes de direita de modo que os levaram a apoiar Bolsonaro posteriormente em 2018.

2.1.1. A nova direita e as redes

Com o fim do regime militar e a política brasileira caminhando na direção de se polarizar entre PT e PSDB, havia um movimento incipiente de direita nos bastidores. Como o trabalho de Camila Rocha (2018) aponta, distante da política institucional e da ideia de uma “direita envergonhada”, grupos e indivíduos começavam a se articular, trocar informações, estudar

autores de direita e, eventualmente, se unir em projetos em comum. Aos poucos, eles ganhariam espaço e notoriedade, tendo um importante impacto nos rumos da política.

No Brasil, não é possível falar em nova direita sem falar primeiramente de Olavo de Carvalho. O chamado “guru” da família Bolsonaro foi, por muito tempo, uma voz aparentemente solitária na direita brasileira. Como Teitelbaum (2020) detalha, os interesses de Olavo inicialmente eram mais na área do esoterismo, chegando a ler e escrever de forma extensa sobre a área e até a lecionar um curso de astrologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Olavo atingiu a fama, no entanto, escrevendo sobre política.

Rocha (2018) destaca que Olavo, trabalhando como jornalista e buscando se apresentar como crítico cultural, teve dificuldades de seguir escrevendo em grandes jornais devido à sua linguagem agressiva e repleta de ofensas e xingamentos. Em 1996 e 1998, ele lança os dois volumes do livro “O Imbecil Coletivo”, no qual desferiu críticas ácidas aos intelectuais e acadêmicos no Brasil. Mesmo assim, seu alcance ainda seria limitado, o que mudaria com o uso ostensivo da internet.

Ainda de acordo com a autora, Olavo cria em 2002 o site “Mídia sem Máscara” para expor textos seus e de outros autores de direita. Textos seus denunciando os planos do Foro de São Paulo – uma teoria de conspiração de que havia um plano articulado entre partidos e movimentos de esquerda no continente para instaurar o comunismo na região – ou de que a esquerda brasileira havia implementado uma estratégia de hegemonia gramsciana – tornando-se soberana nos espaços universitários e culturais para dominar a difusão de conhecimento e doutrinar a sociedade com o intuito de realizar uma revolução comunista – foram ganhando popularidade nas redes. Em 2004, Olavo de Carvalho ganha comunidades dedicadas a sua pessoa e suas ideias no Orkut, rede social que ganharia grande popularidade no Brasil, de modo que já em 2005, 75% dos usuários da rede seriam brasileiros (FRAGOSO, 2006). Ao mesmo tempo que Olavo de Carvalho ministra cursos e vai ganhando mais seguidores, ele vai também conquistando cada vez maior popularidade. Em 2013, Olavo lança o livro “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota”, que se torna um grande sucesso de vendas. Com a eleição de Bolsonaro em 2018, de acordo com Teitelbaum (2020), o astrólogo e filósofo teria sido convidado a fazer parte do governo como ministro da Educação, o que ele recusa, mas, ainda assim, realiza indicações de dois de seus discípulos, Ricardo Vélez Rodríguez e Ernesto Araújo, para os ministérios da Educação e Relações Exteriores, respectivamente. No dia 1º de maio de 2019, ele receberia de Bolsonaro a Ordem de Rio Branco, a mais alta honraria diplomática do

Brasil. Olavo de Carvalho ainda teria relevante influência nos bastidores do governo Bolsonaro; todavia, ele faleceria no dia 24 de janeiro de 2022, aos 74 anos, poucos dias após a confirmação de que havia se contaminado com Covid-19 (FOLHA DE S. PAULO, 2022a).

O papel de Olavo de Carvalho para a nova direita brasileira não pode ser subestimado. Entretanto, mais do que uma referência para os militantes bolsonaristas, ele foi alguém que ajudaria a formar algumas bases que levariam, eventualmente, ao bolsonarismo. Na verdade, muitos dos bolsonaristas conheciam pouco sobre ele, mais o seu nome do que qualquer outra coisa, enquanto poucos realmente afirmavam acompanhar suas ideias de modo mais próximo.

Gosto (do Olavo de Carvalho), acompanho ele também [...] acompanho mais aqui no Twitter. Tenho ele no Twitter e também aqui no Instagram. [...] Acho ele realmente uma pessoa muito extraordinária, inteligente. Realmente influenciou muita gente e ele fala muita coisa, e ele tem razão mesmo (Sindoval, 55 anos, electricista – morador da Vila Guilherme).

- *Você gosta do Olavo de Carvalho, né?*

- Sim.

- *E o que você acha dele?*

- Eu acho que é... incompreendido (*risos*). Eu acho que ele é uma pessoa muito inteligente e que ele tem muito a oferecer, ele contribuiu muito para... a escalada da *direita* no nosso país, ele foi um dos únicos, inclusive, no tempo dele em que ele bateu na mesa e trouxe o contraditório, sabe? Em um momento que era unanimidade [...] ele levantou sozinho para dar a cara a tapa, sabe? Eu acho que ele tem um valor muito grande para o país e para a gente. [...] Eu acho que ele... ele é tipo um “Leandro Karnal da vida” [...] É um conselheiro. [...] Ele não influencia diretamente. Ele é um... livro para consulta, sabe? Ali tem a nossa teoria, ali tem a base para a gente estar embasado, para a gente, é... para gente seguir. (Murilo, 33 anos, adestrador de cães – morador do Tatuapé).

- *O Olavo de Carvalho você conhece? Você acompanha?*

- Conheço, é um doidão (*risos*). Ele fala muita coisa proveitosa e muita coisa que é desnecessária também. Não dá para [...] tem algumas coisas que ele fala (que) eu concordo, e outras nem tanto... às vezes, eu acho que ele viaja na batatinha também (*risos*). (Diana, 50 anos, policial militar – moradora do Tucuruvi).

Olavo de Carvalho talvez tenha sido o mais famoso, mas não é o único protagonista dessa nova direita. Como Rocha (2018) pontua, os anos entre 2006 e 2015 testemunharam a formação do que a autora chama de “contra-públicos” na esfera digital; ou seja, públicos alternativos marginalizados da esfera pública discutindo temas em conflito com o horizonte cultural dominante. Temas como o livre-mercado, privatizações de empresas públicas, privatização de serviços como educação e saúde, entre outras pautas liberais, inspirados por autores como Ludwig von Mises, Friedrich von Hayek, entre outros, são discutidos nesses grupos, o que levou a cientista política a chamá-los de “ultraliberais”.

Assim como Olavo, grupos e indivíduos da nova direita se mobilizaram inicialmente pela rede social Orkut. Nomes mais conhecidos hoje dessa nova direita, como Rodrigo

Constantino e Flávio Morgenstern, por exemplo, já debatiam e divulgavam suas ideias naquela rede, atingindo um público cada vez mais amplo, especialmente de jovens. Os temas não se limitavam às pautas liberais, mas também envolviam o conservadorismo, assim como ideias de intervenção militar e revisionismo histórico.

Da interação inicial nas redes sociais, Rocha (2018) ressalta que surgiram as primeiras formas de institucionalização, com a criação de institutos para promover o pensamento liberal, como o Instituto Millenium (2006) e o Instituto Mises Brasil (2007). Também há a iniciativa de circular ideias pró-mercado nos ambientes universitários, proporcionada pela criação em 2009 do Estudantes Pela Liberdade, inspirada pela *Students for Liberty*, nos EUA. Também surgiram as primeiras tentativas de formar partidos políticos, como o Partido Libertário (Líber) em 2007, de ideologia ultraliberal, e, eventualmente o Partido Novo (2015) e a criação da tendência LIVRES (2015) no PSL, embora apenas o Novo tenha obtido mais sucesso e destaque.

Outros personagens ganhariam crescente destaque no período e ainda posteriormente. Além de Constantino e Morgenstern, já mencionados, Kim Kataguri, Fernando Holiday e Arthur do Val (vulgo Mamãe Falei), que fariam parte do Movimento Brasil Livre (MBL), fundado durante as Jornadas de Junho de 2013; Marcello Reis, fundador do Revoltados On Line; Leandro Narloch, com sua série de livros “Guia do Politicamente Incorreto”; Nando Moura; Caio Coppolla; Sara Winter; Bárbara, do canal Te Atualizei; entre tantos outros. Além de figuras como Joice Hasselmann, Carla Zambelli, Bia Kicis, e outras, que se tornaram deputadas federais na onda que elegeu Bolsonaro. Assim, criou-se um grande ecossistema de influenciadores de direita, e todos, em maior ou menor escala, cresceram em público e em alcance utilizando as redes sociais, sendo conhecidos pelo público bolsonarista e servindo, muitas vezes, como grande fonte de informação.

- *E por que você gosta deles dois (Kim Kataguri e Arthur do Val)?*

- Eles são inteligentes, eles passam a informação correta. Tanto que a informação que eu tenho ouvido, eu sempre vou pesquisar, não confio cegamente assim em alguém. Informação que eu tenho dúvida eu pesquiso, e eles dão as informações deles, criticam o Governo também, eles não são... fizeram campanha para o Bolsonaro, mas... têm a posição deles, criticam o Governo quando tem que criticar. Eles não são radicais, sabe? (Vitor, 25 anos, desempregado e trabalhador autônomo – morador do Tucuruvi).

(*Sobre Youtubers*) Tem o Felipe Lintz, do Jacaré de Tanga, tem o Diogo Rox, tem o Mauro Fagundes, tem a Paula Marisa, que é seguidora do Olavo de Carvalho, tem a Bárbara (do “Te Atualizei”), tem... são muitos, são vários (que acompanho). (Neusa, 53 anos, funcionária pública aposentada – moradora do Tucuruvi).

Se a nova direita foi ocupando cada vez mais espaço nas redes, um evento representou um marco: as Jornadas de Junho de 2013. O que começou com manifestações puxadas por grupos de esquerda pela redução das tarifas de transporte público acabou balançando as estruturas do governo Dilma Rousseff. Ademais, a confusão impulsionou e abriu espaço para grupos de direita que se tornariam protagonistas na disputa política dos anos seguintes.

2.1.2. As Jornadas de Junho de 2013

As Jornadas de Junho de 2013 foram manifestações de rua que remetem à memória e às decorrências políticas de Maio de 1968, na França. Apesar de não haver nada extraordinário que o diferenciasse de um ano qualquer, uma greve estudantil em Paris logo cresceu em proporções e eclodiu revoltas em diferentes países ao redor do mundo. Kurlansky (2004) assim definiu:

Único em 1968 foi o fato de que as pessoas rebelaram-se em torno de questões disparatadas e tiveram em comum apenas seu desejo de se rebelar, suas idéias sobre como fazer isso, uma sensação de alienação da ordem estabelecida e um profundo desagrado pelo autoritarismo, sob qualquer forma. Onde havia comunismo, rebelaram-se contra o comunismo; onde havia capitalismo, voltaram-se contra isso. Os rebeldes rejeitaram a maioria das instituições, dos líderes políticos e dos partidos políticos (KURLANSKY, 2004: p. 13-4).

Katsiaficas (1987) considera 1968 como o ápice da ascensão do que ele chama de uma “Nova Esquerda”. Ele descreve essa Nova Esquerda em cinco características: a oposição à dominação racial, política e patriarcal assim como à exploração econômica; um conceito de liberdade não apenas como liberdade de privação material, mas também a liberdade para estabelecer novos seres humanos; a extensão do processo democrático e a expansão dos direitos do indivíduo; uma base expandida da revolução (indo além do proletariado); e uma ênfase em ações diretas.

No Brasil, de fato, Junho de 2013 demonstrou muitas semelhanças com Maio de 1968, na França. Foram atos espontâneos, sem serem convocados pela esquerda tradicional (e, inclusive, agindo em oposição a ela); encontraram forte repressão do governo; o número de pautas se expandiu e diluiu o foco das manifestações à medida que elas foram crescendo; apesar de alcançarem uma enorme escala, não almejavam a tomada do poder; foi puxada majoritariamente por jovens e estudantes, conquistando a adesão de outros setores conforme as

manifestações cresciam; e revelavam também um forte desprezo por diferentes formas de autoridade.

Assim como em 1968, também, o contexto não era nada extraordinário, pelo contrário. O país estava sem maiores problemas aparentes; a presidente Dilma Rousseff gozava de boa popularidade; a economia crescia; o desemprego era baixo; e o país vinha de uma década de avanços sociais que possibilitou a saída de milhões de brasileiros da pobreza, adquirindo um novo padrão de consumo. Entretanto, havia “problemas no Paraíso”, como Žižek (2013) destaca. A aparente tranquilidade mascarava alguns problemas mais profundos: os serviços públicos continuavam de baixa qualidade; a dificuldade de locomoção na cidade e a desigualdade na oferta de serviços entre centro e periferias; a inflação de alguns itens e serviços apertavam o bolso da população; a violência urbana seguia alta; os altos gastos realizados com a organização da Copa do Mundo (e, posteriormente, os Jogos Olímpicos); e o sistema político carecia cada vez mais de legitimidade conforme denúncias de corrupção seguiam aparecendo e a sociedade se sentisse progressivamente mais distante dos eventos em Brasília.

A fagulha seriam vinte centavos. Mais especificamente, a alta das tarifas de ônibus na cidade de São Paulo. Mas não seriam só vinte centavos. Não era a primeira vez que o Movimento Passe Livre (MPL) convocava manifestações, sobretudo contra o aumento de tarifas. E não era a primeira vez que eles enfrentavam a forte repressão da polícia. Porém, assim como 1968 tinha a popularização da televisão como fator que permitia informar o público de uma forma diferente e contribuía para a divulgação dos protestos, 2013 também se aproveitava da popularização de outro meio de comunicação mais recente – a Internet. Conforme a mídia menosprezava os manifestantes, taxando-os de “vândalos” para mobilizar a opinião pública contra eles, a Internet permitia revelar outra face dos protestos, que mostrava manifestantes pacíficos sendo duramente reprimidos pela Polícia Militar.

No dia 13 de junho de 2013, ocorreria o último ato com a liderança assegurada do MPL. A manifestação pouco pôde avançar e sofreu brutal repressão da polícia. Alguns manifestantes foram detidos – todos sem passagem anterior pela polícia – e uma jovem jornalista da *Folha de S. Paulo* ficou ferida na região ocular. As imagens da violência policial e do rosto ferido da jornalista se espalharam rapidamente pela Internet, ocasionando um recorde de tuítes sobre as manifestações (MORAES *et al*, 2014). Apesar da insistência da mídia tradicional em tratar os manifestantes como vândalos, a opinião pública passou a apoiá-los fortemente. Um novo ato seria marcado para a segunda-feira, 17 de junho. Pautas das mais diversas se juntaram aos atos,

como os protestos contra a “cura gay”, contra a PEC 37, uma Proposta de Emenda Constitucional que retiraria o poder de investigação criminal de órgãos como o Ministério Público; chamados por uma reforma política; entre tantos outros e, é claro, a redução das tarifas de ônibus. Dezenas (ou centenas) de milhares de manifestantes saíram às ruas pelo país, e as manifestações saíram do controle.

De repente, os atos se tornaram diários, e se espalharam por todo o Brasil. Não havia mais necessidade de quem os convocassem. Militantes de partidos entraram tardiamente nos atos, e sofreram represálias de manifestantes mais à direita, que não queriam partidos “se aproveitando” dos atos, derrubando suas bandeiras e expulsando os partidários sob aplausos dos espectadores. Sem direção, as pautas se dispersavam, e os manifestantes concordavam em poucas coisas, como os pedidos por “sem violência”, entoações do hino nacional e bandeiras do Brasil. Ao contrário de Maio de 1968, não havia uma aversão ao consumismo, e alguns dos lemas das manifestações, como o “Vem Pra Rua”, provinham diretamente de slogans de chamadas publicitárias, aproveitando a proximidade com a Copa das Confederações que seria realizada no país. Também embalados pela proximidade da Copa do Mundo a ser realizada no Brasil, os manifestantes exigiam serviços públicos de qualidade, declamados sarcasticamente de “Padrão FIFA”.

Assim como em 1968, Junho representou uma catarse de ideias e sonhos reprimidos. Como Pinheiro-Machado (2019) denota, as Jornadas de Junho irromperam de uma continuidade histórica dos protestos pelo transporte público no Brasil e de lutas anarquistas e autonomistas ao redor do mundo – como os protestos concomitantes do Parque Gezi na Turquia. Por mais que os problemas suscitados fossem reais, havia, na busca por soluções, um aspecto de “utopia” trazido por Junho, como ressalta Paulo Arantes (2014), o que foi importante para o seu sucesso. A chamada era pela queda das tarifas, mas a luta do MPL era pela Tarifa Zero. Uma utopia que, embora fosse plausível, soava impossível, e foi o envolvente o bastante para mobilizar corações e mentes.

Em toda a sua utopia de um outro mundo possível, também como em 1968, não havia um objetivo de tomar o poder. Apesar da cena icônica de manifestantes ocupando o topo do Congresso Nacional, não havia uma estratégia para derrubar o governo, muito menos para fazer uma revolução. Mesmo assim, chamados por “Fora, Dilma” foram aparecendo aos poucos conforme os atos saíram do controle e o MPL não conseguia mais ditar os rumos das manifestações. No dia 19 de junho, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, e o prefeito,

Fernando Haddad, anunciaram em conjunto a redução das tarifas. Em seguida, o MPL anunciou sua retirada dos atos, afirmando ter cumprido seu objetivo e, de acordo com um integrante, alertando que militantes de extrema-direita queriam “dar ares fascistas a esse movimento” (AZAREDO & NOVAES, 2013). A saída do MPL não seria bem recebida pelos manifestantes, muitos dos quais foram às redes sociais para acusá-los de abandonar os que ainda estavam nas ruas e chamá-los de “traidores”.

Junho também não seria bem digerido pela esquerda tradicional, ou pelo menos pelo *establishment* petista. Em artigo para a revista *Piauí*, Fernando Haddad (2017), prefeito de São Paulo quando as Jornadas de Junho aconteceram e candidato a presidente em 2018 pelo PT, atribuiu a eclosão das manifestações a um ressentimento da classe média com a ascensão social efetivada pela classe trabalhadora, e classificou Junho como o “estopim” para o futuro impeachment da presidente Dilma Rousseff. E, de fato, a popularidade da mandatária petista despencou após os eventos de Junho, e só se recuperaria com as eleições de 2014. Mas, mesmo que o último ponto esteja correto, o embate entre “velha esquerda” e “nova esquerda” revela as dificuldades da primeira de aceitar a segunda como válida e, principalmente, a incapacidade da esquerda tradicional de oferecer saídas para a crise política, institucional e moral na qual o país se afundou.

O impacto mais claro das Jornadas de Junho foi o de impulsionar diferentes lutas e movimentos, recolocando as ruas como palco de disputa política na sociedade brasileira. Como Moraes, Tarin e Tible (2015) atestam, Junho de 2013 “reforçou uma série de iniciativas que já existiam e levou a uma proliferação de ocupações, greves e, também, de pequenos coletivos e uma miríade de grupos, em suas diferenças, conexões e contradições”, ao mesmo tempo que deixou “um processo em aberto, que gerou um novo ‘campo do possível’ no que se refere às lutas, em sintonia com as revoltas globais (MORAES, TARIN & TIBLE, 2015: p. 17).

Porém, o impacto das Jornadas de Junho foi ainda além, estabelecendo as condições para outros eventos importantes nos anos posteriores. Destacam-se, entre outros, o forte aumento no número de greves a partir de 2013, acirrando o conflito entre a classe trabalhadora e os empresários (BRAGA, 2016); o movimento de estudantes secundaristas de 2015 (ver mais em BARROS, 2017); as manifestações de “verde-amarelos” ou “coxinhas” pelo impeachment de Dilma Rousseff entre 2015 e 2016; a greve de caminhoneiros que parou o país em maio de 2018 em protesto contra – entre outras questões – os reajustes frequentes dos preços dos combustíveis; e a marcha feminista do #EleNão, um protesto durante as eleições de 2018 contra

a candidatura de Jair Bolsonaro, que testemunhou o maior ato protagonizado por mulheres na história do país. Seria difícil de imaginar todos esses eventos sem Junho de 2013 ter ocorrido antes.

Todo esse processo cujo estopim foi as Jornadas de Junho representa uma crise muito maior. Na visão de Vladimir Safatle (2015), a Nova República, iniciada em 1985 com o fim da ditadura militar, havia morrido. Um sistema herdado do regime militar, que nunca puniu seus torturadores e algozes e que manteve estruturas e grupos políticos intactos, estava fadado ao fracasso. Junho de 2013 poderia ter sido a bala de prata, o golpe necessário para revelar toda a falta de legitimidade do sistema político. Faltava, todavia, enterrar o defunto.

A reação do sistema político foi brutal, na tentativa de sobreviver. Nisso, fez de vítima a presidente Dilma, que ousou enfrentar o (P)MDB, partido que é a cara e a essência do sistema político. Michel Temer, seu vice, assumiu o poder. Mas a questão permanecia igual: estaria a Nova República morta? Restaria, portanto, algo nascer no lugar para substituí-la. Como Antonio Gramsci alertou em seus *Cadernos do Cárcere*, contudo, “a crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo não pode nascer; nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparecem” (GRAMSCI, 1971: p. 276). E eles apareceram.

Com a saída do Movimento Passe Livre das ruas, que continuavam cheias de pessoas dispostas a se manifestar, e uma crise institucional que abalava a popularidade de governos em diferentes esferas e regiões, abriu-se uma disputa pelos rumos de novos atos e pelos corações de uma população que havia redescoberto a rua como palco político. A esquerda tradicional, atrelada a partidos políticos e sindicatos, via com desconfiança os atos que questionavam tudo e todos (e a aversão de parte significativa dos manifestantes com relação aos partidos e sindicatos era mútua). A esquerda mais nova carecia de direção, e como o MPL foi incapaz de fornecer uma, nenhum outro movimento ou coletivo de esquerda assumiu essa posição. Esse vazio abriu espaço para novos atores à direita – que já se articulavam nos últimos anos – entrarem em cena, contestando a hegemonia que a esquerda mantinha eleitoralmente e nas ruas.

Como Singer atesta, Junho foi o encontro entre “uma esquerda extrapetista em busca de conectar-se com a ‘inquietação’ da nova classe trabalhadora [...] e uma classe média tradicional cansada do ‘populismo’ do PT” (SINGER, 2018: p. 99). Com a saída da esquerda das ruas, restou essa classe média suscetível aos discursos da nova direita. Como mencionado anteriormente, e Frydagh e Rocha (2018) relatam, desde 2007, havia uma direita liberal e conservadora se articulando pelas redes sociais. Desde os tempos do Orkut, antes de grande

parte dos brasileiros migrarem para o Facebook, grupos de direita se articulavam em comunidades discutindo temas e propostas para o avanço de suas ideias no Brasil. Assim, a presença da direita nas Jornadas de Junho de 2013 não foi algo que surgiu do nada.

Em 2010, Marcello Reis, um empresário de 40 anos e entusiasta de uma intervenção militar, criou o Revoltados Online, uma página conservadora e altamente crítica dos governos do PT. Como Frydagh e Rocha (2018) demonstram, Marcello iniciou a página sem uma direção clara, e ele e sua equipe tratavam de diferentes tópicos, desde violência contra a mulher até corrupção. Já em 2011, no auge do lulismo e depois que Lula saiu da presidência com cerca de 80% de popularidade, Marcello Reis se juntaria a um grupo de 500 pessoas para protestar na Av. Paulista contra a corrupção e contra o governo petista.

Em 2013, o contexto era bem diferente. Marcello Reis, assim como outros expoentes da direita liberal e conservadora, também saíram às ruas. O efervescer das manifestações atraiu diferentes grupos de direita que puderam estabelecer contato uns com os outros. Renan Santos, junto a Fabio Ostermann, iniciariam os contatos que formaria o Movimento Brasil Livre (ou MBL, uma corruptela esperta do Movimento Passe Livre) enquanto Rodrigo Chequer e outros ativistas formariam o VemPraRua (também se aproveitando dos slogans de Junho), ambos em 2014.

Em 2014, ano de eleições presidenciais, outro fato se destacou na militância da nova direita: a campanha de Paulo Batista para deputado estadual. Em uma campanha irreverente, repleta de memes e vídeos engraçados pregando o “Raio Privatizador”, o candidato liberal conseguiu ser um sucesso na Internet, apesar de não ter conseguido se eleger. Mesmo assim, a popularidade de sua campanha serviria como referência para mais ações dessa nova direita. Como Frydagh e Rocha (2018) narram, Kim Kataguirí, então administrador de uma página do Facebook chamada “Liberalismo da Zoeira”, ajudou em sua campanha e se tornaria um dos principais rostos do MBL.

Assim, os três grupos – Revoltados Online, Movimento Brasil Livre e VemPraRua – teriam papel fundamental nas manifestações de rua dos próximos anos. Após a apertada vitória de Dilma Rousseff para sua reeleição como presidente, e aproveitando-se das revelações sobre casos de corrupção com a Operação Lava Jato, os três grupos convocaram manifestações, no dia 1º de novembro e depois no dia 15, com moderado sucesso. Porém, no dia 15 de março, os três grupos conquistaram sucesso organizando sua primeira grande manifestação de massa contra o governo Dilma. Outro ato, embora menor foi organizado depois para o dia 12 de abril,

quando o MBL anunciou a sua “Marcha para a Liberdade”, uma caminhada de São Paulo a Brasília com o objetivo de exigir do presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, o impeachment da presidente Dilma. Mais protestos foram convocados nos dias 16 de agosto, 13 de dezembro e, enfim, 13 de março de 2016, reunindo 500 mil pessoas na Av. Paulista, uma das maiores manifestações políticas na história do país (FOLHA DE S. PAULO, 2016).

Além de ter impulsionado a nova direita a se institucionalizar e ganhar protagonismo político, as Jornadas de Junho foram um momento de despertar político para muitos futuros bolsonaristas. De forma consciente ou não, os eventos de junho de 2013 estimularam esse eleitorado a ler, ouvir e se informar mais sobre política. E essa politização os levou para a direita.

Esse meu lado mais político despertou quando eu perdi a minha mãe. Minha mãe faleceu em 2010 e minha mãe era (empregada) doméstica e ela trabalhou a vida inteira, literalmente. Ela saiu de férias, ficou doente e faleceu... isso em 2010. Quando eu perdi a minha mãe, eu fiquei meio que "sem chão" e eu comecei a buscar mais "saber das coisas" com um pouco mais de atenção, vamos dizer assim. Porque, se eu paro para pensar, hoje em dia... por exemplo, se você me perguntar sobre política de 2013 até agora, eu consigo te dar um resumo, mas, antes disso, eu praticamente estava "fora do ar". Então, eu acredito que depois, mais ou menos disso, que eu tive um despertar para a realidade, né? E eu acredito que a maioria das pessoas são assim; as pessoas estão tão ligadas e concentradas nas suas próprias vidas, que elas não se atentam, de verdade, para o que está acontecendo com o sistema, com a nossa política... enfim, as pessoas acabam não tendo a consciência de que a política é realmente importante. É... a política é... é um aspecto da nossa vida e influencia diretamente na nossa vida. E antes de... hoje em dia, me considero conservador, mas eu comecei essa jornada toda sendo de *esquerda*. Eu comecei a fazer parte de movimentos de centro-esquerda, que era o *Anonymous*, onde a gente fazia manifestações... era... numericamente insignificante. Era uma molecada que pegava uns cartazes e ia, tipo, para frente da (Rede) Globo ou, então, ia para a (Avenida) Paulista e fazia um burburinho lá, mas nada muito significativo. Até que vieram as manifestações de 2013, onde o conceito de “manifestação popular” realmente veio à tona, de novo. E aí, o país viu que a população podia ter voz, né? E que foi tomando uma proporção de tal forma que... chegou ao ponto que o governo ter que dar atenção e até cedeu em alguns pontos, cedeu algumas pautas, algumas que vieram repercutir até certo tempo aí, como a Reforma Política, que na realidade não acontece e não aconteceu, e que, provavelmente, vai demorar muito até acontecer... e eu acho que é isso. Depois que passei a participar dessas manifestações, e eu passei a observar o que acontece na política, eu passei a observar o que acontece na mídia, eu tive um estalo e eu comecei a entender as peças que eles manipulam, as peças que estão em jogo, entendeu? Teve uma das manifestações... foi uma das últimas, inclusive, que eu nunca me identifiquei com o *modus operandi* da esquerda, que sempre foi o mesmo: se reúne, faz o barulho e quebra-quebra no final, né? E eu, com meu grupo, a gente tentava fazer o oposto; tanto que teve em uma das últimas manifestações, onde no final da manifestação, o pessoal veio do começo da Paulista, da (estação) Brigadeiro até a Consolação, derrubando todos os cestos de lixo – e que nem são mais, era um quadradão de concreto assim, e os caras viravam, né? Eles até tiraram e agora são só... aquelas 'gradezinhas' - mas aí, estava eu e meu grupo, e a gente... ao mesmo tempo que o pessoal veio derrubando, a gente veio atrás levantando; e aí, teve um fotógrafo que tirou foto de mim, levantando a lixeira e quando cheguei em casa, aquela foto tinha saído no (site) UOL (risos) e o cara falou assim: “Manifestantes depredando a Avenida Paulista.” Nossa, eu fiquei muito puto naquela... Aquele momento, eu acho que foi crucial para eu ver o quanto a gente é manipulado. A gente nunca se dá conta

das coisas até o momento que a gente é afetado diretamente, né? Então, o governo tem um objetivo e ele se utiliza de ferramentas sociais, na Comunicação, na Cultura para alcançar esses objetivos... e, eu acho que esses objetivos do governo e do Estado, eles têm pouco ou 'nada a ver' com o bem-estar da população, entendeu? Basicamente, é isso... essa é minha introdução na política (risos). (Murilo, 33 anos, adestrador de cães – morador do Tatuapé).

Se Junho de 2013 serviria para alguns entrevistados passarem a se informar mais sobre os acontecimentos políticos ou para amadurecer suas ideias e valores, ainda haveria mais um momento decisivo para a sua formação política. Um último elemento acabou servindo de “gota d’água” para muitos dos entrevistados: a Operação Lava Jato. O escândalo de corrupção seria o que faltava para abrir as portas ou consolidar a entrada de muitos de deles no bolsonarismo.

2.1.3. A Operação Lava Jato

A Lava Jato foi fruto de uma investigação que começou ainda em 2006 (LOPES & SEGALLA: 2016), investigando doleiros que usavam um posto de gasolina e um lava a jato para lavar dinheiro (por isso o seu nome). Mas o desenrolar das investigações acabou atingindo políticos, funcionários públicos e empresários, balançando as estruturas do mundo político, econômico e empresarial no Brasil. Após 6 anos, a Lava Jato totalizou “184 denúncias apresentadas, 181 ações penais e mais de 2 mil mandados de prisão e busca e apreensão expedidos na primeira instância em Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo” (LAGUNES; ODILLA & SVEJNAR: 2020, p. 18). Nenhuma operação teve resultados expressivos assim antes no Brasil, um país habituado à impunidade de políticos, empresários e poderosos em geral.

A princípio, a Lava Jato revelou um esquema de corrupção dentro da Petrobras, a maior empresa estatal brasileira, no qual indicações políticas para postos importantes da empresa realizavam contratos superfaturados e fraudes em licitações beneficiando diferentes empresas, em particular as maiores construtoras do país, que também eram importantes financiadoras de campanhas eleitorais. Grandes empresas como a Odebrecht, Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez, Braskem, OAS, UTC, entre tantas outras, estiveram envolvidas nos esquemas e assinaram acordos de leniência para mitigar sanções impostas. Somente a Odebrecht, entre 2004

e 2014, tinha cerca de 35 bilhões de reais em negócios apenas com a Petrobras, e a própria empresa admitiu ter pago propina a representantes de outros 11 países além do Brasil²⁶.

A Lava Jato atingiu políticos de mais de uma dezena de partidos políticos, incluindo todos os grandes partidos, como o PT, MDB e PSDB. A operação contribuiu para o clima político que levou ao impeachment de Dilma Rousseff; levou à prisão dois ex-presidentes – Lula e Michel Temer (ainda que este muito brevemente); o ex-governador do Rio de Janeiro, Sergio Cabral; o ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (que deu início ao processo de impeachment de Dilma); o ex-presidente do grupo Odebrecht, Marcelo Odebrecht; e outros ex-ministros, deputados, entre outras figuras públicas (BARAN, 2021). Mesmo Aécio Neves, então senador e candidato derrotado no 2º turno da eleição presidencial de 2014 contra Dilma, mesmo não sendo preso, acabou réu também na Lava Jato, e foi pego em um áudio vazado no qual sugere que o pagamento de R\$ 2 milhões pela JBS ao senador deveria ser entregue a alguém de confiança e que “tem que ser um que a gente mata ele antes de fazer delação” (ZERO HORA, 2018). Aécio seria inocentado das acusações em 2022 (RIBEIRO, 2022). E os efeitos não ficaram só no Brasil: no Peru, quatro presidentes foram considerados suspeitos de receber propina da Odebrecht, sendo que um se suicidou e outro renunciou ao mandato (PONCE DE LEÓN & GARCÍA AYALA: 2019).

Com a operação, alguns personagens foram elevados ao estrelato, sendo os principais Deltan Dallagnol, procurador federal que chefiou a força-tarefa da Lava Jato, e, em especial, Sergio Moro, o juiz que foi responsável pelo julgamento e condenação de muitos dos principais acusados, entre eles o ex-presidente Lula. Após a vitória de Bolsonaro em 2018, Moro ainda renunciou ao cargo de juiz e aceitou o convite para ocupar o posto de Ministro da Justiça e Segurança Pública no governo.

A Lava Jato foi louvada e criticada por diferentes analistas. Wanderley Guilherme dos Santos afirma que a Lava Jato, em conjunto com a imprensa, agiu em torno do interesse comum que era a “liquidação da legitimidade política do Partido dos Trabalhadores” (SANTOS, 2017: p. 181). Marcus Melo, por outro lado, exalta o desempenho da Justiça Federal, do Ministério Público e da Polícia Federal, ressaltando que, por meio da Lava Jato, essas instituições estariam promovendo a “melhor reforma política” ao promover uma “punição exemplar do financiamento eleitoral corrupto” (MELO, 2016). Apesar das divergentes opiniões a respeito das intenções e dos méritos da operação, Singer destaca que a judicialização da política era uma

²⁶ *Ibid.*

“tendência histórica”, o que tornava a Lava Jato “parte de um contexto global” (SINGER, 2018, p. 231).

A parcialidade da Lava Jato com relação ao PT foi tema de bastante controvérsia. Um dos episódios de maior repercussão foi a apresentação de *slides* em PowerPoint pela força-tarefa da Lava Jato, na qual Deltan Dallagnol aponta Lula como chefe de um esquema de corrupção. A apresentação – marcada pelo simplismo na forma e na substância – acabou virando piada nas redes sociais, gerando diversas caricaturas e *memes* (TRIBUNA PR, 2016). Após a eleição de Bolsonaro, a Lava Jato sofreria uma série de reveses. Em 2019, a operação foi atingida por revelações de mensagens que indicariam um conluio entre procuradores do Ministério Público com o então juiz Sérgio Moro, reveladas pelo portal *The Intercept Brasil*, em um escândalo que ficou conhecido como “Vaza Jato” (THE INTERCEPT BRASIL, 2020). As mensagens vazadas deram ainda mais força ao discurso de perseguição ao PT. Após o STF derrubar a possibilidade de prisão para condenados em segunda instância – alterando um entendimento adotado desde 2016 – Lula deixou a cadeia no dia 08 de novembro de 2019 para responder ao processo em liberdade (G1 PR, 2019). Em 2020, Bolsonaro declarou que teria acabado com a Lava Jato, pois não havia corrupção em seu governo (REUTERS, 2020b). Em abril de 2021, o STF anulou as condenações de Lula, alegando a incompetência da 13ª Vara Federal de Curitiba para julgar Lula (MILITÃO & LOPES, 2021). Em junho do mesmo ano, o STF também declarou a parcialidade de Moro na condução do processo contra Lula (TEIXEIRA, 2021). Em 2022, Moro ainda seria declarado parcial também pela ONU (MATOSO & LIMA, 2022). Dallagnol, por outro lado, seria condenado a indenizar Lula por dano moral causado pela apresentação de PowerPoint (HIRABAHASI, 2022).

A despeito dos eventuais reveses, a verdade é que o efeito que a Lava Jato teve no sistema político foi devastador. Se não bastasse o impeachment de Dilma, e as enormes manifestações de rua que o precederam, todos os grandes partidos foram implicados, consolidando a imagem que o sistema como um todo estava apodrecido. Para aqueles que se tornariam bolsonaristas, a Lava Jato deu a certeza de que era preciso uma mudança radical no país.

O PT, naturalmente, foi o partido mais abalado pela Operação. Além de ter seu principal líder – o ex-presidente Lula – preso, o partido deixou o poder após 4 vitórias consecutivas; e não por derrota nas eleições, mas por um impeachment controverso de Dilma Rousseff, que amargava baixa popularidade e pouco apoio no Congresso Nacional. Para alguns futuros

bolsonaristas que, naquela época, ainda votavam no PT, os desdobramentos da Lava Jato foram a “gota d’água” para abandonar o partido. Entretanto, até o PSDB foi atingido pelo mesmo sentimento.

- (Votei) duas vezes no Lula e uma vez na Dilma
 - *Na primeira vez da Dilma. E aí, por que deixou de votar?*
 - Não, por causa dos escândalos, né? Da Petrobras, essas coisas... a Lava Jato... (Nicolas, 38 anos, técnico de eletrotécnica e motorista de Uber – morador de Santana).

- Nas duas eleições da Dilma votei nela.
 - *E quando que foi a virada, que você, assim, mudou a sua opinião sobre o Lula e sobre o PT?*
 - Disso daí que a gente está vendo hoje, que veio à tona, provou-se um monte de coisas que foi roubado, disso, pra aquilo...
 - *Operação Lava Jato?*
 - Com a operação Lava-Jato, que veio à tona.
 - *Antes disso, não?*
 - Você não tinha nada provado, né? (Fernando, 49 anos, motorista de Uber e comerciante – morador da Vila Matilde).

- [...] Olha, eu me filiei ao PSDB, eu era bem jovem, bem jovem mesmo, e fiquei muitos anos lá, muitos... eu saí, mais ou menos, foi na época do impeachment da Dilma. Na época do impeachment da Dilma, eu saí do PSDB e fui para o PODEMOS.
 - *E por quê?*
 - Porque na verdade, eu não me identifiquei mais com o PSDB, assim, a questão do Aécio Neves... [...] eu ainda estava no PSDB quando houve e vazou ali um áudio do Aécio Neves falando uma coisa muito escabrosa, entendeu? “Ah! Olha, se fulano de tal delatar, a gente mata”. Não sei se você teve conhecimento desse áudio, mas foi o motivo, entendeu? Então, não tinha mais por que... na verdade, em 2014, eu fiz campanha para o Aécio, e aí, quando teve esse áudio, para mim, ele foi... a gota d’água, entendeu? Eu não posso estar em um partido que não expulsou uma pessoa que teve essa fala. Ali, pra mim, não tinha uma fala, tinha uma prática e quem fala aquilo, pratica, né? Então, eu saí do PSDB para o PODEMOS, por conta do Álvaro Dias. (Neusa, 53 anos, funcionária pública aposentada – moradora do Tucuruvi).

Seja abandonando o PT ou o PSDB, os entrevistados se desiludiram com os principais partidos da Nova República após os escândalos da Lava Jato. Já influenciados pela nova direita ativa nas redes e nas ruas, e insuflados pelo clima de manifestações com o ciclo iniciado pelas Jornadas de Junho, esse eleitorado encontrou em Bolsonaro uma alternativa política que respondia aos seus anseios e se mobilizou pela sua eleição. Todavia, a mobilização não cessaria em 2018. Restava ir atrás para conhecer quem eram os bolsonaristas que habitavam nos enclaves que outrora haviam sido janistas e malufistas.

2.2. A direita bolsonarista no bastião conservador de São Paulo

Em 2019, antes do início da pandemia de covid-19, as entrevistas da pesquisa foram realizadas majoritariamente nas residências dos entrevistados, percorrendo os diferentes bairros do início da Zona Leste subindo até a Zona Norte, o que permitiu conhecer melhor a “periferia histórica” de São Paulo, como Pierucci (1999) detalha; ou seja, antigos bairros de trabalhadores operários. São bairros tradicionais de classe média ou classe média baixa, dependendo de onde estiver, embora também fosse possível encontrar alguns extremos, como prédios de alto padrão e, também, áreas um pouco mais precárias, como ocorre tanto em grandes cidades pelo Brasil. Devido ao início da pandemia de covid-19 em março de 2020, o restante das entrevistas foi realizado por videochamada ou telefone. Embora elas tenham transcorrido em normalidade, e mesmo pedindo para que descrevessem suas residências, é verdade que se perdeu a chance de ver melhor como e onde moravam os entrevistados posteriores. Felizmente, cerca de metade das entrevistas já tinha sido realizada antes do início da pandemia, o que permitiu diversas andanças por esses bairros tradicionais de São Paulo.

Como eram bairros típicos de classe média, a grande maioria dos entrevistados se encaixava nesta definição. Assim como Pierucci (1988), consideramos a definição de classe de Bourdieu (1984), de que a classe social se define não somente pelo que as pessoas possuem, mas pelo que elas fazem, seus hábitos, cultura, e sua posição social. Além de ocuparem cargos típicos de classe média – como listamos no capítulo anterior – são indivíduos desprovidos de aspectos elitizantes. Os que possuem ensino superior completo completaram em instituições privadas, e não nas públicas, de maior renome. Poucos possuem pós-graduação, quase sempre *lato sensu*. Alguns possuem convênio de saúde; outros dependem do SUS. E mesmo considerando os rendimentos, embora pudéssemos encontrar extremos, desde gente que tinha renda familiar de 2 SM até um dos entrevistados com renda de até 40 SM, tanto a média quanto a mediana da renda dos entrevistados ficava na faixa entre 5 e 10 SM.

A região onde moravam também desempenhava um papel importante. Embora Bourdieu tenha dado pouca ênfase ao aspecto do local físico em si, já que pessoas de classes sociais distintas podem coabitar o mesmo espaço geográfico (BOURDIEU, 1989) – como ocorre tanto no Brasil – o bairro onde habitam tem uma dinâmica importante, ainda mais em uma cidade como São Paulo. Como o nome de um dos trabalhos de Pierucci (1988) ressalta – *A direita mora do outro lado da cidade* –, em uma cidade bem dividida como São Paulo entre centro –

para os mais ricos – e periferia – para os mais pobres –, aqueles que moram no início da Zona Leste até a Zona Norte ocupam certamente um espaço intermediário de status na cidade.

Além disso, a região onde moram tem um papel importante sobre como as pessoas se identificam. Cramer (2016) destaca a conexão entre local geográfico e status de classe social em sua pesquisa com eleitores rurais de Wisconsin. No caso do presente trabalho, morando em uma região intermediária da cidade, isso afeta a visão que os cabos eleitorais bolsonaristas têm de si mesmos. Quase todos de renda mais baixa até aquele com renda de 40 SM se identificam como de classe média (ou classe média baixa). E, apesar do crescimento de condomínios de alta renda em algumas dessas regiões – notadamente Tatuapé e Santana – eles afirmavam sua classe social muito com base no bairro onde viviam, em contraste a moradores de áreas mais ricas como Jardim Paulista, Itaim Bibi, Moema, entre outros.

Um caso curioso foi o de Wilson, um militar da ativa e morador de São Miguel Paulista, fora da região da pesquisa, mas que foi um dos *gatekeepers* que entrevistamos para conseguir outros entrevistados. Apesar de ter uma renda comparável àquela de outros entrevistados, entre 5 e 10 SMs, ele se declarou pobre. Para se justificar, ele conseguiu descrever, de forma bem *bourdiesiana*, a definição de classe social muito além dos critérios de renda.

- *E você, em termos de classe social, se identificaria como?*
- Classe baixa, pobre, não me considero de classe média, não.
- *Você chegou a falar de ser classe média, no começo.*
- Sim, eu falei com relação ao salário. Eu acredito que o salário é considerado ali, entre a classe média. Se você for ver as pessoas que são classe média, que são advogados, engenheiros, então, eles ganham, em média, de 6 a 10 salários mínimos, porém, eu não me considero, apesar de acreditar que meu salário está dentro da classe média, eu me considero como classe baixa.
- *E por quê?*
- Porque, onde nós moramos, acredito, pela Zona Leste, pelo bairro onde você mora, pelo seu círculo social, eu não faço parte da classe média. Eu faço parte da classe baixa, pelo círculo social. Pelo salário, sim, mas pelo círculo social, onde nós moramos, tem umas coisas que nós fazemos, que para uma pessoa de classe média, ela deve pegar um final de semana, ir num restaurante chique uma vez no mês, isso já é umas das coisas que eu não faço. (Wilson, 28 anos, militar – morador de São Miguel Paulista).

Não é possível descrever toda a riqueza de detalhes de tantos bairros, em uma região tão ampla. Mesmo assim, a paisagem de muitos desses bairros se repete: extensas zonas residenciais repletas de sobrados. Os bairros testemunharam também o surgimento de prédios residenciais, especialmente nos últimos 10, 15 anos. A densidade desses prédios ainda é pequena em boa parte dessa região, enquanto em bairros como Tatuapé e Santana – bairros de maior desenvolvimento – já é possível encontrar uma densidade maior de prédios residenciais; alguns, inclusive, de alto padrão. Igualmente, esses dois bairros também possuem uma rede de

comércios e serviços mais densa, com diversas opções. Os outros bairros também possuem a sua rede de pequenos comércios e serviços, mas não na mesma variedade desses bairros mais ricos.

Como seria de se esperar, os entrevistados que moram em prédios possuem, em geral, renda mais alta que os entrevistados que moram em sobrados. Esses últimos, geralmente, moram em casas da família, construídas há muitas décadas. As mudanças para condomínios fechados, com alto padrão de segurança, trazem à lembrança a pesquisa de Caldeira (2000) sobre a segregação urbana em São Paulo. Mas a segregação não se limita aos prédios: se não bastassem portões das casas, alguns entrevistados moram em condomínios de casas ou ruas fechadas por portões, de modo a se separar ainda mais dos restantes, em busca de segurança pessoal. Algumas das imagens a seguir revelam o tipo de paisagem nesses bairros²⁷.



Figura 1: Vista de cima da Vila Maria, 2019.

²⁷ Todas as fotos presentes neste trabalho foram tiradas pelo autor.



Figura 2: Rua na Vila Guilherme, 2019.



Figura 3: Rua no Tatuapé, 2019.



Figura 4: Rua na Vila Prudente, 2019.

Como mencionado anteriormente, muitos dos entrevistados permaneciam na mesma região por gerações. Quando não ficavam exatamente no mesmo bairro, migravam para as adjacências, em uma forma de se manter nesse mesmo tipo de lugar em São Paulo. Manifestavam o desejo, assim, de permanecer perto de suas famílias ou de estar em uma região que lhes parecesse mais familiar ao tipo de lugar onde cresceram e passaram a infância.

- *E você sempre morou aí? Há quanto tempo você mora aí?*

- Ali já faz uns 10 anos, né? Mas eu não... eu já... eu nasci no Tatuapé, morei no Belém e depois que me casei, na Vila Prudente.

- *Entendi. E... seus pais moram ali na região do Tatuapé?*

- Isso, minha mãe, minha avó... tudo lá no Tatuapé e Belém. (Roberta, 42 anos, auxiliar administrativa – moradora da Vila Ema).

Dos 40 entrevistados, 14 eram mulheres e 26 eram homens. O número menor de mulheres é compatível com o apoio maior a Bolsonaro entre eleitores do sexo masculino, como confirmado pelas pesquisas (NICOLAU, 2020). Neste trabalho, além de encontrar mais homens no perfil, também encontramos maior dificuldade de conseguir conversar com as mulheres. Quando se encontrava mulheres militantes, elas eram mais receosas em dar entrevista, enquanto os homens se sentiam mais à vontade para falar.

De modo semelhante, há um número maior de entrevistados com mais idade. Eles também demonstravam mais disponibilidade para conversar e conceder entrevista. Os mais jovens, além de menos numerosos nas manifestações, também eram mais receosos de conversar com um acadêmico. Isso também coincide com as pesquisas, que mostram que Bolsonaro possui um apoio relativamente menor entre o eleitorado mais jovem (NICOLAU, 2020).

Em outros detalhes, a maioria dos entrevistados também era branca, com alguns negros e amarelos. A grande maioria também era cristã, com um maior número de católicos, mas também alguns evangélicos. Mais informações sobre cada entrevistado podem ser encontradas no Anexo 2, onde há um perfil de cada.

Como o trabalho se iniciou após o ano eleitoral, o desafio era encontrar eleitores no perfil desejado para a pesquisa. Não seria tarefa simples circular pelos bairros em busca de entrevistados. Em uma cidade grande, a desconfiança seria maior, ainda mais para levar o pesquisador para dentro de casa. A solução inicial veio das manifestações de direita, que continuaram ocorrendo e eram o cenário perfeito para encontrar, após o período eleitoral, militantes bolsonaristas.

2.3. Bolsonaristas vs. Lavajatistas: a direita nas ruas em 2019

Mesmo após a eleição de Bolsonaro, os grupos de direita que o apoiaram seguiram mobilizados. Diferentes atos de rua foram marcados ao longo do primeiro ano de seu governo, com diferentes temáticas e com a participação de diferentes grupos. Todavia, esses atos deixaram evidente que a direita ativista não era uníssona. Ao longo do ano, as manifestações foram expondo rachas e fissuras dentro da direita que seriam um prenúncio de uma separação litigiosa entre figuras importantes do imaginário político desse eleitorado.

Como mencionado, a presença em atos organizados pela direita durante o governo Bolsonaro serviu a dois propósitos. A pesquisa foi fundamentada na realização de entrevistas com eleitores militantes de Bolsonaro, e as manifestações eram o ambiente perfeito para encontrar esse tipo de ativista. Ao mesmo tempo, os atos ajudavam a acompanhar os principais temas que mobilizavam esse eleitorado, conhecer a força e a mobilização dos movimentos que

convocavam os atos e sentir a “temperatura” dos manifestantes com relação ao seu apoio ao governo.

Como um dos objetivos era encontrar possíveis novos entrevistados, além de percorrer as manifestações, ouvir os discursos nos carros de som e ler as diferentes faixas e cartazes levantadas pelos manifestantes, buscava-se abordar os presentes com o roteiro de perguntas que preparamos de forma a identificar se o indivíduo se encaixava no perfil desejado para as entrevistas. Embora o roteiro não tivesse nenhuma pretensão de assumir o papel de um *survey* quantitativo das manifestações, além de auxiliar na obtenção de contatos, ele também permitia saber um pouco mais sobre os presentes em cada um dos atos.

Como mencionado, ao todo, sete manifestações foram acompanhadas de forma presencial. Foram os atos dos dias 07 de abril, 26 de maio, 30 de junho, 25 de agosto, 09 de novembro, 17 de novembro e 08 de dezembro. Com abordagens bem-sucedidas (ou seja, pessoas que aceitaram responder o roteiro de perguntas) oscilando entre 40 e 50 pessoas, isso significa que mais de 300 pessoas no total responderam às perguntas. A permanência média em cada ato era de cerca de 4 horas, divididas em um período em que se circulava pelo ato de modo “infiltrado”, tomando notas do que era observado sem nada que me identificasse, e outro período com o crachá de pesquisador abordando os presentes com o roteiro de perguntas.

Apesar das manifestações serem razoavelmente plurais, é verdade que havia um número maior de pessoas de determinadas categorias. Isso condiz com os achados de uma pesquisa do Datafolha divulgada em setembro de 2019. De acordo com a pesquisa, o núcleo duro de apoio a Bolsonaro – aqueles que consideram o governo bom ou ótimo e que dizem confiar muito no presidente – seria de 12% da população, composto majoritariamente por homens, cuja metade teria mais de 35 anos, e quase um terço teria a idade acima de 60 anos. O número de brancos e de aposentados era ainda muito acima da média da população, cerca de metade possuía renda superior a 3 SM, e em volta de um terço possuía nível superior (PAULINO & JANONI, 2019).

E, de fato, nas manifestações em geral, havia uma presença maior de homens, brancos, de idade mais avançada e aposentados. Com as respostas que colheremos a respeito da profissão dos entrevistados, era possível encontrar uma grande quantidade de pessoas com ensino superior completo; já em termos de renda, havia uma proporção maior de pessoas com renda familiar acima de R\$ 5.000,00, ou seja, cerca de 5 SM²⁸. Em conjunto com as perguntas sobre

²⁸ O salário mínimo em 2019 era de R\$ 998,00 (DIEESE, 2019).

o voto na eleição de 2018 e sobre a avaliação do governo revelavam, ficava claro que as manifestações reuniam, em sua maior parte, esse núcleo duro de apoio a Bolsonaro.

Sendo um fenômeno recente, os atos de rua organizados por grupos de direita haviam se tornado todo um universo. Uma das coisas que chamava a atenção era a multiplicidade de grupos presentes, muito além dos grandes e mais conhecidos, demonstrando a sua dinamicidade e as diferentes formas de como a direita se organizou nos últimos tempos. Grupos pequenos, desconhecidos, até mesmo de diferentes partes do país se faziam presentes, e devidamente uniformizados. Religiosos, monarquistas, conservadores de todas as “tribos” faziam um grande encontro, cada qual se manifestando da sua maneira, ainda que todos a favor de Bolsonaro.

Além das roupas e uniformes identificando os diferentes grupos, os manifestantes também demonstravam irreverência à sua moda. Era comum encontrar algumas figuras fantasiadas nas mais diferentes e inusitadas maneiras, como homens com trajes medievais, um manifestante frequente totalmente coberto de roupas com a bandeira americana, ou outro vestido de Coringa, portando um adesivo de “Globo lixo” na roupa e segurando uma corrente com a cruz cristã. Outras atividades irreverentes incluíam o “tomataço”, na qual um grupo disponibilizava tomates para que os manifestantes os jogassem em cartazes representando “inimigos” do governo, como os membros do STF. Tudo isso em meio ao mar de pessoas, muitas de terceira idade, com roupas verde-amarelas, como a camisa da Seleção Brasileira de futebol – já tradicionais nos atos de direita – além de maquiagens, faixas, bandeiras, bandanas etc., nas mesmas cores. Algumas das fotos a seguir mostram um pouco do que era possível ver nessas manifestações, e fotos adicionais dos protestos podem ser encontradas no Anexo 3 deste trabalho.



Figura 5: Aglomeração de manifestantes na Av. Paulista. Ato do dia 07 de abril de 2019.



Figura 6: Faixa de protesto em inglês. Ato do dia 26 de maio de 2019.



Figura 7: “Tomataço”: manifestante jogando tomate em cartaz de Dias Toffoli e Davi Alcolumbre. Ato do dia 25 de agosto de 2019.



Figura 8: Manifestantes com diferentes cartazes. Ato do dia 30 de junho de 2019.

A trilha sonora também era um capítulo à parte. Entre uma fala e outra dos carros de som, era possível ouvir algumas músicas, como *Pacato Cidadão*, do Skank, ou *Que País É Esse?*, do Legião Urbana, além da música *Vem Pra Rua*, do cantor Falcão (da banda O Rappa), que fez parte de uma campanha publicitária da Fiat em 2013, e acabou se tornando um dos lemas de Junho de 2013 (e, posteriormente, o próprio movimento de direita VemPraRua), o que reforçava o elo entre as Jornadas de Junho e os grupos de direita, mesmo seis anos depois. Ao longo dos atos, ainda era frequente ouvir – e por repetidas vezes no mesmo ato – o Hino Nacional, e até mesmo uma versão da ária *Nessun Dorma*, de Giacomo Puccini, cantada por um tenor e com uma letra modificada em português fazendo louvor a Sergio Moro e à Lava Jato.

É interessante destacar que, a despeito do mar verde-amarelo nas ruas e da emoção em ouvir e cantar o hino nacional repetidas vezes, a direita bolsonarista não é exatamente nacionalista. Eles gostam de se afirmar como “patriotas”, mas como Pierucci (1987) também havia ressaltado a respeito dos janistas e malufistas, há pouco além dos simbolismos. Havia um frequente desdém com aspectos da cultura popular brasileira, como o Carnaval, ou uma idealização de nações estrangeiras, como os EUA – cuja bandeira se fazia presente nos atos da

direita – em detrimento do próprio povo. Havia, portanto, muito apego aos símbolos, mas pouca substância por trás.

Apesar da multiplicidade de grupos representados, o único partido político que se fazia presente era o partido Novo, e mais nenhum. Alguns políticos da base aliada de Bolsonaro compareciam, como Carla Zambelli e Major Olímpio, ambos do PSL, mas sem bandeiras do partido. Outros políticos da direita lavajatista também compareciam, como Vinícius Poit (Novo), além de Kim Kataguiri, Arthur do Val e Fernando Holiday, estes três últimos então ligados ao MBL e então filiados ao DEM. Entre os manifestantes, só se encontravam pessoas que haviam votado em Bolsonaro nos dois turnos da eleição de 2018 e, ocasionalmente, alguns eleitores do João Amoêdo (Novo) no primeiro turno, que obteve 2,5% dos votos naquela eleição.

Outro aspecto curioso é que havia se formado todo um mercado dentro das manifestações. Marreteiros vendiam todos os tipos de coisa: bandeiras do Brasil, adesivos, broches, camisetas com a foto de Bolsonaro, camisetas com a foto de Moro, camisetas com o logo do pretense futuro partido de Bolsonaro, Aliança pelo Brasil – que nem saiu do papel – entre outros itens para os militantes mais exibidos. Além, é claro, dos vendedores de cerveja, refrigerante, churrasquinho, entre outros comes e bebes para os presentes. Cada manifestação trazia novidades para se comprar, demonstrando a agilidade dos marreteiros de sentir a demanda de seus clientes de acordo com a pauta do momento. Em conversas informais com esses marreteiros ao longo dos diferentes atos de rua, a maioria confirmava ter votado em Bolsonaro também, mas sem o mesmo entusiasmo dos manifestantes. Estavam ali para trabalho, e se tivesse uma manifestação de esquerda, afirmavam que estariam lá para vender para eles também.



Figura 9: Marreteiro vendendo camisetas e bandeiras. Ato do dia 08 de dezembro de 2019.

Com a frequência nos atos, uma das descobertas – algo que Kalil (2019) também havia apontado – era de que, entre a multiplicidade de grupos presentes, havia duas grandes correntes nas ruas: uma bolsonarista e uma lavajatista. O campo bolsonarista – representado pelos grupos NasRuas (liderado pela deputada federal Carla Zambelli), Movimento Conservador (ex-Direita São Paulo), Movimento Avança Brasil, entre outros – focava a sua atuação na defesa do governo, além de fazer uso de pautas conservadoras, tendo como símbolo o presidente Jair Bolsonaro. Já o campo lavajatista – representado pelo Movimento Brasil Livre (MBL), VemPraRua, Movimento Direita Digital, entre outros – tinha o foco em questões mais ligadas ao punitivismo e ao combate à corrupção, como o fim do foro privilegiado e a prisão em condenação de segunda instância, tendo como símbolo o ex-juiz da Lava Jato que prendeu Lula e então Ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro.

A divisão entre os dois campos não era tão aparente de início, já que estavam todos juntos na rua, de uma forma ou de outra atuando em defesa do governo Bolsonaro. Além disso, eles possuíam mais em comum do que o contrário, uníssonos na defesa do liberalismo econômico, no conservadorismo moral e na antipatia a tudo que viesse da esquerda, principalmente o PT. Contudo, as diferenças foram ficando mais demarcadas a cada ato,

conforme as divergências também fossem crescendo. E embora os manifestantes se misturassem, a observação etnográfica aliada ao roteiro de perguntas permitiu também notar uma diferença entre os presentes: nos atos convocados por lavajatistas, havia uma leve tendência para um público mais branco, mais rico, mais escolarizado, e um pouco menos alinhado incondicionalmente ao governo Bolsonaro, com alguns avaliando-o de forma “regular”; por outro lado, nas manifestações convocadas por grupos bolsonaristas, o público ainda era majoritariamente branco, mais rico e mais escolarizado, mas com uma sutil tendência para baixo, recebendo mais pessoas afrodescendentes, de baixa renda e de baixa escolaridade, além de um alinhamento mais forte a Bolsonaro, exaltando o seu governo como “ótimo”.

A sucessão de eventos nos atos prosseguiu da seguinte maneira. O primeiro ato foi em 07 de abril, cuja pauta era a defesa da Operação Lava Jato e de forma a pressionar o STF para manter a prisão em segunda instância²⁹. Como primeira grande manifestação em 2019, após o início do governo Bolsonaro, as direitas estavam unidas, sem nenhuma animosidade.

No segundo ato, no dia 26 de maio, surgem os primeiros sinais de divergências. O contexto era marcado por uma tentativa do governo Bolsonaro de mostrar força, e reunir mais manifestantes do que no ato pela Educação, que ocorreu no dia 15 do mesmo mês, em reação aos cortes de orçamento do setor e aos ataques do governo às universidades. As chamadas iniciais para o protesto foram agressivas, com ataques ao Congresso Nacional e ao STF, defendendo o fechamento dessas instituições. A radicalização do discurso fez com que grupos lavajatistas, como o MBL e o VemPraRua, declarassem que não se uniriam aos atos, o que foi motivo de duras críticas dos bolsonaristas, que então reduziram o tom e desencorajaram ataques ao Congresso e ao STF para não acirrar os ânimos (TAVARES, 2019). Mesmo com a ausência de movimentos lavajatistas, o ato ainda conseguiu mobilizar uma quantidade razoável de manifestantes, embora parecesse – com base na presença em ambos – que tivesse sido menor que o protesto da esquerda do dia 15. As críticas do MBL à radicalização do ato não foram perdoadas pelos manifestantes, que trouxeram cartazes criticando o grupo, enquanto o VemPraRua foi poupado, talvez por sua postura mais formal e menos combativa, sem alta exposição de seus líderes. Mesmo assim, em geral, os presentes atenderam aos apelos do governo, e poucas faixas e cartazes tinham um tom antidemocrático.

²⁹ Este tópico era de muito interesse à direita porque, dentre outros motivos, servia para assegurar que Lula continuasse preso, já que ele havia sido preso após a condenação em segunda instância, exatamente um ano antes daquela manifestação, no dia 07 de abril de 2018.

O ato do dia 30 de junho foi convocado em defesa da Lava Jato, após a eclosão do escândalo da “Vaza Jato” (THE INTERCEPT BRASIL, 2020). Apesar dos protestos terem uma pauta essencialmente lavajatista, eles foram convocados por ambos os campos da direita. No entanto, a paz não estava selada desde o último ato: o MBL, cujos membros, como Fernando Holiday, discursaram em um carro de som sem identificação e com pouco público, sofreu ataques com alguns gritos de “Fora MBL!”, e até agressão, já que alguns membros do grupo Movimento Conservador chegaram a hostilizar membros do MBL, o que exigiu a intervenção da Polícia Militar para evitar maiores confrontos (VEJA, 2019b).

O hiato de quase dois meses sem manifestação deixou os militantes inquietos, que pressionaram os movimentos a marcar um novo ato. Ele ocorreu no dia 25 de agosto, com menor adesão dos grupos participantes. Sem uma pauta específica, o ato se dividiu na defesa do governo e da Lava Jato, além dos ataques costumeiros ao Congresso Nacional, ao STF, ao PT, mas também ao presidente francês Emmanuel Macron, que havia chamado atenção ao desmatamento da Amazônia, o que levou Bolsonaro a disparar ofensas à esposa do mandatário europeu (DEUTSCHE WELLE, 2019). Apesar da falta de pauta central, havia uma tensão no ar com relação a outro tema: a escolha de Bolsonaro para Procurador-Geral da República. Os grupos lavajatistas promoviam a ideia de que Deltan Dallagnol, procurador da República e coordenador da força-tarefa da Operação Lava Jato, deveria ser indicado. Por outro lado, os grupos bolsonaristas rejeitavam a ideia, repetindo o argumento que Bolsonaro e sua família utilizavam ao associar Dallagnol à esquerda (REBELLO, 2019).

Os atos de novembro, enfim, sacramentaram o racha entre as direitas. O VemPraRua marcou uma manifestação para o dia 03, mas além de ser dia de prova do ENEM, alguns bolsonaristas temiam o contexto, devido à comoção que ocorria no Chile naquele período³⁰. O VemPraRua muda a manifestação para o dia 09; porém, o NasRuas acusa o VemPraRua nas redes sociais de ser contra o Bolsonaro, marcando um diferente ato para o dia 17. Os seguidores do NasRuas não aprovaram a ideia, e pressionaram o grupo para apoiar as manifestações do dia 09. Com a saída da Lula da prisão no dia anterior, no dia 08 de novembro, os grupos bolsonaristas decidiram se juntar aos atos, mesmo que em um canto separado na Av. Paulista. Ainda assim, o campo bolsonarista manteve as manifestações para o dia 17, desta vez sem a participação dos grupos lavajatistas.

³⁰ Uma série de grandes manifestações de rua começou no Chile em 2019 em protesto contra o sistema de aposentadorias, a desigualdade social, o alto custo de vida, entre outras pautas.

Dada a desorganização na organização dos dois atos de novembro, ambos foram esvaziados, com poucos carros de som e ocupando poucas quadras da avenida. A diferença de público também ficou mais marcante. O ato do dia 09 tinha o perfil mais lavajatista, mais elitizado e mais crítico ao governo (ainda que sem rejeitá-lo), enquanto a manifestação do dia 17 tinha o perfil mais bolsonarista, um pouco mais popular, mas totalmente alinhado a Bolsonaro.

A última manifestação do ano foi marcada para o dia 08 de dezembro. O tema central era pressionar pela prisão em segunda instância, mas outra pauta em alta era protestar contra o aumento do Fundo Eleitoral. Apesar de grupos de ambos os campos lavajatista e bolsonarista convocarem os atos, eles foram esvaziados, com baixo público, talvez pela fadiga de tantos protestos, ou pelo clima de fim de ano, mas talvez pelo racha consolidado entre as duas direitas. Embora presentes no mesmo espaço, o “divórcio” era evidente, fazendo até com que o carro de som do movimento NasRuas estivesse virado de costas para o do VemPraRua. Mesmo assim, Carla Zambelli discursou pregando a união entre as direitas, afirmando que deveriam parar de brigar, pois os verdadeiros inimigos seriam “PT, PCdoB, PSOL, STF, família Gomes, Renan Calheiros, Jader Barbalho...”, entre outros. Ela ainda manifestou temor com o que acontecia no Chile, chamando de “a maior revolução na história do Ocidente”, e alertou para o perigo do mesmo ocorrer no Brasil, o que seria o desejo da esquerda.

O ano terminou, e não houve grandes atos da direita no início de 2020. Com o início da pandemia de Covid-19 em março, o trabalho cessou o acompanhamento presencial de manifestações de direita, embora ainda acompanhasse as repercussões e imagens pelas redes sociais. O racha, entretanto, foi irreversível, e veremos o impacto entre os manifestantes na seção seguinte.

Antes, é interessante destacar outros aspectos observados nas manifestações. Ao longo dos atos, nos carros de som, muitas das falas exaltavam Bolsonaro, Sergio Moro e alguns outros membros do governo, como Paulo Guedes. Outros exaltavam a Lava Jato e a defesa da operação. Havia muitos discursos também contra o PT e a esquerda em geral, contra o STF, o Congresso Nacional e a imprensa. Algumas falas de personalidades no topo dos carros de som também chamavam a atenção. Além dos políticos já citados, alguns influenciadores e personalidades famosas no campo da direita também faziam suas falas e aparições.

Como exemplo, no ato do dia 26 de maio, Carla Zambelli fez um discurso no carro de som do movimento NasRuas ressaltando a necessidade de defender Bolsonaro e seu governo,

e em certo momento, citou o nome de Rodrigo Maia, então presidente da Câmara dos Deputados. Ao ouvi-lo, os manifestantes começaram a vaiar, e a deputada se calou. Após alguns segundos de silêncio do carro de som – e a continuação das vaias – começaram a tocar uma música, o que parecia ter sido para abafar as vaias. A música parou, e Carla voltou a falar, dizendo para tirar a música, pois, se não, as pessoas achariam que não podia xingar e vaiar, e poderiam, sim. Apesar disso, a impressão era de que os organizadores não queriam criar mais motivos de tensão entre o governo e o Congresso, representado na figura de seu presidente.

Já no ato do dia 30 de junho, um dos criadores do Ranking dos Políticos, Alexandre Ostrowiecki, disse que aquilo “não era uma manifestação, mas uma revolta de escravos contra os senhores de engenho, rompendo os seus grilhões, suas correntes”. Luciano Hang, proprietário da rede de lojas Havan e um dos empresários mais engajados no apoio a Bolsonaro, discursou no carro do NasRuas e disse que “os privilegiados estão com a esquerda, e o trabalhador está com a direita”. Nando Moura, um influenciador e *youtuber* de direita, discursou no carro do VemPraRua. Ele defendeu a Lava Jato e ainda lembrou o caso do menino Rhuan³¹, argumentando que a mídia e a esquerda estariam tentando abafá-lo. Fernando Holiday discursou ressaltando que: “a classe média perdeu a vergonha de dizer a sua opinião, a classe média perdeu a vergonha de se dizer de direita”. E Oscar Maroni, notório empresário dono de casas de entretenimento adulto em São Paulo, discursou – ironicamente no carro do Movimento Brasil Conservador – contra a corrupção e contra a esquerda.

No ato do dia 09 de novembro, Rodrigo Chequer, um dos líderes do VemPraRua, discursou exaltando a Lava Jato, que estaria sob ataques. Luciano Hang voltou a discursar, desta vez atacando a Globo e dizendo que não patrocinava seus programas, convocando um painel durante o Jornal Nacional. Outra discursante disse aos presentes que “o bem sempre vence o mal”, enquanto Carla Zambelli discursou que “a gente vai vencer essa guerra”. Na semana seguinte, no ato do dia 17 de novembro, em uma manifestação de cunho bolsonarista, havia falas de pessoas menos conhecidas, mas com discursos aguerridos, como: “A esquerda tem que aceitar que quem está no poder agora são os conservadores”, ou então com então gritos de: “Quem é robô do Bolsonaro? Quem vai lutar contra o Foro de SP?” Uma outra mulher ainda disse no carro de som que havia sido comprovada fraude nas urnas, e o culpado disso era o STF.

³¹ O caso do menino Rhuan foi um crime brutal de mutilamento e assassinato do garoto de 9 anos por sua mãe e sua parceira. Grupos de direita acusaram a grande imprensa de abafar o caso em razão das assassinas serem um casal de lésbicas e porque o crime teria motivações com base na “ideologia de gênero”, já que as mães haviam mutilado o órgão sexual do garoto porque ele queria ser do sexo feminino.

Um venezuelano também foi chamado para falar, que disse que os presentes “salvaram o Brasil do comunismo na última eleição.”

Também era possível testemunhar situações curiosas e inusitadas no asfalto, entre os manifestantes. Algumas ocorriam espontaneamente, outras aconteciam depois de me anunciar como pesquisador. Em geral, demonstravam elevado grau de radicalismo e idolatria. No ato do dia 25 de agosto, uma dupla de senhoras idosas me abordou, e segue o diálogo da forma aproximada como ocorreu:

Senhora 1: Você é de onde, da USP? De que área?

Pesquisador: Isso, do departamento de Ciência Política.

Senhora 1: Me fala então – porque as universidades só têm esquerdistas – você está a favor do Bolsonaro, ou você está contra o Brasil?

Pesquisador: Espere aí, você acha que a esquerda é contra o Brasil?

Senhora 2: Lógico, a esquerda apoia o PT, que destruiu o país, então são contra o país.

Pesquisador: Não é verdade, inclusive tem muita gente dentro da esquerda que se opõe ao PT. Todo mundo, de direita ou esquerda, é a favor do Brasil.

Senhora 1: (cara de confusão) Mas e você, é a favor do que está acontecendo no Brasil?

Pesquisador: Eu sou a favor da democracia e de manifestações democráticas.

Senhora 2: (cara de confusão outra vez) E sobre o que é a pesquisa?

Pesquisador: Estou tentando conhecer o perfil dos manifestantes e conhecer um pouco mais sobre essa “nova direita” nas ruas. Vocês querem ver o questionário? (Mostro então as perguntas que faço)

Senhora 1: Você faz uma pergunta sobre o PT, então essa é uma pesquisa direcionada.

Pesquisador: Como assim direcionada?

Senhora 2: Você deveria perguntar no geral, há mais de 30 partidos.

Pesquisador: Sim, mas o PT ficou no governo de 2003 a 2016, então a ideia dessa pergunta é saber se a pessoa já votou no PT antes e se mudou de posição.

Senhora 1: A sua pesquisa está direcionada (olhando para mim com raiva e em silêncio).

Pesquisador: Acho que você não entendeu o propósito da pesquisa.

Após ser hostilizado nas manifestações, o MBL também voltou às ruas nos atos dos dias 09 de novembro de 08 de dezembro. Mas não com um carro de som, e sim com uma espécie de “bloquinho”. Cantando “marchinhas” com o batuque de tambores, geralmente contra o PT e a esquerda, formava-se a cena curiosa de jovens tocando a música e manifestantes idosos seguindo e dançando. Já no ato do dia 17 de novembro, uma mulher, em gravação para um *youtuber*, disse: “Vocês acham que eu sou gado? “Muuu” (imitando o mugido de uma vaca) pra vocês! Vou passar pano!”, enquanto balançava um lençinho em frente à câmera.

2.4. O racha entre as direitas para os militantes

Como a seção anterior demonstra, a realização de etnografia em manifestações de rua de grupos de direita ao longo de 2019 revelou a existência de dois grupos distintos da direita ativista: a direita bolsonarista e a direita lavajatista. De forma mais ampla, elas poderiam até ser designadas com outro nome, de um modo que elas mesmas adotariam: a primeira, como direita conservadora, e a segunda, como direita liberal. Elas possuíam mais semelhanças do que diferenças, e a união em torno da candidatura de Bolsonaro em 2018 foi natural, uma vez que ele se apresentou como o candidato viável da direita para derrotar o PT. Ao longo do primeiro ano de governo, no entanto, as diferenças começaram a se tornar incontornáveis e, depois, insustentáveis. O racha nas ruas no final de 2019 seria um prenúncio do rompimento dentro do governo: poucos meses depois, em abril de 2020, Sergio Moro anunciaria a sua saída do Ministério da Justiça e Segurança Pública, rompendo definitivamente com o governo e com Bolsonaro (MATOS *et al.*, 2020).

Se a divisão entre os grupos de direita era mais clara, entre os militantes, ela existia, mas era muito mais tênue. Afinal, os valores eram semelhantes, e esses ativistas, em geral, admiravam tanto Bolsonaro quanto Moro. Assim, a saída de Moro do governo abalou as convicções e testou a lealdade desse eleitorado. Na época, enviamos a pergunta para todos que haviam sido entrevistados até então sobre o que pensavam a respeito da saída de Moro do governo, que eram metade do total deste trabalho. Cerca de 1/4 – influenciados também pela forma que o governo estava conduzindo o início da pandemia de covid-19 – declararam ter abandonado o apoio ao governo. Outro 1/4 se manifestou de forma contrária, chamando Moro de traidor. E cerca de metade ficou “em cima do muro”, ainda abalados com o evento, alegando que era melhor aguardar os desdobramentos. Estes viriam com a esperada divulgação do vídeo da reunião ministerial na qual Sergio Moro acusava Bolsonaro de interferir na Polícia Federal para proteger familiares. Com a retirada do sigilo no dia 22 de maio de 2020 (D’AGOSTINO, 2020), o vídeo foi divulgado. Contudo, as revelações não convenceram os entrevistados que ficaram abalados inicialmente com a saída de Moro, e alguns até comemoraram o conteúdo da reunião.

Outros entrevistados – em momento posterior à saída de Sergio Moro do governo – também manifestaram sentimentos diversos. Alguns poucos mantiveram a admiração por Moro e lamentaram a sua saída do governo. Alguns destes, inclusive, alegavam que poderiam votar

em Moro, caso ele se candidatasse futuramente. Outros – e mais numerosos – declaravam ter se decepcionado, perdendo a admiração, e chamando Moro de “traidor” por ter saído do governo da forma que saiu. O que era claro para todos é que a sua saída havia sido um “divisor de águas” para essas direitas.

Moro para presidente, sou fã do Moro. Eu achei que... o que acontece com o Moro? Eu acho que ele quis pular fora de um barco que [...] eu acho que ele falou assim: “pera, eu não vou me sujar por causa disso porque eu não sei o dia de amanhã. E amanhã o Bolsonaro me dá um chute no ‘rabo’ e eu não posso mais advogar, não posso... não posso mais fazer nada.” né? [...] Ele não quis, na verdade, se corromper ali. O que eu espero, real, que seja, assim. Acho que ele falou: “cara, eu não vou me embrenhar por isso aí porque vou me ferrar, não é o que eu costumo fazer.” Eu não quero acreditar que tudo que eu penso dele, enfim, que não está certo. Eu acho ele maravilhoso. (Erica, 35 anos, auxiliar administrativa – moradora de Santana).

- Fica até complicado dar minha opinião, viu? Porque, sinceramente, eu acho que a gente... o que chega pra gente aqui, não é um terço do que aconteceu lá. Acho que tem muito... muito teatro, muito jogo de interesse... não sei se foi... se o Moro foi... se estava correto na decisão dele ou se o Bolsonaro realmente interferiu no trabalho dele a ponto dele desistir... sinceramente, eu me sinto... me sinto... me sinto um mero mortal sem saber o que realmente aconteceu lá.

- *O que você pensa a respeito do Sérgio Moro?*

- Olha... até então, a gente não conhecia, ficou conhecido com a Lava Jato, acho que desempenhou um bom trabalho, e é o que eu conheço dele. Sinceramente, não sei se gosto ou desgosto. Acho que ele fez o trabalho dele como é pago para fazer. Eu acho que não tem que ser exaltado por isso, não. [...]

- *Você votaria no Bolsonaro de novo, você votaria em outro candidato, e se tiver algum nome, quem? O que você acha?*

- Se fossem os mesmos candidatos, votaria de novo no Bolsonaro.

- *E há algum outro nome que você... que poderia entrar e que talvez você considerasse o voto?*

- [...] Você falou (sobre) um nome que viesse à minha mente, por exemplo, o Sergio Moro para presidente, talvez seria alguém que me agrada e que votaria. (Igor, 28 anos, bancário – morador da Vila Guilherme).

- *O que você achou da saída do Moro do governo?*

- Triste (risos). Claramente ele está com objetivos políticos. Você vê que enquanto ele estava dentro do governo, ele não se manifestava, ele não... dificilmente saía uma nota do ministro da Defesa e depois que ele saiu do governo, ele passou a... diariamente ter presença garantida nas redes sociais. O Twitter dele ‘bomba’ todo dia, ele virou colunista da Crusoé, então, você vê que ele está montando uma imagem, né? Ele já saiu com um discurso de não sei quê, fazer o que é certo e blá, blá, blá...

- *Mas você acha que o Bolsonaro interferiu ou tentou interferir na Polícia Federal, como ele diz?*

L: Não, claramente ele não tentou. Claramente. [...] os fatos, o vídeo que saiu da reunião ministerial... os trechos que o Moro disse que sim, que ele falava, né? Nada prova o que ele está acusando, na verdade; e mesmo se provasse... se provasse realmente a interferência dele, o pessoal já teria mais do que motivo para tentar um processo de impeachment, mas não tem nada até agora e estão só na especulação. E o Sérgio Moro, eu tenho certeza que... que ele tem um motivo político por trás, ele pretende, sim, concorrer e está galgando aí uma imagem para ele agora, e, infelizmente, foi uma decepção muito grande. (Murilo, 33 anos, adestrador de cães – morador do Tatuapé).

- Olha só, isso é uma coisa muito interessante, tá? Uma coisa muito interessante. Vamos fazer uma análise rápida: o Moro não estava naquela reunião, você percebeu?

- *Não, ele estava. Ele estava nessa reunião.*

- Não, ele não estava... a figura dele estava ali, mas ele não estava na reunião.

- *Ah, tá...*

- A postura corporal dele, de braços cruzados [...] quando você chega em um cliente e ele está de braços cruzados para você, ele quer dizer para você o seguinte: "Olha só, eu estou totalmente impermeável ao que você vai falar. Você pode chegar aqui e até me oferecer o seu produto de graça que eu não vou querer" e era assim a postura do Moro. Era o único que estava ali. Outra coisa que é intolerável... intolerável, tá? E isso eu falo para você. Qualquer ser humano tolera qualquer coisa. [...] Você tolera ser roubado, você tolera ser agredido, você tolera tudo... e a única coisa que você não tolera é traidor, tá? Vide a história brasileira, né? O herói brasileiro chama-se Tiradentes. Diz aí o nome do inconfidente? [...] Você nem lembra, né? Apesar de eu ter certeza que você estudou, né? Então, o brasileiro... o brasileiro não, o ser humano não tolera traidores, e... quer ver uma outra coisa interessante? Eu tinha dúvidas, realmente, com relação ao Moro, mas a postura dele, essa semana foi muito interessante e tirou todas as minhas dúvidas. (Teófilo, 57 anos, perito judicial – morador do Tatuapé).

Acompanhando-os ao longo do tempo, dos 40 entrevistados, apenas 6 declararam não apoiar mais Bolsonaro, por diferentes motivos: a saída de Moro, os indícios de corrupção no governo e a forma que Bolsonaro conduziu a pandemia de covid-19. São militantes que, no final, tinham realmente um perfil mais lavajatista, ou liberal. Não surpreende, portanto, que entre aqueles que abandonaram Bolsonaro, quase todos manifestaram entusiasmo com uma candidatura de Moro. Na sua ausência da disputa, contudo, e ainda tomados por antipetismo, não é impossível que ainda votem em Bolsonaro contra Lula e o PT.

A verdade é que a união entre essas direitas – bolsonarista e lavajatista, ou conservadora e liberal – foi fundamental para a vitória de Bolsonaro em 2018. Enquanto ele unificou as aspirações dessas duas direitas, Bolsonaro garantiu apoio o suficiente para a sua vitória. Separados, no que seria imaginário paulistano e brasileiro das direitas, Bolsonaro parece seguir a tradição da linha da direita popular de Adhemar de Barros e Paulo Maluf; por outro lado, Moro parece seguir a linha da direita moralizadora, anticorrupção, simbolizada pela “vassourinha” de Jânio Quadros³² e depois pelo “caçador de marajás” com Fernando Collor. Uma hipótese seria de que Bolsonaro representa o típico eleitor adhemarista descrito por Weffort (1980), como uma “pequena burguesia em decadência” receosa da modernização do país (inclusive cultural, como veremos no capítulo 5), enquanto o eleitor em potencial de Moro, de linhagem lavajatista ou liberal, encontra-se em situação mais estável, sendo conquistado pelo discurso moralizante de anticorrupção e de fim dos privilégios da máquina pública. Porém, é o

³² Coincidência ou não, no dia 10 de novembro de 2021, Sergio Moro se filiou ao partido Podemos (GALVANI, 2021), antigo PTN, que era o partido de Jânio Quadros, para disputar a presidência. Depois mudou de partido para o União Brasil, que desistiu de tê-lo como candidato a presidente, inicialmente lançando-o como candidato em São Paulo, mas com a transferência de domicílio negada pelo Tribunal Regional Eleitoral paulista, saiu como candidato ao Senado pelo estado do Paraná (G1, 2022).

tipo de hipótese que este trabalho só pode levantar, e não responder, o que poderá ser feito em pesquisas futuras.

No embate entre as direitas bolsonarista e lavajatista, é certo que a primeira saiu ganhando. Moro parece ter perdido, por ora, parte de seu capital político, e mesmo os grupos de direita do campo lavajatista enfrentam perda de força e protagonismo, tendo organizado atos contra Bolsonaro com baixa adesão, além de críticas de bolsonaristas e boicote da esquerda (UOL, 2021). Como este trabalho conversou com eleitores mais engajados de Bolsonaro, é natural que o perfil da grande maioria fosse mais bolsonarista do que lavajatista. Como assinalamos, as diferenças entre os perfis de ambas as direitas eram tênues, já que seus respectivos seguidores apresentavam mais valores em comum do que o contrário. Todavia, o divórcio entre esses grupos ao longo do governo levanta questionamentos pertinentes a respeito da viabilidade eleitoral de um ou de outro enquanto separados. Assim, será interessante acompanhar a dinâmica que se segue na eleição em 2022 em diante.

Capítulo 3 – A direita que diz seu nome: desejo de ordem e revolta contra o sistema

Quando os entrevistados da pesquisa eram perguntados a respeito do que havia motivado o voto em Bolsonaro, o termo mais citado foi a palavra “mudança”. Quando questionados para esclarecer, a resposta permanecia genérica. “Mudar as leis”, “mudar a administração”, “mudar a economia”, “mudar a educação”, “mudar a saúde”. Mudar “tudo”. Em geral, o que queriam dizer era que estavam insatisfeitos, que o Brasil precisava de alguém diferente, até mesmo radical, para mudar completamente os rumos do país, que estavam errados.

Um dos vetores desse desejo de mudança era porque não se sentiam representados pelos antigos candidatos e partidos, o que alguns chamavam de “tudo de esquerda”. Outros manifestavam o desejo de colocar “ordem” no país. Que tudo estava uma bagunça, seja pelo que sobrou do sistema político depois da Operação Lava Jato, pela corrupção, pela crise econômica, ou ainda pelo caos da violência urbana. E a candidatura Bolsonaro representava o retorno de quem também mais simbolizava o sentimento de ordem: os militares.

Este capítulo tratará do retorno ao sentimento de orgulho de ser de direita, e algumas das consequências disso. A primeira parte descreverá brevemente o fenômeno da “direita envergonhada” e como isso mudou com a direita bolsonarista, em comparação aos janistas e malufistas de outrora. Além disso, discutiremos como os bolsonaristas demonstram uma consistência ideológica maior em comparação, o que será reforçado nos capítulos seguintes.

Em seguida, discutiremos o militarismo para a direita bolsonarista. O tema de segurança pública já era um tema importante para a direita janista e malufista. Para os bolsonaristas, surge a novidade da questão militar, que aparece com naturalidade nas falas, dado que Bolsonaro é um ex-capitão do Exército. Trataremos dos valores que os militares simbolizam para esses militantes de direita, trazendo falas dos entrevistados, relatos da observação etnográfica em manifestações e dados quantitativos de diferentes pesquisas.

Por fim, o militarismo inevitavelmente traz à tona a questão do autoritarismo. Pautados por uma visão de que o sistema político está apodrecido, um sentimento anti-*establishment* é comum entre a direita bolsonarista, atingindo partidos políticos, o Congresso Nacional, o STF, a imprensa etc. Veremos também como essa postura antissistema transborda em uma visão

autoritária, mesmo quando velada, demonstrando a facilidade com que alguns militantes aceitam a possibilidade de medidas antidemocráticas.

3.1. Da “direita envergonhada” para a direita orgulhosa

Desde o fim do regime militar, apesar de manter notável força e influência política, a direita brasileira padecia do fenômeno de não dizer seu nome. Isso significava que, apesar de defenderem valores e políticas no campo da direita do espectro político, esses atores evitavam se declarar efetivamente de direita, preferindo declarar-se de centro, e às vezes até à esquerda, apesar de claros indícios contrários. Na bibliografia, esse fenômeno ficou conhecido como “direita envergonhada” (SOUZA, 1988; MAINWARING; MENEGUELLO & POWER, 2000).

Indo além dos atores políticos, o fenômeno da “direita envergonhada” se estendia também a seus eleitores. Como Pierucci (1987) encontrou no eleitorado paulistano, apesar de apoiar e militar por políticos da direita, como Jânio Quadros e Paulo Maluf, esses eleitores evitavam se declarar como de direita. Afinal, ser de direita carregava então uma conotação negativa muito forte, associada a um apoio ao regime militar, algo que poucos eleitores ou atores políticos tinham orgulho de declarar publicamente logo após o fim da ditadura.

O surgimento de novos grupos, movimentos e partidos políticos de direita começa a romper o tabu de declarar-se de direita no Brasil. Uma das características notáveis da candidatura de Bolsonaro à presidência em 2018 é justamente o seu caráter inequívoco e declarado de ser um político de direita. Quatro anos antes, logo após o pleito que reelegeu Dilma como presidente, Bolsonaro anunciou sua intenção de disputar a eleição seguinte e, quando perguntado se iria se apresentar abertamente como um candidato de direita na disputa, respondeu: “Claro que sim. Sou de direita mesmo e não tenho vergonha de dizer isso” (MORAES, 2014).

Quando tratamos do eleitorado de direita, desde a abertura democrática em 1985, passaram-se mais de 30 anos. Isso significa que a geração de jovens que passou a ter o direito de votar para presidente da República com o fim da ditadura está, no mínimo, com mais de 50 anos de idade. Por outro lado, toda uma geração abaixo dessa idade ingressou gradualmente, ao longo desses anos, no corpo do eleitorado que hoje compõe a democracia brasileira.

Esse recrudescimento da direita seria então por uma nova geração de eleitores que ingressou na sociedade brasileira e assumiu valores inéditos? Ou uma conversão de eleitores antigos a novos valores de direita? O que este trabalho demonstra, na verdade, é que, pelo menos na cidade de São Paulo, havia um eleitorado de direita, antes envergonhado de o ser, e que não só não se sentia representado na política em escala nacional, mas também foi perdendo a vergonha de se assumir como de direita. Não seria um eleitorado completamente novo, mas uma parcela da população identificada com esses valores e que se encontrava ocultada pela polarização entre PT e PSDB, estabelecida desde a eleição de 1994.

Sendo assim, os entrevistados majoritariamente se afirmavam de direita, sem titubear. Ainda havia uma minoria constrangida, é verdade. Entretanto, isso ocorria menos por não quererem se afirmar de direita, e mais por quererem passar uma imagem – para o pesquisador – de serem pessoas isentas, centradas e sem radicalismos ou paixões políticas. Declaravam-se, portanto, de centro, apesar de todas as evidências contrárias. Contudo, bastava realizar perguntas adicionais, como se se identificavam mais com algum lado ou outro, que logo demonstravam que a pretensa neutralidade tinha pouca sustentação, e admitiam que, invariavelmente, pendiam mais para a direita, além de demonstrarem muitas vezes uma visão fortemente negativa da esquerda.

- Olha, eu acho que me considero no meio. Não me considero nem (de) esquerda e nem de direita... eu sou um cara que... eu penso muito antes de defender alguma coisa, eu acho que... embora seja até um pouco contraditório votar no Bolsonaro que é extremista, né? Mas, realmente, era uma curiosidade que eu tinha, mas... eu não me identifico muito nem com um lado e nem com o outro, sabe? Não consigo definir de que lado escolher.

- *Mas você sente que é inclinado um pouco mais para algum lado?*

- Ah, sim... inclinado mais para direita. Talvez por ser mais conservador... eu me identifico até pela minha religião e tudo mais. (Igor, 28 anos, bancário – morador da Vila Guilherme).

- Eu sou mais... eu sou de centro, sabe? Eu sou liberal. Não gosto de radicalismo nem de um lado e nem de outro.

- *Mas tendendo mais para um lado, ou pro outro?*

- Seria mais para a direita porque é mais organizada. A esquerda para mim é algo que... a esquerda se desse certo, a União Soviética estava... a China não teria virado um país capitalista. [...] Ser de direita é justamente isso. [...] A direita, pelo menos te dá um pouco mais de liberdade para você competir, para você ser... organiza mais, e... sempre os partidos de direita são os partidos mais organizados e menos confusão. (Tadeu, 61 anos, corretor de imóveis – morador da Vila Formosa).

Entre os cabos eleitorais janistas e malufistas pesquisados por Pierucci (1987), havia um claro descompasso entre algumas pautas que seus líderes defendiam e a visão dos seus seguidores. Embora as lideranças políticas promovessem o anticomunismo e a defesa do neoliberalismo, essas ideias não encontravam respaldo entre os seus apoiadores. Estes viam o

comunismo como uma ameaça distante e inofensiva, e ainda eram contrários a processos de privatizações, acreditando que o Estado tinha um papel importante na economia.

Entre a direita bolsonarista, não há mais esse descompasso. Os entrevistados, de maneira uniforme, defendem, em alto e bom som, pautas liberais para a economia enquanto vociferam contra o comunismo, ou pelo menos em um sentimento similar, manifestado pelo antipetismo (como veremos em mais detalhes no capítulo 4). Essa renovada consistência ideológica, menos presente entre os janistas e malufistas de Pierucci, é resultado da aversão da experiência petista no governo – que se traduz em uma visão de que Estado interveio demais na economia, o que ocasionou a crise econômica desencadeada em 2015 – e por efeito da militância nas redes e, posteriormente, nas ruas, da direita ativista.

Utilizando a terminologia de Philip Converse (1964), enquanto a direita janista/malufista agisse como um “grupo de interesse”, a direita bolsonarista teria avançado para incluir mais de seus militantes como “quase ideólogos” ou até “ideólogos”, em alguns poucos casos, com um pensamento ideológico mais coerente e consistente (ainda que com suas falhas). Desta vez, esses eleitores estavam mais conscientes de si, identificados com a direita e mais cientes e alinhados com os valores pregados por seus líderes políticos. Embora nem sempre conseguissem expressar de forma coerente o que significava ser de direita, ainda se assumiam de tal forma, principalmente porque sabiam que não podiam ser de esquerda. Retomados por esse reencontro em si mesmos, e o orgulho renovado em ser de direita, faltava apenas surgir, no momento certo, uma liderança que preenchesse esse vazio na política, de alguém que os representasse, principalmente com base no apoio a políticas econômicas liberais, no sentimento do antipetismo, e no conservadorismo moral. O momento certo foi em 2018, e a liderança foi Jair Bolsonaro.

Eu acho que (ser de direita), assim, deveria se olhar para o nosso governo e querer que as coisas funcionem melhor, ser uma pessoa melhor, é... faz a sua parte, paga seu imposto, faz a sua parte... eu considero isso. [...] Na verdade, a única coisa... a única questão de conceito de direita e esquerda, para nós... que não é muito literal, é mais a questão de... ah, a gente não acredita muito nessa coisa de o governo soberano, aliás, o governo não é soberano, o governo é pro povo. (Erica, 35 anos, auxiliar administrativa – moradora de Santana).

As ideias da direita... é ter as ideias que a gente tem de livre comércio, de liberalismo, ideias conservadoras. Acho que a direita, a meu ver, assim, é ser... é mais democrática. A direita eu acho que é mais democrática. Que é uma ideia mais liberal, entende? A ideia de quebra de monopólio... e eu gosto. (Vitor, 25 anos, desempregado e trabalhador autônomo – morador do Tucuruvi).

- *Em termos de espectro político, você se considera de esquerda ou de direita?*
- Direita.

- *E o que significa ser de direita para você?*

- Direita é o seguinte: o espectro, ele é muito mais do que isso, isso aí é muito maniqueísta, né? A função principal é de que eu não acredito em um Estado governando o meu dinheiro. A diferença básica entre direita e esquerda é que o cara da esquerda acha que a geração de capital tem que ser feita pelo Estado; e o cara de direita acha que a geração de riqueza, ela tem que ser feita pelo trabalho. Eu fui criado assim, como eu te falei: meu avô trabalhou, meu pai trabalhou, eles fizeram o patrimônio deles... eu não consegui fazer, mas estamos aqui. Agora, eu achar que um Estado vai ter em suas mãos a capacidade de administrar o meu dinheiro melhor do que eu, pelo amor de Deus. É o que eu falei para você de religião... não preciso de guia. Se eu tiver que errar, eu erro sozinho e assumo a minha responsabilidade e ponto. Então, porra, eu não posso ser um cara de esquerda. (Teófilo, 57 anos, perito judicial – morador do Tatuapé).

- É engraçado que naquela época (antes de junho de 2013, quando era de esquerda), a gente falava muito pro pessoal assim “Seu alienado, vai estudar; seu alienado, vai estudar!” Até o momento que eu estudei, e aí, eu virei de direita (risos). [...]

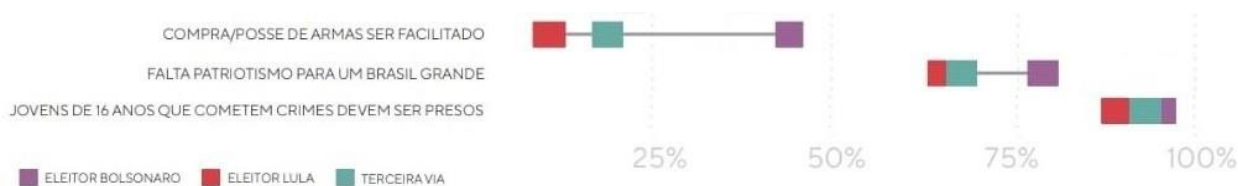
- *E o que você acha, assim, de uma forma resumida, o que a direita defende?*

- De forma resumida? De forma resumida, a direita defende valores, a direita defende valores importantes para a manutenção da sociedade; valores que se forem desprezados, a gente... em pouco tempo, a gente vai cair... em um desprestígio [...] para não dizer outra coisa, mas... valores que, hoje em dia, eles são muito desprezados e demonizados. Por isso que hoje, você assumir que você é de direita é um tabu e você ser descoberto com a direita é uma sentença. Eu... dentro do meio LGBT ou até mesmo na Academia, a gente se esconde, né? Agora nem tanto, porque... é... teve uma certa abertura, né? E passa-se a conhecer mais a respeito. Mas, antes, era xingamento. (Murilo, 33 anos, adestrador de cães – morador do Tatuapé)

3.2. Reestabelecer a ordem: a segurança pública e o militarismo

Na pesquisa Genial/Quaest, em agosto de 2021, com 1500 entrevistas nas 27 unidades da federação, os pesquisadores encontraram diferentes posturas de eleitores de Bolsonaro em comparação aos eleitores de Lula e daqueles que buscam uma terceira via. Como podia ser esperado, bolsonaristas eram significativamente mais propensos no desejo de possuir ou comprar armas de fogo, e mais propensos – embora pouco, já que o índice também foi alto entre outros eleitores – a apoiar punição para jovens de 16 anos que cometem crimes. Por fim, bolsonaristas também reportaram mais a crença de que falta patriotismo para que o Brasil se torne grande, como se vê no Gráfico 10.

Gráfico 10: Dados da Pesquisa Genial/Quaest de agosto de 2021 sobre a atitude política de diferentes eleitores – Segurança e Patriotismo³³



O tema da segurança pública é importante para os bolsonaristas, como era de esperar. Mais polícia, menos impunidade, menos benefícios generosos para criminosos, todo o roteiro. Mesmo assim, o tema aparenta ter menos destaque do que para os ativistas janistas e malufistas entrevistados por Pierucci (1987). Apesar de praticamente todos darem certa importância à pauta, reforçando um discurso punitivista de combate implacável ao crime, de endurecimento das leis e de crítica aos direitos humanos, na maioria das vezes, esse é um tópico que, muitas vezes, precisava ser suscitado pelo pesquisador, em vez de surgir naturalmente do entrevistado. Poucos colocaram o tema como maior prioridade. Alguns citaram ainda a proposta do governo Bolsonaro de expandir a legalização da posse e do porte de armas de fogo, uma medida que eles aprovam, mas o tema surge muito mais como uma questão de princípio e influência direta do que prega Bolsonaro do que como preocupação real com a busca de soluções para a segurança.

- Ele defende esse negócio de armas, eu... eu até acho que com as armas o país ficaria mais seguro, aí, alguns falam que vai ter um aumento enorme na violência, vai ter mais assassinatos... [...] Existe uma pesquisa simples nos EUA, que dizem que é uma potência, o primeiro país do mundo porque é um país armado. E se começar uma guerra contra o país, então, teria um exército como um todo porque a população também faz parte do exército. [...] Aqui, por exemplo, qual a garantia que eu tenho se vai entrar um bandido e aterrorizar minha família? Se ele tem a certeza que não tem uma arma, ele vai bater a coragem nele e vai fazer aquilo. A partir do instante que... ele vai achar e vai ficar na dúvida se tem ou não a arma porque é permitido naquela casa ter e ele vai saber que ele pode ser retaliado, e vai pensar duas vezes. Eu acho que um menor, um moleque de 19 anos dá de igualdade com um fisiculturista de 19, 20 anos e um velho, um idoso de 100 anos, vai ter uma igualdade. Com uma arma na mão, um senhor de 100 anos... ou um homem ou uma mulher.

- *Você é a favor do porte ser legal?*

- Posse de arma, sim. Eu sou completamente favorável para defender a família e tal. A família e sua vida. O que você tem de mais importante na sua vida? A sua vida. Você não faria qualquer coisa para preservar a sua vida? (Fernando, 49 anos, motorista de Uber e comerciante – morador da Vila Matilde)

A ênfase não tão grande no tema da segurança pública entre os entrevistados pode ser uma particularidade de São Paulo e, ainda, dos bairros onde esses eleitores moram. Depois de

³³ Fonte: Genial Investimentos (2021).

sofrer com um aumento elevado de crimes como homicídios nos anos 1980 e 1990 (MAIA, 1999), o Estado de São Paulo iniciou um processo de redução progressiva desse tipo de crime até, em 2018, conquistar o posto de Estado com a menor taxa de homicídios no Brasil (G1, 2018b). Em geral, apesar de reconhecerem que a segurança é um problema em geral, havia menos reclamações com relação a esse assunto em seus bairros, o que explicava a ênfase menor no tema.

A Zona Leste é famosa por ter umas regiões mais violentas, né? Mas sinceramente, nessa região, eu não vejo isso... essa violência toda, essa coisa. Eu moro aqui com proximidade com uma área que tem, falando assim, mais violência que é aqui em São Mateus, aquela região que já é bem próxima aqui. [...] Apesar que eu não acho aqui violento, aqui. Pode ter nas pesquisas, não sei. (Fernando, 49 anos, motorista de Uber e comerciante – morador da Vila Matilde)

- O Direito de você poder ir e vir com segurança não existe mais, sabe? No entanto todo mundo fala da Ditadura. Espera um pouco, eu nasci em 1955, tenho 64 anos e quando eu tinha, dos meus 15 /16 anos que eu comecei a sair mais, comecei a sair com minha turma de escola e eu tive vezes que [...] eu vim do centro de Guarulhos até a Penha a pé porque naquela época não tinha ônibus a partir de uma hora, então, voltei a pé para minha casa. Até certo ponto, nós viemos juntos e foi dispersando o grupo no meio do caminho, de um ponto pra cá, eu vim sozinho, mas nem um pernillongo veio me picar.

- *Porque era seguro...*

- Hoje, eu não saio da vila que tem o portão aqui.

- *Mas aqui o senhor acha que é violento?*

- Aqui melhorou bem, o portão pra mim foi um bom e é a tal história: no interior o povo fala de mata burro; o mata burro nada mais é do que uma cerquinha besta, sabe? Mas o animal não vai pra frente dela. Aqui antes do portão, era o dia inteiro gente subindo, descendo, pedindo e tocando campainha. Hoje não tem mais, e o portão social você mesmo viu: é só empurrar e entrar. (Dorival, 64 anos, professor aposentado – morador da Penha)

A redução nos índices de violência em São Paulo, ainda mais nesses bairros, pode ajudar a explicar por que o tema da segurança pública surgia com mais força entre a direita janista e malufista do que entre os entrevistados bolsonaristas. Esse é um dos aspectos que podem ser peculiares da região pesquisada, pois é provável que o tema apareça com mais ênfase entre bolsonaristas de outros estados ou até mesmo em outros bairros de São Paulo onde há mais violência. Conforme fosse um tema que não afetasse tanto mais as suas vidas pessoais, a segurança deixava de figurar entre os temas mais urgentes, embora ainda fosse essencial no seu imaginário.

Por outro lado, o tema do militarismo³⁴ é totalmente ausente na pesquisa de Pierucci (1999). Não sabemos se não foi um tema abordado, mas, aparentemente, não era algo que surgia entre os janistas e malufistas. A ausência faz sentido: se Pierucci constata que são uma direita

³⁴ A discussão sobre o militarismo entre bolsonaristas também foi discutida, e em mais detalhes, em BARBOSA, 2021.

que não diz seu nome, e ser de direita estava fortemente associada à ideia de defesa do regime militar, é de se esperar que esses cabos eleitorais evitassem o tema. Por outro lado, como Bolsonaro é um ex-militar, surgia, de maneira natural, a questão do militarismo. E conforme o orgulho de se declarar de direita cresceu, o constrangimento de apoiar membros das Forças Armadas no governo – e inclusive de defender o regime militar – diminuiu.

Os militares estabeleceram uma presença constante nos rumos da política brasileira pelo menos desde a época do Império (FAUSTO, 1995). Após o fim do regime militar, houve um recuo dos militares participando em diferentes instâncias de governo. No entanto, especialmente a partir do governo de Michel Temer, após o impeachment de Dilma Rousseff, um número significativo de militares foi chamado para participar do governo. Com Bolsonaro no poder, a participação de membros das Forças Armadas em cargos de natureza civil de seu governo foi ainda maior (SCHMIDT, 2022).

Os ativistas bolsonaristas, em geral, veem de forma positiva que militares participem do governo Bolsonaro. Alguns, aliás, votaram nele pensando justamente nisso. No imaginário desse eleitorado, os militares possuem um papel importante no país de impor a ordem, honestidade e respeito, de resgatar valores, ainda mais para resolver a “bagunça” que o Brasil havia se tornado.

- [...] pensando nessa coisa de ordem, de honestidade; você pensa que um militar, um policial... você tem essa doce ilusão que eles vão pôr ordem, né?

- *Ordem em que sentido?*

- Ordem das coisas serem mais justas, serem mais honestas, dele não aceitar essas alianças por interesse, apesar da política ser uma aliança do interesse e você faz uma coisa pra um, pra outro fazer por você.

- *Essa é a imagem que você tinha dos militares?*

- Essa era a imagem que eu tinha dos militares e hoje, pelo que estou vendo... [...] que está uma bagunça porque eles estão brigando entre eles, não vai chegar em lugar nenhum. (Mariana, 36 anos, gerente comercial – moradora da Vila Prudente).

- [...] porque entre os outros candidatos ele [Bolsonaro] era o que a gente tinha mais esperança, né?

- *E o que dava esperança?*

- Ah, por ele ter sido militar, essas coisas...

- *Qual a importância de ter sido militar?*

- Uma pessoa mais honesta, mais disciplinada, né? Mais rígida, né? O resto... (Griselda, 73 anos, aposentada – moradora da Vila Sabrina).

A visão positiva sobre os militares era, frequentemente, influenciada pela visão que tinham do regime militar. A grande maioria corrobora a narrativa de que o golpe de 1964 foi necessário para impedir que o Brasil se tornasse um país comunista. E muitos dos entrevistados ressaltam pontos positivos do regime, ou de que eles ou seus pais alegam não terem passado por algum problema com o regime. Uma palavra reiterada era a ideia de “respeito”. “Naquela

época, havia respeito”, havia “patriotismo”, ou então, que as coisas “funcionavam”. Apesar de reconhecerem “excessos” dos militares, seja nas torturas, seja de terem se estendido por tempo demais no poder, o sentimento mais comum era de certo saudosismo.

E o que eu digo, assim [...] o que era de bom do Regime Militar era o quê? Os valores... [...] as pessoas tinham o respeito do [...] que eu sinto falta... eu lembro (que) na semana de sete de setembro, a gente colocava uma fitinha verde e amarela no peito, os cata-ventos nos carros, tinha o desfile cívico, então, a gente tinha aquela coisa de incentivar o amor à pátria porque parece que, depois que acabou o regime, a pátria acabou, não tem mais amor, não tem mais nada. Só se lembra de amor à pátria na época da Copa do Mundo, mas depois do que o Neymar lá... ficou afastado porque perdeu por sete a um, parece que o povo não se habilitou nem para torcer mais pelo país, o pessoal não torce. Então, o que eu sinto falta da época do Regime Militar era isso: o patriotismo. (Diana, 50 anos, policial militar – moradora do Tucuruvi)

Regime Militar. Eu acho engraçado que muitas pessoas daquela época, que hoje, estão mais velhas, obviamente, falam assim: “Era bom na época do Regime Militar”, você já deve ter ouvido isso, né? As pessoas falarem “Era bom no Regime Militar, porque as coisas funcionavam”, as coisas, tipo assim, “tinha respeito”. (Marcelo, 25 anos, gerente comercial – morador do Tucuruvi)

Esse saudosismo dos tempos da ditadura se refletia também na visão que os entrevistados tinham sobre o papel dos militares no país. Mais do que proteger as fronteiras, mais do que um símbolo do país, as Forças Armadas tinham – aos seus olhos – um papel na política também, seja para restabelecer a ordem, seja para corrigir os rumos do país, como já tinham feito no passado. Os militares, portanto, seriam – ou deveriam ser – uma espécie de Poder Moderador, uma instituição que age nos rumos da política brasileira sempre que fosse necessário.

Porque eu acho que os Militares são o Poder Maior do país, assim. Eu acho que se o país, por acaso, for entrar numa crise política ou alguma coisa do tipo, Crise civil, guerra civil... eu acho que eles precisam intervir para colocar as coisas em ordem. (Vitor, 25 anos, desempregado e trabalhador autônomo – morador do Tucuruvi)

Como dizia Rui Barbosa, pô: “quem é acima do judiciário?” Não tem. O povo pode pegar em armas? Não pode ter nem arma e nem deve... porra, então, vai as Forças Armadas... é um quarto poder que tem que surgir aí, cara. Esse é meu ponto de vista, entendeu? (Lair, 68 anos, consultor de informática aposentado – morador de Santana)

Essa discussão frequentemente levava ao tema de uma intervenção militar. Isso significava, segundo os entrevistados, usar os militares para confrontar aqueles que agiam contra Bolsonaro (o que, para eles, muitas vezes, significava agir contra o Brasil) e que o impediam de fazer as coisas que o país precisava. Portanto, uma intervenção geralmente implicava o fechamento do Congresso e da Suprema Corte com a ajuda dos militares ou a prisão dos inimigos políticos de Bolsonaro. Muitos deles achavam que não havia nada de errado ou mesmo autoritário nisso, pois – segundo sua própria interpretação errônea – o artigo 142 da Constituição Federal brasileira de 1988 daria ao presidente o poder de usar os militares para

esses fins. Na verdade, este era um ponto importante para eles: eles não queriam que os militares tomassem o poder, eles apenas queriam que as Forças Armadas consolidassem o governo de Bolsonaro sem que outras instituições atrapalhassem.

Nas manifestações que acompanhamos em 2019, os chamados “intervencionistas” estiveram presentes em todas as manifestações, em números variados. Apenas nas manifestações lavajatistas, eles geralmente estavam menos presentes, enquanto nas manifestações bolsonaristas eles se sentiam claramente mais confortáveis em estar lá. Em uma ocasião, para a manifestação de 26 de maio, como relatamos no capítulo anterior, os movimentos lavajatistas decidiram não ir aos comícios porque muitas das convocatórias foram consideradas antidemocráticas, exigindo o fechamento do Congresso e do Supremo Tribunal Federal. Bolsonaro pediu publicamente a seus partidários que não levassem faixas promovendo essa agenda, e seus seguidores seguiram a orientação, embora algumas dessas faixas e cartazes ainda estivessem presentes no dia, ainda que em número reduzido.

De modo geral, os intervencionistas foram aceitos, tolerados ou, na melhor das hipóteses, ignorados pelos principais grupos organizadores. Embora seus carros de som geralmente estivessem separados de seus grupos principais, faixas e cartazes convocando a intervenção militar podiam ser vistos durante os protestos. Dos carros de som, diferentes pessoas faziam palestras, algumas delas vestidas com uniforme militar. No dia 30 de junho, um homem que discursou se apresentou como sargento do Exército; porém, não estava claro se ele e os outros eram realmente militares ou apenas pessoas vestidas com um traje típico. Este homem falou livremente sobre como aquela manifestação foi importante para “matar de uma vez por todas esses comunistas, malucos de esquerda”, entre outras coisas, ao que a multidão respondia aos gritos “Queremos intervenção!” ou “Aço!”.

Mesmo quando não mencionavam a intervenção militar, os discursos antidemocráticos não eram incomuns durante os comícios. No dia 07 de abril, um dos ativistas discursando em carro de som argumentou que pedir o “fim do STF” – como muitas faixas e cartazes costumavam dizer – não era antidemocrático, pois não queriam fechá-lo completamente, mas “apenas” substituí-lo por um Tribunal “mais representativo”, visto que o atual não era “democrático”. No dia 08 de dezembro, Carla Zambelli, deputada federal e líder do movimento NasRuas, respondeu do carro de som a uma pergunta sobre o fim do Supremo Tribunal Federal. Ela argumentou que a ideia “era boa na prática”, mas não era o melhor caminho a seguir

“agora”. Segundo ela, isso geraria “uma grande insegurança jurídica”, principalmente em um momento “em que o Brasil está recuperando sua imagem no exterior”.



Figura 10: Grupo pedindo intervenção militar. Ato do dia 26 de maio de 2019.



Figura 11: Carro de som com homem fardado pedindo intervenção militar. Ato do dia 30 de junho de 2019.



Figura 12: Carro-de-som com faixa “Artigo 142 Já”. Ato do dia 25 de agosto de 2019.



Figura 13: Manifestante com cartaz pedindo intervenção no STF. Ato do dia 17 de novembro de 2019.

3.3. Autoritarismo e revolta contra o sistema

Com a devastação do sistema político e partidário como resultado da Operação Lava Jato, o Brasil chegou a 2018 altamente insatisfeito com a sua democracia. De acordo com o Latinobarómetro, uma pesquisa de opinião anual realizada no continente latino-americano, em 2018, o Brasil figurava, entre os países da América do Sul, como o país com o segundo menor índice de satisfação com a democracia (depois da Venezuela), o país com o menor apoio à democracia, o país com a menor confiança nos partidos políticos, e um dos países com maior confiança na Forças Armadas. Como se pode ver nos Gráficos 11, 12, 13 e 14 a seguir, o pleito de 2018 reunia diversos elementos que favoreciam a eleição de um candidato *anti-establishment* como Bolsonaro.

Gráfico 11: Latinobarómetro – Satisfação com a Democracia em países sul-americanos em 2018³⁵

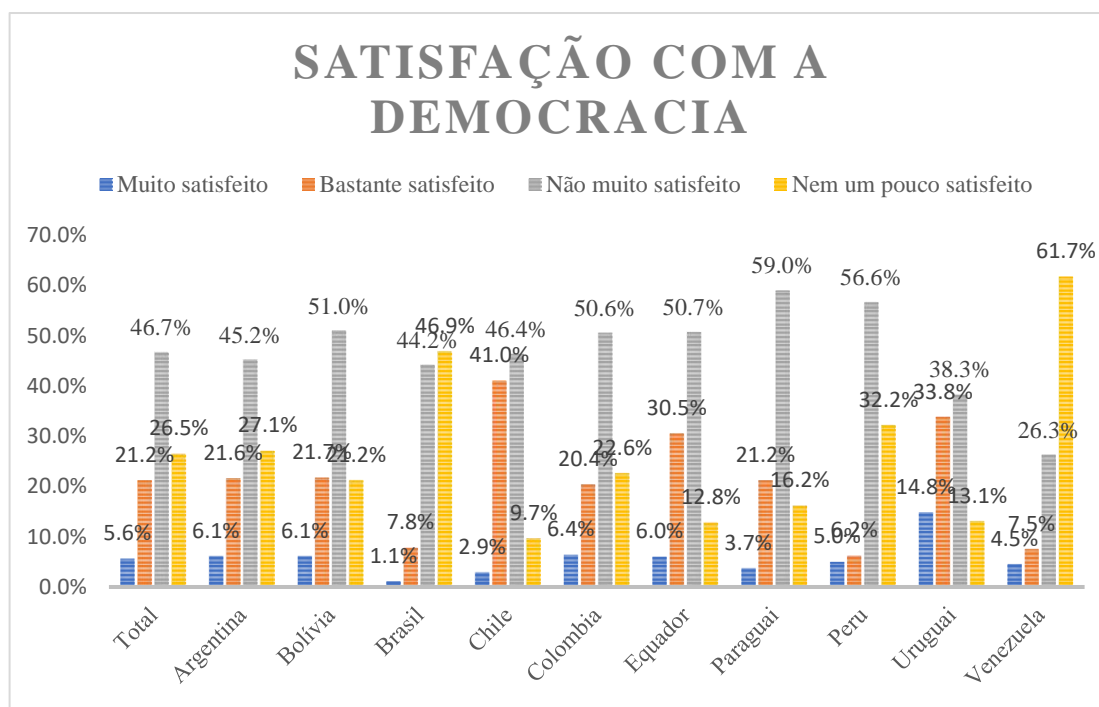
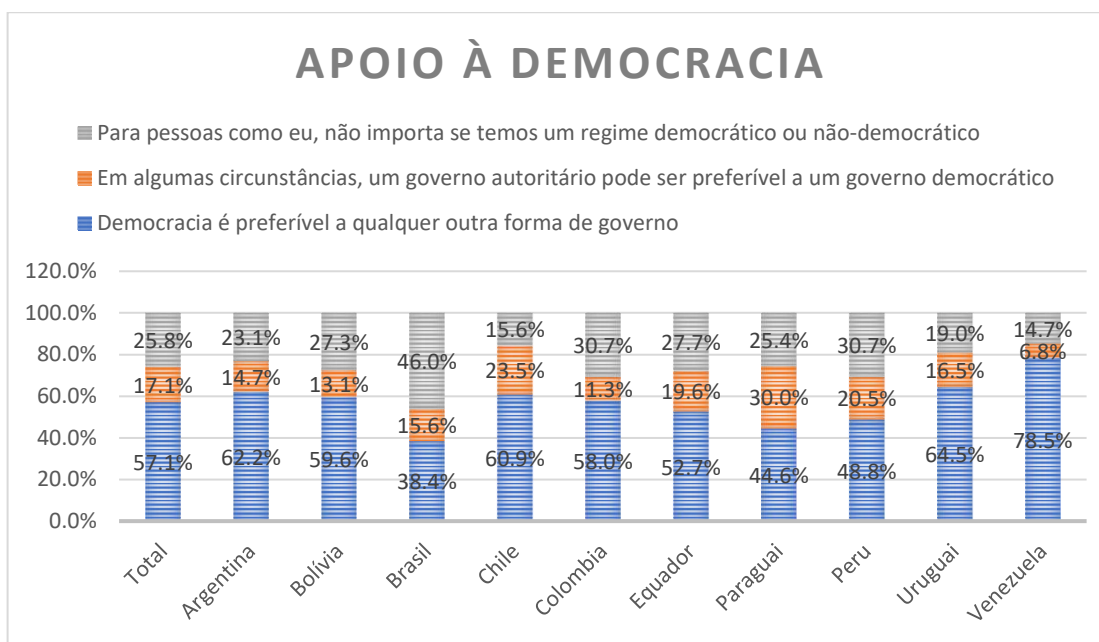


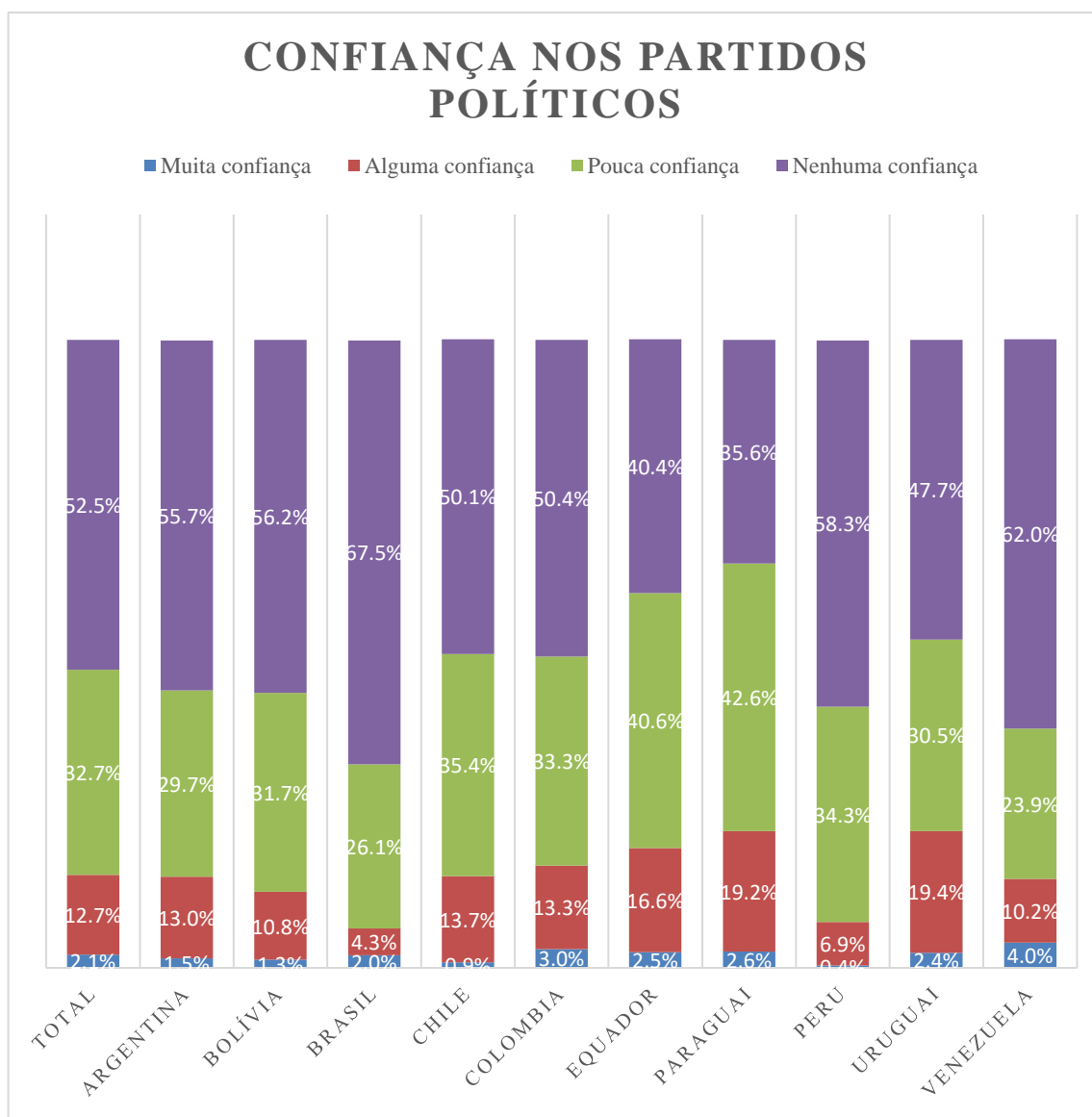
Gráfico 12: Latinobarómetro – Apoio à Democracia em países sul-americanos em 2018³⁶



³⁵ Pergunta: “Em geral, você diria que está muito satisfeito, bastante satisfeito, não muito satisfeito ou nada satisfeito com o funcionamento da democracia em (país)?”. Fonte: Latinobarómetro, 2018.

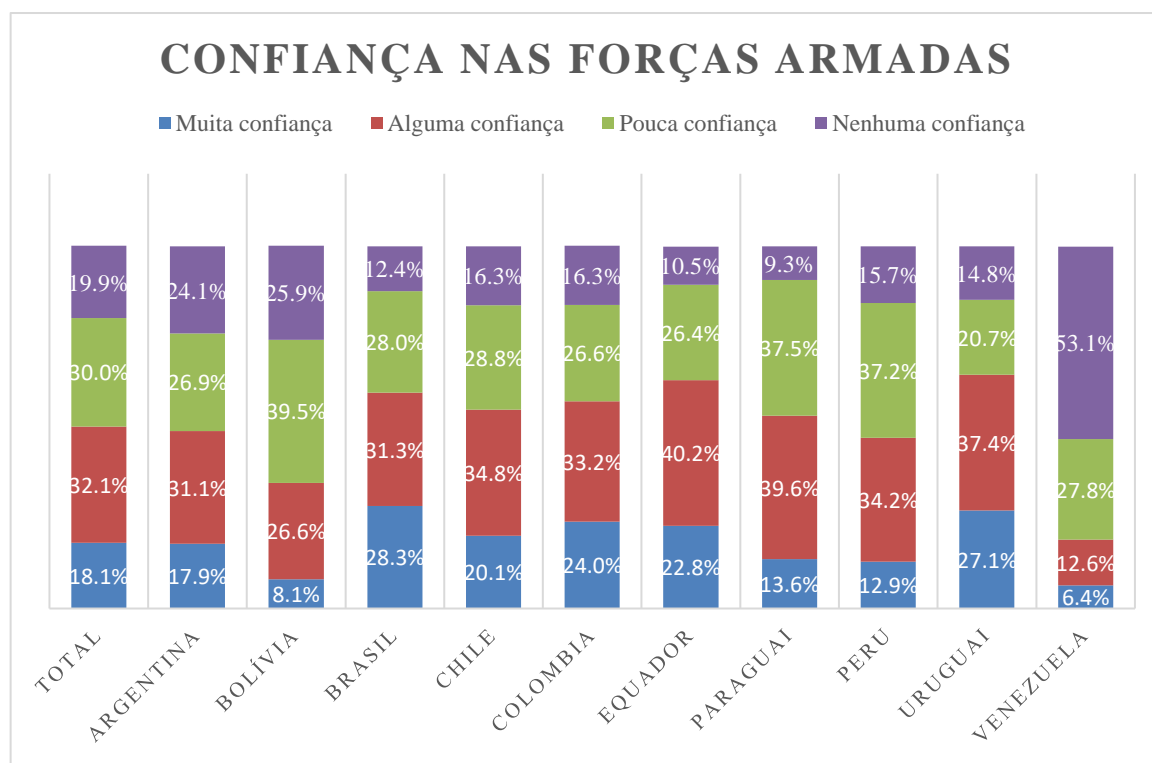
³⁶ Pergunta: “Com qual das afirmações a seguir você concorda mais?”. Fonte: *Idem*.

Gráfico 13: Latinobarómetro – Confiança nos Partidos Políticos em países sul-americanos em 2018³⁷



³⁷ Pergunta: “Por favor, olhe este cartão e diga-me o quanto você confia em cada um dos seguintes grupos / instituições. Você diria que tem muita (1), alguma (2), pouca (3) ou nenhuma confiança em (4) ...? Os Partidos Políticos”. Fonte: *Idem*.

Gráfico 14: Latinobarómetro – Confiança nas Forças Armadas em países sul-americanos em 2018³⁸



Se os índices eram alarmantes sobre a população geral brasileira, entre os militantes bolsonaristas, era de se esperar que fossem muito piores. Solano (2021) ressalta que o bolsonarista moderado, apesar de adotar as outras pautas características do bolsonarismo apresentadas no presente trabalho, rejeita os seus arroubos autoritários. Em entrevista, Isabela Kalil, contudo, ressalta que uma parte dos bolsonaristas estava insatisfeita justamente com a falta de radicalismo do presidente (KALIL, 2019). Entre os entrevistados desta pesquisa, encontrávamos aqueles mais fiéis e radicais; portanto, alguns apoiavam abertamente a ideia de uma intervenção militar. Mesmo entre aqueles que não apoiavam de forma veemente, era com facilidade que alguns enxergam um contexto no qual uma intervenção militar seria justificável ou desejável.

- *O senhor seria a favor de uma intervenção militar?*

- Eu seria, sem dúvida nenhuma.

- *E por quê?*

- Por quê? Para acabar com isso. Pra começar, eu estudei na época dos militares, sabe, eu estudei. Não tinha essas balbúrdias que tem hoje, não tinha tanto roubo como tem hoje. O país tinha Volks, tinha... o país estava... foi só o Fernando Henrique entrar para cá, eles pegaram as coisas boas... então, eu sou a favor da intervenção, sim. [...]

³⁸ Pergunta: “Por favor, olhe este cartão e diga-me o quanto você confia em cada um dos seguintes grupos / instituições. Você diria que tem muita (1), alguma (2), pouca (3) ou nenhuma confiança em (4) ...? Forças Armadas”. Fonte: *Idem*.

Se tiver uma intervenção aqui, tá começando tudo de novo, né? Não tá? Porque não tem Congresso. Fecha tudo! Judiciário... [...] Que democracia é essa? Que tem essas panelas, essas gangues, PT, PMDB, é, PSD, eles só estão ali para fazer a máquina andar e com o dinheiro de cada um... Quêrcia ficou pobre? Fernando Henrique está pobre? O Sarney, a família do Sarney está pobre? Não... eles estão tudo trilionários.

- *Mas era diferente na Ditadura, você acha?*

- Ah, não tinha essa baderna, tinha respeito. Vê se tinha no noticiário de aluno batendo no professor? (Luís, 66 anos, comerciante autônomo – morador do Belenzinho).

Sabe que, às vezes, eu penso [em uma intervenção militar], viu, principalmente no STF (risos). Mas eu acho que aí tem que respeitar o Congresso mesmo com todos os defeitos. A gente não pode intervir, não. Não sou muito favorável à intervenção, não. É um processo de amadurecimento, embora a gente não concorde com muita coisa, mas nós somos assim. Aquele Congresso é um retrato nosso, se a gente quer melhorar o Congresso a gente tem que estudar mais, o povo tem que estudar mais, tem que evoluir mais, entendeu? (Nilson, 65 anos, aposentado – morador do Tatuapé).

- É como o Bolsonaro falou, não há necessidade de haver uma intervenção militar a não ser que seja por realmente um extremo. Não sou a favor não de uma intervenção militar, acredito na Democracia, tudo é conversado, né? Mas que tem que ser punido os corruptos, tem que ser punido, sim. [...]

- *Você acha que se o Bolsonaro defender que precisa fazer uma intervenção militar, você acha que vai apoiar também?*

- Ah sim, se precisar fazer a intervenção militar, eu vou apoiar sim, porque eu acho que ele chegar nesse extremo é porque realmente é uma necessidade. Ele fez uma afirmação – eu tenho essa afirmação dele aí – que ele falou que isso jamais ele faria uma coisa dessa, de usar a intervenção militar para poder bloquear algum sistema, mas só que está extremamente perigoso. Esse STF aí está fazendo coisas realmente... que deixa a gente muito triste mesmo, apoiando bandido, soltando bandido, está demais. (Sindoal, 55 anos, eletricitista – morador da Vila Guilherme).

Um aspecto curioso entre os entrevistados é que, quando perguntados se preferiam uma democracia ou uma ditadura, era praticamente consensual a resposta a favor da democracia. Em alguns casos, a resposta soava mais como uma forma de dizer o que era politicamente correto; em outros, a pessoa parecia mesmo acreditar naquilo. Mesmo assim, era muito fácil que alguns entrevistados defendessem atos autoritários sem deixar de dizer que defendiam a democracia, o que revelava uma falha em compreender o que isso realmente significava. Essa é uma nuance que pesquisas quantitativas podem, muitas vezes, não capturar, escondendo que o apoio à democracia pode ser ainda menor do que os dados mostram. O longo diálogo com Hugo demonstra a dificuldade do entrevistado de enxergar o seu autoritarismo.

- Eu acho que, o que país está vivendo hoje, com a questão de violência, eu acho que isso se faz necessário.

- *Se faz necessário o quê?*

- A questão da Intervenção Militar. [...]

- *Mas, o que significaria uma Intervenção Militar pra você?*

- Assim, eu acho que se faz necessário, sim, pra questão da segurança do país.

- *Mas fazer o quê? Tipo de fechar o Congresso? Fechar o Supremo? Tomar o Poder?*

- Não, tomar o Poder, não.

- *Mas então, em qual sentido...?*

- Assim, trabalhar em conjunto... hoje, trabalhar em conjunto com o Poder, vamos se dizer assim. [...] Poderia, sim, montar-se um projeto para a Intervenção Militar... principalmente no STF, depois dessa safadeza que foi feita.

- *Mas aí, o quê? Fechar o STF?*
- Isso, fechar nesse sentido.
- *Nesse sentido, qual?*
- Nessa questão de... desses projetos que eles aprovam e das leis que são aprovadas entre eles. Porque, a partir do momento que você é condenado, seja em primeira ou segunda instância, você não tem que ser solto. Você foi condenado. Porque a segunda instância, se você for analisar friamente, favorece quem é rico. Porque a pessoa vai ter direito ao.... que nem, por exemplo, o Lula; ele vai responder à segunda instância em liberdade porque ele tem dinheiro para ficar bancando advogado para responder por ele. E quem é pobre que foi preso por segunda instância? [...] Então, não favorece quem é pobre. Então, é aquilo que eu te falei... então, o que o comunismo faz? O comunismo, indiretamente, não favorece quem é pobre. Ele favorece que seja pobre no início para depois favorecer eles. [...] Eu acho que se faz necessário (fechar o STF), mas não da forma como foi antigamente.
- *Mas não é, de certa forma, instaurar uma Ditadura, fazendo isso?*
- É aquilo que eu te falei, não daquela forma.
- *De que forma?*
- Da forma como foi colocada na época, entendeu? Aquela época era realmente uma Ditadura, tanto que os caras falavam e acabou.
- *Mas se fechar o Supremo, não é uma Ditadura?*
- Eu acho que não, porque hoje, o brasileiro, em si, ele tem mais conhecimento, apesar de muita coisa que ainda acontece, ele tem mais noção. Ele, hoje, bate mais de frente. Então, eu acho que o Exército em si, poderia trabalhar junto com o governo, mediante a segurança do país. Trabalhar junto e não significa que eles vão tomar o poder.
- *Mas fechar o Supremo não é uma forma de...?*
- Eu acho que fechar o Supremo seria uma forma de prevenir muita coisa.
- *Não é ditatorial?*
- Não, não seria ditatorial, porque assim...
- *É um dos pilares da Democracia manter o Judiciário independente.*
- Eu acho que não, porque assim, iria prevenir muita coisa... que nem, por exemplo, o que aconteceu agora com a questão do Lula e volto a bater na questão do Lula: se o cara foi condenado, ele não tem que ser solto; ele pode, sim, cumprir uma prisão domiciliar? Opa, beleza, tudo bem. Mas não ser livre. O cara mal saiu da cadeia e foi fazer um *tour* pelo país. Qual foi o primeiro estado que ele foi? Ele foi pro Nordeste. Por que ele foi pro Nordeste? Porque lá, ele é mais forte. [...] Você não vê mais falar de PT e PSDB como falavam antigamente... de PSOL, do PV... você não escuta mais falar. Assim, se faz necessário para a questão da segurança. (Hugo, 28 anos, operador de caixa – morador de Santana).

Dois dos entrevistados eram oficiais da ativa das Forças Armadas, além de uma entrevistada que era policial militar. Os três eram contra a ideia de intervenção – talvez, curiosamente, os entrevistados que mais se opunham à ideia (o que, apesar da aparente sinceridade, podia ser também um discurso institucional). De acordo com os militares, apesar de saber que algumas pessoas clamavam por isso, esse tópico não seria algo que sequer era discutido entre as tropas. A policial militar Diana também se manifestou contra a ideia de intervenção, alegando, inclusive, ficar longe de atos de rua que pregassem qualquer ideia autoritária. Porém, ela admitiu que os policiais costumavam pender mais para a direita e que “a grande maioria”, de fato, apoiava Bolsonaro.

Com relação à confiança em outras instituições – como o Judiciário e a imprensa – os dados do Latinobarómetro demonstram que a população brasileira não destoa de outros países da região. No entanto, outras pesquisas ajudam a desvendar as diferenças de posicionamento

entre apoiadores de Bolsonaro e a população em geral. De acordo com o Datafolha, em pesquisa entre os dias 13 e 15 de setembro de 2021, enquanto 35% da população avalia o desempenho do STF como “ruim” ou “péssimo”, entre aqueles que aprovam o governo Bolsonaro, esse índice chega a 56%. De fato, em pesquisa durante a manifestação do 7 de setembro de 2021 a favor de Bolsonaro, Ribeiro e Ortellado (2021) encontraram que 59% dos manifestantes consideravam o STF o principal inimigo de Bolsonaro, enquanto 17% consideravam ser a esquerda, e 15%, a imprensa.



Figura 14: Manifestante pedindo o fechamento de Congresso Nacional e STF. Ato do dia 08 de dezembro de 2019.



Figura 15: Manifestante associando TV Globo a *fake news*. Ato do dia 08 de dezembro de 2019.

De fato, a imprensa também se tornou um dos alvos favoritos dos bolsonaristas. Com relação a essa instituição, o Instituto Reuters para Estudos do Jornalismo da Universidade de Oxford, utilizando dados colhidos pelo Datafolha entre maio e junho de 2021, revelou que a desconfiança na imprensa entre brasileiros subia conforme crescia a avaliação do governo Bolsonaro. Enquanto 53% dos que não confiavam na imprensa aprovavam o governo, apenas 28% dos que confiavam na imprensa também aprovavam Bolsonaro (TOFF *et al.*, 2021).

Além de ser alvo constante de ataques nas manifestações, os ativistas bolsonaristas demonstravam grande desconfiança com relação aos principais canais e jornais da imprensa, mas especialmente à Rede Globo. “Manipuladores”, “não são imparciais”, “atacam demais o presidente” eram algumas das falas recorrentes. Assim, eles acreditavam que a imprensa criticava muito o governo Bolsonaro, muito mais do que quando o PT estava no governo.

- Tem alguma coisa ou algumas coisas que você acha que o governo fez de ruim até o momento?

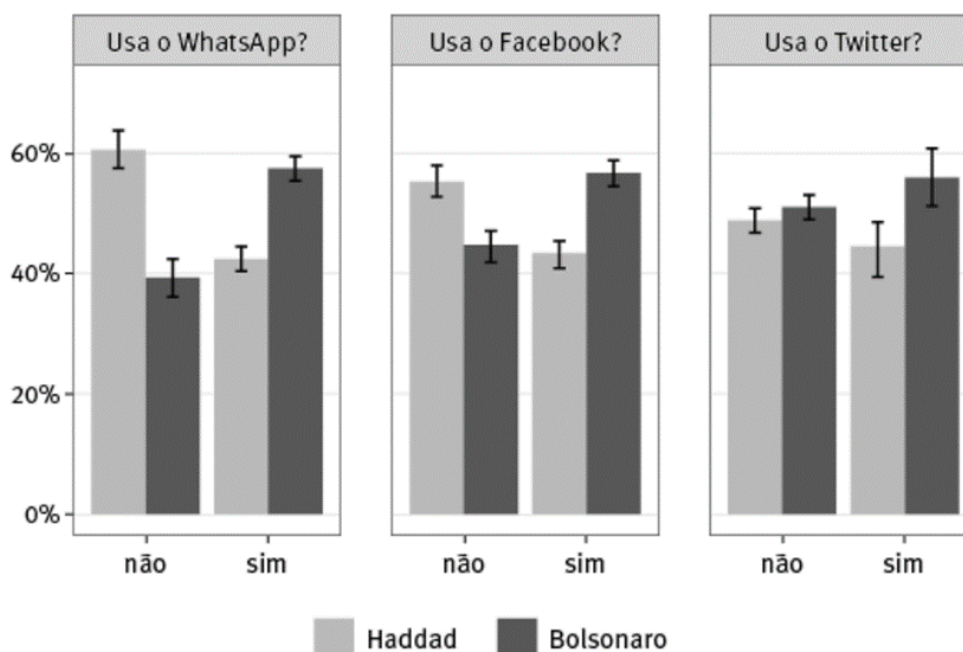
- De ruim? Não, deixou de fazer. Fechar a Globo de vez (risos). (Madalena, 56 anos, dona de casa – moradora do Tatuapé).

- Você acha que a mídia, hoje, é desfavorável ao governo?

- Com certeza, cem por cento (risos). Não sei se todas, mas a Globo mesmo não gosta dele, né? A gente sabe... as pessoas já estão bem esclarecidas em relação à rede Globo. Já sabem como é a forma deles agirem, qual é o real interesse deles, porque não é o povo, né? Os benefícios que eles tinham com o governo federal anterior e que eles não tiveram no governo atual, então, a gente sabe que ali é só jogo de interesse. O povo não está nem em primeiro lugar para eles. (Roberta, 42 anos, auxiliar administrativa – moradora da Vila Ema).

Isso significa também que, apesar de muitos ainda consumirem notícias nesses meios, esses eleitores buscam se informar de outras formas, e a Internet é a principal delas. Todos os entrevistados alegaram utilizar a Internet e as redes sociais, como Facebook, Twitter e diferentes sites para se informar sobre política; além, é claro, da página pessoal de Bolsonaro. Todos ainda confirmaram receber muitas notícias de amigos, familiares ou em grupos pelo WhatsApp. O aplicativo teria sido o meio pelo qual empresários pagariam disparos de mensagens para exaltar Bolsonaro e atacar seus oponentes durante a campanha eleitoral (FOLHA DE S. PAULO, 2019). Com base em dados da pesquisa Datafolha de 02 de outubro de 2018, o Gráfico 15 demonstra a diferença de voto entre aqueles que afirmaram utilizar redes sociais em comparação àqueles que não as usam.

Gráfico 15: Relação entre uso de redes sociais e intenção de voto no 2º turno da eleição presidencial de 2018³⁹



A importância da Internet e das redes sociais para esse eleitorado não pode ser subestimada. Como vários deles afirmaram, é a ferramenta que possuem para evitar a

³⁹ Fonte: NICOLAU, 2020.

“manipulação da mídia”. Por outro lado, isso significa que eles também se tornam mais suscetíveis a ver apenas um lado dos fatos e, pior, a notícias enganosas, as chamadas *fake news*. Embora alguns reconheçam que recebem *fake news* ocasionalmente, ou que sempre buscam confirmar se a notícia é real ou não antes de compartilhar, a verdade é que algumas passam despercebidas.

O PT esquece que ele colocou a Benedita da Silva, lá? Como Embaixadora em Nova York? Não sabia falar português e não fala uma palavra em inglês. Pelo menos ele (Eduardo Bolsonaro, sobre a ideia de Bolsonaro indicá-lo como embaixador nos EUA) fala, né? Quem é Benedita da Silva? Embaixadora lá em NY e deu aquele rolo ainda com as limosines que ela alugou, lá. Agora, vão falar do filho do cara... é um cara de confiança dele, ele põe lá e pronto, pra mim... (Daniel, 61 anos, aposentado e empresário – morador do Tatuapé).

- Hoje, você vê assim e eu não acho correto, por exemplo, um casal homossexual na rua, do mesmo sexo se pegando. Tem crianças, acho que como tem na escola aquela cartilha lá do PT, que se ensina a ideologia de gênero e essas coisas.

- *Que cartilha?*

- Então, não tinha uma cartilha que ensinava como... não vou saber dizer... tem a cartilha do PT. Como deve fazer homem com... tem uma faculdade que tem coisas assim para você, só passa, mas são informações que você não, não é tanto de... tem, por exemplo, lá explica que... não tem nada a ver, acho que não tem a nada a ver isso não... como o sexo anal, por exemplo, para não doer e para não ter dor na relação, mas não tem nada a ver isso daí.

- *Mas isso você viu sendo passado onde? Eu estou perguntando por que eu não sei.*

- Não, são informações que eu vejo. Aí, de uma faculdade, de uns alunos de uma faculdade aí que... informações que a gente tem, que está na mídia e a gente vê, passa, comenta-se... é, discute-se isso. Hoje, com as redes sociais também, isso também é muito ensinado. Mas, mais isso aí. (Fernando, 49 anos, motorista de Uber e comerciante – morador da Vila Matilde).

- Lula, que pegou dinheiro do Vaticano, foi pegar o dinheiro de lá e entrou com quatro ‘malinhas’ aqui, na boa, e ninguém falou nada porque era ex-presidente, mas presidiário. Mais ou menos isso.

- *Dinheiro do Vaticano? Não conheço essa história...*

- Como você não conhece?

- Não...

- Não? Ah, então, eu vou te contar a historinha... (*risos*) a tia Dilma foi passear pela França e já tinha dinheiro lá na conta do ‘padrinho’ lá da Argentina, lá do Vaticano. Assim que ele pôs o pé no chão fora da cadeia, a primeira coisa que ele foi (fazer) foi pegar um avião. Trouxe quatro malas, entrou por Guarulhos e ele não sei onde meteu o dinheiro. Eu acho que ele pega do santo Papa com o dinheiro dele lá do banco do Vaticano e saiu.

- *Mas onde você viu essa história?*

- As minhas fontes são minhas fontes; o pessoal que eu tenho muita amizade.

- *Tem mais por amigos, assim, que têm informação de dentro?*

- São pessoas que viram. (Madalena, 56 anos, dona de casa – moradora do Tatuapé)

Como esses eleitores, em geral, estão muito envolvidos na rede de sites e personalidades bolsonaristas e de direita, isso significa, naturalmente, que eles consomem muito o material compartilhado por essas pessoas e páginas. Assim, muitas desculpas, explicações e justificativas para escândalos e atitudes polêmicas do presidente e de seus filhos costumam se repetir entre os diferentes entrevistados. Isso não significa, entretanto, que aprovam tudo. Na

realidade, o que é praticamente consensual entre eles é que Bolsonaro fala demais, que fala muitas besteiras, e que seus filhos interferem demais e de forma negativa em seu governo. Mas isso não os abala o bastante para perder a confiança nele. As justificativas que recebem servem para ativar alguma forma de raciocínio motivado, como Norris e Inglehart (2019) notam; ou seja, sempre há alguma informação ou “notícia” que os impele a seguir convictos de que o acreditam está certo e é verdade.

Aparentemente, isso tende a funcionar porque havia muito tempo – se é que houve algum momento – que eles não depositavam tanta esperança em um político. Logo, eles queriam acreditar que fizeram uma boa escolha; afinal, a alternativa seria o PT, e nele eles não podiam acreditar. Bolsonaro era a esperança de um país que eles desejavam, diferente daquele que enxergavam sob o PT. Um dos entrevistados encaminhou um texto pelo WhatsApp que resume bem esse sentimento desses eleitores.

A verdade sobre Bolsonaro. E sobre você!

Bolsonaro fala algumas bobagens? Fala!
Bolsonaro faz algumas besteiras? Faz!

Eu também! E você também! Ou será que não? Ok, diria você, mas ele é Presidente da República e não deveria fazê-lo. Concordo. Seria o ideal. Só que tem uma coisa: Esse seu defeito é sua maior qualidade. Justamente por ter coragem de falar e fazer o que lhe vem na telha é que Bolsonaro é a única pessoa neste País com capacidade e coragem – vide a facada - de colocar a poderosa e perigosa esquerda em seu devido lugar: na lata do lixo. Bolsonaro só não consegue fazer as coisas no ritmo que queremos porque é um democrata e obedece a Constituição. Pois, como sabemos, os corruptos do Congresso e do Judiciário - bem como os funcionários aparelhados no MEC, no Itamaraty [sic], os sindicatos, etc. - estão fazendo e farão tudo para atrapalhar seu governo, acabar com a Lava Jato e continuar com o bem-bom e a impunidade da era PT e anterior. Como exemplo, veja o absurdo da decisão de Dias Toffoli que, espertamente, aproveitou uma petição de Flavio Bolsonaro – que é um pedido particular – para estender uma liminar que praticamente paralisou todas as investigações da Lava Jato e muitas outras mais.

É por isso que nós, eleitores de Bolsonaro, classe média que quer ver o País livre da esquerda, da militância frenética, da permissividade, da desestruturação da família, da impunidade, da falta de hierarquia entre pais, professores e adolescentes mal-criados, da mídia defendendo bandido e xingando polícia, da insegurança em relação às nossas propriedades adquiridas com tanto sacrifício, devemos aceitar os micos de Bolsonaro. Ninguém pode alegar ignorância. Você já o conhecia antes de votar nele. E mesmo porque ele é humilde o suficiente para reconhecer suas mancadas e voltar atrás em muitas delas. E também porque, apesar do constante ataque da mídia que quer fazer parecer o contrário, o País não parou: a equipe Bolsonaro, de altíssimo nível, está mudando – na velocidade possível – a cara da Nação. São reformas, privatizações, estradas e projetos os mais diversos em andamento. Espere até ver o resultado. Ao invés de ficarmos criticando Bolsonaro e ajudando os esquerdopatas, deveríamos, isso sim, dar força ao capitão, ignorar seus pequenos deslizos – sim, são pequenos, minúsculos, ridículos, ou você prefere os “deslizos ocultos” de Lula e Dilma que custam bilhões de dólares? - e pressionar o Congresso, Rodrigo Maia e Alcolumbre, principalmente, assim como o STF, Dias Toffoli à frente, indo às ruas e fazendo com

que parem de jogar cascas de banana no caminho de Bolsonaro e cumpram com seu dever constitucional votando o que de direito.

É isso aí!

Compartilhe, muita gente precisa entender isso.

(Percy Castanho Jr.)

A postura antissistema da direita bolsonarista pode parecer contraditória quando se leva em consideração o seu apoio às Forças Armadas, que já governaram o país. No entanto, trata-se exatamente disso: uma rejeição à Nova República e seus principais atores políticos e sociais. As Forças Armadas representariam um Brasil que – para eles – funcionava, e não o Brasil com a crise política, econômica e moral que encontraram em 2018. Como veremos no capítulo seguinte, a ideia do *establishment* estava intimamente ligada à esquerda, então outros atores e instituições que, de acordo com a visão dos bolsonaristas, estariam ligados à esquerda, como movimentos sociais, sindicatos, artistas, intelectuais e as universidades em geral também faziam parte desse sistema e precisavam ser combatidos.

Como mencionado no capítulo 1, há pouco do Tradicionalismo (TEITELBAUM, 2020) na direita bolsonarista. Contudo, um aspecto presente é a pulsão pela destruição. Teitelbaum afirma que Steve Bannon, guru de Donald Trump, utilizava o conceito de “destruição criativa” de Schumpeter no sentido que destruir as instituições seria bom, pois isso abriria espaço para surgirem novas e melhores no lugar. O contato com os entrevistados demonstrou que muitos deles compartilhavam desse tipo de visão. Cassar a concessão da maior emissora de TV do país; cassar o registro do principal partido de oposição; reduzir investimento nas universidades públicas, são exemplos do que seria considerado bom e correto. Não porque queriam uma ditadura em si. Aqueles que defendiam tais medidas sequer achavam que esses atos seriam autoritários. O propósito era que, destruindo instituições que estariam “podres”, abririam espaço, então, para que outras melhores surgissem no lugar. Não haveria espaço para conserto, apenas destruir e recomeçar do zero.

Por isso, o radicalismo de Bolsonaro havia apelo. Quando no dia 14 de abril de 2021, Bolsonaro afirmou que aguardava uma “sinalização” do povo para agir, em relação ao seu conflito com o STF, a direita bolsonarista saiu às ruas semanas depois, no 1º de maio, com faixas declarando “Eu autorizo”. Embora alguns manifestantes negassem que fosse um apoio a uma intervenção militar, admitiam que a manifestação de apoio era para Bolsonaro tomar “as providências que ele considerar melhor” (SESTREM, 2021). É difícil afirmar quais seriam os limites para a “autorização” dessas “providências”. Efetivamente, para alguns bolsonaristas,

não parece que eles existiam. Como um Nero moderno, haveria propósito se Bolsonaro colocasse fogo no Brasil todo. Seria a chance de refundar o que eles pensavam que não tinha solução.

Capítulo 4 – “Liberais na economia”: antipetismo, anticomunismo e meritocracia

Quando os entrevistados eram perguntados sobre as motivações para votar em Bolsonaro, uma delas era praticamente consensual: derrotar o PT. Se há um valor que une esse eleitorado é a rejeição ao Partido dos Trabalhadores, e essa rejeição variava desde um singelo desejo de mudança, pela alternância de poder, até um profundo sentimento de ódio ao partido. Isso ficava mais claro quando, nas manifestações de direita de 2019, muitos dos discursos e cantos eram repletos de “Fora Lula!” e “Fora PT!”, apesar de ambos estarem fora do poder desde 2016.

Como dito no capítulo anterior, “mudança” é uma palavra-chave entre esses eleitores. Após 13 anos de governos do PT, ou “30 anos de esquerda”, como alguns gostavam de dizer, e toda a “corrupção”, toda a “violência” e toda a “falta de respeito”, o país precisava mudar, eles argumentavam. Esse sentimento não era novo: em 2014, ele já era identificado entre a população, de modo que a campanha petista quis se aproveitar desse mote e colocou com lema para a reeleição de Dilma a ideia de “Muda Mais”. Com a reeleição de Dilma, seu impeachment e toda a crise decorrente disso e dos desdobramentos da operação Lava Jato, o desejo de mudança parece só ter crescido rumo a 2018.

Para a direita bolsonarista, impedir o PT de retornar ao poder era fundamental. Contudo, muito além do discurso tradicional de anticorrupção, com as entrevistas, ficou claro que o antipetismo tinha causas mais profundas. Em particular, havia uma incompatibilidade entre a visão de mundo que tinham com relação à economia e à sociedade e o que foi praticado pelos governos do PT. Isso se tornou mais evidente conforme essa direita foi compreendendo e incorporando ideais do liberalismo econômico em seu pensamento.

Este capítulo introduzirá, portanto, as questões socioeconômicas que motivaram a base bolsonarista. Em primeiro lugar, trataremos do antipetismo, explorando as suas diferentes dimensões entre os entrevistados. O trabalho deixa evidente que, além do ressentimento de ex-eleitores petistas, há uma aversão ao partido vai muito além da luta contra a corrupção, e que contesta as políticas redistributivas praticadas durante os governos do PT.

O antipetismo, todavia, não termina em si. Demonstraremos também como o antipetismo reavivou os velhos medos da direita de anticomunismo, agora sob o risco de “venezuelização”. A experiência dos governos petistas gerou um sentimento “anti-esquerda”

entre os bolsonaristas, o que implicou uma rejeição tão grande em outros partidos de esquerda, como o PSOL, mas também outros grupos que os entrevistados associam à esquerda, como artistas, intelectuais, as universidades etc.

Por fim, exploraremos as visões dos militantes bolsonaristas para a economia. Diferentemente dos janistas e malufistas de outrora, que não eram adeptos de ideias liberais, enxergando no Estado um papel importante a ser desempenhado na economia, os bolsonaristas já são mais receptivos a ideias como privatizações e redução da máquina pública. A posição deles coaduna com a visão que possuem sobre a meritocracia, acreditando mais nos esforços individuais como caminho para o sucesso do que a intervenção do Estado na tentativa de se reduzir as desigualdades.

4.1. Antipetismo: entre ressentidos e nunca convertidos

Como mencionado, mudar o país significava algo bem claro para os bolsonaristas: eleger alguém diferente do PT. O problema não era nem a figura do candidato petista, Fernando Haddad. Alguns entrevistados, de fato, demonstravam opiniões negativas com relação ao petista, citando sua passagem pela prefeitura como fraca, ou então que ele seria nada mais do que um “poste do Lula”; ou seja, alguém que estaria apenas representando Lula, sem pensar e agir por conta própria. Outros, porém, até elogiavam Haddad, destacando sua inteligência, boas ideias e boas intenções, ou apreciando seu foco na educação. Assim, alguns bolsonaristas admitiram até a possibilidade de votar nele... se ele se candidatasse por outro partido. O problema, enfim, é que ele estava no “partido errado”.

Os entrevistados demonstraram uma grande variedade de respostas sobre o momento de adesão à candidatura de Bolsonaro: alguns – geralmente, os mais radicais – já apoiavam o candidato desde que ele manifestou a intenção de concorrer; outros aderiram logo no início da campanha, quando prestaram mais atenção no que ele tinha a dizer; e outros decidiram o voto não muito tempo antes do primeiro turno, quando estava claro que ele era o candidato mais bem posicionado frente ao PT. Inicialmente, com uma ampla seleção de candidatos para escolher, alguns desses entrevistados admitiram que poderiam ou que até prefeririam outros candidatos; porém, eles foram influenciados pelos resultados das pesquisas de opinião, convencendo-se, assim, de que Bolsonaro era a melhor – ou a única – opção para derrotar o candidato petista.

Tem que mudar, eu votei contra o PT. Nós temos um grupo de família que minha neta... porque meu irmão não queria votar no Bolsonaro, aí meu irmão falou assim, que a gente precisa analisar, porque ele achava que ele não ia ser um bom governo, que ele estava sozinho e um governo não se dirige sozinho. Aí eu fiz assim, bom, na minha opinião, o culpado do Bolsonaro ganhar é a pesquisa. Porque se não houvesse pesquisa, eu não ia votar no Bolsonaro. Provavelmente, ou ia votar no Álvaro Dias ou no... o que está trabalhando com o Dória aqui em SP, o Henrique Meirelles, um ou outro seria meu candidato. Mas o que deu a pesquisa: ou Bolsonaro ou (Fernando) Haddad. PT nem pensar, comigo não tem chance. Nunca votei, nunca acreditei no PT, não acredito em ninguém que é do PT, que Deus me perdoe. Aí minha sobrinha falou que a gente precisa pôr amor, e eu falei: “Amor, não, a gente tem que ter realidade. Nós estamos, gente, tem que ver o seguinte, ou vai ser Haddad ou vai ser Bolsonaro. Haddad, não, pelo amor de Deus, nós vamos continuar deixando o país na mão deles? Não, não”. Então meu voto é Bolsonaro, por essa razão. E até hoje, ainda não me arrependi de ter votado nele não, não me arrependi. (Irene, 71 anos, dona-de-casa – moradora de Pirituba).

[...] Quando surgiu essa eleição agora, você tinha partidos pequenos: Podemos... eu até ia votar no Alckmin, mas o PSDB também é a mesma linha do PT, tão corrupto quanto, e o problema era que os outros partidos, as lideranças não estavam despontando, não estavam batendo de frente, falando a mesma linguagem do PT, não estavam falando a mesma linguagem e o único que falava a mesma linguagem de embate foi ele (Bolsonaro), e ele progrediu. Aí, no final, eu falei, bom, vamos evitar o pior, vou votar no Bolsonaro porque se a gente espalhar os votos todos aqui, o PT vai ganhar no primeiro turno de novo. Então, isso foi o pensamento de muitos colegas meus, de grande maioria que sabe que o Bolsonaro fala muita bobagem, que a família dele também é um.... não é tão limpa, mas foi um voto para evitar o pior. Essa que foi a decisão: votei no Bolsonaro para o PT não continuar destruindo o Brasil. Só isso. (Luciano, 62 anos, bancário – morador de Santana).

Para compreender a frustração que ativistas bolsonaristas sentem, é preciso delinear o que significou os anos do governo do PT. O governo Lula e o governo Dilma, que buscou, até certa medida, dar continuidade ao projeto do seu antecessor, representaram em conjunto o lulismo, um projeto político que, na definição de André Singer, significa a “diminuição da pobreza com manutenção da ordem”, ou em outras palavras, “a adoção de políticas para reduzir a pobreza – *com destaque para o combate à miséria* – e para a ativação do mercado interno, *sem confronto com o capital*” (SINGER, 2012: p.13). Este projeto conquistou a adesão dos setores mais pobres da população, especialmente o subproletariado, que, na definição de Singer, é o setor da sociedade que “vive com uma renda aquém daquela que permitiria a reprodução de sua força de trabalho em condições ‘normais’” (SINGER, 2013: p. 24). Em geral, isso engloba trabalhadores informais, sem carteira assinada, muitos dos quais são atendidos por programas sociais, como o Bolsa Família.

O sucesso do lulismo se traduziu na ascensão do que alguns atores chamaram de “nova classe média” ou “nova classe trabalhadora”. O economista Marcelo Neri (2008) ressalta o crescimento de pessoas com renda familiar mensal entre R\$ 1.064,00 e R\$ 4.519,00

(aproximadamente uma faixa entre 2 e 11 SM da época)⁴⁰, que teria saltado de 44,19% da população em 2002 para 51,89% em 2008. Essa faixa seria a chamada “classe C”, o que Neri descreveria como a classe que “aufere em média a renda média da sociedade, ou seja, é classe média no sentido estatístico.” (NERI, 2010, p. 29). Waldir Quadros (2008) também destaca a expansão da classe C, mas a classifica como, no máximo, classe média baixa, com renda familiar média entre R\$ 593,00 e R\$ 1.482,00 – algo cerca de um valor entre 1,5 e 3,5 SM da época). O autor ressalta, porém, que um verdadeiro padrão de classe média pressupõe hábitos de consumo aos quais essa classe ainda não teria acesso, como viagens internacionais, serviços de qualidade (sem depender da rede pública), moradias diferenciadas etc. Assim, essa classe C “no máximo pode ser classificada como remediada ao se diferenciar da massa de pobres e miseráveis” (QUADROS, 2008: p. 16). Jessé Souza (2012) desenvolve ideia similar à de Quadros, considerando essa classe como “nova classe trabalhadora”. Mesmo com a inclusão dessa camada da população na sociedade de consumo de bens e serviços antes restritos à classe média tradicional, ainda havia diferenças culturais que as separavam, como os bairros onde moravam, familiares de maior nível educacional etc. Seriam ainda, portanto, classe trabalhadora, embora nova, pois se diferenciava da antiga classe trabalhadora ligada ao fordismo, com regime de trabalho diferenciado, ajustado às demandas do capital financeiro.

Com esse processo de ascensão social dos mais pobres, é muito fácil, para críticos dos antipetistas, cair em narrativas fáceis, simplistas e pejorativas. Como, por exemplo, de que esse eleitorado “odeia pobres”. Sem querer afirmar que isso não ocorre de qualquer maneira, a questão é que a explicação tende a ser muito mais complexa do que isso. E mesmo quando um sentimento como esse estiver presente, é muito difícil de mensurá-lo, porque praticamente ninguém vai dizer isso de forma explícita.

Simplista também é resumir tudo à corrupção, como muitos antipetistas gostam de justificar. Na realidade, o antipetismo é anterior à chegada do PT ao poder, fundamentado no velho anticomunismo e no preconceito à figura de Lula, um sindicalista, retirante do Nordeste, “analfabeto” e “cachaceiro”, e alguém que “nunca gostou de trabalhar”. A corrupção, embora seja uma motivação concreta para a rejeição ao PT, é utilizada muitas vezes meramente como justificativa moral, ocultando outras motivações nem sempre igualmente nobres.

Algo importante de se ressaltar entre a direita bolsonarista é que a maioria dos entrevistados votou em candidatos do PT à presidência em algum momento. Alguns, de fato,

⁴⁰ O salário mínimo em 2008 era de R\$ 415,00. Fonte: FETAPERGS.

nunca votaram no partido, ou pelo menos não para presidente, demonstrando um antipetismo antigo, ou enquanto só votaram em 1989, contra Fernando Collor, porque eram “muito jovens”. O restante, contudo, votou, sim, em outras eleições, e cada um foi abandonando o apoio ao partido em diferentes momentos: alguns já em 2006, outros em 2010, alguns outros em 2014, e outros apenas em 2018.

Há dois eventos cruciais que marcaram esses ativistas bolsonaristas com relação ao seu apoio ao PT: o escândalo do “Mensalão”, em 2005, com a acusação de compra de votos de parlamentares pelo governo, e a operação Lava Jato, iniciada em 2014, que citamos anteriormente. Aqueles que se desiludiram com o primeiro escândalo ou deixaram de votar em Lula em 2006, ou ainda insistiram em reelegê-lo, mas não votaram mais no partido depois disso. Aqueles que se desiludiram com o avanço da operação Lava Jato e a crise econômica também: alguns deixaram de votar na reeleição de Dilma, outros ainda repetiram o voto nela em 2014, e se arrependeram conforme mais revelações surgiram das investigações ou com a crise econômica que se revelava logo no início de seu segundo mandato.

Entre essas pessoas, portanto, que acreditaram em algum momento em Lula, Dilma ou o PT, há um profundo sentimento de que eles foram traídos. Não tinham sido eles que haviam mudado; o PT que havia abandonado seus princípios, suas promessas e seus ideias. E a decepção que tiveram, após acreditarem no PT, ou mesmo de apenas dar uma chance ao partido (apesar de serem de direita), foi algo que eles não conseguiram perdoar. A traição levou a um ressentimento, o que, por fim, levou a uma forte aversão ao PT.

Eu detesto todos esses corruptos aí [risos], primeiro é o Lula, que foi um traíra, que eu passei vergonha depois entre os meus colegas bancários, que eu falei para eles, que eu ia votar no Lula, que a gente ia mostrar. No primeiro tempo, o Lula foi bem, mas depois, olha, está se aliando, está fazendo o pior, está... e comecei a passar vergonha, e passei a mudar, porque é aquele negócio, você não pode ter um bandido de estimação, defender tudo que ele faz... não! Me traiu, a única coisa que, você passa a ter muito mais raiva, porque se sente traído. Toda traição, mesmo que ele faça alguma coisa certa, você não aceita, né? Então, também não fez muita coisa certa. O Bolsa Família, só batizou, juntou, deu uma embalagem nova e deu para todo mundo, para quem precisa e para quem não precisa... então, eu detesto, em primeiro lugar, o Lula, o Zé Dirceu, o Genoíno também... o Zé Dirceu nunca, também nunca gostei, sempre soube que ele era, que foi formado em terrorismo em Cuba, então nunca gostei dele. E ele também não era uma figura, assim, que nasceu junto do sindicato, como o Lula, o japonês lá [...] a Dilma despontou depois, não era nem... se tornou política agora no final, mas não era uma figura que era conhecida, Ao menos, na minha época, como o PT cresceu dos trabalhadores mesmo, no início, ele era o Partido dos Trabalhadores, ele era, hoje não é mais, não existe mais uma ligação entre trabalhador e PT. Eu gostava do Lula, hoje, eu detesto ele por isso, porque ele traiu. Eu tenho ódio, não posso falar em ódio, mas não posso mais ouvir falar do Lula, em Zé Dirceu, em Genoíno, em Dilma, pessoas que realmente levaram o Brasil à bancarrota. Roubando todas as instituições, quebrando o Banco do Brasil, BNDES, Petrobrás, onde tinha cofre, acabaram. Acabaram com o dinheiro dos sindicatos todos, acabaram com o

dinheiro dos aposentados dos Correios, acabaram com a BANCOOP, que era a cooperativa dos bancários, que financiava os imóveis. Quer dizer, é um... você fala assim, mas que decepção, e você demorou tanto tempo para a gente... não para a gente, mas para o povo perceber e conseguir derrubar... que lá, já em 2004, 2005, eu já estava, já tinha reconhecido, já dei a mão à palmatória, a cabeça aos meus colegas de trabalho, “Vocês tem razão, eu fui um bobo, uma besta e acreditei e vamos brigar” e, mas aí já era, na próxima eleição, um colega meu falou assim “Mas não dá para ganhar, só matando”, ele falou. Mas matando, é coisa deles mesmo... então, nós não podemos falar isso. (Luciano, 62 anos, bancário – morador de Santana).

Eu votei no Lula em duas eleições, votava e apoiava [...]. Eu tinha admiração pelo cara, não só minha, mas acho que do país inteiro e até fizeram até um filme pro cara. E, hoje, foi provado, igual eu falei das redes sociais e das coisinhas que foram soltando aos poucos, algumas coisas que ele fala ali que acha que não está sendo gravado e... mas, para mim, é um puta de um picareta, que é um cara que ri da... não tem nem o que falar, é o que está aí. (Fernando, 49 anos, motorista de Uber e comerciante – morador da Vila Matilde).

Ressalta-se que alguns desses eleitores que votaram no PT antes, especialmente os que se desiludiram logo com o escândalo do Mensalão, sempre tiveram inclinações à direita. Assim, votaram no Lula de forma contraintuitiva, ou contra alguns de seus princípios ou conselhos de amigos e familiares. Insatisfeitos com os rumos do país sob o segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, decidiram dar uma chance, ou até realizar um voto de protesto. Afinal, o país precisava mudar.

De certo modo, o mesmo sentimento reaparece com o voto em Bolsonaro. Alguns desses ativistas bolsonaristas reconhecem que Bolsonaro soa radical (outros já não o acham tanto) ou que fala demais. Porém, mais do que uma crise política ou econômica, fala-se de uma crise “moral” que o país estaria passando. Portanto, era preciso arriscar, pois o país precisava de grandes mudanças. E o único que apresentava essa possibilidade em contraposição a “tudo que está aí” era Bolsonaro. Quando perguntamos a Luciano, um bancário de 62 anos, se ele considerava que o seu voto dado a Bolsonaro em 2018 teria sido fundamentado em um sentimento similar ao voto dado a Lula em 2002, com relação ao anseio por mudanças, ele respondeu:

Eu acho que é totalmente idêntico... [...] chegou o Lula pregando um monte de coisa... e havia acusações de corrupção, também na época do governo Fernando Henrique e o Lula pregava “Vamos provar que quando nós assumirmos, nós vamos colocar políticos corruptos na cadeia”, e isso ele falava até em programas de Silvio Santos, não sei o que... Então, é... foi uma situação muito parecida, tanto que até eu fui, dessa vez, eu fui também, mas fui consciente, porque eu já errei e estava todos esses anos contra, mas aí, agora, a maioria, realmente apoiou. [...] Então, é... surgiu um cara, todo mundo já consciente que PSDB é corrupto, PMDB, corrupto, PT, mais ainda, porque institucionalizou... surgiu uma figura nova, que se opôs a tudo isso e estava crescendo, sem muita expressão, sem muita... assim, para mim, não era um cara muito conhecido, se bem que a gente já ouvia falar dele há muitos anos, e eu estava até muito contra ele. Eu achava ele, realmente, meio radical, mas depois fui percebendo que era realmente uma pregação da oposição. E ele estava pregando, quando você ouvia ele, ele estava justamente se opondo a todas essas práticas que o

PT fez nesses últimos anos, nos últimos 15, 16 anos. Então, ele surgiu como um salvador da pátria que estava também se opondo a uma coisa que estava prejudicando o Brasil e jogando o país para baixo, criando um desemprego altíssimo. Então, é muito parecido. (Luciano, 62 anos, bancário – morador de Santana).

Com relação à outra leva de eleitores bolsonaristas que abandonou o seu apoio ao PT com as revelações da operação Lava Jato, é importante ressaltar que, para esses eleitores, em geral, não há diferença entre a crise econômica e os casos de corrupção. Afinal, para eles, a crise seria justamente consequência direta da corrupção. Consolidou-se a narrativa entre os entrevistados de que a crise econômica seria resultado da “gastança” que o governo do PT realizou e por ter roubado muito dinheiro público. Deste modo, os anos de “bonança” do PT são vistos, em retrospectiva, como uma farsa, um crescimento “artificial”, pautado em distribuir dinheiro e crédito fácil para os pobres, o que, junto com a “roubalheira”, levou o país à crise uma vez que o dinheiro acabou e se descobriu tudo que o PT havia feito.

Mesmo quando reconheciam que o PT tinha feito coisas boas, chegou um certo momento que não era possível mais justificar o voto no partido. Foi o caso de Marcelo, de 25 anos, um gerente de lojas que morava no Tucuruvi. Ele cresceu vendo seu pai apoiando o PT com grande fervor, até que se desiludiu com o partido.

- Seu pai, mais especificamente, você sabe quando ele começou a mudar de ideia com relação ao PT?

- Foi, foi no segundo mandato da Dilma. No primeiro...

- Ele votou ainda...

- Ele achou legal, pela questão dela ser uma mulher. Falou: “Nossa, que legal, uma mulher no poder, a primeira vez, vai fazer história, sei lá”, mas aí, parece que nesse primeiro governo, começou a estourar muito mais escândalo e ficar muito pior, muito pior as coisas, e, aí, aí ele mudou. Aí, no segundo mandato, a imagem dela já estava bem desgastada, né? Aí, ele falou: “Não”... o que ele falava na época, o que, o sentimento que ele tinha era de “PT afundou o país”, PT, não sei o quê, e ele queria que mudasse, né? E ele teve o mesmo sentimento que eu, quando ela se reelegeu, “Como assim? Será que só estava ruim para gente?” (Marcelo, 25 anos, gerente comercial – morador do Tucuruvi).

O que fica claro é que melhoria de vida dos mais pobres e essa ascensão social efetivada durante os anos do PT, o que possibilitou o seu reiterado sucesso eleitoral, não parece ser bem compreendida ou sequer reconhecida por esses ativistas mais radicalmente antipetistas. Assim, há um sentimento que chamamos aqui de frustração, por não compreenderem por que Lula e o PT seguiam tendo tanto apelo entre os mais pobres. Não entendiam por que as outras pessoas – os mais jovens, os mais pobres, a esquerda em geral – não conseguiam enxergar o que eles viam. Logo, procuravam montar narrativas para preencher essa lacuna do que eles não compreendem: os jovens ainda são jovens demais para entender, ou foram “doutrinados”; os

pobres são “burros”, “ignorantes”, ou vendem o voto por “esmola”; e a esquerda em geral é desonesta e só pensa em seus próprios interesses.

Eles mantêm essa força porque eles criaram essa geração, e essa geração que foi criada, ela foi criada por outras gerações que também já vieram de gerações anteriores com preguiça mental. Eles se aproveitaram da preguiça mental do brasileiro para isso. E o pobre, eleitorado deles, dos petistas... são filhos deles. A forma como a Gleisi (Hoffmann) pronuncia seus discursos, você vê nitidamente o jogo dela colocando na cabeça das pessoas, dessas pessoas que têm preguiça mental e que não pensam, que replicam erro, que não pegam uma lei para ler e entender e discernir sobre ela, o que está certo e o que está errado, o que faz bem para o nosso país e o que não faz. Que se você pega um petista nesse tempo todo, antes, durante e depois da eleição para conversar com todos, ninguém tinha lido a Reforma da Previdência proposta pelo Governo Bolsonaro e estavam discutindo, falando mentira, sem veracidade de fatos do que realmente era a proposta. Então, são burros sim, ignorantes... burros não, porque ofende o animal, mas são ignorantes. São ignorantes de lei. (Lucas, 30 anos, marceneiro – morador do Tatuapé).

- Ah, o PT é política do “Pão e Festa”...

- *Em que sentido?*

- Todos, porque esse tipo de política é só enganação, você dá diversão e uma comidinha bem furreca para o povo e você segura o povo. “Eu estou te dando as coisas” ... está o caramba, você está arrancando...

- *Está arrancando o quê?*

- Da saúde, você está tapando a visão das pessoas, é uma forma de, tem gente que chama de política do “pão e circo” que é você tampar a visão das pessoas com argumentos que você quiser, por isso que tem muita gente que ainda hoje defende o lulismo. Não falo nem o petismo, é o lulismo. É coisa que ele já fazia desde sempre. (Dorival, 64 anos, professor aposentado – morador da Penha).

[...] Então apareceu o Chávez como salvador da pátria, e aí o povo votou nesse Chávez e aos poucos, acho que ele já tinha uma estratégia de implantar o socialismo, e aos poucos ele foi mudando, influenciando na cabeça das crianças, mudando o material didático, sabe? Criando, como é que fala aqui... conselhos comunais, unificando... começando a lavagem cerebral que fizeram aqui. Aqui, o PT também fez uma lavagem cerebral muito grande, as pessoas não percebem, mas pode ver toda essa geração dessas pessoas aí, não digo todas, mas grande maioria, pensam é... eu não sei se a palavra adequada é essa, mas essa geração, a geração dos meus filhos, todos eles são mais pra esquerda, sabe? Os pais são conservadores e isso que percebo, eu vejo assim nas famílias, pessoas na faixa, eu acho que (tem) mais influência na formação. Então, eles começam a realizar uma espécie de lavagem cerebral desde pequeno, entendeu? Aí o sujeito cresce achando bom. Eu sou conservador, votei no Bolsonaro, eu acho que os valores da família devem ser preservados, entendeu? Enfim... (Nilson, 65 anos, engenheiro aposentado – morador do Tatuapé).

Essa frustração de que os outros não percebiam a “destruição” causada pelo PT os causava grande incômodo. E se a dúvida atormenta; a certeza alivia. Sem compreender a visão do outro, elaboram justificativas fundamentadas no preconceito, e da mesma forma que se indignam porque os outros não enxergam o que veem, eles também têm dificuldade de enxergar o que os outros veem. Aliado ao ressentimento de não enxergarem representantes seus à altura, a aversão ao PT só crescia em escala com o passar dos anos.

4.2. Aversão à esquerda: anticomunismo e anti-intelectualismo

Principalmente entre aqueles que nunca votaram no PT, mas também em alguns que se decepcionaram com o partido, era frequente encontrar um sentimento de anticomunismo. Enquanto Pierucci (1999) relata não encontrar esse sentimento entre ativistas janistas e malufistas, apesar do discurso anticomunista de seus líderes, entre a direita bolsonarista, o medo da ameaça comunista é bastante presente. Esse temor se materializa na ideia de “venezuelização” do Brasil, suscitando a ideia tanto de ruína econômica, caso o PT vencesse outra vez, quanto do Brasil se tornar uma ditadura socialista. Não era incomum, nas manifestações de direita em 2019, encontrar cartazes alertando contra o comunismo. Nas entrevistas, Nilson, um engenheiro aposentado de 65 anos, morador do Tatuapé, que trabalhou na Venezuela sob o governo de Chávez, nos anos 2000, era um dos que mais exaltava esse risco.

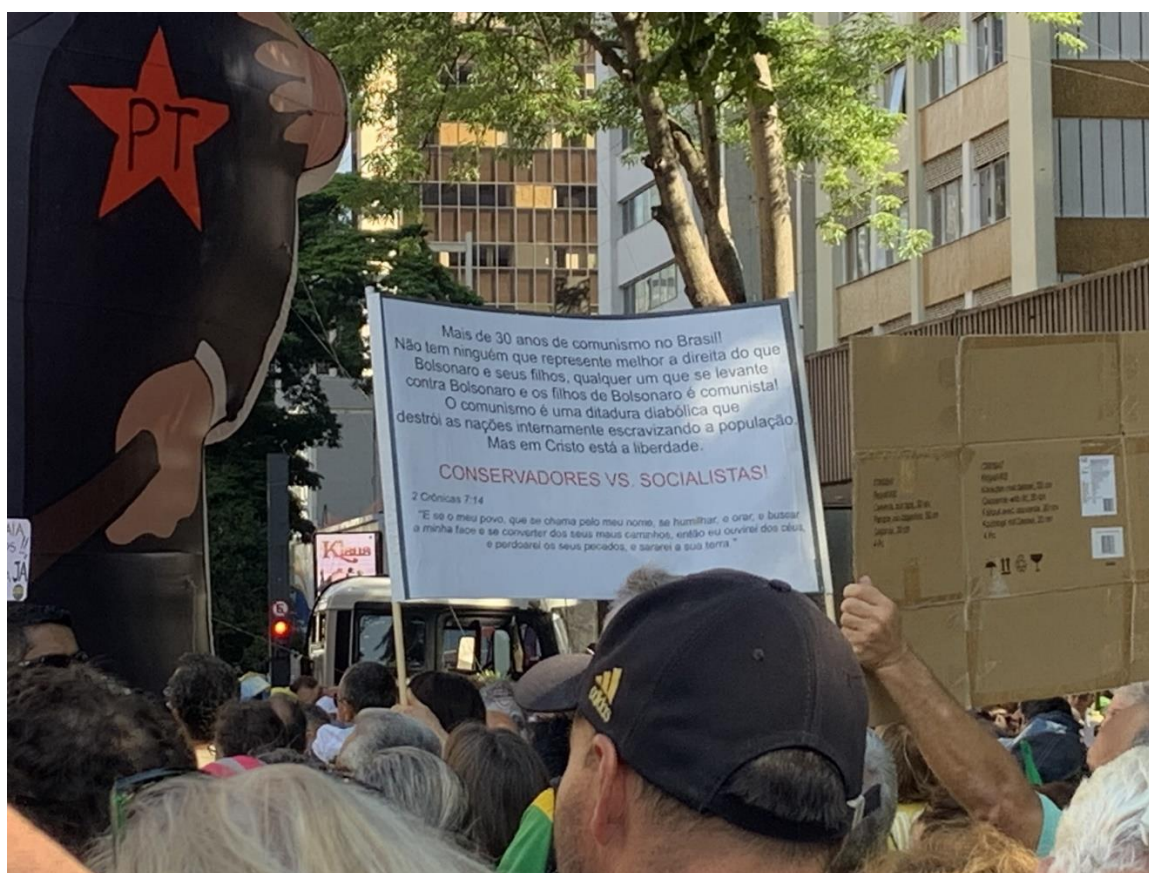


Figura 16: Manifestante com cartaz contra o comunismo. Ato do dia 08 de dezembro de 2019.

Eu acho que, como a maioria – porque eu não tinha opção, vendo desse estrago causado pelo PT, dessa sequência de Lula e Dilma, com essa crise toda, esse

desemprego todo, com esse endividamento imenso – insistir em votar no Haddad, e eu conhecendo a Venezuela, a deterioração que houve na Venezuela, aquilo, coitado deles, do povo lá, o povo lá está morrendo de fome, e morrendo em hospitais porque não tem remédios, eu não tinha outra escolha, eu tinha que votar no Bolsonaro. [...] Tem minha sobrinha, filha do meu irmão... quer dizer, esse pessoal na faixa dos 30, eles não são, eu não sei realmente o que passa na cabeça deles, pra mim é tão obvio que a gente não poderia ter votado no PT, que isso seria uma ruína, não é balela do Bolsonaro dizendo que se tivesse votado no PT, isso aqui seria uma Venezuela. Seria, sim, porque a coisa acontece de uma forma assim camuflada, entendeu? A mudança ocorre e você não percebe, como aconteceu na Venezuela. (Nilson, 65 anos, engenheiro aposentado – morador do Tatuapé).

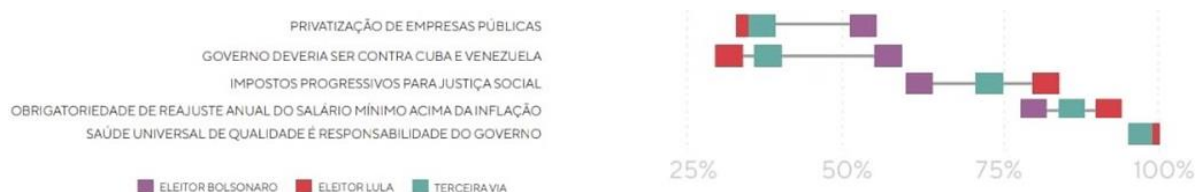
- Então, eu penso que o que eles [PT] fizeram é manipular a massa mesmo e ter para eles um rebanho e aplicar o plano que eles querem, que não é só aqui. É na América Latina inteira. [...]

- Mas que planos seriam que você acha?

- É o plano de implantar o socialismo e eles deixam isso bem claro. Não é escondido, a Manuela [d'Ávila], que fez campanha com o Haddad falava abertamente sobre isso. Não tinha medo. (Lucas, 30 anos, marceneiro – morador do Tatuapé).

Dados da pesquisa Genial/Quaest de agosto de 2021 reforçam o caráter anticomunista do eleitorado bolsonarista. No Gráfico 16, bolsonaristas majoritariamente apoiam a ideia de que o governo brasileiro seja contra Cuba e Venezuela. Por outro lado, em temas econômicos que analisaremos em mais detalhes na seção seguinte deste capítulo, os bolsonaristas são significativamente mais a favor da privatização de empresas públicas, menos propensos a defender que o governo cobre impostos progressivos para justiça social, e ligeiramente menos a favor da obrigatoriedade do reajuste anual do salário mínimo acima da inflação.

Gráfico 16: Dados da Pesquisa Genial/Quaest de agosto de 2021 sobre a atitude política de diferentes eleitores – Economia e Anticomunismo⁴¹



Não era claro o quanto esse medo do comunismo era real, ou apenas a repetição de uma retórica. Quando não era a Venezuela sendo citada, era a Argentina, cujo governo de Alberto Fernández era visto por militantes bolsonaristas sempre de forma negativa, alertando-se para o risco de se eleger qualquer governo de esquerda. Assim, a verdade é que, muito além do anticomunismo, era frequente encontrar entre os entrevistados um sentimento anti-esquerdista em geral. Isso significa que os ativistas bolsonaristas, conforme demarcavam em geral a sua identificação com a direita, apresentavam uma forte aversão à esquerda, a seus atores políticos

⁴¹ Fonte: Genial Investimentos (2021).

e a seus valores, mesmo que distorcidos por preconceitos. Esse sentimento se estendia muito além do PT, mas para todos aqueles que se identificavam como de esquerda, partidos como PSOL, PCdoB, movimentos sociais, como MST e MTST, sindicatos, além de artistas, universitários etc. Em geral, todos os entrevistados apresentavam uma visão negativa sobre a esquerda. E alguns exaltavam um posicionamento deveras radical.

Primeiro, os partidos que representam a esquerda, o PSOL, o PCdoB, o PT e outros menores. O que eles representam para mim, não serve, que é não se preocupar com o Brasil, não ter preocupação com o Brasil. Nem com saúde, nem com educação, nem com finanças, nem com trabalho, nem com investimento, nada. Então, eu nunca vou ser de esquerda, essa esquerda que a gente conhece, que humilha, mata, é corrompida, é mentirosa e representa uma ideologia, tem uma ideologia, mas uma realidade que não é conforme a ideologia. (Patricia, 60 anos, aposentada – moradora da Vila Maria)

- Bom a esquerda eu enxergo como um perigo para a raça humana em geral. A esquerda, eu acho que é muito perigosa, e ela tem um líder... tem líderes, cada lugar tem seu líder, e a esquerda é criminoso. Eu acho que ela é criminoso. Ela busca... ela apoia crimes, apoia as coisas ruins.... Tudo o que é errado a esquerda é a favor. Tanto é agora, a política do Bolsonaro, ele é de direita, mas você vê, tudo o que o Bolsonaro faz a esquerda vai contra, e passa por cima até das coisas que realmente está muito clara, muito errada, né?

- *Você falou que é perigosa pra raça humana. Por quê?*

- Ah, porque pelo que eu vejo, a gente vê justamente, quando vê essas manifestações de esquerda, manifestações do PT, manifestações de partidos esquerdistas. A gente vê que não é uma coisa pacífica, nunca é pacífica. Sempre com violência, sempre buscando ideologias, sempre buscando coisas que realmente não é bom. (Sindoval, 55 anos, eletricitista – morador da Vila Guilherme)

- (Falta) caçar as pessoas como tem que ser caçada, ainda...

- Em qual sentido?

- Caçar mesmo, parar de pôr tornozeleira nos outros, porque custa dinheiro. Põe no quadrado, vai um por um para ver se o cara não sai de lá... assim que sair de lá, sai outra pessoa... pelo menos saía pior.

- Mas caçar que tipo de pessoa?

- Tipo de pessoa? Lula, Caetano (Veloso), (Gilberto) Gil e esse pessoalzinho bobo (que) está morando tudo lá fora. (Madalena, 56 anos, dona de casa – moradora do Tatuapé)

Assim como Madalena, críticas aos artistas, assim como aos intelectuais e às universidades, eram recorrentes. Graeber (2018) afirma que há pessoas que se sentem ressentidas daquelas que possuem empregos “úteis” para a sociedade, ou do tipo de trabalho que envolve atividades “prazerosas”, como professores, artistas etc., ainda mais quando bem remuneradas. Hochschild (2016) ressalta como a direita que ela pesquisou não queria ser dita pela esquerda o que eles deveriam fazer e como se sentir. Junte-se as duas coisas, artistas e intelectuais bem-sucedidos, supostamente de esquerda, que lhes dizem que estão errados, e o resultado é uma forte aversão.

No caso de artistas, era comum ouvir que eles viviam de “mamata”, de dinheiro público, da Lei Rouanet⁴², e que Bolsonaro teria cortado isso. No caso de intelectuais, muitas críticas à falta de isenção, ao suposto alinhamento com a esquerda, e de que as universidades só tinham esquerdistas e drogas. O próprio Bolsonaro fez diversos ataques a inúmeros artistas, entre eles Anitta e Leonardo DiCaprio (FOLHA DE S. PAULO, 2022b), além de dizer que aluno de universidades brasileiros “faz tudo, menos estudar” (G1, 2019a), ou que o PT criou “1 trilhão de universidades”, como se fosse um “negócio” (BEHNKE, 2022). Em um dos ataques mais polêmicos, um dos diversos nomes que ocuparam o Ministério da Educação durante o seu governo, Abraham Weintraub, disse que cortaria verba de universidades federais onde ocorresse “balbúrdia” (KER, 2020), o que virou piada entre opositores.

Ser pesquisador de uma universidade como a USP não era bem-visto pelos militantes bolsonaristas, inclusive sendo tratado com escárnio, como se fosse algo depreciativo ter o nome associado a essa instituição, como mostramos nos relatos de manifestações de direita no capítulo 2. Além de alguns fatos já relatados, no ato do dia 30 de junho, Luciano Hang discursou contra as universidades federais, dizendo que elas seriam só para a elite, que são doutrinadoras e comunistas, e que deveriam “ensinar empreendedorismo, ciência, tecnologia, e não gênero, sociologia, filosofia, esquerdopatia”, sob o aplauso efusivo dos presentes. No ato do dia 25 de agosto, uma senhora com cerca de 50 anos se aproximou e perguntou se eu era da “USP Livre”⁴³ ou da “USP USP” apenas. Respondi que apenas da USP, e ela respondeu que então eu devia ser comunista. Ela destacou que sua filha havia estudado Medicina na USP também, mas que lá só havia comunistas, e que Bolsonaro tinha que “secar” todas as verbas para as universidades públicas para que elas falissem. Indaguei, então: “Mas sua filha estudou numa universidade pública, se você corta as verbas, ela também não poderia estudar lá.” Em resposta, ela disse: “Não tem problema, eu pagaria uma particular.”

Como exposto na discussão sobre populismo no capítulo 1, os bolsonaristas são pautados por uma de suas principais características: o seu caráter antissistêmico. Mas para eles, artistas, intelectuais e as universidades em geral também eram vistos como parte do sistema. Como Pinheiro-Machado (2019) ressalta, a “nova direita” enxerga a geração de 1968 (de esquerda e com suas pautas identitárias) como parte do *establishment*, já que esta teria vencido

⁴² A Lei n. 8.313/91, ou Lei Federal de Incentivo à Cultura, mais conhecida como Lei Rouanet, dá incentivos fiscais para que pessoas físicas e jurídicas apliquem parte do Imposto de Renda para patrocinar eventos e projetos culturais (ver mais em Menezes, 2016).

⁴³ Grupo de estudantes da USP que se declaravam como um movimento liberal e conservador.

a disputa no campo intelectual. Portanto, essa perspectiva antissistema também foi fundamental em um evento marcante no governo Bolsonaro que se desenrolou a partir de 2020: a pandemia de Covid-19.

A Covid-19, até 12 de agosto de 2022, havia matado mais de 680 mil brasileiros, pelo menos nos números oficiais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022). Com esses dados, o Brasil se posicionava como o segundo país no mundo com o maior número absoluto de mortos, e o décimo-quinto em número de mortos per capita (JOHNS HOPKINS UNIVERSITY, 2022). O alto número absoluto e relativo de vidas ceifadas pelo vírus revela como o Brasil se tornou um dos epicentros da pandemia e um dos países mais duramente afetados no mundo.

O comportamento de Bolsonaro com relação à pandemia foi errático, e com altas doses de negacionismo científico. Bolsonaro chamou o vírus de “gripezinha”; quando indagado sobre as mortes, disse “não sou coveiro”; desdenhou do uso de máscaras; desestimulou o isolamento social; indicou remédios como tratamento para covid-19, como hidroxiquina e ivermectina, sem comprovação científica de sua eficácia; disse que não se justificava a pressa por vacinas; afirmou que, tomando a vacina, se “virar um jacaré, é problema de você”; entre diversas outras falas polêmicas (RIBEIRO, 2021). E ainda de acordo com o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), na chamada CPI da Covid, o governo Bolsonaro deixou a empresa farmacêutica Pfizer 81 vezes sem resposta a respeito de um acordo para a compra de vacinas para a Covid-19 (UOL, 2021).

Em geral, mesmo os militantes bolsonaristas reconheciam que Bolsonaro não havia agido muito bem, pelo menos em algumas ocasiões, com relação à pandemia. Entre os poucos que deixaram de apoiar Bolsonaro, este havia sido um dos fatores principais para perderem a fé no presidente. Não usar máscaras, colocar dúvidas sobre a vacina, os conflitos e as trocas constantes no Ministério da Saúde, as falas insensíveis sobre os mortos de covid, tudo isso era malvisto por grande parte dos entrevistados.

Eu não posso discordar dele em nada, né? Só o uso da máscara, né? Quer dizer que eu tenho que usar a máscara, não posso andar sem máscara, decreto isso em todas as lojas, ambientes... mas ele não pode? Isso é ruim, porque em muitos lugares que ele foi, que ele ia... ele não andava de máscara. Quer dizer, se eu pego Covid-19, eu posso passar para metade das pessoas que estão ali ao meu redor e não estou nem um pouco preocupado com isso? Mesmo sendo presidente, eu não estou preocupado, eu vou ali... falar com um monte de pessoas e não estou preocupado se eu vou pegar Covid-19, se eu tenho, se eu já possuo, se eu vou passar... isso é preocupante. Então, isso é uma coisa ruim que eu acho dele, eu acho ruim ele ser... usar a arrogância, né? Porque eu falo que isso é uma forma arrogante de você ser. Porque você não pode fazer isso, né? (Rosana, 38 anos, modelista – moradora da Vila Prudente).

Ah, (a condução de Bolsonaro na pandemia) não foi das melhores, até pelo tanto de troca que ele fez do ministro da Saúde, aí eu acho que foi um equívoco, porque enquanto não fazia o que ele quer – por mais que a pessoa tenha lá o conhecimento que ele achou que deveria para sentar naquela cadeira – e ele não precisa escutar, que a pessoa que tem o know how, praticamente, e por isso que a gente coloca a pessoa lá, porque ela tem o conhecimento da Saúde, faz uma ideia melhor do que o presidente para saber o que deve ser feito e ele não quis escutar, eu acho que isso foi bem negativo. (Mário, 41 anos, consultor de TI – morador da Penha).

Até antes dele demitir o Mandetta⁴⁴, eu daria uma nota 8. Ele provou estar certo na questão da cloroquina e mostrou exemplos dos jornalistas que não ficavam em casa, mas incentivaram o povo a ficar em casa. Mas depois da demissão, eu dou uma nota 5. Porque ele acabou transformando a pandemia numa crise política, exonerando o ministro da Saúde simplesmente porque ele não seguia suas regras. Isso acaba se tornando autoritarismo. (Silas, 30 anos, militar – morador de Santana).

Mesmo assim, a narrativa geral de Bolsonaro havia convencido seus seguidores. Ideias como a proposta de “tratamento precoce” com remédios sem comprovação científica, o desdém com as orientações do “fique em casa”, e a necessidade de se manter os comércios abertos em vez de fazer quarentena ou “lockdown” tiveram grande adesão entre seus cabos eleitorais. Alguns chegaram, inclusive, a ter dúvidas sobre a eficácia e a segurança das vacinas.

Assim, eu tomei a primeira vacina e fiquei toda inchada... a primeira dose. A segunda dose, eu tomei e parece que minha cabeça fica zumbindo, parece que tem uma bateria aqui dentro na minha cabeça. Tem horas que parece que ela chacoalha sozinha e foi depois da vacina.... porque eu era normal. Aí, depois da vacina, eu fiquei assim com essas sequelas: dor de cabeça terrível, é tontura, é braço que dói... essa gripe também que veio que... eu não sei de onde que essa gripe veio que ela foi tão mais, é... o jeito que ela transmitiu, assim... você chegou perto da pessoa, você já pegou e a Covid-19 não foi desse jeito. Agora, essa gripe... meu olho estourou, a minha boca estourou. Então, gera dúvida, né? A gente fica com medo, a gente não sabe em quem confiar. (Helena, 28 anos, socorrista – moradora da Vila Prudente).

Tudo que ele (Bolsonaro) falou lá atrás está sendo provado agora. Que não era pra ter agido com tanta... com tanta rigidez, fechando tudo de uma vez, até porque em alguns lugares não foi feito lockdown, tipo no trem, no ônibus... isso não aconteceu. Nunca parou. Então, havia uma hipocrisia dessa parte, né? Pior que [...] aqui em São Paulo mesmo, o governador fechou tudo, mas os trens continuaram lotados, os ônibus (e) tudo, então, não tinha lógica, né? Só prejudicou o trabalhador. Eu vi que ele tentou fazer muita coisa, mas, como eu te falei, ele foi impedido, né? Infelizmente, o STF deu poder para os governadores e prefeitos tomarem as decisões que lhes cabiam, então, ele não conseguiu fazer muita coisa, não. Ele fez o que ele pôde. O que estava ao alcance dele. (Roberta, 42 anos, auxiliar administrativa – moradora da Vila Ema).

- Você já viu aquele pessoal da África? Lá de Moçambique, lá de Angola, lá daqueles lugares muito paupérrimos que fazem anúncio de televisão da [...] como é que chama? É... Médicos de Fronteira [...] Médicos Sem Fronteiras. Presta atenção: por que (inint) ninguém pegou covid lá, você sabe? [...]

- Não é que não pegou, mas não foi tão forte, né?

- Não, não, não, não! Não, você sabe por que [...] não, eles não pegaram. Você sabe por que eles não pegaram? Porque a cada 4 meses, quem tem dinheiro compra o remédio de vermifugação, porque lá é muito sujo, lá não tem água potável, lá é uma imundice só. Então, eles tomam o remédio que não pega Covid neles [...] sabia disso?

⁴⁴ Luiz Henrique Mandetta foi o primeiro a ocupar o cargo de Ministro da Saúde no governo Bolsonaro, permanecendo no cargo de 1º de janeiro de 2019 a 16 de abril de 2020.

- *Mas é algum remédio específico?*

- Tem! O mesmo que a gente [...] bom, eu tenho aqui no meu armário... como que chama [...] Evic, não, [...] evicprina...

- *Eu acho que é Ivermectina...*

- Ivermectrina, é! É só tomar ele a cada 4 meses [...] você tem que ver assim: você tem que ver a quantidade do... é o peso seu pelo comprimido, tá? Que nem a gente faz com cachorro, com cavalo [...] então, é... se você tem o... se você vai muito para a rua lá, no caso de imundice é muito, você toma a cada 4 meses; se você vive um pouco mais na cidade (e é) um pouco melhor, você toma a cada 6 meses, e [...] com o pessoal que eu tenho amizade, ninguém pegou!

- *Não tem nenhuma comprovação científica ainda desse remédio funcionar, né?*

- Ah, mas eu [...] vou te falar um negócio em segredo, tá? Eu conheço muito médico, tenho muita amizade com esse pessoal também lá no grupo e tudo [...] e... você não vê esse pessoal pegando não, tá? (Madalena, 56 anos, dona de casa – moradora do Tatuapé).

4.3. Meritocracia e liberalismo econômico

A aversão às políticas promovidas pelos governos petistas naturalmente leva à questão de como eles enxergam o período de bonança do PT, e se eles acham que foram beneficiados por ele. Em pesquisa realizada pelo Datafolha nos dias 26 e 27 de outubro, às vésperas da eleição, Bolsonaro tinha apoio de 63% dos eleitores de renda familiar de 5 a 10 SM (enquanto tinha 62% de apoio daqueles na faixa acima de 10 SM, e 54% entre aqueles com renda entre 2 e 5 SM) (DATAFOLHA, 2018). Como o estudo se realizou com moradores de bairros de classe média tradicional de São Paulo, era esperado que a média dos entrevistados fosse das faixas de renda encontradas na pesquisa como as que apresentam maior apoio a Bolsonaro na época de sua eleição: de renda familiar mensal de 5 a 10 SM, ou acima de 10 SM, o que, de fato, ocorreu. Costa e Motta (2019) sugerem que as pessoas de faixa de renda familiar mensal entre 5 e 10 SM ou de 10 a 20 SM – classe média, em geral – apesar de terem vivenciado um aumento em suas rendas durante o governo do PT, perderam posição social com o avanço de renda dos mais pobres, que passaram a ocupar e frequentar os espaços antes reservados à essa classe média estabelecida, como restaurantes, aeroportos, shoppings, universidades etc. Além disso, alguns privilégios, como a manutenção de empregadas domésticas, tornaram-se mais difíceis de se manter, o que, em conjunto, gerou ressentimento contra o PT e levou ao apoio a Bolsonaro.

Com relação a este tema, os achados foram mistos. Não é tarefa simples investigar um sentimento de perda de posição social. Quando perguntados se sentiam que suas vidas haviam melhorado ou piorado durante os anos do PT, não havia um padrão: alguns diziam que havia melhorado, outros que havia piorado, e outros diziam que não viram diferença. Entre os que

tinham um histórico de ter empregadas domésticas, de fato, a perda desse privilégio foi vista, majoritariamente, de forma negativa, tanto como parte de uma dinâmica familiar que se perdeu (a empregada era “parte da família”) quanto como exemplo do declínio dos padrões da classe média. Porém, poucos dos entrevistados tinham esse padrão de vida que permitisse contratar uma empregada doméstica. Mesmo entre os que reconheciam que suas vidas haviam melhorado durante os governos petistas, ainda retornavam ao ponto que cresceram por esforço próprio, que poderia ter sido melhor, que o crescimento da economia tinha sido artificial, insustentável, promovido pelas “gastanças” e “roubalheiras” do PT, e que uma hora a conta tinha que ser paga. Esse discurso era ainda mais evidente entre trabalhadores autônomos e comerciantes que, no auge do lulismo, foram beneficiados pelo momento econômico, e com a crise iniciada já no final do primeiro mandato de Dilma, sentiram um forte impacto em seus negócios.

A nossa vida melhorou gradativamente de 7 anos para cá, de 8 anos para cá que a nossa vida começou a melhorar. Porque [...] nós somos amigos a vida toda, desde adolescente... casados há 8 anos, mas amigos de vida toda, ou seja, a gente veio de família pobre, né? Eu... a minha família veio do Paraná com uma mão na frente, outra atrás, então, assim... a gente vem de família pobre, bem pobre. Minha mãe teve cinco filhos e a mãe dele teve três, então, a gente tudo estudou em escola pública, a gente não tinha acesso a uma série de coisas, então, assim... se eu for falar para você, francamente, eu fui fazer faculdade por quê? Por causa do PT, né? Pelo FIES, né? Então, assim, muita coisa [...] é o que eu estou te falando: a nossa questão financeira melhorou realmente de 8 anos para cá porque foi quando ele teve oportunidade de estudar, quando eu tive oportunidade de estudar. Ele estudou lá no técnico, já arrumou emprego na área, graças a Deus, eu fui fazer faculdade também, enfim. Mas melhorou consideravelmente de 8 anos pra cá, então... Se a gente fosse analisar assim, muito... ok, até a gente teria que observar a vida olhando para o PT com esses olhos, né? [...] A situação econômica, na verdade, é que, ok, podia ser melhor, mas em benefício de quê, né? Em benefício de quem? Então, era melhor para algumas pessoas e ficou pior para outras. Você não ouviu um empresário hoje temer a Lei Trabalhista, entendeu? O cara não está mais com medo de abrir empresa, o cara não está mais com medo de contratar funcionário, por quê? Porque mexeram na lei. Então, assim... é muita coisa que... o que o PT, ele se preocupa? Ele se preocupa justamente com essa minoria pobre, miserável, dando uma condição razoavelzinha ali para pessoa e fala: “Não, ó... eu vou te ajudar.” Agora, que nem... eu tenho uma dívida de R\$16.000,00 (dezesesseis mil reais) com o FIES para pagar. Eu conheço... eu vi um grupo aí que está com 600 pessoas processando para não pagar o FIES, por quê? Porque na hora que fizeram uma campanha do tipo: “faça o FIES, depois de um ano que você sair da faculdade, você começa a pagar.” E um monte de gente engoliu e muita gente fez faculdade aí, e o que aconteceu quando a gente saiu da faculdade? O país quebrou e ninguém tem emprego, ninguém tinha emprego, ninguém tinha nada. (Erica, 35 anos, auxiliar administrativa – moradora de Santana)

- Então, até minha mãe falecer, essa mesma pessoa (diarista) que está aqui hoje que vem duas vezes por semana, e ela está aqui hoje e antes vinha quatro vezes por semana, de segunda a sexta ela vinha. [...] Logo que ela faleceu, eu falei: “olha, agora sozinho aqui a renda é menor” e eu passei pra três dias, diminuí um dia. Em três dias também não deu e acabei ficando só com dois dias. [...] É o que estou te falando, da redução da classe média.

- *Foi um sinal da perda de condições da classe média...*

- Porque, se ela perdeu, aliás, se eu perdi, ela perdeu também. (Dorival, 64 anos, professor aposentado – morador da Penha)

Não havendo um consenso sobre o impacto econômico do governo em suas vidas, havia, entretanto, um consenso sobre a política econômica do governo do PT. E esse consenso, como mencionamos, era de que o crescimento que o país tinha vivenciado havia sido à base de “gastanças”, muito dinheiro e crédito distribuído sem critérios, quebrando o país e endividando os mais pobres. Além da “roubalheira”, é claro. Assim, os ativistas bolsonaristas concordavam em reprovar a política econômica do PT.

Nesse sentido, há um claro embate ideológico entre essa direita e o programa lulista. Os entrevistados eram visceralmente contra o que eles chamavam de essa história de “auxílio disso”, “auxílio aquilo”, ou “bolsa isso”, “bolsa aquilo”, etc. Quando perguntados dos motivos pelos quais não gostavam do PT, esse era um dos principais motivos, sendo ressaltado, com frequência, com mais veemência do que a corrupção. E essa é uma questão essencial sobre os bolsonaristas: corrupção não é o principal tema que os move.

É verdade que entre os militantes de perfil mais lavajatista ou liberal, a corrupção surgia como um tema de importância maior. Todavia, como fica evidente pela quantidade reduzida de entrevistados que abandonaram o apoio a Bolsonaro, eles eram em menor número. Isso não significava que os bolsonaristas não se importavam com corrupção. Importavam-se, sim, reprovavam políticos que fossem pegos sendo corruptos. A questão é que o tema era suscitado mais como argumento moral para criticar o PT, mas não significava que eles eram movidos somente ou principalmente por este tema. Se assim fosse, agiriam com mais desconforto com denúncias de corrupção a respeito do governo⁴⁵. Os entrevistados reagiam movidos por um certo sentimento negacionista (“não há nenhum caso de corrupção no governo” ou “mas ele não chegou a comprar as vacinas que tinham propina”), de eximir Bolsonaro (“eu votei no pai, não votei no filho” ou “ele não foi condenado em nenhum processo”), ou ainda de minimizar a corrupção (“sempre tem corrupção, mas não é como nos tempos do PT”).

- *E o que você acha que o governo fez de bom até agora?*

- Bom, primeiro: acabou com corrupção, né? Embora, agora com esse negócio de pandemia aí, eu acho que ele tem que incentivar a Polícia Federal a entrar fundo nessa parte dos governadores e prefeitos, porque ficou um absurdo, hein? O que meteram a

⁴⁵ Embora sem condenação até o momento de Bolsonaro e seus familiares, eles acumulam suspeitas de corrupção fora e dentro do governo, como a suposta existência de funcionários fantasmas e “rachadinhas” (apropriação de parte dos salários de servidores) nos gabinetes da família; depósitos de até R\$ 89 mil do ex-assessor de Flávio Bolsonaro na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, Fabrício Queiroz, na conta da esposa de Bolsonaro, Michelle Bolsonaro; a multiplicação do patrimônio na política; a falta de transparência das chamadas “emendas de relator” na relação com o Congresso Nacional; uma suposta interferência de Bolsonaro na Polícia Federal; a “blindagem” promovida pelo Procurador-Geral da República, Augusto Aras; o contrato com suposta cobrança de propina para a importação da vacina Covaxin; um suposto balcão de negócios no Ministério da Educação com a cobrança de propina; entre tantas outras (BRAGON & SERAPIÃO, 2022).

mão... [...] Antes da pandemia, você não ouvia falar em corrupção, de versão de dinheiro e esse negócio todo... ele estava contornando muito bem, tá certo?

Veja só: embora ele não tivesse... não tenha apoio ainda total do Congresso, eu acho que ele está fazendo bem em procurar o apoio do Centrão, desde que não dê, pô... não dê muita liberdade para que os caras venham a roubar. Faz acordo? Faz. Quer dar cargo? Faz. Porra, mas tem que ficar de olho, não pode deixar voltar aquela corrupção desenfreada que tinha porque aí, cara... aí... é isso que vai pegar, tá? Isso é que... pô, isso aí pode bater contra ele, mas 'dito e feito'; e ele pode cair por causa disso, dito e feito, está voltando aquela roubalheira antiga, então... (Lair, 68 anos, consultor de informática aposentado – morador de Santana)

Não concordo com os filhos dele? Sim, mas eu não votei em nenhum filho dele... eu votei nele, né? Eu acho que os pais não podem se responsabilizar... serem responsabilizados pelas atitudes dos filhos. (Diana, 50 anos, policial militar – moradora do Tucuruvi)

Lembrando, também, que muitos deles admiravam Paulo Maluf, um político que sempre foi associado a escândalos de corrupção. Embora alguns entrevistados tenham admitido que não votariam mais nele depois de sua prisão, é inegável a admiração que permanecia entre muitos dos antigos malufistas. Em um dos casos mais caricatos, Bárbara, uma malufista inveterada, expôs a diferença que ela enxergava entre Maluf e Lula se envolverem em corrupção.

Então, eu acho assim, por exemplo, todo mundo falava do Maluf, sempre votei no Maluf também [...]. Primeiro que o Maluf é rico, não precisava... Beleza, roubou? Mas o Maluf já é riquíssimo, agora o Lula do povo não tinha onde cair morto, (por) exemplo, e roubou pra caramba, então, já que ele fala que é do povo, então, que não roubasse. Ficasse do povo, ficasse pobre, entendeu? Já que é do povo, é do povo, é pobre... então, que fique pobre, não roube, não seja corrupto... eu penso assim. [...] A diferença é que o Maluf é rico, é de berço, se ele roubou, problema dele [...] e o Lula [...] o Lula roubou e não era do povo? Não era pobre? Então, não roubasse, você entendeu o que eu quero dizer? Ele não posa de pobre? Do povo? [...] Então, ele ficasse na dele, não roubasse, ficasse na dele já... ele não é do povo? Por que ele roubou? Por que ele fez tudo isso? Entendeu? (Bárbara, 57 anos, pedagoga – moradora da Mooca)

Ainda sobre a questão de políticas redistributivas, quase todos tinham alguma história de conhecidos ou antigos funcionários e empregadas que “não gostavam de trabalhar”, e trocavam o trabalho por alguma ajuda do governo. Em outras palavras, os “vagabundos”, como denota Pinheiro-Machado (2019). Em geral, eles acreditam que o indivíduo deve ascender socialmente por meio do esforço próprio, através do trabalho, e que não era papel do Estado facilitar isso com auxílios que o desestimulasse a se esforçar ou trabalhar por algo melhor. Ao Estado, restava o papel de fornecer as ferramentas para ascender na vida; ou seja, empregos, boa educação, e bons serviços públicos em geral. Seguiam, assim, o velho ditado: “não se deve dar o peixe, é preciso ensinar a pescar”.

O Bolsa Família é, naturalmente, o auxílio do governo mais lembrado. É provável que os entrevistados tenham sido terminantemente contra o programa social no passado. Hoje, após

comprovações mais do que evidentes da eficácia do programa para o combate à extrema pobreza, a maioria dos ativistas de direita possui uma visão mais branda, de que o programa tem o seu papel, pois há pessoas em condições muito precárias no país; todavia, sempre com a ressalva de que muita gente que recebe não precisa, e que deveria ter mais fiscalização. Alguns, por outro lado, declaram-se contra o programa, sem qualquer ressalva.

Você vai no Nordeste, eu digo por que minha esposa é do Nordeste, lá do Ceará. Eu conheci o antes – eu sou casado há 28 anos com ela – eu conheci ela na região o antes e o agora. Não tem nada a ver o antes e o agora. Era um lugar sofrido e batalhador, que todo mundo tinha seu pedacinho de terra e ralava que, para comer, tinha que tirar o sustento da terra; você chega lá agora, porra. Ninguém quer saber de trabalho duro e falam que o sol está quente demais, todo mundo com bolsas e não são ricos. Não é como aqui em São Paulo, por exemplo, tem um benefício aqui que é R\$130, recebe um benefício de R\$130, e lá tem casas que recebem R\$900 e pouco, sabe aquela coisa lá de um monte de filho? E se tem filho, tem bônus mais para receber isso e aquilo. Vejo lá hoje como que é e não tem nada a ver de antes, mudou a mentalidade do pessoal, e defende assim, que não acham que o Lula que fez isso, que deu e ficou tão cravado naquilo, que eles tinham uma vida mais sofrida porque trabalhavam, e hoje, não precisa mais fazer aquilo que fazia antes, que tem um... hoje, eu vejo assim, lá por essa microrregião e nesse pedacinho que eu conheci e que eu vi lá. (Fernando, 49 anos, motorista de Uber e comerciante – morador da Vila Matilde).

- *O que você acha do Bolsa Família?*

- É uma forma de dar o peixe e não ensinar a pescar. Você mantém o pobre sendo pobre e você cria aquela geração de vagabundos, que eu falei. Você gera a preguiça mental, a preguiça física, então você está alimentando isso. O Bolsa Família, ele pode ter ajudado? Pode. Dinheiro sempre ajuda, mas não ajudou da forma correta, sabe? Seria melhor ter investido esse dinheiro em escola, em material didático, em coisas de qualidade para criança se sentir bem na escola, porque o mais importante é a criança se sentir bem na escola que não adianta a criança sair de casa linda, perfumada e cheirosa, maravilhosa, e entrar em uma escola que é um lixo, que ela não vai se sentir bem nunca. Então, criar condições para que a criança goste de estar na escola aprendendo. Se esse dinheiro fosse investido em Educação da forma correta, teria sido melhor. Mas eu não acho que foi de tudo errado, foi para tapar um buraco, para passar uma chuva, mas as pessoas se acostumam por causa da criação, da preguiça mental, até os sete anos não aprender e replica isso para os filhos, e aí vai. É toda uma questão psicológica que vai além da política, só que a política se aproveita disso.

- *Você seria a favor ou contra?*

- O Bolsa Família? Eu sou contra, eu sou contra, porque eu acho que nós já vivemos um momento no país que temos que baixar a densidade populacional... baixar não, parar de aumentar. Pobre não pode mais se reproduzir [...], porque você pega um pobre que não ganha um SM, tem mulher e marido (que) põe um filho no mundo, esse filho vai sofrer, e não só o filho, o marido, a mulher e o filho vão sofrer. Então para que uma pessoa que ganha um SM vai pôr um filho no mundo? Para sofrer? Para replicar a pobreza? Para aumentar? Não, vamos parar e usar a cabeça. Não dá para ter filho porque eu só ganho um SM, e filho é muito caro. Eu não posso ter um filho e querer que o Governo sustente. A mentalidade da pobreza tem que ser mudada, a mentalidade da preguiça de pensar tem que ser mudada, porque, se eu não penso, minha avó sempre disse “meu corpo padece”. Se eu sou pobre, por que vou pôr um filho no mundo? Para sofrer? Eu não, amo o meu filho. (Lucas, 30 anos, marceneiro – morador do Tatuapé).

Algo curioso surgiu com o Auxílio Emergencial durante a pandemia de Covid-19. Como partia do governo Bolsonaro, havia um consenso de que ele foi bom e necessário, o que era, por vezes, contraditório, dada a crítica ao assistencialismo. Uma das entrevistadas, Erica, inclusive,

admitiu receber o auxílio. É possível que talvez até mais entrevistados tenham recebido também, embora com vergonha de admitir (outra entrevistada, Rosana, disse que solicitou, mas teve o auxílio negado). Isso levanta a dúvida se a oposição a políticas redistributivas pode ser, por vezes, porque não são para eles, que nem são tão pobres, mas que estão longe de ser ricos.

- *Você recebe o Auxílio Emergencial?*

- Sim, recebo porque eu sou MEI, né? Eu sou microempreendedor individual, então, no momento da pandemia, eu estava prestando serviço para uma empresa e na primeira semana de pandemia, eles me mandaram embora. [...] Aliás, eles praticamente quebraram. Então, eu me cadastrei, na verdade, como MEI, eu estou recebendo até agora...eu estou recebendo até os R\$300,00. Bem bom.

- *E o que vocês acharam desse auxílio emergencial?*

- Eu achei fantástico. Eu achei fantástico porque, eu vou te falar, honestamente [...] como eu te falei, a gente tem uma situação confortável, a gente não... não estamos passando fome, mas pessoalmente me ajudou muito. Porque, na verdade, eu estou sem renda nenhuma até agora, porque a empresa lá quebrou, a gente está começando um negócio, tentando se levantar, é... eu tenho ele, claro, que me apoia, como te falei [...], ele tem investimento na bolsa, fica orçando e faz *day trade*, então, ganha um dinheiro todo dia... então, a gente consegue se virar. Mas eu, como renda, eu não tinha nada... nada. E, assim, para mim, ajudou muito. Agora, mas se olhando um todo, num todo, o que eu vi de pessoas, que assim... não tinham como almoçar [...] Era comer uma vez por dia, quando apertou mesmo, então, pô, eu acho que ajudou muito a gente, de verdade. [...]

(posteriormente)

- *[...] há uma discussão do governo Bolsonaro sobre transformar o Auxílio Emergencial no Renda Brasil que seria um novo Bolsa Família, né?*

- A gente não tem condição de... o país não tem saúde financeira para bancar auxílio... o Renda Brasil, né? Que seria o Bolsa Família. Porque eu tenho uma prima que recebe Bolsa Família, ela recebe R\$60,00 de Bolsa Família, não é muito... em contrapartida, a gente conhece uma pessoa que mora no Nordeste? No Espírito Santo? É uma conhecida minha que morava aqui, ela mora no Espírito Santo, ela recebe R\$600,00 de auxílio do governo. Antes da pandemia, ela já recebia, então, assim, eu não sei o que é, eu acho que é tipo um Bolsa Família, não sei qual é o auxílio que ela recebe, mas assim, ela tem negócio próprio, sabe? Então, eu acho muito complicado, eu acho que a gente não tem estrutura para isso, a menos que seja feita uma análise correta e que eu acho que não vai ser feita. (Erica, 35 anos, auxiliar administrativa – moradora de Santana)

É importante destacar que os entrevistados são de classe média; muitos, inclusive, de classe média baixa – pelo menos como eles mesmos se identificam. Isso significa que são a camada logo acima dos pobres, a camada logo acima daqueles que dependem exclusivamente de auxílio ou dos serviços do Estado. Em geral, os entrevistados dependem pouco dos serviços públicos – exceto o SUS, pois muitos admitem não ter dinheiro para pagar um convênio (o que ajuda a explicar no gráfico anterior como os bolsonaristas não se entusiasmam com a ideia de privatizar a saúde pública). Os mais velhos estudaram em escola pública; seus filhos, em geral, passaram por escolas e faculdades particulares. Apenas um teve passagem por universidades públicas.

MacGillis (2015), ao tratar dos EUA, citou sua “tese dos dois degraus para cima”, ou “two notches up thesis”. De acordo com o autor, aqueles pouco acima socialmente tendem a votar contra benefícios para os mais pobres. Skocpol e Williamson (2016) argumentam que apoiadores mais velhos e de classe média do Tea Party são, na verdade, a favor do sistema de saúde pública (Medicare), da previdência social, de benefícios para os militares veteranos etc. O que eles se opõem é à ideia de um “governo grande”, pois não querem pagar impostos para sustentar “parasitas” do dinheiro público, o que pode incluir imigrantes, os mais pobres, jovens etc.

É verdade que muitos dos entrevistados deste trabalho possuem histórias de sucesso: saíram de condições mais pobres na vida e conquistaram algum conforto financeiro. Isso ajuda a fomentar o raciocínio que pregam que basta trabalhar duro para subir na vida. Entretanto, a pobreza no Brasil é multifacetada: se muitos deles tiveram infâncias pobres, talvez não fossem miseráveis, como boa parte da população brasileira. Isso sem levar em consideração outros contextos de opressão que dificultam a ascensão social, como sexo, raça, identidade de gênero, entre outros.

Chauí (2014) denota essa negação da realidade como parte das relações sociais brasileiras. Dentro do que ela chama de “Mitologia Verde-Amarela”, a autora descreve uma ideologia estabelecida pela classe dominante brasileira que expressa uma nação unida sem distinções, de um povo “pacífico, ordeiro e não violento” – apesar da violência diária que os marginalizados sofrem – e de “democracia racial” – a despeito da enorme desigualdade social entre brancos e negros no país e da discriminação que estes sofrem (CHAUÍ, 2014, p. 83). Por meio dos preceitos desta ideologia, esta classe média conservadora se nega, portanto, a reconhecer certos problemas sociais no país, e justifica o *status quo* com base no discurso meritocrático e de uma pretensa igualdade entre diferentes grupos sociais, na qual todos estão unidos sob o manto da bandeira verde-amarela.

Isso não significa que, ao menos abertamente, eles achem a desigualdade social algo bom. Embora poucos, alguns ressaltaram que essa era uma das maiores mazelas no Brasil. Todavia, mesmo que reconhecessem o problema, eram contra que o Estado intervisse para tentar resolvê-lo. O que o Estado deveria fazer, como ressaltado, era dar a oportunidade para que cada um fosse atrás do que é seu, por conta própria. Mas não agir em favor de grupos que seriam mais necessitados. Se eles conseguiram isso – ascender pelo próprio esforço – todos

também deveriam, independentemente dos obstáculos e opressões adicionais que precisem enfrentar.

Hochschild (2016) levanta sua tese do “Grande Paradoxo” ao tratar especificamente da questão do meio-ambiente com apoiadores do Tea Party em Louisiana. Apesar de ser um estado que sofre muito com a degradação ambiental das empresas privadas, a população local defendia menos regulação do Estado nestas questões. Eis, portanto, o paradoxo. Elas não querem conviver com poluição, mas também não confiam no governo para resolver o problema, chegando, aliás, a culpá-lo por isso.

O “Grande Paradoxo” no Brasil pode ser justamente a discussão sobre desigualdade social. Apesar de grande parte da direita bolsonarista reconhecer que esta é uma mazela que deveria ser resolvida, eles não confiam que políticas redistributivas são a solução. No fim, caberia ao esforço individual de cada um, como teria ocorrido com eles, sem ajuda do Estado. O que levanta a questão se eles realmente desejam que este problema seja resolvido no Brasil. E como veremos no capítulo seguinte, a mesma lógica se aplica à discussão sobre racismo e a implementação de cotas raciais.

Portanto, como seriam pessoas pouco assistidas pelo Estado, os entrevistados defendem com vigor a ideia de meritocracia. Se eles não precisaram de ajuda, então ninguém precisa – salvo exceções mais extremas. Isso significa que eles se atribuem muito do sucesso que obtiveram na vida, sem atribuir qualquer mérito ao governo. O caso do seu Luís, um comerciante autônomo de 66 anos, morador do Belénzinho, era curioso. Ele passou a vida com diferentes comércios, com seus altos e baixos, sucessos e fracassos. Recentemente, teve que fechar seu bar, pois precisava cuidar da mãe doente, e passou a vender marmitas feitas em casa. Ao longo de sua fala, ele contou que perdeu todo o dinheiro que tinha com o Plano Bresser, durante o governo Sarney. E ao longo dos anos 2000, sob o governo do PT, tinha feito muito dinheiro. Surge, então, a contradição.

- Mas o senhor foi bem [durante o governo do PT]?

- Na minha concepção de ver, eu fui porque era fruto do meu trabalho, sabe? Então, se você é um cara que é um bom pesquisador, sempre vai encontrar serviço para você. Eu era um bom comerciante. Tudo que eu faço é com carinho. Tudo que eu faço, você passa a vir aqui em casa, você é meu amigo, tanto é, que você tem prova, esse rapaz que saiu daqui. E tem muita gente, muitas pessoas que têm um respeito enorme porque eu respeitava eles também.

- Mas quando você falou do Collor, que teve os planos e tudo o mais, você atribuiu mais os problemas aos planos econômicos que teve, então, com esse Governo também não teria, tipo...

- A pior recessão que foi tá sendo agora, não teve plano, mas nossa... você não tem mais...

- *Mas digamos que não teve mérito do governo durante o período que o senhor estava...?*

- Eu não digo que é mérito deles. Por quê? Porque ele pegou caixa, a caixa estava boa, tudo, o mundo estava bom. Então, se você vai jogar com um time bom. Qual é o resultado? De estar indo bem, então, nessa época que o Lula pegou, estava tudo funcionando. O mundo estava uma maravilha. Estava tudo engrenado. Tanto é que ele não se ligou nisso, que continuou gastando. Agora, onde que vai mandar dinheiro para Cuba, tirar o nosso dinheiro e mandar para fora. Pra que isso? Tirar da nossa Saúde, tirar da nossa Educação, tirar... é certo isso? (Luís, 66 anos, comerciante autônomo – morador do Belenzinho).

Isso significa também que se tratava de um território fértil para promover ideias de liberalismo econômico. Se, no trabalho realizado por Pierucci (1999), ele não encontrou apelo de ideias liberais entre a direita janista e malufista, inclusive destacando a pouca probabilidade dessas ideias prosperarem entre esse eleitorado, após mais de 30 anos, o cenário entre a direita bolsonarista é totalmente diferente. Havia um apoio generalizado à política econômica do governo e ao seu mentor, o Ministro da Economia, Paulo Guedes. Além do apoio quase total à Reforma da Previdência – apenas uma entrevistada se disse dividida em relação ao tema – muitos dos ativistas também demonstravam apoio aos cortes de gastos públicos – pois seriam necessários, depois do “estrago” que o PT deixou para o governo – à flexibilização das leis trabalhistas e ao programa de privatização de empresas públicas. E isso tudo encontrava ressonância tanto entre os ativistas mais velhos quanto entre os mais jovens, embora estes últimos demonstrassem ainda mais entusiasmo com ideias liberais.

- Olha, essa questão dele de querer livre mercado, e querer... dar poder ao empreendedor, dar poder aos empresários, para você, por exemplo, investir, e para os outros países quererem investir aqui no nosso país. Às vezes, quando eu dou essa opinião, em roda de amigos, o pessoal fica até, meio, "Nossa, como assim? Não, cara!", o meu pai sempre foi autônomo e ele já teve empresa, assim, para o empresário, é complicado. É pesado você manter funcionários, você pagar tantos direitos trabalhistas, e, eu, até estava vendo um documentário, esse tempo atrás, no... não lembro se no History [Channel], do Henry Ford, que esse negócio de direitos trabalhistas e um monte de direito, um monte de taxa, por exemplo, eu trabalho CLT, hoje, mas se eu saísse da minha empresa, para que que vou receber? Na minha opinião, eu já não trabalhei aquele tempo lá? Tudo bem, [...] (tem) os tributos que tenho que pagar mensalmente, mas, para que que vou receber no final? Eu já não trabalhei dois anos, recebi pelos dois anos? Por que que quando eu saio, a empresa ainda tem que pagar uma bolada para mim?

- *O argumento é que é para desestimular a empresa a demitir.*

- Mas eu não vejo sentido nisso. Fica muito pesado para o empresário. E, às vezes, você dá muita arma para o trabalhador, para, assim, o trabalhador tem um monte de direito, e, o empreendedor, o empresário, às vezes, fica de mãos atadas. Às vezes você contrata uma pessoa, por exemplo, meu pai já contratou uma pessoa, uma vez teve um funcionário, e ele não pôde registrar esse cara, aí, esse cara continuou trabalhando com ele. "Ó, vou te pagar certinho", pagava o 13º, pagava tudo certinho para ele, e se o cara quisesse pagar o INSS dele, que ele corresse atrás, né? E o cara, "Não, beleza, beleza". E ajudava, adiantava salário, às vezes, dava a mais, para ajudar, porque era uma coisa mais de boca, né? Mais informal. Quando saiu, o cara meteu ele no pau. E agora meu pai, ele foi chamado na justiça. 25 mil reais. O cara trabalhou com meu pai, tipo, um ano e meio... e falei, mas gente, como assim? 25 mil reais, véi? Não dá para entender. Aí ele alegou um monte de coisa, e meu pai, é um cara, tipo assim,

recebeu a intimação, e, tipo: “Ah, não vou lá não. Não vou”, e aí está correndo, entendeu? Mas eu vejo, porra, 25 mil reais e o cara não... sempre que meu pai podia ajudar, ele ajudava, pagava certinho, dava o 13º, tirou férias com meu pai. Foi, caraca, véi. O cara sai, pega... vai querer pegar 25 mil reais. De onde tiraram isso, cara? Não faz sentido. (Marcelo, 25 anos, gerente de loja – morador do Tucuruvi).

Eu sou mente aberta, cara. É, eu comecei a olhar os dois lados. (Para) te falar a verdade, comecei a olhar os dois lados, assim, e as ideias de esquerda, eu acho legal só a ideia que olham para a classe social desfavorecida, assim, mas ideia de economia de esquerda não me agrada nenhum quesito, cara, em nenhum quesito. Que até um pessoal que é mais hardcore, que tem ideias comunistas assim... Eu sei que o capitalismo não deu certo também, não dá muito certo, mas ele dá mais certo que o comunismo, assim, ideia socialista, ideia comunista, também tem seus erros, lógico, país capitalista, mas eu prefiro um livre comércio num país liberal. Tipo, países liberais têm mais futuro, mais desenvolvimento. (Vitor, 25 anos, desempregado e trabalhador autônomo – morador do Tucuruvi).

- Sou a favor, sim, porque a gente vê aí muito desperdício do Governo, dos servidores públicos, muita coisa. Agora mesmo dos Correios mesmo, a gente passa aí, vê um mundaréu de garagem aí, um monte de carro dos Correios, tudo estacionado, motos, tudo parada lá, carro e carros, por que não privatizar? Porque aí a empresa não vai deixar aquilo acontecer, jogar um monte de moto fora, carro fora. A mesma coisa nos hospitais também, a gente vê muito desperdício, né? Eu acho que com a privatização as coisas começam a andar melhor, sim.

- *Então, por exemplo, mesmo a Saúde Pública?*

- Principalmente a Saúde Pública.

- *Deveria privatizar?*

- Deveria privatizar, principalmente.

- *E como fazer com as pessoas que não puderem pagar?*

- Mas acredito que se privatizar as coisas vão, o preço também vai cair e vai ter suporte pra todo mundo, vai ter condições de privatizar a Saúde Pública. Por exemplo, continua ali, o Governo tem parte no SUS, mas quem administra é uma empresa.

- *Ah sim, seria não privatizar totalmente, mas terceirizar a administração?*

- É, a administração, exato.

- *Ainda receber recurso público, não privatizar totalmente.*

- É, não totalmente.

- *Administração ser privada.*

- É, ser privada.

- *E empresas como a Petrobrás, também?*

- Bom, a gente viu com a experiência até hoje, de uns anos pra cá, não foi bom. Do jeito que está não está bom. Acredito que privatizando vai ficar melhor. Eu acho que a política do Paulo Guedes e da maneira como ele vem tentando instruir é legal, é boa, é justa.

- *E na Educação você acha que também deveria privatizar?*

- A Educação principalmente, viu? Tinha que acabar com essas escolas de partido, tinha que acabar mesmo, porque isso está fazendo muito mal para os ensinos, para as escolas... Estão se criando muitas gangues dentro de escolas por causa disso. Então acho que devia mesmo privatizar para poder acabar com esses partidos, né? (Sindoal, 55 anos, eletricitista – morador da Vila Guilherme).

Apesar da opinião um pouco mais radical de Sindoal, a verdade é que ela era minoritária entre os entrevistados. Poucos concordaram com a ideia de terceirizar a administração de escolas ou hospitais. E este tende a ser o limite de ideias liberais entre essa direita: para eles, áreas como a saúde e a educação devem seguir públicas, com forte investimento do governo para fornecer serviços públicos de qualidade.

Outro aspecto relevante é que, entre os mais velhos, havia um mal-estar que ainda não sabiam explicar com relação às dificuldades financeiras enfrentadas por seus filhos. Alguns culpavam a falta de esforço, ou a escolha errada de carreira; outros enxergavam um cenário econômico mais hostil do que aquele de suas juventudes. Esse mal-estar se refletia na percepção de que algo estava errado; porém, não abalava a crença de que o trabalho duro ainda era o caminho para qualquer um que queira ascender socialmente, e não a ajuda do Estado.

- E a sua filha, o senhor acha que a sua vida e as condições pra sua filha são melhores ou piores do que quando foi pro senhor quando tinha a mesma idade?

- Olha, ela pegou uma fase de transição, né? Ela pegou uma fase de transição e de queda que eu peguei quando estava me casando pela primeira vez. Então, mas ela ainda tem condição de se elevar. Porque ela se formou, a OAB dela é de 2013, ela ainda... é que agora estamos em julho e ela está em férias, ela ainda, vira e mexe, ela está fazendo curso. Quer dizer, ela se vira. Atualmente é curso de sábado o dia inteiro, pra poder ter um pouco mais de coisa pra oferecer pros clientes dela terem melhores condições de prestação de serviços. (Dorival, 64 anos, professor aposentado – morador da Penha)

- Na sua vida, por exemplo, você acha que melhorou nesse período (do PT)?

- Olha, como eu estava fora, minha vida sempre melhorou, ano a ano, independente do Governo, sempre fui uma pessoa que lutou muito, né? Minha vida melhorou, mas não por causa do Governo, mérito meu mesmo.

- E pros seus filhos?

- Os meus filhos todos conseguiram se graduar, agora que eles estão passando esse problema do desemprego, entendeu? Podia estar com todo mundo aqui, mas tem um lá 2 anos fora.

- Você acha que eles encontraram um cenário mais difícil pra eles do que pra você?

- Sim, sim... é que fiz uma carreira técnica, entendeu? E eles fizeram uma carreira humana, é sempre mais difícil, né? Eu acho, um camarada que faz a área de humanas, em termos econômicos, conseguir mais resultado (é difícil), eu acho que a carreira técnica é mais fácil você conseguir, tem mais demanda. (Nilson, 65 anos, engenheiro aposentado – morador do Tatuapé)

Curiosamente, quando os entrevistados foram perguntados sobre quais seriam os problemas mais urgentes do Brasil, os mais citados eram a educação, a saúde, e até a desigualdade social, temas geralmente levantados por políticos de esquerda. Assim, apesar do sentimento antipetista e, muitas vezes, anti-esquerdista também, há espaço – embora restrito – para candidatos progressistas disputarem o voto desse eleitorado defendendo o investimento público para resolver esses problemas e mazelas sociais. O espaço, entretanto, é ainda menor do que já foi, agora que esse eleitorado se encontra mais firme ideologicamente, aderindo a pautas antes desconhecidas e renegadas pela direita brasileira de outrora.

Capítulo 5 – “Conservadores nos costumes”: *backlash* cultural e a “cilada da diferença”

Se os militantes bolsonaristas fossem perguntados se votaram no Bolsonaro porque não gostam de feministas, negros ou LGBTQIA+, nenhum diria que era por isso. Se perguntasse se tinha sido por causa do “kit gay”, alguns iriam reconhecer que isso ajudou a embasar o voto, mas que não tinha sido o motivo principal. Mesmo assim, além do desejo de mudança, de restabelecimento da ordem no Brasil, e de um direcionamento econômico diferente daquele implementado pelo PT, um dos principais motivos alegados pelos entrevistados para votar em Bolsonaro era pelo “jeito de falar” de Bolsonaro. Ou ainda, que ele “fala o que eu penso”. Muitas vezes, havia o receio de se dizer o que, exatamente, era aquilo que ele falava com o qual eles concordavam. Contudo, aos poucos, ficou claro que um tema que sempre surgia nas entrevistas, mesmo sem ser suscitado pelo pesquisador, era do conservadorismo moral. Apesar de poucos admitirem explicitamente que esse tenha sido um fator importante para o voto, a sua recorrência nas falas dos ativistas bolsonaristas deixava evidente que aquele tópico não era sem relevância.

O capítulo final tratará dos aspectos culturais e morais que foram motivação dos cabos eleitorais bolsonaristas. Inicialmente, realizaremos uma discussão sobre o tema do *backlash* cultural e da reação conservadora no Brasil. Para tanto, discutiremos brevemente o fenômeno evangélico no país, e apresentaremos dados e estudos de outras pesquisas semelhantes, relacionando-os com o caso bolsonarista, o que mostra que a atual relevância da pauta dos costumes não é um fenômeno isolado no mundo, embora seja uma novidade no Brasil.

As partes seguintes do capítulo tratarão dos três grupos cujos avanços nas últimas décadas foram motivo de maior reação entre a direita bolsonaristas: as feministas, o movimento negro e o movimento LGBTQIA+. Sobre o primeiro grupo, discutiremos as conquistas dos últimos anos, como a Lei Maria da Penha, assim como a oposição feminista à eleição de Bolsonaro, e como essas pautas repercutem entre homens e mulheres que apoiam Bolsonaro. Com relação ao movimento negro, introduziremos as principais mudanças na legislação que tratam dos negros na sociedade brasileira, em particular o tema das cotas raciais, tópico de bastante discórdia entre bolsonaristas, e mesmo entre aqueles que são afrodescendentes. Por último, analisaremos o grupo que sofre maior preconceito da direita bolsonarista, os LGBTQIA+. Analisaremos suas falas em contraste às conquistas e à visibilidade que esse grupo

conquistou nos últimos anos, inclusive de relatos de bolsonaristas que também são dessas minorias sexuais.

5.1. Conservadorismo moral e a pauta dos costumes

Um dos alertas que Pierucci (1999) deixou em seu trabalho clássico foi sobre o que ele chamou de “cilada da diferença”. De acordo com o sociólogo, a esquerda era pautada pela defesa da igualdade, então a direita se pautava pela defesa das diferenças. Conforme ele testemunhava o crescimento de pautas, dentro da esquerda, que exaltavam as diferenças – tratando-se de minorias políticas como mulheres e negros –, ele alertou de que fazer isso seria entrar no campo onde a direita joga melhor.

Em muitos aspectos, o alerta de Pierucci foi premonitório. Quando a direita bolsonarista fala em defesa da família, o que significa, essencialmente, é uma reação ao avanço de pautas de minorias políticas (isso é, grupos de menor representatividade na esfera pública, mesmo nos casos em que são maiorias numéricas), como as mulheres, os negros e, especialmente, os LGBTQIA+. E o alerta foi emitido justamente em um período que o sociólogo observava – como na eleição de Collor (MARIANO & PIERUCCI, 1992) – a expansão de um grupo religioso que se tornaria cada vez mais numeroso e decisivo nas disputas políticas: os evangélicos.

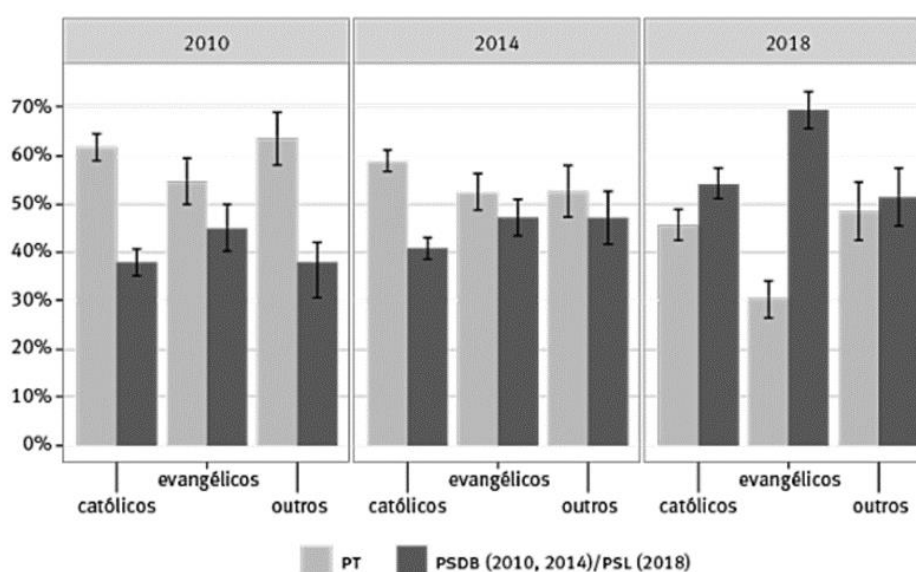
A entrada dos evangélicos na política brasileira não é recente. Nas últimas décadas, houve um crescimento vigoroso da população evangélica no país, passando de 6,6% em 1980 (IBGE, 1980) para 22,2% em 2010 (IBGE, 2010), ano do último censo. Mantendo o ritmo de crescimento, é possível que o percentual de evangélicos na sociedade alcance um terço da população na atualidade. Na política, a Bancada Evangélica também deu um grande salto quantitativo. Como Pierucci (1987) constata, já na Assembleia Constituinte, os evangélicos conseguiram eleger uma bancada de 32 deputados federais. No ano de 2014, esse número passou para 80 (BACELAR & CARVALHO, 2014). Em 2018, o número subiu para 84 deputados federais, mais 7 senadores da República (DAMÉ, 2018).

Um ponto importante sobre a participação de evangélicos na política é justamente sobre o conservadorismo moral. Como se espera que os evangélicos sejam mais conservadores que a

média da população, há uma possível incompatibilidade com os valores da esquerda, que tendem a ser mais progressistas. Tentando demonstrar esse conservadorismo acima da média, Cervellini, Giani e Pavanelli (2011) identificaram, com base em uma pesquisa do IBOPE em 2003, que 44% dos evangélicos eram favoráveis a proibir o aborto em qualquer caso, enquanto 33% dos católicos, 27% de outras religiões e 34% do total tinham o mesmo posicionamento. As igrejas tentam mobilizar o seu rebanho eleitoralmente, sobretudo pelo uso de pautas morais; entretanto, em eleições recentes, algumas pesquisas (BARBOSA, 2016; VALLE, 2019) mostraram efeito limitado da mobilização em pleitos para cargos do Executivo, tendo muito mais sucesso em eleições para o Legislativo.

Isso muda com a eleição de Bolsonaro em 2018. Como Nicolau (2020) demonstra, com base nos dados do ESEB, Bolsonaro obteve um elevado apoio entre o segmento evangélico, cerca de 70%, muito acima dos outros segmentos religiosos, enquanto nos pleitos anteriores de 2010 e 2014, a diferença de voto entre seguidores de diferentes religiões não era tão grande, como é possível ver no Gráfico 17. O autor ainda ressalta o sucesso da mobilização de diferentes líderes evangélicos pela eleição de Bolsonaro, uma mobilização que se seguiu no governo, como Guerreiro e Almeida (2021) destacam, inclusive com líderes religiosos repetindo teses do negacionismo do governo com relação à pandemia de Covid-19.

Gráfico 17: Relação entre religião (católicos, evangélicos e outros) e voto para presidente no 2º turno (2010-2018)⁴⁶



⁴⁶ Fonte: NICOLAU, 2020.

O foco do presente trabalho nunca foi a religião, cujo tema por si exigiria outra pesquisa. Mesmo assim, todos entrevistados foram indagados a respeito de suas respectivas denominações religiosas, e sete deles se identificaram como evangélicos. Apesar de ser um número relativamente baixo com relação ao apoio que Bolsonaro possui entre este segmento religioso (o que pode ser em razão do estrato social e geográfico dos entrevistados), não houve diferença significativa nas respostas entre os bolsonaristas católicos e evangélicos, sendo que ambos os grupos apresentavam posicionamentos semelhantes em pautas de conservadorismo moral. O que parecia ser mais influente era a frequência que iam às suas respectivas igrejas, católicas ou evangélicas: quanto mais alta a frequência, maior o conservadorismo. E na sociedade brasileira, os evangélicos possuem em média uma frequência de ida aos cultos significativamente maior, sendo que 53% afirmam ir à igreja mais de uma vez por semana em comparação a apenas 17% dos católicos, de acordo com pesquisa do Datafolha (BALLOUSSIER, 2022).

Independentemente da crença religiosa, estava claro que o conservadorismo moral era uma pauta importante. E se, na direita janista e malufista, havia claros elementos xenófobos e racistas entre os entrevistados, com a rejeição do conceito de igualdade, na direita bolsonarista, o conceito se invertia: se somos todos iguais, por que as minorias deveriam ter atenção especial, tratamento diferenciado ou privilégios? Como um desempregado de 40 anos disse em uma das manifestações: “A questão é que as minorias de hoje querem mandar na maioria. Mas é o contrário: as minorias devem ser respeitadas, mas quem manda é a maioria.” Esse sentimento entra em consonância com outra frase proferida por Bolsonaro, em 2017, que disse: “Deus acima de tudo. Não tem essa historinha de Estado laico não. O Estado é cristão e a minoria que for contra, que se mude. As minorias têm que se curvar para as majorias” (AFP, 2018).

Bolsonaro é, de fato, notório por frases polêmicas a respeito de minorias políticas. Ao longo de sua carreira política, além de suas costumeiras falas defendendo o regime militar e contra direitos humanos, Bolsonaro proferiu frases controversas a respeito de mulheres, negros, indígenas e, seu alvo favorito, homossexuais. Não surpreendentemente, o ex-capitão atraiu forte oposição dos movimentos feminista, negro e LGBTQIA+, acusando o atual presidente de ser machista, racista e homofóbico. Assim, de maneira inevitável, Bolsonaro já foi alvo de diferentes processos, sendo condenado por incitação a estupro (AGÊNCIA BRASIL, 2017) e processado por crime de racismo, do qual foi inocentado (G1, 2019b).

Os ativistas bolsonaristas são rápidos para dizer que não concordam com tudo que Bolsonaro fala, especialmente quando confrontados com alguma de suas frases mais polêmicas. Ao mesmo tempo, além da intromissão dos filhos no governo, a reclamação mais comum é a de que o presidente “fala demais”, e deveria pensar mais antes de falar. Entretanto, não concordar com tudo também não significa discordar de tudo. Isso significa que as falas de Bolsonaro encontram eco entre seus apoiadores, apenas variando entre quem se sente identificado com cada frase.

Hochschild (2016), em seu trabalho com eleitores brancos e simpatizantes do movimento Tea Party no estado da Louisiana nos Estados Unidos, destaca a importância para a direita de não ter que se sentir obrigada a sentir o que a esquerda quer que eles sintam, como, por exemplo, sentir felicidade por um casamento gay, pena de refugiados etc. Querem, sobretudo, não ser atacados por suas opiniões, frequentemente rotuladas como machistas, racistas, homofóbicas etc. Mesmo assim, há uma “história profunda” que Hochschild descreve por meio de uma metáfora.

Para o público pesquisado pela autora, é como se houvesse uma longa fila para realizar o “sonho americano” – ter uma casa, um carro, uma vida confortável. Por algum motivo, a fila não andava mais como antes, ou parecia até que andava para trás. Apesar de trabalhar duro, ser um bom cristão, vivendo um casamento monogâmico e heterossexual, de fazer tudo “certo”, as coisas não progridem como antes, sua renda caiu ou está estagnada. Por outro lado, esse público passa a enxergar minorias que ele não via antes atingindo o sucesso, seja por cotas, seja por incentivos do governo. Mulheres, negros, imigrantes, refugiados, entre outros. Surge a pergunta de como eles conseguiram. A resposta seria de que eles teriam furado a fila, teriam trapaceado, burlado o sistema. Assim, aqueles eleitores brancos se sentem traídos, passados para trás, “estranhos em sua própria terra”, como o nome do livro de Hochschild (2016) indica.

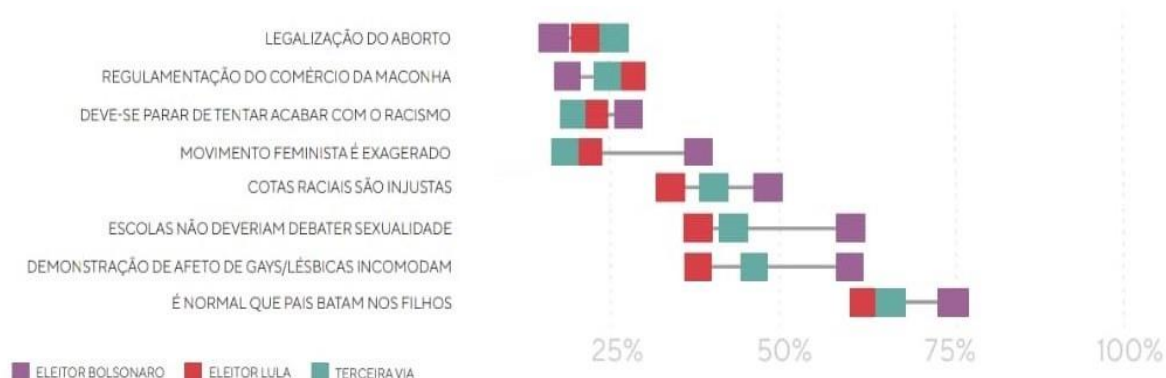
O achado da socióloga americana encontra paralelos em outros trabalhos. Faludi (1991) já havia alertado, por exemplo, sobre a existência de uma reação conservadora que se segue após cada onda feminista. Stanley (2018), dissertando sobre sua definição de fascismo, ressalta como qualquer avanço de grupos minoritários na sociedade acaba estimulando sentimentos de vitimização dos grupos dominantes. Cramer (2016), por outro lado, em seu trabalho entrevistando moradores da zona rural de Wisconsin, ressalta como as crescentes divisões na sociedade – sobre quem tem poder e quem não tem, sobre quais valores estão corretos, ou sobre

quem recebe o quê –, assim como a percepção sobre o que é justo a respeito dessas divisões, acaba levando a uma política de ressentimento.

Esse é, invariavelmente, um dos trunfos de Bolsonaro. Em um momento histórico no qual as minorias possuem maior voz política, e as pessoas não podem mais verbalizar preconceitos de forma impune, alguém que fala sem pudores “o que povo pensa” chama a atenção. Especialmente daqueles que se sentem constrangidos e deslocados nessa nova realidade histórica. Assim, é inegável que parte da identificação que seus seguidores sentem está fundamentada na sua habilidade de colocar para fora o que eles sentem que não podem mais. O “tiozão do churrasco”, com toda a sua grosseria e preconceitos, é imperfeito, mas é real, é palpável. Mais próximo da realidade deles do que aqueles que praticam o “politicamente correto”, que aplaudem as mudanças na sociedade como se tudo estivesse bem. Para eles, não está.

Nos dados da pesquisa Genial/Quaest, de agosto de 2021, fica claro o maior conservadorismo moral de eleitores bolsonaristas em comparação a eleitores de Lula ou de candidatos de uma terceira via, como é possível ver no Gráfico 18. Enquanto bolsonaristas são ligeiramente mais propensos a serem contra a legalização do aborto e contra a regulamentação do comércio de maconha, eles também demonstram ter menos interesse no combate ao racismo, apresentam uma oposição maior ao movimento feminista e às cotas raciais, e demonstram maior incômodo com o debate sobre sexualidade dentro das escolas ou com a troca de afeto entre pessoas do mesmo sexo. Entre os eleitores mais militantes, é de se esperar que essa tendência só aumente.

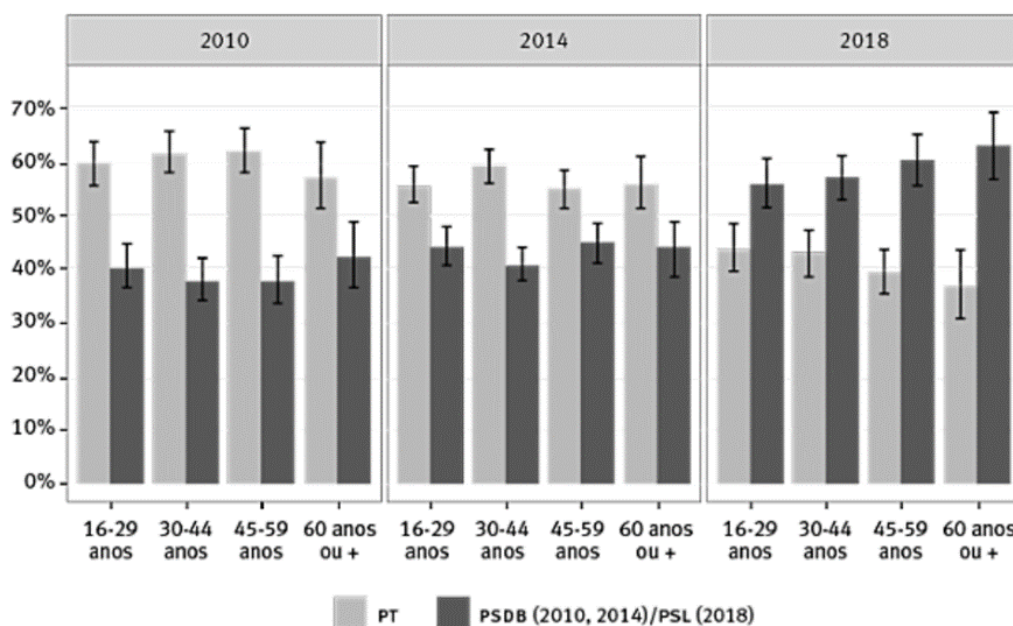
Gráfico 18: Dados da Pesquisa Genial/Quaest de agosto de 2021 sobre a atitude política de diferentes eleitores – Costumes⁴⁷



A relevância do tema no caso brasileiro reforça o argumento de autores como Norris e Inglehart (2019) e a sua teoria do *backlash* cultural. De acordo com a tese dos autores, existe uma reação ao avanço de pautas progressistas nos costumes nas últimas décadas como a maior motivação para o voto em populistas autoritários como Donald Trump. Embora os autores corroborem seus argumentos com uma diversa gama de dados sobre o caso americano e sobre fenômenos como o *Brexit*, não é possível afirmar que a teoria seja totalmente replicável no caso brasileiro com a eleição de Bolsonaro. Norris e Inglehart demonstram que, no caso dos Estados Unidos, há uma diferença significativa entre o posicionamento das gerações mais jovens – mais progressistas e, portanto, contra Trump – e das gerações mais velhas – mais conservadoras e, logo, a favor de Trump. Embora Bolsonaro tenha, de fato, conquistado um apoio ligeiramente maior entre o eleitorado mais velho no Brasil, a diferença é muito menor do que apontado pelos autores no caso americano, como demonstra a última pesquisa Datafolha antes da eleição de 2018 (DATAFOLHA, 2018) e os dados do ESEB 2018, expostos no Gráfico 19. Não deixa de ser notável, todavia, a mudança de tendência de equilíbrio entre as faixas etárias em eleições anteriores, e a crescente – embora pequena – tendência de voto em Bolsonaro conforme se move à faixa dos eleitores mais velhos. De qualquer modo, como vimos neste trabalho, o bolsonarismo é mais multifacetado. Embora a questão do conservadorismo moral seja uma novidade relevante na política brasileira, a ascensão de Bolsonaro envolve também outras questões particulares do processo histórico brasileiro, como demonstramos nos capítulos anteriores.

⁴⁷ Fonte: Genial Investimentos (2021).

Gráfico 19: Relação entre gênero e voto para presidente no 2º turno com dados do ESEB (2010-2018)⁴⁸



Portanto, torna-se necessário explorar as falas dos ativistas bolsonaristas com relação ao conservadorismo moral que ajudou a fundamentar o voto em Bolsonaro. Enquanto encontramos resistência às reivindicações dos movimentos feminista e negro, há uma resistência ainda maior à presença mais visível de pessoas LGBTQIA+ na sociedade e na mídia, além dos avanços nos direitos dessa comunidade. E como a postura combativa desses diferentes movimentos soa agressiva e ameaçadora para esse eleitorado, eles, em contrapartida, sentem a necessidade de também se organizarem para se defender.

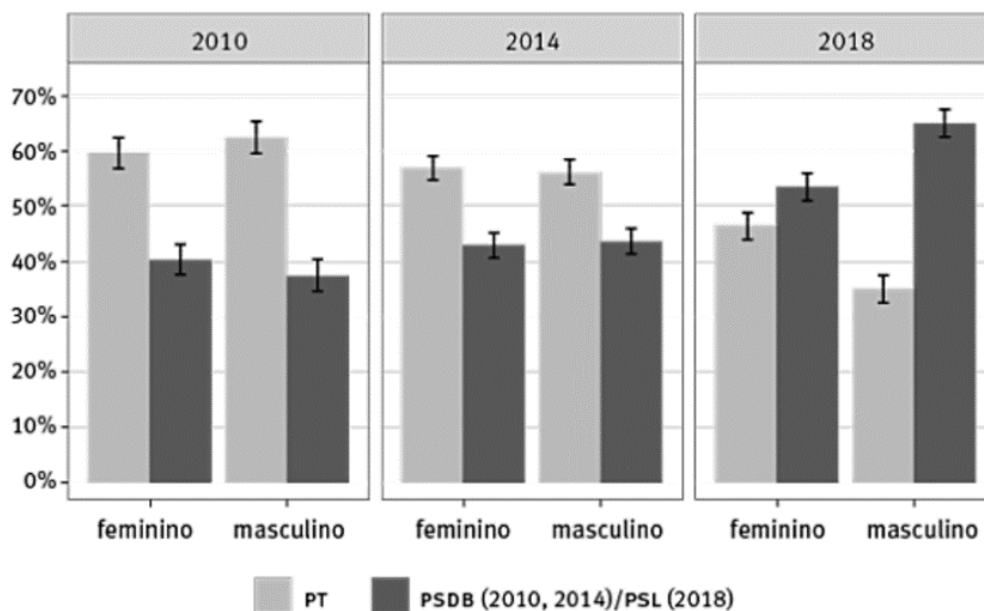
5.2. Feminismo e radicalismos

Como notamos anteriormente, Bolsonaro é, na essência, um candidato identitário, tendo apelo significativo para o eleitor homem, branco, cristão e heterossexual. Isso, de fato, se traduziu em votos, já que o ex-capitão teve um apoio significativo entre o eleitorado masculino. Em contrapartida, Bolsonaro enfrentou uma forte rejeição das mulheres, em um grau

⁴⁸ Fonte: NICOLAU, 2020.

incomparável com outros pleitos, nos quais o voto entre os gêneros era similar. No Gráfico 20, com base nos dados do ESEB, é possível ver a discrepância que surge na eleição de 2018.

Gráfico 20: Relação entre gênero e voto para presidente no 2º turno (2010-2018)⁴⁹



Quando se tratava de discutir algum dos grupos que faziam oposição ao governo Bolsonaro, era inevitável falar das feministas. É importante destacar que veio delas a maior oposição à candidatura de Bolsonaro. No dia 29 de setembro de 2018, grupos feministas que se mobilizaram pelas redes sociais organizaram o maior ato público contra a candidatura de Jair Bolsonaro à Presidência da República, o chamado “#EleNão”. 114 cidades tiveram manifestações nesse dia, além de atos em cidades de outros países, como Londres, Nova York, Lisboa e Paris. Embora não tenha sido feita estimativa de público, por meio das imagens aéreas, estima-se que o número de manifestantes concentrados no Largo da Batata, em São Paulo, pode ter chegado a 100 mil pessoas. Assim, é considerada a maior manifestação de mulheres na história do Brasil (ROSSI, CARNEIRO & GRAGNANI, 2018).

Apesar da magnitude do ato, dois dias depois, Bolsonaro subiu quatro pontos nas pesquisas de opinião, inclusive entre as mulheres. Uma das possíveis explicações para isso é a guerra de informações nas redes sociais e por WhatsApp. Diversas imagens, vídeos e informações falsas foram circuladas logo após o ato, divulgando fotos falsas da manifestação – tentando mostrar que ela havia sido menor do que a mídia alardeava – ou então indicando que

⁴⁹ *Idem.*

as fotos reais do ato eram, na verdade, de eventos passados, como o Carnaval. Além disso, foram espalhadas imagens de mulheres nuas de outros atos além de vídeos de manifestantes quebrando imagens sacras, todas ocorrências de manifestações diferentes, de forma a menosprezar e difamar os manifestantes que foram às ruas contra Bolsonaro (SETA, 2018).

Nas conversas com a direita bolsonarista, o feminismo surgia espontaneamente de forma menos frequente que os tópicos das seções seguintes. Mesmo assim, quando era citado, estava sempre ligado à ideia de radicalismo e exposição desnecessária, ilustrada em seu imaginário com mulheres que odeiam homens e protestando ao colocar os peitos para fora para todo mundo ver. E, assim como nas outras pautas, a igualdade já existia, e não havia necessidade de promover atitudes radicais, atacando os homens e todos aqueles que discordavam de sua luta.

- Ah, cara, o Movimento Feminista, pelo que eu vi com pessoas e mulheres, assim, eu acho que a grande maioria é muito radical. É muito radical, ao extremo mesmo. Mas tem, sim, as feministas ponderadas que lutam pelos direitos das mulheres mesmo. Eu acho isso importante, apesar de eu nunca ter... eu já trabalhei em algumas empresas e eu nunca vi diferença de salário, trabalhando no mesmo cargo, essas coisas do tipo. Mas sim, acho importantes as feministas ponderadas, sim. Lutar pelos seus direitos, mas a grande maioria, pelo menos as que eu convivi, eram radicais e eu não acho isso legal.

- *Radicais, como?*

- Ah, cara, radical de “guerra contra o homem”, nesse nível. (Vitor, 25 anos, desempregado e trabalhador autônomo – morador do Tucuruvi).

- [...] Essas causas, que eles levantam essas bandeiras, tem coisas que realmente fazem sentido, mas tem outras que é um exagero, né?

- *Por exemplo?*

- Esse Feminismo... tudo bem você quer ser feminista, mas tem coisa que acho exagero. Como na época das eleições lá, o pessoal na Avenida Paulista com professora nesses grupos de feministas, sem camisa, com peito para fora, fazendo cocô na cara do Bolsonaro, umas coisas assim que... é um radicalismo desnecessário, a luta tem que ser verbal e não da forma que queimaram bandeira do Brasil, nossa Pátria, cara. Eu discordo, acho que o cara tem que prender e deportar, isso não serve para ser aqui, nosso país não é bandeira vermelha, ela é verde, amarela, azul e branca. Não é vermelha. Passeata que os caras iam lá, queimando a bandeira, fazendo cocô na cara do Bolsonaro... não estamos falando de um cara, estamos falando de professora, formada, um troço meio... (Daniel, 61 anos, aposentado e empresário – morador do Tatuapé).

Não é de se surpreender que houvesse rejeição ao feminismo entre os homens bolsonaristas. Ao traçar os diferentes perfis de bolsonaristas, Kalil *et al* (2018) ressaltam a oposição a feministas como um dos motes dos apoiadores do presidente. Pinheiro-Machado (2019) também narra uma crise de identidade entre os homens que, em tempos de crise econômica, se sentem ameaçados com a ascensão e o empoderamento das mulheres. Em geral, havia um sentimento de intimidação, principalmente entre os homens mais jovens, que sentiam que não sabiam como agir com as mulheres neste novo momento histórico.

Todavia, embora Bolsonaro tenha obtido uma votação consideravelmente menor entre as mulheres, entre as mulheres bolsonaristas, as suas falas consideradas machistas não as incomodavam. Ademais, a rejeição ao feminismo que surgia entre os homens também aparecia, em maior ou menor grau, entre as mulheres. Apesar de todas alegarem ter sofrido episódios de machismo ao longo da vida, nenhuma via o feminismo como resposta, exatamente por associar a ideia de feminismo às ideias e comportamentos radicais com as quais não concordavam. Em suas falas, era evidente que se identificavam com valores feministas, e que enfrentaram situações machistas em suas vidas. Porém, havia um evidente conflito, já que, com base em uma visão distorcida do que significava feminismo, elas não enxergavam no conceito uma resposta às opressões que sofreram. Para elas, nas horas que elas precisavam, não havia feministas para ajudá-las, mas apenas elas mesmas.

Eu acho assim, se você tiver, se você for afrontado, existe lei. Usa a lei. Eu já fui afrontada dentro do meu trabalho e eu movi um processo contra o cara de peito aberto. Eu (peguei) o pé, botei na minha bunda e fui lá para a assessoria jurídica, sabe, recortado o formato do pé, em papel, peguei um alfinete, botei na calça... um pé na bunda que eu estava levando do meu chefe por puro assédio moral. Eu vou ter medo? Eu tenho lei. Isso não é feminismo. Você não precisa ter feminismo. Quem é que me defendeu na vida nesses 32 anos, Caio? A lei! Vai fazer feminismo lá na casa do chapéu. Sou mulher, sou igual a você, estamos aqui conversando, não tenho conhecimento do teu preparo, tenho vida. Eu peguei o pé na bunda, pus o pé lá, 22 anos de trabalho, passando por isso, fui para a assessoria jurídica, fiz protocolar a minha reclamação e movi uma ação contra o cara, porque o cara queria me mandar embora. Meu pai com câncer no hospital, eu, com a cabeça desse tamanho, tendo que enfrentar uma situação, com o currículo que eu tinha dentro do meu trabalho? [Prefeitura do] PT. Fiz aquilo, botei a bunda, fui lá na assessoria jurídica: “Olha, esse cara está me perseguindo, a lei é essa e eu quero os meus direitos. Manda ele calar a boca, senão, eu vou tomar uma atitude pior”, e levei todos os meus documentos que me amparavam, tudo que tinha feito pela unidade, os erros que eu tinha pego dele, porque eu era diretora administrativa, pegava e fui lá para me defender, Caio. Você tem lei. “Ah, o movimento feminista...” o escambau, meu. O racismo também. Você tem lei que te protege. Vai lá e usa. (Patricia, 60 anos, aposentada – moradora da Vila Maria).

E: Não precisa ser feminista, não precisa, temos que ser gente, não feminista, sabe? Ser gente, respeitar...

- *Mas o que é ser feminista para você?*

I: Na minha opinião, feminista, elas querem se sobressair, né? A mulher foi muito...

E: Omissa ao homem.

I: Muito omissa... Não, uma vez eu vi, já há muitos anos, eu vi qual era o livro mais machista que existia, e aí, a pessoa falou que era a Bíblia e eu falei “Puxa vida, não é que é mesmo?”. Onde a mulher é citada na Bíblia? A mulher não era gente, a mulher, bom, né? Já desde Adão e Eva, a mulher... então se você observar mesmo a Bíblia, você não vê falar na mulher. Então, a mulher começou a sobressair agora, de anos para cá, talvez depois até de uns 20 anos para cá, talvez? Que a gente era muito submissa, muito submissa, e eu fui. Meu marido dizia que eu tinha horário para ver uma pessoa passar na rua, e até hoje, eu não sei o que eu perdi porque eu não sei quem era. Olha... né? E aí, eu acho que isso é uma rebeldia da mulher de querer ser ela, aparecer, né? Se sobressair e ser tão capaz ou mais capaz que o homem, uma disputa que é bobagem.

- *Você acha que o Feminismo quer criar uma disputa?*

I: Eu acho que sim. Não precisa, não precisa disputar; você só precisa amar e mais nada, amar...

- *Mas você acha que hoje existe mais igualdade?*

E: É, a mulher se libertou muito, né? Eu falo por mim mesma, eu fui muito podada, muito, desde criança.

- *Mas aí, nisso o Feminismo não seria importante, talvez?*

I: É importante, mas não precisa exagero. É importante, a igualdade é muito importante para o ser humano, mas tudo que é exagero, não é bom. Não traz benefício. Nada que é exagero. A criança ter demais não é bom, a gente ter demais não é bom, a gente ter demais não é bom, não é. A gente precisava se tornar mais voltado ao comum, ao dia a dia, o comum, o amor da família, o próximo, mais nada; a gente não precisa de mais nada, a gente morre e não leva nada.

E: Igual o Bolsonaro que deu entrevista na Globo, e daí surgiu que a moça que fez a reportagem ganhava menos que o Bonner, né? Apesar que ele é tipo diretor, e ela falou que não, que ganhava igual ele, não sei o que... eu acho que deveria ter... porque ela ganhava bem abaixo dele, acho que devia ter um pouco mais de igualdade.

I: Igualdade, aí é na capacidade de cada um, tanto faz ser homem como mulher, se ele é capaz, ganha.

- *Mas qual a sua imagem do Movimento Feminista?*

E: Então acho que a pessoa... o Movimento tem que lutar pelos direitos dela, eu acho que... igual isso que eu falo, agora a população está mais velha teria que ter mais, sabe? Mais oportunidades para pessoas de idade.

- *Mas, aí nesse sentido, você concorda com as feministas?*

E: Nesse ponto, sim.

- *E em que pontos não?*

E: Sobre isso de, dessa dos gays... dessas pessoas que...

I: O exagero né? O exagero estraga tudo.

E: É o exagero... sei lá, contra a realidade, vai, sei lá... (Irene, 71 anos, dona-de-casa – moradora de Pirituba, e Estela, 65 anos, aposentada – moradora de Santana).

Eu não chego a ser feminista, mas eu tive muitos problemas com machismo. Meu irmão, por exemplo, dirigiu antes de mim mesmo sendo mais novo, ganhou carro antes de mim, porque era homem. E aí, por exemplo, eu fui morar fora e meu pai falava que isso não era coisa de mulher direita, eu passei por um certo machismo, apesar dele ser um bom pai, mas ele tinha essa mente mais arcaica. E eu acho que as feministas, às vezes, confundem as coisas. Eu posso lutar pelo meu direito, posso querer fazer parte, mas não preciso aceitar e nem dizer o que o outro não pode pensar, entendeu? Hoje, eu percebo no movimento gay e no movimento feminista, você fala qualquer coisinha de “ah porque é mulher” e aí falam “ah, você é machista”, mas não, o que a mulher fez para aquilo também? Porque ela é um ser humano como qualquer outro, entendeu? Você estudou para estar lá? Você se... por exemplo, se muniu de informações, você esteve em um meio que fizesse que você tivesse num ambiente legal para trabalhar, pra estudar ou pra ter uma oportunidade? Não é cair na cabeça. O gay é muitas vezes assim, a própria mulher é assim “ah, eu sou uma coitadinha”. Eu briguei para poder dirigir, eu briguei para poder ter meu carro. Aí certas mulheres falam “ah, meu pai é machista” e fica ali no comodismo, entendeu? Se você quer enfrentar o machista, você tem que enfrentar, mas de igual e não querer que você seja favorecida. Eu não quero, por exemplo, uma cota pra mulher porque sou mulher. [...] Então, eu acho assim, as feministas tem que pensar também, por que a gente... é igual o que te falei da passeata, não adianta me expor e por peito para fora, não adianta fazer isso que ridiculariza, eu tenho que pautar, embasar, brigar por projetos. Então, assim, ah, acha que a mulher não tem direito de alguma coisa? Salários iguais, brigue por projetos de salários iguais desde que elas tenham a mesma instrução, eu brigo na empresa, eu não admito... tenho vinte funcionários, nenhuma mulher tem salário menor e nem maior que o outro, baseado no que? Baseado na escolaridade, baseado no que ela clica no seu trabalho, baseado em proatividade e não no sexo, então isso lá pra mim é uma briga continua, na minha empresa mesmo, antes não tinha lideranças mulheres. A empresa é japonesa, a mulher anda atrás do homem, e você sempre tinha que deixar um japonês na frente no elevador, na frente das reuniões, mas hoje não, mas por que a gente brigou por isso, mas não necessariamente precisei brigar e me expor, né? Vou dizer que eles são

burros? Não, é cultura, então você tem que ir moldando a cultura, e você tem que ir movimentando coisas de formas de que não agredir a sociedade e não escandalizando, e você vai devagar mudando. (Mariana, 36 anos, gerente comercial – moradora da Vila Prudente).

Geralmente, a lógica se repetia, sendo a mesma àquela exposta no capítulo anterior, sobre o esforço individual. Enquanto os homens afirmavam que já havia uma pretensa igualdade, as mulheres bolsonaristas reconheciam que ainda havia obstáculos adicionais. Mesmo assim, a solução era individual, não coletiva. A mulher deveria se impor, a mulher deveria conquistar seu espaço. No entanto, tudo sem criar grandes confrontos, ou conflitos que seriam “desnecessários”.

Em uma das entrevistas, um entrevistado, Bruno, trouxe uma fala reveladora. Ao manifestar incômodo quando comentava a Lei Maria da Penha⁵⁰, ele ajudou a esclarecer um pensamento que muitos outros compactuariam, mesmo que não assumissem. Se somos todos iguais, por que grupos, como as mulheres, precisam de leis específicas para protegê-las? Essa seria a admissão de que, portanto, não são iguais, algo que ele concorda. O discurso sobre igualdade se torna, assim, cínico. Logo em seguida, ele tentou explicar que havia “lógica” nas mulheres ganharem menos, já que elas engravidavam, e tinham que se afastar por mais tempo do trabalho. Eis a “cilada da diferença”, que Pierucci (1999) tanto alertou.

5.3. Os negros e as cotas para afrodescendentes

No trabalho de Pierucci (1999), era comum encontrar indícios de racismo entre a direita janista e malufista. Havia uma frequente negação do princípio de igualdade, separando brancos e negros em grupos distintos. Entre a direita bolsonarista, isso não é mais tão visível. Com a criminalização do racismo em 1989, com a Lei Federal nº 7.716/89, é provável que as pessoas tenham se tornado mais constrangidas para externalizar falas e sentimentos racistas, por mais que este seja um preconceito ainda bastante presente e vivo na sociedade brasileira.

Ao longo dos anos 2000, o movimento negro obteve mais uma conquista importante. Diferentes universidades passaram a implementar um sistema de cotas para afrodescendentes ingressarem como estudantes. Em 2012, a Lei Federal nº 12.711/2012 regulamentou os critérios de cotas raciais e socioeconômicas para o ingresso em universidades federais e, em 2014, a Lei

⁵⁰ Lei n. 11.340/2006 que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

Federal nº 12.990/2014 estabeleceu uma reserva de 20% de vagas em concursos públicos federais para negros e pardos. Assim, buscava-se estabelecer uma reparação histórica para corrigir a grande desigualdade entre brancos e afrodescendentes no Brasil.

Entre os ativistas bolsonaristas, no entanto, as cotas para afrobrasileiros não era um tópico popular. Quase todos os entrevistados manifestaram forte oposição à política de cotas. Mais uma vez, como no caso citado da Lei Maria da Penha, o argumento se repetia, mas desta vez de forma muito mais feroz: se somos todos iguais, e temos as mesmas capacidades, por que os negros precisariam de cotas? Por que uma política diferente para eles? Como demonstramos, esse tipo de política pública entrava em conflito com sua visão de mundo, baseada na ideia da meritocracia. Se os negros ou pardos (as formas que alguns deles se autodenominavam) quisessem entrar na universidade e no serviço público, bastava se esforçar e estudar, como brancos e amarelos fazem. A imposição de cotas, para eles, institucionalizava uma forma de racismo, uma forma de segregação entre negros e brancos. Como Inácio, branco de olhos claros, que ironizou dizendo que, se os negros já eram maioria no Brasil, então eram brancos como ele que precisavam de cotas. Curiosamente, o tema das cotas – ao lado das questões LGBTQIA+ – foi o que mais suscitou a ira entre os entrevistados.

- *Você falou que quer entrar na universidade, pretende fazer medicina veterinária, o que você acha da cota para afrodescendentes?*

- Acho que é a maior forma de racismo, é uma forma de racismo. Por que eu tenho que ter uma cota para negros? Não faz sentido. Por que eu tenho que ter uma cota para LGBT? Para transsexual? Não são todos iguais? Aos olhos de quem seja, não são pessoas iguais, com as mesmas possibilidades? Então, só porque o cara é negro, ele tem que ter uma cota para ele entrar numa universidade? Não vejo sentido. (Marcelo, 25 anos, gerente comercial – morador do Tucuruvi).

- Eu sou contra [as cotas]. Acho que não tem nada a ver uma coisa com outra. Todo mundo tem capacidade e é só querer fazer, só fazer acontecer.

- *Mas porque você acha que tem menos negros nesses ambientes, por exemplo?*

- Por falta de vontade, por falta de se esforçar, cara. Eu tenho um exemplo: na rua que a gente morava, quase em frente à minha casa, tinha uma família de negros que moram lá até hoje, e que meu pai mora na mesma casa, estão lá até hoje. A dona Maria, que era mãe de todos eles, eu chamava ela de Vó Maria e ela me chamava de neto, então eu fui criado num ambiente também que tinha negros. A gente como criança não diferencia se é negro, se é branco... é tudo igual; se era japonês... tinha o japonês que morava junto com a gente no mesmo bairro. É só uma questão de você ter vontade ou não de estudar. Um dos filhos dela estudou, se formou, trabalhou no SENAI, cresceu dentro do SENAI e é um cara bem de vida hoje. É só uma questão de ter vontade de estudar, acho que não tem nada a ver, cara.

- *Com questão de raça?*

- Na minha opinião, não tem nada a ver. Acho que vai da pessoa, daquilo que quer para ele e não questão de raça. Se é índio, branco, preto, nordestino... você vê quanto nordestino inteligente que tem, cara. E daí? (Daniel, 61 anos, aposentado e empresário – morador do Tatuapé).

- [A política de cotas] é o começo da implantação de um *Apartheid*. Isso faz parte do plano de dividir para governar. Porque eu acho assim, o próprio negro, ele deve se

sentir humilhado, porque se eu não tenho capacidade para entrar e estudar, por que eu tenho que ter cota? Tanto que um cara lá do Rio de Janeiro se pintou de preto, fez um concurso e conseguiu a cota. É a primeira coisa que, vamos dizer assim, que tem que ser eliminada é você privilegiar uma determinada classe social, privilegiar os gays, em relação aos heteros, você privilegiar um preto, em relação ao branco... isso é típico da época da segregação racial mesmo, de você fazer... isso prejudica. Se você quiser criar igualdade, crie empregos e dê a todo mundo a chance de progredir, que todo mundo cresce. Historicamente, existe isso, se você começa a criar cota, você está criando um trem para pretos na África do Sul e um trem para brancos, um bar para preto e um bar... Logo, logo, ia acontecer isso, ia ter um bar para preto e um bar para branco, se continuasse essa filosofia. Isso é coisa... nossa... se você parar e pensa “Meu deus do céu!” Está, está bravo o negócio.

- *Até hoje há ainda uma porcentagem muito pequena de negros, de afrodescendentes nas universidades. E por que você acha que ainda ocorre isso?*

- Isso é um problema cultural, ele vem desde a época da abolição... todo mundo tem culpa, porque o que aconteceu com os negros, quando eles acabaram com a escravidão e trouxeram um monte de europeu para trabalhar nas fazendas? Eles ficaram, foram andando, quilômetros, quilômetros, quilômetros e chegaram numa região para eles se estabelecerem, ou nas grandes cidades da periferia. E quando você para e pensa, quando vai de geração em geração, você não aprende a trabalhar, ter uma formação boa para se integrar no mercado. Cria-se uma coisa de manter a pessoa... ela vai ficar lá, querendo ou não querendo. (Luciano, 62 anos, bancário – morador de Santana).

- *E o que você acha da questão de cotas em universidades e concursos públicos?*

- Isso eu acho errado.

- *E por quê?*

- Porque eu também teria que ter uma cota porque eu sou branquela. Entendeu? Aí fica justificado realmente, que as pessoas são, é... como é que se diz? É... escapou... é... que são racistas mesmo, porque se eles têm que ter cotas de índio, de pardos, de negros... cadê minha cota de branco? Como é que eu fico nessa? Por que eu não tenho a mesma importância que eles? Então, isso é um racismo, então, eles estão acentuando, sim, que existe o racismo por causa dessas cotas que são separadas.

- *É, a justificativa que dão para as cotas, por exemplo, é que a proporção de negros que são muito pobres, ou melhor: os negros são, em geral, mais pobres que os brancos. Então, para tentar reduzir essa desigualdade.*

- Não concordo com você.

- *Não é a minha opinião, é a justificativa.*

- Sim, sim... no Brasil, a população é muito maior do que o resto do que eu conheço do pessoal, tirando a China e mais outro país. Agora, presta atenção: o nosso país é o único lugar que tem uma miscigenação enorme de preto, branco, índio, mameluco, pardo, chinês, oriental, italiano, espanhol... poxa, você não vê isso em outros países, você não vê essa mistura [...] Então, se for pegar essas cotas ao pé da letra, vai ter que fazer uma escala (risos) nos cartórios para ver a quantidade que tem, de verdade, de preto, de branco, de... todos esses tipos de pessoas que estão morando dentro do país para ver quem que merece mais cota.

- *Mas os dados de censo e tudo mais, mostra que, no geral, os negros são os mais pobres...*

- Ah, que... Eu não acredito, não. Para.

- *É? Você acha que não?*

- Qualquer um manipula isso. Com certeza, quem fez esse censo deve ser negro. (Madalena, 56 anos, dona de casa – moradora do Tatuapé)

Naturalmente, todos os entrevistados citados acima eram brancos. E como foi possível ver, a perspectiva para a questão da desigualdade racial variava. Quando o discurso não era da pretensa igualdade, podia ser sobre diferenças culturais como legado da escravidão, e até do negacionismo do problema. Alguns até reconheciam que havia racismo. O que não

concordavam era com a solução. Mais uma vez, tudo se resumiria ao esforço individual e à capacidade de cada um.

Alguns dos entrevistados se identificavam como pardos ou negros. Mesmo assim, apenas Wilson, o militar de 28 anos, que era negro e que inclusive estaria prestando vestibular no final de 2019, se declarou a favor das cotas, ainda que cheio de ressalvas de ser dentro do critério de cotas sociais e de dizer que não gosta de “vitimismo”. Os outros entrevistados, embora pardos ou negros, se manifestaram também contra as cotas, mesmo sendo potencialmente beneficiados. Alguns deles ainda exaltavam Sérgio Camargo, presidente da Fundação Palmares pela maior parte do governo Bolsonaro, que ficou famoso por falas polêmicas criticando o vitimismo de pessoas negras. Mais uma vez, reiterava-se um discurso meritocrático de que, para conseguir, bastava se esforçar, sem necessidade de reserva de vagas ou de qualquer tipo de vitimismo sobre o racismo.

- [...] Poxa, igualdade... igualdade há. Eles [os gays]... eu acho que eles mesmo se contentam, eles como tem também os negros. Eles é que acabam, alguns acabam, eles mesmos os recriminando. Eles... Como as cotas. Cota disso, cota daquilo, poxa, eu acho que tem que ver conhecimento, capacidade de cada um, capacidade igual e é o intelecto de cada um para entrar na faculdade, mas tem que ter uma cota para índio, uma cota de negros...

- *Você é contra as cotas?*

- Cotas, eu sou contra. Completamente. Só porque eu sou pobre, tem que ter uma cota para o pobre? Tem que ter uma cota para o negro, cota para o índio, para o deficiente, assim, sei lá, eu acho que é a capacidade intelectual e tem que ser igual. (Fernando, 49 anos, motorista de Uber e comerciante – morador da Vila Matilde)

- *O que você acha da cota para afrodescendentes em universidades?*

- Eu não sou muito a favor não, acho que cada um tem que buscar realmente, fazer o seu esforço, né?

- *Mesmo te beneficiando? A cota acaba atendendo a pessoas que se identificam como pardas também.*

- Não, mas eu nunca precisei disso, não. Eu não concordo não. Acho que cada um tem que fazer aqui, realmente por merecer, né? Por mérito.

- *Mas por que você acha que há menos negros nas universidades, por exemplo?*

- Eu acho que tem um certo... primeiro por causa do ambiente, já vem do ambiente de classe baixa. Depois por preconceito racial. Então tem vários fatores aí, né? Problemas econômicos, problemas de preconceito, discriminação, mas que se a pessoa realmente se livrar de todas essas coisas de preconceito... e hoje em dia, também, toda pessoa que trabalha hoje tem condições de fazer faculdade se ela quiser, porque tem o FIES, tem várias maneiras de fazer uma faculdade hoje. (Sindoal, 55 anos, eletricista – morador da Vila Guilherme)

(Eu sou contra as cotas)... porque sempre... eu, sendo filha de uma empregada doméstica e sendo filha de um operário, de pessoas que ralaram na vida realmente, eu batalhei muito, eu tive foco, eu consegui chegar lá sem esse tipo de coisa. E muitas pessoas... Eu tenho uma família muito grande, né? Muitos dos meus primos não chegaram à universidade – e é uma boa parte – não chegaram por quê? Porque não tiveram oportunidade? Não, não quiseram, entendeu? E nós conversamos abertamente sobre isso, né? Então, muitas vezes, a gente vê que não tem uma ascensão maior... mesmo que... Nós temos que correr atrás; eu fui criada com alguns princípios que, hoje em dia, eu acho que seriam questionáveis pelo “politicamente correto”. Mas o

meu pai dizia o seguinte: “Olha, somos negros, então, a gente vai ter que se superar. Você vai ter que mostrar mais eficiência do que um branco”, e a partir daí, eu me criei com esse pensamento e acho que eu alcancei muitas coisas na vida porque tive esse foco. Eu acho que falta, muitas vezes, falta foco. Eu concordo com o Sérgio Camargo, com a fala que ele teve recentemente que ele diz: “Criaram a gente – eu falo na minha condição de negra – para ser ou do samba, ou do futebol”. Não, então assim, eu acho que a gente tem que ir além disso, a gente pode ir além disso, mas muitos da minha comunidade, da minha raça estão presos nesse pensamento ainda do samba, do futebol e não é por aí. (Neusa, 53 anos, funcionária pública aposentada – moradora do Tucuruvi)

Apesar do posicionamento quase consensual contra as cotas, os bolsonaristas eram divididos sobre o tema do racismo. Uma parte dos ativistas reconhecia que o racismo era um problema ainda presente no Brasil; mas, como vimos, a solução era individual, e não deveria ser corrigida pelo Estado, que não deveria tratar minorias políticas de forma desigual em relação ao restante dos cidadãos. Uma outra parte, porém, não enxergava dessa forma. Assumiam, assim, que havia igualdade no Brasil entre brancos e negros. Este posicionamento reforçava ainda mais, portanto, o argumento de que o Estado não deveria intervir e que tudo se resume ao esforço individual (ou à falta dele).

Para aqueles que negavam o racismo como problema no país, qualquer ideia de que o Brasil tinha um racismo estrutural seria tratada como absurda. Silvio de Almeida alerta que o racismo é sempre estrutural, o que significa que “ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade” (ALMEIDA, 2018: p. 15). Reconhecer que havia desigualdade social entre raças no Brasil por conta de racismo implicaria a necessidade de se fazer algo para enfrentar o problema. Isso reforça, mais uma vez, a tese de Chauí (2014): pratica-se o ocultamento da realidade em prol de uma ideologia dominante de indivisão nacional, de uma pretensa igualdade na forma da democracia racial. Assim, se alguns hesitavam sobre as cotas como forma de solucionar o problema – porque isso entraria em confronto com a sua visão de mundo que os obstáculos devem ser superados pelo mérito e pela dinâmica individual – tratar como se o problema não existisse, por outro lado, significava não ter que discuti-lo, o que, portanto, retirava a necessidade de se fazer qualquer coisa a respeito.

- Eu estudei a minha vida inteira em escola pública. Se você quer dar cota, você dá cota para pobre. Pô, se você for em Santa Catarina, não tem negro... e aí? Como fica? Se você for na Bahia, só tem negro... por que não tem negro milionário? Não pode existir, em razão da sua origem, né? Não vou dizer raça, porque, como Einstein fez quando ele entrou nos Estados Unidos em 1933, quando Einstein viu Hitler, a primeira coisa que ele fez foi fazer a mala e ir para os Estados Unidos, e quando ele chegou nos Estados Unidos, é... tinha lá a ficha de imigração, né? Aí, estava lá escrito “race” e ele escreveu “human”. Nós somos seres humanos. A genética, ela não... é 0,0000001 de diferença de um negro para um branco [...] Se você começa a separar por cota, você tira o mais importante do ser humano que é a competitividade. Então, vamos lá: você faz a escolha para Medicina [...] vamos supor o seguinte, tá? [...] Você descobre que tem um problema na válvula mitral do seu coração. [...] Você prefere

ser operado por um cirurgião cardíaco que ralou o peito a vida inteira para chegar na faculdade federal, fez um esforço danado, ou você prefere ser operado por aquele negro – eu estou falando negro não por discriminação, porque tem cota para negro – e que passou nas coxas [...] Porra, cara. A coisa mais importante que existe na natureza é a competitividade. “Ah, mas o negro, pobre coitado, mora lá na favela...” Bicho, você mora aqui em São Paulo... vai numa favela. Você vai descobrir que na favela não existe só negro, não. Existe pobre pra cacete... e branco... louro...

- *A justificativa para as cotas é que, proporcionalmente, os negros são muito mais pobres que os brancos, há uma diferença grande na renda... Por que você acha que existe isso?*

- [...] Mas olha só, sabe por que acontece? Presta atenção, por que isso acontece? Porque nós somos uma população miscigenada. A população dos Estados Unidos, ela é 10% negra; no Brasil, entre negros – que agora não pode chamar de negro e tem que chamar de preto – entre preto e pardo, nós somos 50% / 55%, então...

- *Mas por que os pretos são mais pobres?*

- Os pretos não são mais pobres, eles são mais pobres porque são a maioria. Então, se você pega um espectro, né? Se você tem um banco de dados em que a maioria dentro é preto, consequentemente, a maioria vai ser o quê? Banco de dados de pobre, num país que tem 55% de preto, claro que a maioria de pobre vai ser o quê? Preto... porque é a maioria.

- *Mas mesmo proporcionalmente falando?*

- Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus! [...] Eu sou carioca, morei lá até 1994, como eu falei, até 31 anos... Pô, bicho... a gente olhava para as pessoas e não via que era negro. A gente brincando: “Ah, menininho, vem cá...” A gente... “nego faz cada bobagem...” É uma coisa natural para nós porque nós convivemos [...]

- *Você acha que não tinha racismo na época?*

- Não tinha, pô. Presta atenção: sabe como o pessoal da faculdade me chama? “Portuga”. Só isso é um preconceito, e eu posso reclamar, pô... “Ah, esse cara está me excluindo...” Eu sou gordo e eu não consigo passar na roleta do ônibus [...] eu não fico por aí dizendo: “porra, vou fazer uma campanha por gordofobia...”, sabe? Isso acaba se tornando uma vitimização. Presta atenção: no nosso grupo tem doze... tem dois negros, dois negros, tá? Um trabalhando no INMETRO e o outro trabalhando no SEBRAE [...] aí, eu pergunto para você: é... esses caras vieram da classe média, exatamente igual a minha, qual a diferença deles para aquele que morava do lado deles e é negro e não conseguiu chegar lá? Vontade. Performance. [...] Cotas só fazem separar você, é assim que você separa a sociedade. Se você acha que você resolve um problema estrutural do Brasil, que é o fato de nós termos começado a nossa vida social com o estigma da escravidão dando cotas e vantagens a pessoas que não têm vontade de ir para frente? Meu amigo, nós estamos é lascado. Existem outros caminhos e um deles, por exemplo, é esse negócio da Renda Social. Porque quem se ferra mesmo é o pobre, porque se você for negro e rico, ninguém vai te discriminar não, cara. Ninguém discrimina o Pelé, ninguém discrimina o Ronaldinho Gaúcho. Ninguém discrimina o negro com dinheiro; você é discriminado no Brasil e em qualquer lugar do mundo se você é pobre. E é pobre com oportunidade, não é porque você: “Ah! Eu sou gay...” Pelo amor de Deus! (Teófilo, 57 anos, perito judicial – morador do Tatuapé).

- *Mas você (sendo negro) acha que hoje há igualdade entre brancos e negros? O que você acha?*

- Eu, particularmente, *Santiago (nome trocado), não vejo dificuldade. Eu acho que há um pé de igualdade, no sentido de que: quem se esforçar mais e abdicar de muitas coisas, pode não se tornar uma pessoa rica, uma pessoa abastada, mas eu acho que ela consegue levar a sua vida a termo. Eu acho que a vida é feita de escolhas; as escolhas é que vão caracterizar o que vai acontecer no futuro. E é lógico, que existem casos muito complexos de serem avaliados. [...] Eu compactuo com o Sérgio Camargo da Fundação Palmares. Infelizmente, eu vejo muito vitimismo. E aí, eu falo isso com base na minha própria família, com base em vários parentes, né? Que fizeram as suas escolhas quando mais novos, falaram: “não, eu não tenho aptidão para estudar, eu não vou estudar, eu vou fazer tal coisa, eu vou seguir tal ofício, vou fazer assim, assim, assim... e eu prefiro neste momento [...] confraternizar com os meus amigos, eu quero ir para a cervejada, eu quero ir para isso, eu quero ir para aquilo”. Hoje, eles reclamam

que não tiveram oportunidade, mas a escolha lá atrás foi deles. Então, eu não posso falar que foi o Bolsonaro, que foi fulano, que foi beltrano, que foi sicrano, não. Foram as minhas escolhas e eu não posso jogar para terceiros. É muito mais fácil eu falar que um branco não me dá oportunidade do que falar que eu não quis estudar, e hoje, eu não estou preparado para uma vaga. É nesse sentido que eu trago o vitimismo. (Santiago, 51 anos, funcionário público – morador do Tucuruvi)

Um dos entrevistados, Bruno, revelou ainda uma situação anedótica. Ele, descendente de japoneses – mas que, curiosamente, durante a entrevista, cometeu o ato falho de se declarar branco, antes de se corrigir logo em seguida – narrou que insistia em querer chamar sua sogra de “preta velha”. De acordo com ele, ela não se incomodava, apesar de outras pessoas próximas se incomodarem e acharem que ele estaria sendo racista. E isso o irritava, já que, se nem ele nem ela viam como algo ruim, ninguém deveria ver também. Se eles não enxergavam o mal, então não haveria problema, mas lhe irritava como os outros se incomodavam. Se a recusa em mudar a forma que se dirige a alguém já causa tanta resistência, imagina então questionar o racismo estrutural na sociedade brasileira?

Esse não era um caso isolado. Em uma conversa informal, a esposa de um entrevistado relatou de uma empregada que havia contratado havia alguns anos. Um dia, ela chamou a empregada de “minha nêga”. A trabalhadora se ofendeu, e pediu para a patroa não a chamar mais assim. Por outro lado, a patroa se disse magoada, porque teria usado o “apelido” de forma carinhosa. Eventualmente, a funcionária foi demitida. Em seguida, contratou outra empregada, a quem também chamou de “minha nêga”. Desta vez, a trabalhadora não se ofendeu. E permaneceu no cargo.

5.4. A questão LGBTQIA+

A última década testemunhou uma série de avanços para a comunidade LGBTQIA+ no Brasil. Desde a primeira eleição como deputado federal em 2010 de Jean Wyllys, um candidato assumidamente homossexual e defensor das causas LGBTQIA+, ao reconhecimento do casamento homoafetivo pelo STF em 2011 (RECONDO, 2011), passando, em 2014, pelo primeiro beijo gay em novelas da Rede Globo (G1, 2014) – o principal canal televisivo do país – até a decisão mais recente, em junho de 2019, que equipara homofobia e transfobia ao crime de racismo no Brasil (COLETTA, 2019). Foram avanços tanto no marco legal – embora tudo via Judiciário, sem avanços por legislação promovida pelo Congresso Nacional – quanto de

visibilidade na mídia e na sociedade, o que ajudou a tirar a comunidade LGBTQIA+ das margens da sociedade para serem incluídos de forma mais plena como cidadãos.

Contudo, toda mudança enfrenta resistências. Se, após décadas de criminalização do racismo, este, enfim, se tornou um tabu, constringendo as pessoas a externalizarem um sentimento racista em público, ainda não é possível dizer o mesmo sobre a homofobia. Pelo contrário, expressar opiniões homofóbicas ainda é comportamento recorrente na sociedade brasileira, desde os xingamentos de “viado”, sempre que se quiser ofender a honra de um homem, até os gritos de “bicha” nos estádios de futebol, na tentativa de desestabilizar o time oponente.

Entre a direita bolsonarista, falas narrando desconforto com pessoas LGBTQIA+, em maior ou menor grau, são recorrentes. Ninguém se declara abertamente homofóbico, naturalmente, mas há um sentimento de que as coisas saíram do seu lugar, e que agora não havia mais “respeito” (termo muito lembrado quando falavam do saudosismo dos militares). Respeito indicava não ultrapassar espaços antes intransponíveis, espaços que essas pessoas não querem dividir, e agora precisam, por força da lei. Assim, quando Bolsonaro fala dos LGBTQIA+, ele tem um público amplo que o entende e que concorda que as coisas têm ido longe demais, acionando as ansiedades sexuais que Stanley (2018) já havia descrito. De fato, se há um tipo de falas polêmicas que encontra menos resistência entre seus seguidores, é justamente aquele que critica homossexuais e LGBTQIA+ em geral.

Olha, eu acho que isso, a vida inteira teve. “Viado”, a vida inteira, mas tinha respeito. Você não via os caras, homem com homem, mulher com mulher na rua naquela época. E eu não acho legal também isso. Você está com teu filho e dois homens se beijando. O que você vai falar para o seu filho? Sabe, duas mulheres se pegando. Sabe, tudo tem o seu lugar certo, sabe, tudo que é fora do normal, que hoje é normal, mas sabe... eu também já sou velho e isso aí, eu não consegui dizer isso aí ainda não. Sabe, que faça, tudo bem, vai para o motel. Que nem no bar, tinham dois se pegando, aí, eu fui e pedi, com toda educação “Olha tem criança aqui”, e eles responderam “Mas o senhor sabe que eu posso te processar?”, e eu rebati “Você sabe que eu estou conversando com você com educação. Eu estou pedindo para vocês se comportarem” e, de novo “É, mas você sabe que...””, e eu “Olha, eu vou te falar mais uma vez, eu estou pedindo com educação. Sabe, você quer na sua casa, você faz o que você quiser, você quer dar a bunda em cima da mesa, você dá, mas na minha casa, não, além de ser um ponto comercial, é minha casa. Os meus filhos estão aqui.”. “Por favor, feche a conta”. Falei: “Legal.” Outra vez, foi com duas meninas. Sentaram-se lá, daqui a pouco, eu olhei e uma está na outra lá dentro. Aí, eu falei “Meu amor, olha, não me leva a mal, você está me deixando excitado vocês duas aí”, aí, ela olhou assim para mim, “Não!” e eu falei: “Se eu ficar no caixa e ficar vendo vocês aí, eu vou ter que me masturbar lá”... a menina olhou assim. Sabe, lá tinha criança, tinha tudo... pararam, mas eu cheguei já escrachando mesmo. (Luís, 66 anos, comerciante autônomo – morador do Belenzinho).

I: Está cheio, está cheio... a gente vê cada aberração aí que... para quê, gente, para quê?

- *Por exemplo?*

I: Ah...

E: Parece que virou moda, né?

I: É, os caras se agarrando na rua, homem com homem, mulher com mulher. Ah, quer fazer o que quiser, faz, mas dá ao respeito e cada um na sua, é uma liberdade que não leva a nada. Eu acho que não leva a nada isso, não constrói nada.

- *Mas o que vocês acham, por exemplo, que o movimento LGBT quer?*

I: Acho desnecessário, para quê?

E: Acho que é mais incentivo isso aí, incentiva mais o pessoal ir lá, e...

I: Para quê, não precisa disso, não vejo necessidade disso. Eu saio da Casa Espírita que eu vou todos os domingos e tem um... não sei se você conhece na (rua) Guaicurus uma casa de gay lá...

- *Uma boate?*

I: Uma boate [The Week], eu chego lá... e às vezes, agora até quando eu saio da Casa Espírita, aqueles barbados se beijando na rua, se abraçando, você olha aquilo e fala: “Virgem Maria”. Não falo nada porque o problema não é meu, né?

E: E, às vezes, são uns moços bonitos né? (risos)

I: Sim. (risos)

E: É um desperdício para as mulheres. (risos)

I: Já tem tanta mulher e pouco homem, e os homens lá, sabe? (Risos) Fico vendo aquilo e, meu Deus, né? Que ponto que chegou... Ah, problema é deles, mas eu não queria ver um filho meu assim. Meu filho disse que foi uma vez para ver um serviço e disse que vomitou lá dentro e eu dei tanta risada. (risos) Ele falou que ficou tão enjoado que ele vomitou, disse que o segurança dava risada dele. (risos)

E: Mas dizem que na Bíblia vai parar de ter... a humanidade vai estacionar e não vai nascer. De um tempo para frente, não vai ter mais filhos, porque dois homens e duas mulheres...

I: Não, mas eles dão um jeito, faz um filho de profeta aí, e dá um jeito. (risos)

E: Mas vai diminuir, né?

I: Isso não vai ser problema, mas sei lá... está muito mudado para o meu gosto, está mudado demais. (Irene, 71 anos, dona-de-casa – moradora de Pirituba, e Estela, 65 anos, aposentada – moradora de Santana).

- *Com relação ao Movimento LGBT, uma conquista recente que teve foi pela criminalização da homofobia pelo STF. Não sei se você acompanhou, mas o que você achou disso?*

- (Risos) Ah, cara... eu queria saber se os filhos desses juízes aí são tudo “viado”, cara. Se eles apoiam isso porque, porra, não é natural isso aí, cara. Porra, [...] na minha época não tinha isso, não, cara... entendeu? Porra, hoje o pessoal põe tinta na cara e não sei quê, e vai querer reivindicar alguma coisa? Porra, por que não vai trabalhar? [...] Por que tem que discriminar isso? [...] E nós que somos discriminados, entendeu? Não sei, cara, eu...

- *E são discriminados por quê?*

- [...] Porra cara, é aquilo: eles só apoiando os LGBT já estão discriminando os outros, entendeu? Porque não devia ter isso. Cara... porra, você, se sair, vai passear, cara, eu [...] fico com vergonha se eu vejo dois caras de mãos dadas aí, no meio da rua se beijando. Porra, (o) cara apoia isso... um juiz do STF apoia isso, entendeu? Quer dizer, se o cara é “viado” e vai querer beijar outro, vai beijar dentro da casa dele lá. Porra, mas liberar isso [...] tornar esses atos de LGBT e tal, assim... públicos, entendeu? É isso que está errado. Pô, cara quer ser “bicha”, quer ser “viado”, quer se agarrar com outro homem e tal, pra mim (não) precisa ser em público, tá? Por quê? Porque a minha formação familiar não me dá essa liberdade; eu não consigo ver isso com a minha filha, com meu filho e tal, passar e ver dois caras se beijando, duas mulheres se beijando, entendeu? Não é normal isso. Agora, chega lá um juiz e porra: “Não, isso é normal, não sei quê”, que é a favor de casamento entre homens... Cara... (risos) Eu não sei se isso está certo, mas eu não sou a favor, não.

- *Mas o que você acha que deveria ser feito para impedir ou...*

- Deveria ser contra [...] quer dizer, se for em público é atentado ao pudor. Porra, eu vou no meio da rua e tiro a roupa, é normal isso? Quer dizer, e se eu for adepto ao nudismo? Eles vão liberar o nudismo só porque meia dúzia gosta de tirar a roupa?

- *Mas em casos de beijos, assim, também?*

- Ah! Cara, eu me sinto mal, eu me sinto mal. [*Esposa, ao fundo: eu sinto nojo, mas falam que a gente que é chato*] Quer dizer, eu gostaria de ver o seguinte: numa daquelas reuniões transmitidas por televisão no judiciário, põe meia dúzia de ‘casaizinhos’ se beijando na frente do juiz. O que vai acontecer? Entendeu? Põe meia dúzia de casais de lésbicas lá se beijando também [...] o que eles vão falar? Quem votou a favor, o que vai falar? Entendeu? Eu não sei... [...]

- *Você acha que há uma pressão muito grande [...] para aceitar isso?*

- [*Esposa, ao fundo: a gente tem que aceitar porque é lei, né?*] A gente tem que aceitar porque é obrigatório, porque eu não vou pegar e bater nesses caras. O máximo que eu posso fazer é o seguinte: virar a cara, sair de perto e deixar eles lá, cara. Mas não vou participar de atos que tenham esse tipo de conduta. Quer dizer... é pressão? Não sei... eu acho que isso é mau caráter de quem aceita. Quer dizer, em público não poderia liberar. Cara, quer ser gay? Quer ser “viado”? Quer ser lésbica? Tudo bem, cara. Mas dentro da sua casa [...] em recinto fechado, está valendo, não está? (Lair, 68 anos, consultor de informática aposentado – morador de Santana).

Como é de se esperar, os entrevistados mais velhos são os que mais apresentam resistência aos grupos LGBTQIA+. Entre os bolsonaristas relativamente mais jovens, embora haja uma aceitação maior, ainda há um certo grau de desconforto, principalmente ao se lidar com casais de homens nas ruas ou com pessoas trans. Em particular, aqueles que possuem filhos manifestam mais preocupação de como lidar com a questão. Em geral, os mais moderados neste tópico destacam que se coloca muita ênfase nas pautas de grupos como os LGBTQIA+, que seriam radicais demais, enquanto haveria pautas muito mais importantes a serem debatidas na sociedade. No fim, retorna-se ao ponto inicial: é preciso ter – e dar – respeito.

Uma das principais polêmicas na campanha de Bolsonaro em 2018 foi sobre a existência de um “kit gay”. O então candidato referiu-se a um material para crianças a partir de 11 anos – pejorativamente cunhado de “kit gay” por conservadores – que faria parte de um programa chamado “Brasil Sem Homofobia”, cujo objetivo seria combater a homofobia nas escolas, mas que nunca chegou a ser distribuído. Bolsonaro, no entanto, distorceu o propósito do material, insinuando que ele estimulava a homossexualidade e a promiscuidade entre crianças. (ERNESTO, 2018). A acusação era absurda, mas viralizou, instigando a ansiedade de pessoas conservadoras com o tema, principalmente por envolver crianças. Entre os entrevistados, ninguém sabia explicar direito do que se tratava o “kit gay”, mas alguns acreditavam na narrativa, reforçando o temor de que queriam impor essa pauta a seus filhos.

É aquilo que eu te falei... para a minha família, eu quero? Não, não quero. Não gostaria, né? Eu gostaria que meus filhos fossem tradicionais... homem e mulher... normal. Explico para os meus filhos de 5/6 anos e de 8 anos o que é, porque está na mídia, é escancarado. Eu acho que, inclusive [...] a mídia, principalmente, a Globo em si, está escancarando isso, está jogando de uma forma... está ruim, está feio o negócio, né? Eu acho que a gente não precisa. Eu acho que a gente pode aceitar, mas não precisa também... nossa, tem que idolatrar [...] o gênero. Eu não sou contra e nem a favor... o que eu sou contra, na verdade, é essa questão de... parece que eles estão querendo obrigar a gente (a) aceitar, né? "Ah, mas *Samanta (nome trocado), se você tiver um filho? Uma filha assim?" Vou fazer o quê? Vou aceitar o meu filho e minha filha.

Tenho medo do quê? Da sociedade. Porque a gente sabe que a sociedade, é... é opressora em relação a isso [...], mas eu não sou contra eles, não sou homofóbica, nada disso, entendeu? (Samanta, 42 anos, consultora financeira – moradora do Tucuruvi).

(Sobre ver dois gays juntos) É... isso me incomoda um pouco, sim. Não vou falar que não, porque incomoda bastante. Por exemplo, a minha filha tem 12 anos, mas é uma pessoa ingênua demais, é a criação, né? A gente cria ela nessa redoma. Então, o que te posso te falar, assim... é que me incomoda, sim... um pouco, assim, se eu vir, eu tento tirar ela dessa situação [...] porque ela nunca viu, ela vai fazer perguntas que talvez eu não vou saber responder [...] ou talvez que eu só vá responder, mas que eu não gostaria, sabe? Porque é uma situação desconfortável mesmo. Não é a mesma coisa de você ver um homem e uma mulher se beijando, não é a mesma coisa de ver dois homens se beijando ou duas mulheres, mas eu acredito que dois homens ainda chocam mais, né? É uma população, assim, que choca muito mais, que deixa você meio que, assim, paranoico, né? Se você está com uma criança, você tenta correr, tirar daquela situação, assim como eu já passei por uma situação (em que) eu entrei no metrô, eu estava com minha filha e com meu filho também. (Rosana, 38 anos, modelista – moradora da Vila Prudente).

Quando se discutia essa questão das comunidades e das lutas dos movimentos LGBTQIA+, no âmbito político, duas figuras eram ocasionalmente citadas entre os entrevistados: Clodovil e Jean Wyllys. O primeiro, como bom exemplo de homossexual; o segundo, como mau exemplo. Clodovil Hernandez tinha sido um famoso apresentador de TV e estilista que se elegeu deputado federal em 2006, mas faleceu antes de terminar o mandato em 2009. Apesar de ter sido o primeiro político assumidamente homossexual a se eleger deputado federal, Clodovil era conhecido por seu posicionamento conservador, declarando-se contra a Parada Gay de São Paulo e contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo, o que o fazia ser celebrado por páginas e grupos de direita como homossexual verdadeiro, “raiz” (THOMAZ, 2018).

Jean Wyllys, por outro lado, tinha sido o primeiro homossexual assumido e dedicado a representar a comunidade LGBTQIA+ a ser eleito deputado federal. Wyllys ficou conhecido por seus embates com o também então deputado Jair Bolsonaro e era alvo constante de *fake news* de seus detratores, geralmente apoiadores de Bolsonaro. Após ser reeleito pelo terceiro mandato consecutivo, Wyllys renunciou ao cargo e saiu do país alegando sofrer perseguições e ameaças de morte. No mesmo dia de seu anúncio, Jair Bolsonaro escreveu no Twitter a frase: “Grande dia!” (DECLERCQ, 2019).

Quer ver um cara que eu admirava muito? O Clodovil. Porque ele era um cara que ficava na dele, ele não era – como a pessoa fala – afetado, e nem queria convencer ninguém. Ele era daquele jeito e acabou. Eu não enxergo esse pessoal, estilo, Pablló Vittar que eu te falei, uma apelação... tá, e eu vou mais longe. Esse assunto do Neymar aí, outra venda errada de um cara que seria tremendo homem, hetero, tal, é a mesma crítica que eu faço pro Pablló Vittar, faço para o Neymar, é a mesma. Não é porque o Neymar é homem, as reuniões, mulher, não é o fato do cara ser homossexual, é a

forma como você exterioriza a sua vida. (Samuel, 62 anos, funcionário público – morador do Tatuapé).

- Acho que tem determinadas coisas, cada um tem o seu quadrado. Você não invade meu quadrado, eu não invado seu quadrado e a gente se respeita, só isso. E um pouco de amor ao próximo, só isso que precisa. Cada um respeitar o outro e amor ao próximo. Se o cara não é heterossexual, é bissexual e o que for, para mim não importa; o que importa é o caráter das pessoas. Só que o que eu percebo hoje é que eles querem ter uma força e não precisa ter essa força, só se respeitar, cara. Nós tivemos casos aí de pessoas que não são... o caso do Clodovil, que foi Deputado Federal, cara respeitadíssimo e nunca ouvi falar de desrespeitarem ele na Câmara dos Deputados... e outros exemplos, né? Agora entram uns caras tipo aquele Jean Wyllys lá, o cara com discurso de louco.

- *Que discurso de louco?*

- Ele quer enfrentar todo mundo. Ele não está ali pela questão de escolha sexual dele, ele está ali por ser um representante do povo e lutar pelas coisas nossas do povo. Acho que começam a misturar sexualidade no meio de um assunto que... não sei se você está entendendo o que estou querendo dizer. Essas causas, que eles levantam essas bandeiras, tem coisas que realmente fazem sentido, mas tem outras que é um exagero, né? (Daniel, 61 anos, aposentado e empresário – morador do Tatuapé).

Assim, Clodovil era citado como exemplo porque não entrava em conflito com o *status quo*. Jean Wyllys, por outro lado, era visto como alguém que buscava confrontos onde eles, os ativistas de direita, não viam necessidade. Aos homossexuais (e LGBTQIA+ em geral), bastava respeitar o espaço dos outros para serem respeitados. Afinal, eles podiam estudar, trabalhar, viver uma vida normal, o que mais poderiam querer? Qualquer reivindicação a mais seria desnecessária, seria apenas a busca por privilégios ou para forçar suas ideias e sua sexualidade na sociedade e, pior, em crianças.

- [...] *E o Movimento LGBT? De que forma eles são radicais?*

- De querer ter mais direitos por ter uma opção sexual diferente, tipo, cota na faculdade e esse tipo de coisa assim que eu já acho absurdo, assim. Leis, leis diferentes que, não sei, porque sou meio diferente deles, assim, mas eles não querem viver assim, eles não querem igualdade, não querem respeito. Você não pode ter leis diferentes ou ter cota em faculdade por você ter uma opção sexual diferente. Eu acho isso muito errado. (Vitor, 25 anos, desempregado e trabalhador autônomo – morador do Tucuruvi).

O que tem por trás do movimento LGBT é o ideal, onde eles querem chegar, é o privilégio que ele quer alcançar, é o poder que eles querem ter... e nessa brincadeira, já começa a ter destaque de assunto em reportagem de jornal, já começa a ter coluna em certos jornais e revistas... sabe, dirigindo. Agora, você pegar uma criança e você dar uma educação a essa criança, que, psicologicamente, não é hora dela estar recebendo essas informações e eles defenderem que tem que ser? Meu, não. (Patrícia, 60 anos, aposentada – moradora da Vila Maria).

De maneira notável, quatro dos entrevistados pela pesquisa são LGBTQIA+: três homossexuais e um bissexual. Todos foram abordados nos atos de rua organizados pela direita em 2019, sendo que, com dois deles, a orientação sexual só foi revelada durante a entrevista. Descrevendo os perfis de apoiadores de Bolsonaro, Kalil (2018) já havia apontado que um deles era dos “gays de direita”. De fato, nessas manifestações, não era incomum ver casais gays

presentes em apoio ao ato e a Bolsonaro. Curiosamente, não se viu em nenhum momento casais de lésbicas.



Figura 17: Homem com camiseta com foto de Bolsonaro e a bandeira do movimento LGBT. Ato do dia 26 de maio de 2019.

Soa contraditório que homens homossexuais apoiem Bolsonaro. Afinal, de todos os grupos que Bolsonaro já atacou, os gays eram um de seus principais alvos. Mas isso não parecia incomodar esses seguidores. Bolsonaro seria um homem mais velho, conservador, que tinha suas opiniões, e tudo bem. O importante, mais uma vez, era respeito. O gay que se respeita vai receber respeito de volta, e isso bastava. Para eles, outras pautas eram mais importantes, e criticavam o movimento LGBTQIA+ por ser manipulado pelas esquerdas. Alguns deles, como Sandro e Lucas, eram pessoas que tinham conquistado bem-estar material ao longo de suas vidas. Assim, tinham outras preocupações, e questões como homofobia não eram a primeira em sua lista de prioridades para escolher um candidato. Os outros, Murilo e Hugo, ainda passavam por dificuldades financeiras; ainda assim, não viam a homofobia como uma questão relevante.

Eu, como homossexual, não me sinto ofendido ou qualquer outra coisa em relação às declarações dele [com] relação aos gays. Acredito que esses movimentos ditos sociais ou movimentos LGBT são uma massa de manobra para alienar as pessoas. Temos que nos preocupar com o Brasil como nação, e não separar entre gays, heteros, brancos, negros ou qualquer coisa. Esses partidos marxistas sempre lutaram para dividir a nação para poder dominar. As pessoas precisam parar de se fazer de vítimas e irem à luta... [...] Sou gay, não tenho orgulho nenhum em ser gay... tenho orgulho em ser um brasileiro a fim de lutar por um país justo, de livre mercado, que todos possam usufruir do capitalismo. (Sandro, 37 anos, arquiteto – morador da Mooca).

- Não é natural [ser homossexual], mas é algo que acontece naturalmente. Devido (a) vários fatores, genéticos, inclusive, mas não é natural.

- *Os religiosos gostam muito de usar isso, que não é natural, e alguns chegam ao ponto de dizer que está na Bíblia que é uma aberração.*

- Não, aberração não é; é uma diferença e uma questão de opinião, por exemplo. Como existe o gênero masculino, existe o gênero feminino e a procriação... a natureza diz que a gente nasce, cresce, reproduz e morre, vai e deixa o DNA para replicar para melhorar. A evolução é baseada nisso e se você quebra isso, você quebra a evolução, então você já sai da natureza e quando você sai, entra numa questão própria que também é natural, porque você é ser humano, mas não é a lógica certa e universal da natureza.

- *Mas se não é certo, é errado?*

- Errado... o que é errado hoje é o que fere o outro. Então, se aqui na minha casa eu sou homossexual e o meu vizinho... eu não saio pelado, eu não mostro o meu pinto, eu não mostro eu transando, eu não deixo a janela aberta, não exponho a vulgaridade do que eu tenho prazer de fazer. Então, não é errado porque o errado é quando interfere na liberdade do outro. Meu vizinho tem filho, tem neto e passa aqui na frente. Agora, se eu sou vulgar é errado, se eu não sou vulgar não é, você entende? Para você ter respeito, você tem que respeitar, mas não é errado. [...] O País está sofrendo uma crise econômica. Não é: “Ah, coitado do pobre, coitado do negro, coitado do gay, coitado”... não é. É: “Vamos ver o que a gente pode fazer para resolver, vamos ver quem está interessado em resolver”. Esquece um pouco essas questões, já foram muito bem tratadas até agora, as pessoas já respeitam muito. Eu não entro mais em nenhuma rodinha de amigo, não importa o lugar que eu for, eu não ouço piada nenhuma. A questão de respeito, a gente já avançou muito, só que está na hora de colocar o trilho da economia do país no eixo. (Lucas, 30 anos, marceneiro – morador do Tatuapé).

Por exemplo, eu sou gay, cisgênero - como eles dizem, né? - e (risos) por incrível que pareça, eu sofro discriminação. Eu sofro mais discriminação dentro do Movimento LGBT do que na própria sociedade, por quê? Por motivos óbvios. Você olha para mim, você não fala que eu sou homossexual até o momento que eu te diga, né? E para eles, isso é um absurdo porque eu teria que ter trejeitos, eu teria que falar fino, eu teria que ser escandaloso e eu não sendo, eu não correspondendo às expectativas deles, aí eu já tenho que ser excluído, entendeu? Dentro da sociedade, eles podem até usar isso como uma desculpa de que eu me armei desse artifício para me defender da sociedade e estou me rendendo ao patriarcado e sou “chaveirinho de hétero”, que não sei quê, “lambe botas” de... mas, eu acho que é mais do que isso: eu acho que é o indivíduo; assim como tem indivíduo que ele pode ter trejeitos, ele pode ser mais “afeminado”, é uma característica pessoal dele, sabe? Eu tenho que respeitar, eu posso não gostar e posso não ser favorável, mas, eu vou respeitar. Porém, assim como ele tem as características dele, eu tenho as minhas características. Eu não sou afeminado, eu não gosto de “divas pop”, eu não danço, eu gosto de arma, eu gosto de cutelaria, eu coleciono facas, para você ter noção [...]. Então, eu gosto de coisas mais “heteronormativas”, vamos dizer assim, meio... e eu gostaria de ter a liberdade de poder ser o que sou e a liberdade de poder gostar das coisas que eu gosto sem ser taxado, o que acontece dentro do movimento. (Murilo, 33 anos, adestrador de cães – morador do Tatuapé)

No fim, todas as pautas ligadas às minorias eram tratadas como desnecessárias, ou como em busca por privilégios. Como esses ativistas de direita associavam essas pautas à esquerda, então a esquerda era vista, por consequência, como defensora de vitimismo e de privilégios, sem se atentar às pautas que realmente interessariam à população, como saúde, educação, segurança etc. Se minorias enfrentam obstáculos, que superem como eles teriam feito: pelo esforço próprio, sem auxílio do Estado.

Ao pesquisar a direita janista e malufista de mais de 30 anos atrás, Pierucci (1999) alertou, em tom premonitório, que as novas mobilizações de esquerda pautadas pela defesa da diferença de minorias políticas seria como jogar o jogo da direita. Afinal, se negros precisam de tratamento diferenciado, por exemplo, não era isso que a direita branca e racista sempre pregou, que eles eram diferentes? A força da esquerda, para Pierucci, estava no discurso da igualdade. Discursando pela defesa das diferenças, a esquerda teria muito a perder jogando no campo onde a direita sempre soube jogar.

Sem comungar da ideia de que a esquerda deva abandonar a defesa de minorias, o alerta de Pierucci tem motivo. Sentindo-se ameaçados com o avanço de minorias, as maiorias – homens, brancos, heterossexuais – também se organizaram. Bolsonaro – justamente um homem branco, heterossexual e cristão – se encaixa perfeitamente como um político de verve identitária. Assim, Bolsonaro age como um representante desses segmentos da sociedade, em defesa desses grupos contra as minorias que agora os “ameaçam”. E, por isso, era tão comum ouvir que haviam votado nele porque “ele fala o que eu penso”. Tanto o que pensam quanto o que sentem.

Como Faludí (1991) alertou com relação ao feminismo, todo momento histórico de avanço das feministas foi confrontado com uma onda reativa de oposição. Esse pode ser mais um, que culminou na eleição de Bolsonaro. O desafio para progressistas, portanto, é como seguir defendendo a luta de minorias políticas sem deixar de dialogar com o eleitorado das maiorias. Apesar dos obstáculos, o discurso da igualdade e da defesa de saúde e educação públicas, gratuitas e de qualidade, ainda encontra certo apelo entre esse eleitorado, mesmo que agora se reconheçam e se afirmem como de direita.

Considerações finais

Com o trabalho, buscamos explorar o fenômeno do bolsonarismo a partir de sua manifestação na capital paulistana, analisando suas diferentes facetas. No capítulo 1, analisamos o avanço da extrema-direita pelo mundo e relacionamos o momento histórico com o caso brasileiro, com base em diferentes perspectivas conceituais e na história política recente de São Paulo e do Brasil. Demonstramos que a direita bolsonarista não é inteiramente nova, mas tem bases históricas que ressurgiram com a ascensão de Jair Bolsonaro.

No capítulo 2, discutimos a ideia da “nova direita”, assim como os eventos e processos que foram chave para a formação política de bolsonaristas. Com o ativismo digital da nova direita, que cresceu e se insuflou com as Jornadas de Junho de 2013, ganhando protagonismo com o debacle do sistema político após a eclosão da Operação Lava Jato, formou-se o cenário perfeito para a adesão de um eleitorado conservador ao bolsonarismo. Mobilizado para as eleições, o bolsonarismo manteve sua militância em estado de campanha permanente, como mostram as manifestações já durante o seu governo, mas que levaram a um racha entre as direitas, em particular com o desembarque de Sergio Moro.

Nos capítulos seguintes, detalhamos as motivações por trás da adesão ao bolsonarismo. No capítulo 3, vimos que, no campo político, os bolsonaristas reencontraram um renovado orgulho de ser de direita. Motivados por um sentimento anti-*establishment*, ao mesmo tempo que viam com bons olhos a participação dos militares no poder, não havia mais espaço para uma “direita envergonhada”. O sistema a que se opunham incluía partidos políticos, o STF, o Congresso Nacional, a imprensa etc., o que ajudou a revelar o autoritarismo desses militantes e a facilidade que enxergavam soluções antidemocráticas como viáveis.

No capítulo 4, analisando o campo socioeconômico, exploramos a adesão dos bolsonaristas ao ideário liberal. Muito pautado pelo antipetismo, ele era movido menos pelo sentimento anticorrupção do que por uma forte oposição às políticas econômicas e sociais promovidas pelo PT com o propósito de reduzir as desigualdades sociais. O apego desse eleitorado à ideia de meritocracia revela a falta de consenso no país sobre como resolver a enorme desigualdade social no país, revelando a predisposição desse eleitorado a ideias de cunho liberal.

Por fim, no capítulo 5, tratando do campo moral, descrevemos como os avanços sociais de minorias oprimidas nas últimas décadas desencadeou uma reação conservadora de setores da sociedade. A luta e a maior visibilidade de mulheres, negros e, especialmente, LGBTQIA+ na esfera pública encontrou oposição de grupos resistentes às rápidas mudanças culturais, e a associação dessas pautas à esquerda reforçou a adesão deles à direita e ao bolsonarismo. Utilizando discursos de igualdade, ainda por uma lógica meritocrática, o bolsonarismo rejeita políticas que favoreçam minorias políticas de modo a reduzir os efeitos da discriminação, enfatizando a lógica do esforço próprio para superar os obstáculos, inclusive o preconceito.

Na conclusão deste trabalho, acreditamos que o desafio mais urgente com a ascensão do bolsonarismo é, de forma inequívoca, a preservação da democracia brasileira. Para tanto, é inevitável concluir que isso passa pela saída dos militares da vida política. Não há país no mundo com uma democracia estável e sólida que tenha os militares participando de forma tão ativa na política. Considerando a história brasileira, é possível dizer que o país paga o preço por não ter revisto a sua Lei de Anistia, que impediu a punição de agentes da ditadura por crimes cometidos durante o regime. Ao contrário de outros países da região, como Argentina e Chile, que buscaram formas de virar essa página da história, retirando os militares da vida política, reconhecendo os abusos e crimes do período e buscando formas de responsabilizar os culpados, o Brasil, de certo modo, acabou dando legitimidade ao período ditatorial ao evitar punir os seus responsáveis. É difícil pensar que, caso o Brasil tivesse enfrentado essas questões sobre a ditadura, a população elegeria um candidato que nunca escondeu o seu apoio ao regime e a sua admiração por um dos torturadores mais notórios do período, Carlos Alberto Brilhante Ustra. Assim, a prosperidade da democracia brasileira passa, primordialmente, por garantir que militares não se envolvam mais com a política, e a questão permanecerá em aberto mesmo com a eventual saída de Bolsonaro do poder.

O bolsonarismo também revela a dificuldade de se enfrentar o problema da desigualdade social no Brasil. Sendo um dos países mais desiguais do mundo, seria esperado que a importância de confrontar a questão fosse consensual na sociedade brasileira. No entanto, mesmo com reformas lentas e graduais implementadas pelo lulismo e que não entraram em confronto com o grande capital, as políticas de redistribuição de renda ainda encontraram forte oposição de setores da população brasileira. A conclusão é que enfrentar o problema da desigualdade no Brasil, inevitavelmente, levará ao conflito de visões entre setores da sociedade, e não haverá modo de implementar políticas sociais com a qual todos estratos da sociedade concordem e fiquem satisfeitos. Não haverá maneira, portanto, de mexer nas estruturas

desiguais que sustentam a iniquidade brasileira sem um confronto democrático de projetos antagônicos para o país.

E apesar dos avanços que minorias políticas obtiveram na sociedade brasileira nas últimas décadas, é verdade que ainda há muito a se avançar. Pierucci (1999) havia alertado, de forma premonitória, sobre os riscos de a esquerda adotar o discurso da diferença em defesa das minorias. A reação da direita conservadora não tardou, bastou apenas que surgisse alguém que ativasse os ressentimentos acumulados ao longo dos últimos anos. A esquerda, por meio do lulismo, conseguiu anular a maior parte dessas tensões no campo cultural com os avanços econômicos. Contudo, com a crise política e econômica pós-2015, essas tensões afloraram com força, ainda mais com um candidato que soube explorá-las tão bem como Bolsonaro. Apesar dos avanços, o bolsonarismo soube mobilizar os medos e ansiedades para ganhar a guerra cultural.

Isso significa que a esquerda deva abandonar a defesa de minorias políticas para aumentar as chances de vitória nas eleições? Apesar da forte reação conservadora que trouxe vitórias políticas e eleitorais para a extrema-direita em diferentes países, os avanços conquistados por minorias nas últimas décadas também são inegáveis. É difícil supor que, caso a estratégia de luta dessas minorias – e a esquerda que as defende – tivesse sido outra que não a defesa das diferenças e das identidades, os avanços ocorreriam da mesma forma ou até em maior escala. Uma reflexão importante pode ser, entretanto, de retornar a discussão ao campo da igualdade, que é objetivo final e o que demarca a esquerda da direita, como Pierucci (1999) lembra. Isso significa, invariavelmente, trazer a discussão para a interseccionalidade das lutas, especialmente com a de classes, de modo que os grupos encontrem mais o que os unem do que aquilo que os separam.

Não é possível prever o futuro do bolsonarismo, a sua permanência ou a sua resiliência na sociedade e na política brasileira. Porém, é possível fazer algumas suposições. Considerando o grau de personalismo do bolsonarismo, centrado na figura de sua liderança carismática, é difícil crer que ele sobreviva com a saída da vida pública de Bolsonaro, seja ela como e quando for. Com o fracasso de criar um partido próprio, o prosseguimento do bolsonarismo sem Bolsonaro se torna ainda mais inviável, mesmo que ele tente colocar um de seus filhos como seu sucessor, já que nenhum tem o carisma e o apelo popular do pai. Assim como o malufismo, que fracassou em deixar um herdeiro, é provável que o mesmo ocorra com o bolsonarismo,

deixando seu eleitorado órfão por um período até surgir outra liderança carismática conservadora em outro momento histórico que favoreça a sua ascensão.

Além disso, o racha entre bolsonaristas e lavajatistas, ou entre conservadores e liberais, de modo mais amplo, coloca em questão a viabilidade eleitoral das direitas enquanto atuam separadamente. Unir, de forma convincente, a aversão à esquerda e os temores conservadores da sociedade brasileira às aspirações de setores que almejam a luta contra a corrupção, o fim de privilégios e a redução do Estado, foi um trunfo de Bolsonaro, o que contribuiu para garantir a sua vitória em 2018. Como vimos, o campo bolsonarista prevaleceu, deixando a corrente lavajatista enfraquecida, reduzida e órfã de liderança. Porém, a perda do apoio deste campo político, mesmo que minoritário, pode ser uma das chaves para um eventual insucesso da direita bolsonarista de se perpetuar.

De qualquer modo, a superação do bolsonarismo – principalmente em seu caráter antidemocrático – passa, de forma invariável, pela prestação de contas deste período. Assim como a questão dos militares e o regime ditatorial, é urgente que não se cometa o mesmo erro e que se busque punir os responsáveis por eventuais transgressões, abusos e crimes do governo Bolsonaro. Pelo contrário, a história se repetiria e, mais uma vez, a sociedade brasileira estaria legitimando, entre tantas outras coisas, as ameaças e agressões à democracia e o descaso no combate à pandemia de Covid-19.

O que não deve desaparecer é esse ressurgimento da direita conservadora na disputa política brasileira. A presença de novos atores, o renovado orgulho em se reconhecer de direita, a defesa do liberalismo econômico, o conservadorismo moral em reação aos avanços de minorias políticas, todos esses elementos do bolsonarismo não devem sair de cena. Todavia, isso não é, em si, algo negativo. Uma democracia depende, afinal, da existência de uma esquerda e de uma direita que possam competir em eleições livres. O desafio, contudo, é que o Brasil consiga desenvolver uma direita comprometida a valores democráticos. O PSDB, que poderia – e deveria – ter cumprido este papel de ser o partido da direita brasileira não o logrou. A crise dos partidos e do sistema político – que não é um problema exclusivo do Brasil, muito pelo contrário – dificulta equacionar esta questão. Portanto, a questão remanescente é que, sem um partido forte e comprometido com esses valores e com a qual a direita conservadora se identifique, o Brasil seguirá suscetível ao surgimento de novos *outsiders*, lideranças carismáticas e populistas que se afirmem “contra tudo que está aí”. Colocando em risco – mais uma vez – a nossa democracia.

Anexo 1 – Questionário de pesquisa

Perguntas introdutórias:

- 1) Nome, idade e profissão.
- 2) Fale de forma resumida sobre a sua história de vida.
- 3) Você mora aqui no bairro há quanto tempo? O que mudou nos últimos anos/últimas décadas?
- 4) Quem mora aqui com você?
- 5) Você mora em casa ou apartamento? Quantos dormitórios?
- 6) Qual é a sua profissão? E da sua família?
- 7) Qual é o seu grau de escolaridade? E o resto dos familiares?
- 8) Você tem alguma religião? E o resto dos familiares?
 - a. Sua igreja fez campanha por algum candidato?
- 9) Mais ou menos, qual é a sua renda individual? E da família como um todo?
- 10) Em termos de classe social, como você se identifica?

Sobre Bolsonaro e a decisão do voto em 2018:

- 1) Por que você votou no Bolsonaro?
- 2) Qual questão foi mais importante para definir o seu voto?
- 3) Quando você tomou a decisão de votar nele e fazer campanha por ele?
- 4) Por que você gosta dele? Você se sente identificado com ele, representado por ele de alguma forma?
- 5) Você diria que confia sempre no que Bolsonaro diz, ou confia às vezes apenas?
- 6) Qual é a sua avaliação do governo dele até agora?
 - a. O que ele fez de bom? E de ruim?
- 7) O que você acha que ele precisa fazer para o país? E para a classe média, o que ele deveria fazer?
- 8) O que você acha do Haddad? E dos outros candidatos, por que não eles?

- 9) Por que você acha que aqui foi um dos bairros onde ele foi mais votado?
- 10) Bolsonaro recebeu menos votos em bairros mais ricos do que em bairros de classe média, por que você acha que isso aconteceu?
- 11) Qual é a sua opinião sobre o vice, o general Mourão?
- 12) Em quem você votou para outros cargos em 2018? Por quê?
- 13) Você gosta de política?
- 14) Tem algum outro político de hoje que você gosta? E do passado, tem algum?
- 15) Você tem algum partido de preferência?
- 16) E tem algum partido que você não gosta?
- 17) E quais políticos que você não gosta?
- 18) O que você acha do PSDB?
- 19) Você acha que a corrupção é um problema que atinge todos os partidos ou há alguns partidos mais corruptos do que outros?

Sobre PT e os governos Lula/Dilma:

- 1) O que você acha do PT? Do governo do PT?
- 2) Você já votou no PT?
- 3) O que você achou do governo Lula?
- 4) O que teve de ruim no governo dele?
- 5) Teve algo de bom?
- 6) Você se sentia bem representado pelo Lula?
- 7) Você acha que as condições de vida em geral melhoraram ou pioraram durante os anos do PT?
- 8) Você acha que o PT governou pensando na classe média? Por que ou por que não?
- 9) Você acha que os governos do PT foram bons ou ruins para a classe média?
- 10) Você acha que a sua vida melhorou ou piorou sob o governo dele? Por quê?
- 11) (pergunta para jovens) Você acha que as condições de vida (emprego, renda, moradia, etc) estão melhores para você e a sua geração hoje em dia, ou era mais fácil para a geração dos seus pais? Por quê?
- 12) Por que você acha que os mais pobres seguem apoiando o PT?
- 13) E o governo Dilma, o que achou?

- 14) Teve diferença com relação ao governo Lula?
- 15) Você se sentia bem representado pela Dilma?
- 16) Tirando a corrupção, existem outros motivos por que você não gosta do PT?
- 17) Você tinha empregada doméstica? E hoje? Como enxerga essas mudanças?

Sobre a visão de mundo:

- 1) Você foi em alguma manifestação nos últimos anos?
- 2) Você participou das manifestações de Junho de 2013? O que achou daquilo tudo?
- 3) Você se considera como, de esquerda ou direita?
- 4) O que significa ser de esquerda para você? E de direita?
- 5) O que você acha que a esquerda defende hoje em dia?
- 6) Você acha que há a possibilidade de, algum dia no futuro, votar no PT?
- 7) E a possibilidade de votar em algum candidato ou partido de esquerda?
- 8) Você acha que há risco de ter comunismo no Brasil?
- 9) O que você acha dos sindicatos?
- 10) Você é a favor do direito de greve?
- 11) O que você acha do MST? E do MTST?
- 12) O Bolsonaro tem frases polêmicas a respeito de mulheres, negros, gays, o que você acha disso?
- 13) O que você acha do movimento feminista?
- 14) O que você acha do movimento LGBT?
- 15) O que você acha da cota em universidades e concursos públicos para afrodescendentes?
Por que você acha que há menos negros nas universidades?
- 16) O que você acha do projeto Escola Sem Partido?
 - a. Você acha que há doutrinação de esquerda por parte dos professores nas escolas e universidades?
- 17) Qual é a sua opinião sobre artistas (tipo da Globo) que se engajam em causas políticas?
- 18) Qual é a sua opinião sobre direitos humanos?
- 19) O que você acha do liberalismo na economia?
- 20) Você é a favor de privatizações? E a Petrobras?
- 21) Qual é o papel do Estado?

- 22) A saúde e a educação devem ser públicas ou melhor privatizar também?
- 23) O que você acha da proposta para Reforma da Previdência do governo?
- 24) O que você achou da reforma trabalhista do governo Temer?
- 25) O que você acha do Bolsa Família?
- 26) O que você acha do povo brasileiro?
- 27) Tem algum país que o Brasil deveria seguir como exemplo?
- 28) Você se considera nacionalista?
- 29) O que você acha dos militares brasileiros? Qual é a imagem deles para você?
- 30) Qual você acha que é o papel deles no país?
- 31) O que você acha do regime militar de 1964-1985? Você acha que o Brasil está melhor ou pior hoje do que na ditadura militar?
- 32) Você acha que é melhor a democracia ou uma ditadura?
- 33) O que você acha dos atos antidemocráticos?
- 34) O que você achou da saída do ministro Sérgio Moro?
- 35) O que você achou da prisão do Fabrício Queiroz, que é amigo da família Bolsonaro?
- 36) O que você acha da condução do presidente Bolsonaro na pandemia do coronavírus?
- 37) Teve agora umas denúncias de corrupção no caso da compra de vacinas, você acompanhou? O que você achou a respeito?
- 38) O que você achou da aproximação do Centrão com o Bolsonaro?
- 39) O que você acha da Lava Jato?
 - a. O que acha dos diálogos vazados?
- 40) O que você acha do STF? O que deveria ser feito com relação ao Supremo?
- 41) O que você acha da mídia brasileira?
- 42) O que acha da nomeação do Eduardo Bolsonaro para ser embaixador nos EUA?
- 43) O que acha dos escândalos envolvendo o Flávio Bolsonaro?
- 44) O que acha do episódio das queimadas na Amazônia e da repercussão que teve?
- 45) O que acha da indicação do PGR Augusto Aras?
- 46) Como você se informa sobre política ou sobre o governo? TV, sites de internet, Facebook, canais de Youtube?
 - a. Quais sites de notícias você gosta de utilizar?
 - b. Você acompanha Olavo de Carvalho? O que acha dele?
 - c. Você acompanha algum Youtuber, algum canal de Youtube sobre política? Qual ou quais?
- 47) Você participa de grupos de Whatsapp sobre política?

- a. Você recebeu muita informação no Whatsapp durante as eleições?
- 48) O que você acha do povo brasileiro?
- 49) O que acha da cultura brasileira?
- 50) Você tem orgulho de ser brasileiro?
- 51) O que o Brasil mais precisa hoje?
- 52) Se a eleição de 2022 fosse hoje, em quem você votaria? Ou gostaria de votar? E entre Lula e Bolsonaro, quem você escolhe?

Anexo 2 – Perfis dos entrevistados

- Mariana, 36 anos, gerente comercial em uma empresa de seguros. Branca, católica. Moradora da Vila Prudente. Mora sozinha, renda de R\$ 8.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em junho de 2019.

- Dorival, 64 anos, aposentado, ex-professor. Branco, católico. Mora sozinho, com renda mensal de cerca de R\$ 4.000,00, morador da Penha. Entrevista obtida por indicação, realizada em julho de 2019.

- Griselda, 73 anos, aposentada, trabalhava em comércio do marido falecido. Branca, católica. Mora sozinha, com renda mensal de cerca de R\$ 4.000,00, moradora da região de Vila Sabrina. Entrevista obtida por indicação, realizada em julho de 2019.

- Daniel, 61 anos, aposentado e empresário. Branco, católico. Mora com a esposa e a filha, com renda mensal de cerca de R\$ 40.000,00, morador do Tatuapé. Entrevista obtida por indicação, realizada em julho de 2019.

- Estela, 65 anos, aposentada, trabalhava como escriturária. Branca, católica. Mora com o marido, com renda familiar mensal de cerca de R\$ 4.000,00, moradora da região de Santana. Entrevista obtida por abordagem direta em manifestação, realizada em julho de 2019.

- Irene, prima de Estela, 71 anos, vive da pensão do marido e do aluguel de imóveis. Branca, espírita. Mora sozinha, renda mensal de R\$ 4.000,00 também, moradora de Pirituba (a entrevista foi feita com as duas ao mesmo tempo na casa de Estela). Entrevista obtida por abordagem direta em manifestação, realizada em julho de 2019.

- Inácio, 54 anos, desempregado, ex-professor universitário. Branco, católico. Morador da Zona Norte, Brasilândia. Mora com a mãe, renda de R\$ 2.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em julho de 2019.

- Fernando, 49 anos, motorista de Uber e comerciante, morador da Vila Matilde. Pardo, católico. Mora com o filho e a esposa. Renda familiar de cerca de R\$ 4.000,00, às vezes mais, mas já chegou a ter renda individual de R\$ 10.000,00. Entrevista obtida por abordagem direta, realizada em julho de 2019.

- Luís, 66 anos, comerciante e autônomo, morador do Belenzinho. Amarelo, sem religião. Mora com a mãe. Renda individual de R\$ 4.000,00; com a mãe, R\$ 5.000,00. Entrevista obtida por abordagem direta em manifestação, realizada em julho de 2019.
- Sandro, 37 anos, arquiteto, morador da Mooca. Branco. Mora com o marido, renda familiar mensal acima de R\$ 20.000,00. Entrevista obtida por abordagem direta em manifestação, realizada em julho de 2019.
- Samuel, 62 anos, funcionário público, morador do Tatuapé. Branco, católico. Mora com a esposa, filhos já saíram de casa. Renda individual de R\$ 6.000,00, com a esposa, até R\$ 9.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em julho de 2019.
- Patrícia, 60 anos, funcionária pública aposentada, moradora da Vila Maria. Branca, evangélica. Solteira, mora sozinha. Renda de cerca de R\$ 12.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em agosto de 2019.
- Nilson, 65 anos, aposentado, ex-engenheiro. Amarelo, cristão. Mora com a esposa, renda familiar mensal de cerca de R\$ 12.000,00, morador da região do Tatuapé. Entrevista obtida por indicação, realizada em agosto de 2019.
- Luciano, 62 anos, bancário, morador de Santana. Branco, católico. Mora com a esposa, filhos já deixaram a casa dos pais. Renda de R\$ 16.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em agosto de 2019.
- Vitor, 25 anos, desempregado e trabalhador autônomo (fazia trabalhos freelance cuidando de sites da Internet), morador do Tucuruvi. Branco, sem religião. Renda individual de R\$ 1.300,00. Mora com os pais, mas não soube estimar renda familiar, estima que em volta de R\$ 5.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em agosto de 2019.
- Sindoval, 55 anos, eletricitista, morador da Vila Guilherme. Pardo, evangélico. Divorciado, mora sozinho. Renda individual de R\$ 3.500,00. Entrevista obtida por abordagem direta em manifestação, realizada em agosto de 2019.
- Marcelo, 25 anos, gerente comercial, morador do Tucuruvi. Branco, sem religião. Renda individual de até R\$ 5.000,00. Mora com os pais e dois irmãos, estima que renda familiar mensal de R\$ 9.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em setembro de 2019.

- Wilson, 28 anos, militar da ativa, morador de São Miguel Paulista. Negro, católico. Mora com a esposa e uma filha. Renda individual de até R\$ 6.000,00. Junto com a esposa, renda de até R\$ 8.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em outubro de 2019.
- Silas, 30 anos, militar da ativa, morador de Santana. Branco, católico. Originalmente do Rio de Janeiro, mora em São Paulo no momento por causa da carreira militar. Divide casa com outro militar. Renda individual de até R\$ 5.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em outubro de 2019.
- Lucas, 30 anos, marceneiro, morador do Tatuapé. Branco, ateu. Mora sozinho, não especificou renda atual. Possuía uma loja de móveis antes, e chegou a ter renda de R\$ 30.000,00 no auge, hoje a renda seria muito menor. Entrevista obtida por abordagem direta em manifestação, realizada em novembro de 2019.
- Hugo, 28 anos, operador de caixa, morador de Santana. Branco, espírita. Mora com dois irmãos. Renda individual de R\$ 1.500,00. Renda familiar de cerca de R\$ 3.000,00. Entrevista obtida por abordagem direta em manifestação, realizada em dezembro de 2019.
- Diana, 50 anos, policial militar, moradora do Tucuruvi. Negra, sem religião. Mora com pai e irmã. Renda individual cerca de R\$ 10.000,00. Renda familiar de R\$ 18.000,00. Entrevista obtida por abordagem direta em manifestação, realizada em junho de 2020.
- Lair, 68 anos, consultor de informática aposentado, morador de Santana. Branco, católico. Mora com a esposa, aposentada, e a filha, desempregada. Renda individual de R\$ 5.500,00. Renda familiar de R\$ 6.500,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em junho de 2020.
- Murilo, 33 anos, adestrador de cães, morador do Tatuapé. Negro, católico. Mora com o companheiro, vendedor de shopping. Renda individual de R\$ 2.000,00. Renda familiar em torno de R\$ 3.200,00. Antes da pandemia de covid-19, renda familiar chegava a R\$ 6.000,00. Entrevista obtida por abordagem direta em manifestação, realizada em junho de 2020.
- Neusa, 53 anos, funcionária pública aposentada, trabalhava na gestão da administração escolar da rede pública, moradora do Tucuruvi. Negra, espírita. Mora com o irmão, Santiago, e com um filho com necessidades especiais. Renda individual de R\$ 15.000,00. Renda familiar em torno de R\$ 24.000,00. Entrevista obtida por abordagem direta em manifestação, realizada em junho de 2020.

- Santiago, 51 anos, funcionário público na área de Recursos Humanos. Negro, espírita. Irmão de Neusa. Renda individual de cerca de R\$ 9.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em setembro de 2020.
- Tadeu, 61 anos, corretor de imóveis, morador da Vila Formosa. Branco, católico. Mora com a esposa, professora, e o filho, estudante universitário. Renda individual de R\$ 8.000,00. Renda familiar em torno de R\$ 16.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em outubro de 2020.
- Erica, 35 anos, auxiliar administrativa, moradora de Santana. Branca, católica. Mora com o marido, Nicolas. Renda familiar variável entre R\$ 3.000,00 e 5.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em outubro de 2020.
- Nicolas, 38 anos, técnico de eletrotécnica e motorista de Uber. Pardo, católico. Marido de Erica. Entrevista obtida por indicação, realizada em outubro de 2020.
- Teófilo, 57 anos, formado em Engenharia Mecânica, ficou desempregado, trabalhou como Uber por um tempo, e agora realiza perícia judicial junto a um amigo de forma autônoma. Branco, sem religião. Morador do Tatuapé. Mora com a esposa Madalena, e os sogros. Renda individual em média de R\$ 5.500,00. Renda familiar de R\$ 8.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em outubro de 2020.
- Madalena, 56 anos, trabalhava como contadora, e hoje fica em casa cuidando dos pais. Branca, sem religião. Esposa de Teófilo, moradora do Tatuapé. Sem renda individual. Entrevista obtida por indicação, realizada em outubro de 2020.
- Mateus, 29 anos, bancário, morador da Pompéia. Branco, católico. Mora com a esposa, também bancária. Renda individual de cerca de R\$ 6.000,00. Renda familiar em torno de R\$ 9.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em novembro de 2020.
- Igor, 28 anos, bancário, morador da Vila Guilherme. Pardo, evangélico. Mora com a esposa, também bancária. Renda individual de R\$ 10.000,00. Renda familiar em torno de R\$ 20.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em novembro de 2020.
- Bruno, 37 anos, técnico de TI, morador de Paraisópolis. Amarelo, católico. Mora com esposa (esteticista) e filho. Responsável por quase toda a renda familiar de R\$ 15.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em dezembro de 2020.

- Mário, 41 anos, consultor de TI, morador do Penha. Amarelo, católico. Mora com a esposa e o filho de 18 anos. Renda individual de cerca de R\$ 7.000,00. Renda familiar em torno de R\$ 12.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em julho de 2021.
- Rosana, 38 anos, modelista, moradora da Vila Prudente. Negra, evangélica. Divorciada, mora com dois filhos adolescentes. Com a pensão do marido, possui renda familiar de cerca de R\$ 7.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em novembro de 2021.
- Bárbara, 57 anos, pedagoga, moradora da Mooca. Branca, evangélica. Mora com o marido. Renda familiar de cerca de R\$ 12.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em dezembro de 2021.
- Helena, 28 anos, socorrista, moradora do Tucuruvi. Negra, evangélica. Mora com o marido, policial militar, e dois filhos menores. Renda individual de R\$ 5.000,00. Renda familiar de cerca de R\$ 12.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em dezembro de 2021.
- Roberta, 42 anos, auxiliar administrativa, moradora da Vila Ema, na zona de Vila Prudente. Parda, evangélica. Mora com o marido e dois filhos, um de 10 e outro de 20 anos. Renda individual de R\$ 3.000,00. Renda familiar de R\$ 7.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em março de 2022.
- Samanta, 42 anos, consultora financeira, moradora do Tucuruvi. Branca, católica. Mora com o marido e três filhos. Renda individual de cerca de R\$ 7.000,00. Renda familiar de cerca de R\$ 17.000,00. Entrevista obtida por indicação, realizada em março de 2022.

Anexo 3 – Fotos nas manifestações de direita



Figura 18: Marcello Reis, do Revoltados Online, fazendo um vídeo para seu canal. Ato do dia 07 de abril de 2019.



Figura 19: Jovens com cartazes com reivindicações e críticas a membros do Congresso, STF e o MBL. Ato do dia 26 de maio de 2019.



Figura 20: Carro de som do grupo Direita São Paulo. Ato do dia 30 de junho de 2019.



Figura 21: Vereador Fernando Holiday (DEM-SP) discursando em carro de som do MBL sem identificação do grupo. Ato do dia 30 de junho de 2019.



Figura 22: Manifestantes pedindo intervenção militar. Ato do dia 25 de agosto de 2019.



Figura 23: Ativistas do Partido Novo apoiando a Lava Jato e a indicação de Deltan Dallagnol para Procurador-Geral da República. Ato do dia 25 de agosto de 2019.



Figura 24: Carro de som do VemPraRua e faixas a favor da prisão em segunda instância. Ato do dia 09 de novembro de 2019.



Figura 25: Militantes do Partido Novo e manifestantes com faixa a favor de Sergio Moro. Ato do dia 09 de novembro de 2019.



Figura 26: Manifestantes bolsonaristas e bolivianos comem churrasquinho. Ato do dia 17 de novembro de 2019.



Figura 27: Cartaz contra o STF. Ato do dia 17 de novembro de 2019.



Figura 28: Deputada Federal Carla Zambelli (PSL-SP) discursa em carro-de-som. Ato do dia 08 de dezembro de 2019.



Figura 29: Senador Major Olímpio (PSL-SP) posa com manifestantes. Ato do dia 08 de dezembro de 2019.



Figura 30: Deputado Estadual Arthur do Val, vulgo Mamãe Falei (DEM-SP), vereador Fernando Holiday (DEM-SP) e Kim Kataguiiri (DEM-SP) em meio a manifestantes e membros do MBL. Ato do dia 08 de dezembro de 2019.



Figura 31: Cordão policial para isolar manifestantes bolsonaristas de outro grupo que gritavam ofensas. Ato do dia 08 de dezembro de 2019.

Referências

- AFP – Agence France-Presse. Frases de Bolsonaro, o candidato que despreza as minorias. *IstoÉ*, [Online], 24 set. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/>. Acesso em: 13 ago. 2022.
- AGÊNCIA BRASIL. STJ mantém condenação de Bolsonaro por incitação ao estupro. *Exame*, [Online], 15 ago. 2017. Disponível em: <https://exame.com/brasil/stj-mantem-condenacao-de-bolsonaro-por-incipitacao-ao-estupro/>. Acesso em: 13 ago. 2022.
- ALMEIDA, S. L. de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ANDRADE, H. de. ‘Eu não confio na urna eletrônica’, diz Bolsonaro em nova crítica ao TSE. *UOL*, Brasília, 31 maio 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/05/31/eu-nao-confio-na-urna-eletronica-diz-bolsonaro-em-nova-critica-ao-tse.htm>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- ARANTES, P. *O novo tempo do mundo*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.
- AZAREDO, M.; NOVAES, M. SP: MPL deixa ato e diz que direita quer dar ‘ares fascistas’ a protestos. *Terra*, São Paulo, 20 jun. 2013. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/sp-mpl-deixa-ato-e-diz-que-direita-quer-dar-ares-fascistas-a-protestos,1586fb147546f310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- BACELAR, C.; CARVALHO, C. Bancada evangélica cresce 14% e deve prejudicar causas LGBT. *O Globo*, [Online], 8 out. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bancada-evangelica-cresce-14-deve-prejudicar-causas-lgbt-14178049>. Acesso em: 14 ago. 2022.
- BALLOUSSIER, A. V. Datafolha: Brasileiros vão menos à igreja e dão menos contribuições. *Folha de S. Paulo*, [Online], 29 jun. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/06/datafolha-brasileiros-vaio-menos-a-igreja-e-dao-menos-contribuicoes.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- BARAN, K. Saiba o que aconteceu com os principais alvos da Lava Jato de Curitiba. *Folha de S. Paulo*, [Online], 15 fev. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/02/saiba-o-que-aconteceu-com-os-principais-alvos-da-lava-jato-de-curitiba.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- BARBOSA, C. The Military as a Moderating Power: a study with Bolsonaro supporters in São Paulo. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*. Vol.10, No. 2, 2021. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/128394/177035>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- BARBOSA, C. M. R. *A cruz e o lulismo: um estudo de caso na periferia de São Paulo com fiéis da Igreja Universal nas eleições de 2014*. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BARROS, C. P. da P. e. *Contestando a ordem: um estudo de caso com secundaristas da Zona Leste Paulistana*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BEHNKE, E. Bolsonaro critica PT por criar “1 trilhão de universidades”. *Poder360*, [Online], 7 fev. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/educacao/bolsonaro-critica-pt-por-criar-1-trilhao-de-universidades/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

BELLO, W. *Counterrevolution: the global rise of the far-right*. Rugby: Fernwood Publishing, 2019.

BENITES, A. A máquina de ‘fake news’ nos grupos a favor de Bolsonaro no WhatsApp. *El País Brasil*, Brasília, 28 set. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html. Acesso em: 1º ago. 2022.

BERNARD, H. R. *Social research methods*. Thousand Oaks: Sage, 2000.

BERTAUX, D. From the life-history approach to the transformation of sociological practice. In: BERTAUX, D. (ed.). *Biography and society: the life history approach in the social sciences*. London: Sage, 1981. p. 29-45.

BOBBIO, N. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

BOHN, S. R. Contexto político-eleitoral, minorias religiosas e voto em pleitos presidenciais (2002-2006). *Opinião Pública*, Campinas, v. 13, n. 2, p. 366-387, nov. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/m56dbLXLvpWLM6cR766Mt8J/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 ago. 2022.

BRAGA, R. O fim do lulismo. In: JINKINGS, I.; DORIA, K; CLETO, M. (org.). *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016. p. 55-60

BRAGON, R.; SERAPIÃO, F. Bolsonaro acumula casos sob suspeita de corrupção; veja um a um. *Folha de S. Paulo*, Brasília; São Paulo, 16 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/04/bolsonaro-acumula-casos-sob-suspeita-de-corrupcao-veja-um-a-um.shtml>. Acesso em: 14 ago. 2022.

BRYNJOLFSSON, E.; McAFEE, A. *The second machine age: work, progress, and prosperity in a time of brilliant technologies*. New York: W. W. Norton & Company, 2014.

CALDEIRA, T. P. do R. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34, 2000.

CAMPOS, J. P. de. Doze vezes em que Bolsonaro e seus filhos exaltaram e acenaram à ditadura. *Veja*, [Online], 4 nov. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/doze-vezes-em-que-bolsonaro-e-seus-filhos-exaltaram-e-acenaram-a-ditadura/>. Acesso em: 1º ago. 2022.

CASIMIRO, F. H. C. *A nova direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

CERDEIRA, V. H. EU-UK trade and cooperation agreement: council adopts decision on conclusion. *Council of the EU*, [Online], 29 abr. 2021. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/en/press/press-releases/2021/04/29/eu-uk-trade-and-cooperation-agreement-council-adopts-decision-on-conclusion/>. Acesso em: 30 jul. 2022.

CERVellini, S.; GIANI, M.; PAVANELLI, P. Economia, religião e voto: a questão do aborto na eleição presidencial de 2010. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DA WAPOR, 4., 4-6 maio 2011, Belo Horizonte. *Mesas* [...]. Belo Horizonte: WAPOR, 2011.

CHAUÍ, M. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. In: SANTIAGO, H. (org.). *Escritos de Marilena Chauí*. São Paulo: Perseu Abramo, 2014 [1985]. v. 4, p. 15-151.

CODATO, A.; BOLOGNESI, B.; ROEDER, K. M. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: VELASCO E CRUZ, S.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (org.). *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 115-144.

COLETTA, R. D. STF conclui julgamento e enquadra homofobia na lei dos crimes de racismo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 jun. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/06/stf-conclui-julgamento-e-enquadra-homofobia-na-lei-dos-crimes-de-racismo.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CONVERSE, P. The nature of belief systems in mass publics. *Critical Review*, [Online], v. 18, n. 1-3, p. 1-74, 1964. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/08913810608443650>. Acesso em: 17 ago. 2022.

COSTA, S.; MOTTA, R. Social classes and the far right in Brazil. In: FOLEY, C. (ed.). *In spite of you: voices of the Brazilian resistance*. London: OR Books, Mar. 2019. p. 103-116.

CRAMER, K. J. *The politics of resentment: rural consciousness in Wisconsin and the rise of Scott Walker*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2016.

CRUSOÉ. Bolsonaro: “Sabemos quem é o inimigo da nação”. *Crusoé*, [Online], 20 abr. 2022. Disponível em: <https://crusoe.uol.com.br/diario/bolsonaro-sabemos-que-e-o-inimigo-da-nacao/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CURATO, N. Politics of anxiety, politics of hope: penal populism and Duterte’s rise to power. *Journal of Current Southeast Asian Affairs*, [Online], v. 35, n. 3, p. 91-109, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/186810341603500305>. Acesso em: 17 ago. 2022.

D’AGOSTINO, R. Jair Bolsonaro entrega prestação de contas de campanha ao TSE. *GI*, Brasília, 9 nov. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/11/09/jair-bolsonaro-entrega-prestacao-de-contas-de-campanha-ao-tse.ghtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

D'AGOSTINO, R. Ministro retira sigilo do vídeo de reunião que Moro diz ser prova da interferência de Bolsonaro na PF. *GI*, Brasília, 22 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-retira-sigilo-do-video-de-reuniao-que-moro-diz-ser-prova-da-interferencia-de-bolsonaro-na-pf.ghtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

DAMÉ, L. Em crescimento, bancada evangélica terá 91 parlamentares no Congresso. *Agência Brasil*, Brasília, 18 out. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/em-crescimento-bancada-evangelica-tera-91-parlamentares-no-congresso>. Acesso em: 14 ago. 2022.

DATAFOLHA. Eleições 2018. *Datafolha*, [Online], 28 out. 2018. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/10/28/b469d4556e176c907bad8986ccc459cd.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2022.

DATAFOLHA. Pesquisa nacional: 13 a 15/09/2021. *Datafolha*, [Online], 24 set. 2021. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2021/09/24/avali24968insti94782congress8472.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

DE VOLO, L. B; SCHATZ, E. From the inside out: ethnographic methods in political research. *PS – Political Science & Politics*, Washington, DC, v. 37, n. 2, p. 267-271, 2004. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4488818>. Acesso em: 17 ago. 2022.

DECLERCQ, M. Jean Wyllys: o primeiro exilado do governo Bolsonaro. *Vice Brasil*, [Online], 24 jan. 2019. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/a3bd7k/jean-wyllys-o-primeiro-exilado-do-governo-bolsonaro>. Acesso em: 15 ago. 2022.

DEUTSCHE WELLE. “Brasil merece presidente que se comporte à altura do cargo”. *DW*, [Online], 26 ago. 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/brasil-merece-presidente-que-se-comporte-%C3%A0-altura-do-cargo-diz-macron/a-50169912>. Acesso em: 8 ago. 2022.

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. *Salário mínimo de 2019 é fixado em R\$ 998,00*. São Paulo: DIEESE, jan. 2019. (Nota técnica n. 201). Disponível em: <https://www.dieese.org.br/notatecnica/2019/notaTec201SalarioMinimo.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

DURKHEIM, E. *The elementary forms of religious life*. New York: The Free Press, 1965.

ERNESTO, M. Bolsonaro condena ‘kit gay’, tenta expor material na TV e é repreendido por William Bonner. *Estado de Minas*, [Online], 28 ago. 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/08/28/interna_politica,984245/bolsonaro-condena-kit-gay-tenta-expor-material-na-tv-e-e-repreendid.shtml. Acesso em: 1º ago. 2022.

ESTADÃO CONTEÚDO. Eleições 2022: Bolsonaro chama PT quadrilha e diz que está em guerra. *IstoÉ Dinheiro*, [Online], 31 jan. 2022. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/eleicoes-2022-bolsonaro-chama-pt-quadrilha-e-diz-que-esta-em-guerra/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

ESTADÃO CONTEÚDO. Tempestade perfeita: o que diz Steven Levitsky sobre democracia no Brasil. *Exame*, [Online], 13 maio 2019. Disponível em: <https://exame.com/brasil/por-que-a-democracia-esta-em-crise/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

FALUDI, S. *Backlash: the undeclared war against American women*. New York: Three Rivers Press, 1991.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FELÍCIO, C. Nem de esquerda, nem de direita? *Valor Econômico*, [Online], 16 ago. 2019. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/coluna/nem-de-esquerda-nem-de-direita.ghtml>. Acesso em: 3 ago. 2022.

FETAPERGS – Federação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas do Estado do Rio Grande do Sul. Informações. Tabelas Salário Mínimo. Disponível em: <http://www.fetapergs.org.br/index.php/2015-07-27-16-46-22/tabelas-salario-minimo>. Acesso em: 15 ago. 2022.

FINCHELSTEIN, F. *From fascism to populism in history*. Oakland, California: University of California Press, 2017.

FINCHELSTEIN, F. [Entrevista concedida a] Rosana Pinheiro-Machado. Entrevista: ‘Bolsonaro é o populista que mais se aproximou do fascismo na história’, diz Federico Finchelstein. *The Intercept Brasil*, [Online], 7 jul. 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/07/07/bolsonaro-populista-fascismo-entrevista-federico-finchelstein/>. Acesso em: 1º ago. 2022.

FOLHA DE S. PAULO. Bolsonaro ironiza Anitta e critica Leonardo DiCaprio por seus ‘jatinhos e iate’. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 maio 2022b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/05/bolsonaro-ironiza-anitta-e-critica-dicaprio-por-jatinhos-e-iate.shtml>. Acesso em: 12 ago. 2022.

FOLHA DE S. PAULO. Empresas contrataram disparos pró-Bolsonaro no WhatsApp, diz espanhol. *Folha de S. Paulo*, Corunha, 18 jun. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/06/empresas-contrataram-disparos-pro-bolsonaro-no-whatsapp-diz-espanhol.shtml>. Acesso em: 14 ago. 2022.

FOLHA DE S. PAULO. Olavo de Carvalho morreu de Covid, diz filha do guru do bolsonarismo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 jan. 2022a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/01/olavo-de-carvalho-morreu-de-covid-diz-filha-do-guru-do-bolsonarismo.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

FOLHA DE S. PAULO. Protesto na av. Paulista é o maior ato político já registrado em São Paulo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 mar. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/03/1749528-protesto-na-av-paulista-e-o-maior-ato-politico-ja-registrado-em-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

FRAGOSO, S. WTF a crazy Brazilian invasion. In: SUDWEEKS, F.; HRACHOVEC, H.; ESS, C. (org.). *Cultural attitudes towards technology and communication*. Murdoch: Murdoch University Press, 2006. v. III, p. 255-274.

FRAZÃO, F.; GAYER, E. Bolsonaro fala em ‘dificuldades’ para renovar concessão da TV Globo, mas decisão cabe ao Congresso. *O Estado de S. Paulo*, Brasília, 12 fev. 2022. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral/bolsonaro-fala-em-dificuldades-para-renovar-concessao-da-tv-globo-mas-decisao-cabe-ao-congresso,70003977563>. Acesso em: 15 ago. 2022.

G1. Bolsonaro é inocentado de vez da acusação de racismo contra quilombolas. *G1*, [Online], 8 jun. 2019a. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/06/08/bolsonaro-e-inocentado-de-vez-da-acusacao-de-racismo-contr-quilombolas.ghtml>. Acesso em: 13 ago. 2022.

G1. Em evento no Tocantins, Jair Bolsonaro diz que aluno de universidades brasileiras ‘faz tudo, menos estudar’. *G1*, [Online], 12 dez. 2019b. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/12/12/em-evento-no-tocantins-jair-bolsonaro-diz-que-aluno-de-universidades-brasileiras-faz-tudo-menos-estudar.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2022.

G1. Final de ‘Amor à vida’ tem primeiro beijo gay em novela da Globo. *G1*, [Online], 31 jan. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/01/final-de-amor-vida-tem-primeiro-beijo-gay-em-novela-da-globo.html>. Acesso em: 15 ago. 2022.

G1. Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. *G1*, Juiz de Fora, 6 set. 2018b. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

G1. SP tem a menor taxa de homicídios do Brasil e redução de 46% nos assassinatos de 2006 a 2016, diz Atlas da Violência. *G1*, São Paulo, 5 jun. 2018a. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/sp-tem-a-menor-taxa-de-homicidios-do-brasil-e-reducao-de-46-nos-assassinatos-de-2006-a-2016-diz-atlas-da-violencia.ghtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

G1. União Brasil confirma Sergio Moro como candidato ao Senado pelo Paraná. *G1*, Curitiba, 2 ago. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/eleicoes/2022/noticia/2022/08/02/uniao-brasil-confirma-sergio-moro-como-candidato-ao-senado-pelo-parana.ghtml>. Acesso em: 8 ago. 2022.

G1 PR. Lula deixa a prisão em Curitiba, agradece a militantes e critica Lava Jato. *G1 PR*, Curitiba, 08 nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/11/08/lula-deixa-a-prisao-em-curitiba-apos-decisao-do-stf.ghtml>. Acesso em 17 ago. 2022.

GALVANI, G. Sergio Moro se filia ao Podemos com discurso em defesa da Lava Jato. *CNN Brasil*, São Paulo, 10 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/sergio-moro-se-filia-ao-podemos/>. Acesso em: 8 ago. 2022.

GENIAL INVESTIMENTOS. Pesquisa para Presidente 2022. Agosto 2021. Disponível em: https://www.genialinvestimentos.com.br/eleicoes/pesquisas/pdfs/genial-nas-eleicoes_pesquisa-para-presidente-2022_resultado-agosto-2021.pdf. Acesso em: 15 nov. 2021.

GIELOW, I. Apoio à paralisação é de 87% dos brasileiros, diz Datafolha. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 maio 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/05/apoio-a-paralisacao-e-de-87-dos-brasileiros-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

GLASER, B.; STRAUSS, A. *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine Publishing Company, 1967.

GRAEBER, D. *Bullshit jobs: a theory*. New York; London; Toronto; Sydney; New Delhi: Simon & Schuster, 2018.

GRAMSCI, A. “Wave of Materialism” and “Crisis of Authority”. In: HOARE, Q.; SMITH, G. N. *Selections from the Prison Notebooks of Antonio Gramsci*. New York: International Publishers, 1971.

GUERREIRO, C.; ALMEIDA, R. de. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 49-73, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/4JrSBZDRqG8c9RjzCfzx4BN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 ago. 2022.

HADDAD, F. Vivi na pele o que aprendi nos livros. *Piauí*, Edição 129, Junho de 2017. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/vivi-na-pele-o-que-aprendi-nos-livros/>. Acesso em: 16 ago. 2022.

HARRINGTON, B. The social psychology of access in ethnographic research. *Journal of Contemporary Ethnography*, Thousand Oaks, v. 32, n. 5, p. 592-625, 2003. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0891241603255677>. Acesso em: 17 ago. 2022.

HARVEY, D. *et al. Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

HIRABAHASI, G. STJ manda Deltan Dallagnol indenizar Lula por apresentação em PowerPoint. *CNN Brasil*, Brasília, 22 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/stj-manda-deltan-dallagnol-indenizar-lula-por-apresentacao-em-powerpoint/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

HOCHSCHILD, A. R. *Strangers in their own land: anger and mourning on the American Right*. New York: The New Press, 2016.

HUNTER, J. D. *Culture wars: the struggle to define America*. New York: Basic Books, 1991.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 1980*. Brasília: IBGE, 1980.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. Brasília: IBGE, 2010.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. Maps & Trends. Mortality analyses. *Johns Hopkins University & Medicine: Coronavirus Resource Center*, [Online], 12 ago. 2022. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/data/mortality>. Acesso em: 12 ago. 2022.

KALIL, I. O. Contra o STF e a favor de quem? Protestos contra o STF e contra a lei de abuso de autoridade. *Blog da Boitempo*, [Online], 29 ago. 2019. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/08/29/contra-o-stf-e-a-favor-de-quem-protestos-contra-o-stf-e-contra-a-lei-de-abuso-de-autoridade/>. Acesso em: 13 ago. 2022.

KALIL, I. O. [Entrevista concedida a] Carolina Freitas. Parte dos eleitores arrependidos de Bolsonaro quer mais radicalismo. *Valor Econômico*, São Paulo, 22 jul. 2019. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/07/22/parte-dos-eleitores-arrependidos-de-bolsonaro-quer-mais-radicalismo.ghtml>. Acesso em: 17 ago. 2022.

KALIL, I. O. Who are Jair Bolsonaro’s voters and what they believe: report on Brazil’s 2018 presidential elections. *Center for Urban Ethnography*, São Paulo, v. 3 (Dossier Urban Controversies #3), 9 nov. 2018. Disponível em: <https://sxpolitics.org/who-are-jair-bolsonaros-voters-and-what-they-believe/19224>. Acesso em: 17 ago. 2022.

KAPISZEWSKI, D.; MacLEAN, L.; READ, B. *Field research in Political Science: practices and principles (strategies for social inquiry)*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

KATSIAFICAS, G. N. *The imagination of the new left: a global analysis of 1968*. Cambridge, MA: South End Press, 1987.

KER, J. Os ataques de Weintraub às universidades da “balbúrdia”. *Terra*, [Online], 19 fev. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/os-ataques-de-weintraub-as-universidades-da-balburdia,c5f4988ad50a620e0cf0b0915a9272d6gcjhx8ci.html>. Acesso em: 12 ago. 2022.

KNIGHT, B.; GOLDENBERG, R. Germany’s far-right populist AfD: no gains, small losses. *DW*, [Online], 27 set. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/en/germanys-far-right-populist-afd-no-gains-small-losses/a-59330183>. Acesso em: 31 jul. 2022.

KURLANSKY, M. *1968: o ano que abalou o mundo*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.

LACLAU, E. *On populist reason*. London; New York: Verso, 2005.

LATINOBARÓMETRO. Latinobarómetro: opinión pública latinoamericana. Disponível em: <https://www.latinobarometro.org/lat.jsp>. Acesso em: 15 ago. 2022.

LAZARFELD, P.; BERELSON, B.; GAUDET, H. *El pueblo elige: estudio del proceso de formación del voto durante una campaña presidencial*. Buenos Aires: Ediciones 3, 1960.

LEECH, B. Interview methods in Political Science. *PS – Political Science & Politics*, Washington, DC, v. 35, n. 4, p. 663-664, 2002.

LESSA, R. Bolsonaro é o primeiro líder popular da direita brasileira, afirma autor. *Folha de S. Paulo*, [Online], 4 nov. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/11/bolsonaro-e-o-primeiro-lider-popular-da-direita-brasileira-afirma-autor.shtml>. Acesso em: 30 jan. 2019.

LESSA, R. Bolsonaro inaugura o presidencialismo de assombração, diz Renato Lessa. *Folha de S. Paulo*, [Online], 5 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/01/bolsonaro-inaugura-o-presidencialismo-de-assombacao-diz-renato-lessa.shtml>. Acesso em: 30 jan. 2019.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. *How democracies die*. New York: Penguin Random House LLC, 2018.

LIMA, M.; MEDEIROS, L.; FONSECA, S. Aécio Neves: ‘Para a direita não adianta me empurrar que eu não vou’. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 nov. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/aecio-neves-para-direita-nao-adianta-me-empurrar-que-eu-nao-vou-14512157>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MacGILLIS, A. Who turned my blue State red? *The New York Times*, [Online], 20 nov. 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/11/22/opinion/sunday/who-turned-my-blue-state-red.html>. Acesso em: 14 ago. 2022.

MAIA, G. Campanha de Bolsonaro testa vídeo com jingle sertanejo: ‘capitão do povo’. *Veja*, [Online], 25 jul. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/campanha-de-bolsonaro-testa-video-com-jingle-sertanejo-capitao-do-povo/>. Acesso em: 1º ago. 2022.

MAIA, P. B. Vinte anos de homicídios no estado de São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 121-129, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/NbfNRpqVXNc7WYKkKsnN94H/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 ago. 2022.

MAINWARING, S.; MENEGUELLO, R.; POWER, T. *Partidos conservadores no Brasil contemporâneo: quais são, o que defendem, quais são suas bases*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MARCHESINI, L. Hungria ofereceu ajuda para reeleição de Bolsonaro, mostra relatório interno. *Folha de S. Paulo*, Brasília, 27 jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/07/hungria-ofereceu-ajuda-para-reeleicao-de-bolsonaro-mostra-relatorio-interno.shtml>. Acesso em: 30 jul. 2022.

MARIANO, R.; PIERUCCI, A. F. O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 3, n. 34, p. 92-106, nov. 1992. Disponível em: https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/5134/1992_mariano_envolvimento_pentecostais_eleicao.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 17 ago. 2022.

MATOS, V. *et al.* Ex-juiz Sergio Moro anuncia demissão do Ministério da Justiça e deixa o governo Bolsonaro. *G1*, Brasília, 24 abr. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/24/moro-anuncia-demissao-do-ministerio-da-justica-e-deixa-o-governo-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 8 ago. 2022.

MATOSO, F.; LIMA, K. Conclusão da ONU sobre Moro e procuradores da Lava Jato é 'lavagem de alma', diz Lula. *GI*, Brasília, 28 abr. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/04/28/conclusao-da-onu-sobre-lava-jato-representa-lavagem-de-alma-diz-lula.ghtml>. Acesso em: 17 ago. 2022.

McCRACKEN, G. *The long interview*. Newbury Park, CA: Sage, 1988. (Qualitative Research Methods Series n. 13).

MELLO, P. C. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MELO, M. [Entrevista concedida a] Ruan de Souza Gabriel. Marcus Melo: “A melhor reforma política foi feita pela Lava Jato”. *Época*, 30 mai. 2016. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/05/marcus-melo-melhor-reforma-politica-foi-feita-pela-lava-jato.html>. Acesso em 17 ago. 2022.

MENEZES, H. *A Lei Rouanet: muito além dos (f)atos*. São Paulo: Fons Sapientiae, 2016.

MILITÃO, E.; LOPES, N. Por 8 a 3, STF anula condenações em Curitiba e mantém Lula elegível. *UOL*, Brasília e São Paulo, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/04/15/plenario-do-stf-julga-anulacao-das-condenacoes-de-lula.htm>. Acesso em: 17 ago. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Painel Coronavírus. 12 ago. 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MORAES, A. *et al.* (org.). *Junho: potência das ruas e das redes*. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2014.

MORAES, A.; TARIN, B.; TIBLE, J. (org.). *Cartografias da emergência: novas lutas no Brasil*. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2015.

MORAES, M. de. Bolsonaro: “Serei o candidato da direita à Presidência em 2018”. *O Estado de S. Paulo*, [Online], 30 out. 2014. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/marcelo-moraes/2014/10/30/bolsonaro-serei-o-candidato-da-direita-a-presidencia-em-2018/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MORSE, J. M. Designing funded qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). *Handbook of qualitative research*. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994. p. 220-235.

MORTARI, M. Com apenas 8 segundos na TV, Bolsonaro tem 36% dos votos ameaçados. *InfoMoney*, São Paulo, 18 jul. 2018. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/com-apenas-8-segundos-na-tv-bolsonaro-tem-36-dos-votos-ameacados/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MUDDE, C. The populist zeitgeist. *Government and Opposition*, London, v. 39, n. 4, p. 541-563, 2004. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/government-and-opposition/article/populist-zeitgeist/2CD34F8B25C4FFF4F322316833DB94B7>. Acesso em: 17 ago. 2022.

NERI, M. (coord.). *A nova classe média*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE; CPS, 2008.

NERI, M. (coord.). *A nova classe média: o lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE; CPS, 2010.

NEXO. Bolsonaro defende ditadura militar e manda ‘cala a boca’ a STF. *Nexo*, [Online], 31 mar. 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2022/03/31/Bolsonaro-defende-ditadura-militar-e-manda-%E2%80%99cala-a-boca%E2%80%99-a-STF>. Acesso em: 15 ago. 2022.

NICOLAU, J. *O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NOBRE, M. O candidato do colapso. *Piauí*, [Online], 17 out. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-candidato-do-colapso/>. Acesso em: 30 jan. 2019.

NORRIS, P.; INGLEHART, R. *Cultural backlash: Trump, Brexit and authoritarian populism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

O ESTADO DE S. PAULO. Bolsonaro é o candidato menos votado na eleição para presidente da Câmara. *O Estado de S. Paulo*, [Online], 2 fev. 2017. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-e-o-candidato-menos-votado-na-eleicao-para-presidente-camara,70001650776>. Acesso em: 15 ago. 2022.

O GLOBO. Partido Socialista, do premier António Costa, vence eleição em Portugal e conquista maioria absoluta no Parlamento. *O Globo*, [Online], 30 jan. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/partido-socialista-do-premier-antonio-costa-vence-eleicao-em-portugal-conquista-maioria-absoluta-no-parlamento-25373825>. Acesso em: 31 jul. 2022.

ORDONES, A. “Se eu não for candidato, quero ser vice de Aécio”, diz Jair Bolsonaro. *InfoMoney*, São Paulo, 22 maio 2014. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/se-eu-nao-for-candidato-quero-ser-vice-de-aecio-diz-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

ORTELLADO, P.; SOLANO, E. Nova direita nas ruas? Uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. *Revista Perseu – História, Memória e Política*, São Paulo, ano 7, n. 11 (Dossiê: As Direitas no Brasil), p. 169-180, 2016. Disponível em: <https://revistaperseu.fpabramo.org.br/index.php/revista-perseu/article/view/97/65>. Acesso em: 17 ago. 2022.

PACHIRAT, T. Shouts and murmurs: the ethnographer’s potion. *Qualitative and Multi-Method Research*, [Online], v. 7, n. 2, p. 41-44, 2009. Disponível em: <https://zenodo.org/record/939984>. Acesso em: 17 ago. 2022.

PASQUINI, P. Estudo diz que 90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em fake news. *Valor Econômico*, São Paulo, 2 nov. 2018. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/11/02/estudo-diz-que-90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news.ghtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PAULINO, M.; JANONI, A. Núcleo duro de apoio a Bolsonaro é de 12% da população, aponta Datafolha. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 set. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/09/nucleo-duro-de-apoio-a-bolsonaro-e-de-12-da-populacao-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PEIXOTO, V.; RENNÓ, L. Mobilidade social ascendente e voto: as eleições presidenciais de 2010 no Brasil. *Opinião Pública*, Campinas, v. 17, n. 2, p. 304-322, nov. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/D5dqMJzXKPr4nqyhGmcP6NM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 ago. 2022.

PIERUCCI, A. F. A direita mora do outro lado da cidade. In: ENCONTRO ANUAL DE ANPOCS, 12., 25-28 out. 1988, Águas de São Pedro. *Trabalhos [...]*. Águas de São Pedro: ANPOCS, 1988. p. 1-21. Disponível em: https://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/10/rbcs10_03.pdf. Acesso em: 17 ago. 2022.

PIERUCCI, A. F. As bases da nova direita. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 19, p. 26-45, dez. 1987. Disponível em: https://novosestudos.com.br/wp-content/uploads/2017/03/02_as_bases_da_nova_espera.pdf.zip. Acesso em: 17 ago. 2022.

PIERUCCI, A. F. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.

PIERUCCI, A. F. Eleição 2010: desmoralização eleitoral do moralismo religioso. *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, nº 89, p. 5-15, mar. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/gTW8Wkk86wnWj4SGsJKMd8F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 ago. 2022.

PIERUCCI, A. F.; COUTINHO, M. C. A direita que flutua: o voto conservador na eleição de 1990 em São Paulo. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 1, n. 29, p. 10-27, mar. 1991. Disponível em: https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/5123/1991_pierucci_direita_flutua_voto.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 17 ago. 2022.

PINHEIRO-MACHADO, R. *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

PINHEIRO-MACHADO, R.; FREIXO, A. de. Dias de um futuro (quase) esquecido: um país em transe, a democracia em colapso. In: PINHEIRO-MACHADO, R.; FREIXO, A. de (org.). *Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. p. 9-24.

PITOMBO, J. P. Bolsonaro diz que apoia caminhoneiros, mas critica bloqueios de estradas. *Folha de S. Paulo*, Salvador, 24 maio 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/05/bolsonaro-diz-que-apoia-caminhoneiros-mas-critica-bloqueios-de-estradas.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PULS, M. *O malufismo*. São Paulo: Publifolha, 2000.

QUADROS, W. A evolução recente da estrutura social brasileira. *Textos para Discussão – IE/UNICAMP*, Campinas, n. 148, p. 1-45, nov. 2008. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/1778/texto148.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2022.

RATCLIFFE, R. ‘The Punisher’: Rodrigo Duterte’s violent reign as Philippines president to end. *The Guardian*, [Online], 28 jun. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2022/jun/28/the-punisher-rodrigo-dutertes-violent-reign-as-philippines-president-to-end>. Acesso em: 31 jul. 2022.

REBELLO, A. Bolsonaro compartilha post dizendo que Deltan é ‘esquerdista tipo Psol’. *UOL*, São Paulo, 11 ago. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/08/11/bolsonaro-compartilha-post-dizendo-que-deltan-e-esquerdista-tipo-psol.htm>. Acesso em: 8 ago. 2022.

RECONDO, F. STF reconhece união homoafetiva por unanimidade. *O Estado de S. Paulo*, Brasília, 5 maio 2011. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,stf-reconhece-uniao-homoafetiva-por-unanimidade,715492>. Acesso em: 15 ago. 2022.

REUTERS. Acabei com a Lava Jato porque não tem mais corrupção no governo, diz Bolsonaro. *CNN Brasil*, [Online], 07 out. 2020b. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/acabei-com-a-lava-jato-porque-nao-tem-mais-corrupcao-no-governo-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

REUTERS. Bolsonaro diz que “cidadãos de bem” tiveram lares invadidos e defende liberdade de expressão. *Reuters*, [Online], 28 maio 2020a. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/politica-bolsonaro-cidadaosdebem-idLTAKBN2341M6>. Acesso em: 15 ago. 2022.

REUTERS. Bolsonaro é escolhido como personalidade do ano em votação popular da Time. *Exame*, [Online], 7 dez. 2021. Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-e-escolhido-como-personalidade-do-ano-em-votacao-popular-da-time/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

RIBEIRO, J. Set/2018: “Vamos fuzilar a petralhada”, diz Bolsonaro em campanha no Acre. *Exame*, [Online], 3 set. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

RIBEIRO, M. M.; ORTELLADO, P. Monitor do Debate Político no Meio Digital. *Manifestação em apoio ao presidente Bolsonaro*: av. Paulista, 7 de setembro de 2021. São Paulo: GPoPAI/ECA/USP, 8 set. 2021. Disponível em: <https://www.monitordigital.org/2021/09/08/manifestacao-em-apoio-ao-presidente-bolsonaro-07-09-21/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

RIBEIRO, M. R. Brasil, 200 mil mortes por Covid: 200 frases de Bolsonaro minimizando a pandemia. *Yahoo! Notícias*, [Online], 7 jan. 2021. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/noticias/200-frases-de-bolsonaro-minimizando-a-pandemia-do-coronavirus-203647435.html>. Acesso em: 12 ago. 2022.

RIBEIRO, T. Aécio Neves é absolvido da acusação de corrupção no caso JBS. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 mar. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/03/aecio-e-absolvido-por-juiz-da-acusacao-de-corrupcao-no-caso-jbs.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

RILEY, D. What is Trump? *New Left Review*, [Online], n. 114, s. p., Nov.-Dec. 2018. Disponível em: <https://newleftreview.org/issues/ii114/articles/dylan-riley-what-is-trump>. Acesso em: 17 ago. 2022.

ROCHA, A. I.; DUARTE, I.; BONATELLI, C. ‘Meu partido é o Brasil’, diz Bolsonaro sobre possível saída do PSL. *O Estado de S. Paulo*, [Online], 10 out. 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,meu-partido-e-o-brasil-diz-bolsonaro-sobre-possivel-saida-do-psl,70003044934>. Acesso em: 15 ago. 2022.

ROCHA, C. “*Menos Marx, mais Mises*”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política) –Departamento de Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ROCHA, C. A emergência da nova direita e o bolsonarismo. [S. l.: s. n.], 6 maio 2019. 1 vídeo (1hora 42mins.). Publicado pelo canal STI FFLCH USP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6qAzH9OM8U8>. Acesso em: 17 ago. 2022.

ROMERO, F. Doria desiste de pré-candidatura à Presidência “com o coração ferido e a alma leve”. *CNN Brasil*, São Paulo, 23 maio 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/doria-desiste-da-disputa-pelo-planalto-com-o-coracao-ferido-e-alma-leve/>. Acesso em: 4 ago. 2022.

ROSSI, A.; CARNEIRO, J. D.; GRAGNANI, J. #EleNão: a manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. *BBC News Brasil*, São Paulo; Rio de Janeiro; Londres, 30 set. 2018. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SAFATLE, V. [Entrevista concedida a] Daniel Buarque. A Nova República acabou, diz filósofo Vladimir Safatle. *UOL*, São Paulo, 15 mar. 2015. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/03/15/a-nova-republica-acabou-diz-filosofo-vladimir-safatle.htm>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SAMPAIO, R. *Adhemar de Barros e o PSP*. São Paulo: Global, 1982.

SANTOS, W. G. dos. *A democracia impedida: o Brasil no século XXI*. Rio de Janeiro: FGV, 2017.

SCHMIDT, F. de H. *Presença de militares em cargos e funções comissionados do Executivo federal*. Brasília: IPEA, 31 maio 2022. (Nota técnica Diest). Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11211/1/NT_Presenca_de_militares_Publicacao_Preliminar.pdf. Acesso em: 8 ago. 2022.

SEAWRIGHT, L. A. Entre Deus, Diabo e Dilma: as narrativas evangélicas fundamentalistas nas eleições 2010. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 27, n. 1, p. 202-218, jan.-

jun. 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/3769/3623>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SENRA, R. Grupos pró-intervenção militar tentam influenciar rumo de greve dos caminhoneiros. *Folha de S. Paulo*, [Online], 24 maio 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/05/grupos-pro-intervencao-militar-tentam-influenciar-rumo-de-greve-dos-caminhoneiros.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SESTREM, G. Organizadores estimam que atos chegaram a 500 cidades e explicam significado do “eu autorizo”. *Gazeta do Povo*, [Online], 3 maio 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/quais-foram-as-principais-pautas-das-manifestacoes-pro-bolsonaro-pelo-brasil/>. Acesso em: 14 ago. 2022.

SETA, I. Com fotos e vídeos falsos, esta é a eleição do vale-tudo no WhatsApp. *Exame*, [Online], 4 out. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/com-fotos-e-videos-falsos-esta-e-a-eleicao-do-vale-tudo-no-whatsapp/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SILOTTO, G. Mapeando a competição: padrões de votação em São Paulo entre 2008 e 2016. *Revista Parlamento e Sociedade*, São Paulo, v. 5, n. 8, p. 97-123, jan.-jun. 2017. Disponível em: <https://parlamentoesociedade.emnuvens.com.br/revista/article/view/37/34>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SINGER, A. V. A reativação da direita no Brasil. *Opinião Pública*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 705-729, set-dez. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/BHXTTx8b7Fk78jfDLRRmr8j/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SINGER, A. V. *O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SINGER, A. V. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SINGER, A. V. Quatro notas sobre as classes sociais nos dez anos de lulismo. In: FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO; FUNDAÇÃO FRIEDRICH EBERT (org.). *Classes? Que classes?* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013. p. 21-38.

SKOCPOL, T.; WILLIAMSON, V. *The tea party and the remaking of Republican conservatism*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

SOLANO, E. A evolução do Bolsonarismo: análise qualitativa da percepção deste eleitorado em 2019 e 2020. *Journal of Democracy*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 50-81, maio 2021. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6233015/mod_resource/content/1/03_A_evolucao_d_o_bolsonarismo.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6233015/mod_resource/content/1/03_A_evolucao_do_bolsonarismo.pdf). Acesso em: 17 ago. 2022.

SOUZA, M. T. S. R. de. A trajetória de Jânio Quadros. In: LAMOUNIER, B. (org.). *1985: o voto em São Paulo*. São Paulo: IDESP, 1986.

SOUZA, J. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SOUZA, M. do C. C. de. A Nova República sobre a espada de Dâmocles. In: STEPAN, A. (org.). *Democratizando o Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

STANLEY, J. *How fascism works: the politics of us and them*. New York: Random House, 2018.

STRUCK, J. Derrotada, extrema direita recebe votação recorde na França. *DW*, [Online], 24 abr. 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/derrotada-extrema-direita-recebe-vota%C3%A7%C3%A3o-recorde-na-fran%C3%A7a/a-61577090>. Acesso em: 31 jul. 2022.

STRUCK, J. Mais radical, ultradireita se firma na cena política alemã. *DW*, [Online], 26 set. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/mais-radical-ultradireita-se-consolida-na-paisagem-pol%C3%ADtica-alem%C3%A3/a-59315898>. Acesso em: 31 jul. 2022.

TAVARES, J. Movimentos pró-Bolsonaro ampliam motes para afastar radicalismo de ato no dia 26. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 maio 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/movimentos-pro-bolsonaro-ampliam-motes-para-afastar-radicalismo-de-ato-no-dia-26.shtml>. Acesso em: 7 ago. 2022.

TEITELBAUM, B. *War for eternity: inside Bannon's far-right circle of global power brokers*. [S. l.]: Dey Street Books, 2020.

TEIXEIRA, M. Por 7 a 4, Supremo confirma decisão que declarou Moro parcial em caso de Lula. *Folha de S. Paulo*, Brasília, 23 jun. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/supremo-confirma-decisao-que-declarou-moro-parcial-em-caso-de-lula.shtml>. Acesso em: 17 ago. 2022.

TERRA. Renúncia de Jânio e a legalidade. *Terra*, [Online], 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/infograficos/50-anos-da-renuncia-janio/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

THE INTERCEPT BRASIL. Leia todas as reportagens que o Intercept e parceiros produziram para a Vaza Jato. *The Intercept Brasil*, [Online], 20 jan. 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/01/20/linha-do-tempo-vaza-jato/>. Acesso em: 7 ago. 2022.

THOMAZ, D. Gay de direita, Clodovil é lembrado por polêmicas no Plenário. *Época*, [Online], 18 jun. 2018. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/politica/noticia/2018/06/gay-de-direita-clodovil-e-lembrado-por-polemicas-no-plenario.html>. Acesso em: 15 ago. 2022.

TOFF *et al.* *Overcoming indifference: what attitudes towards news tell us about building trust*. [S. l.]: Reuters Institute for the Study of Journalism; University of Oxford, 9 set. 2021. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/overcoming-indifference-what-attitudes-towards-news-tell-us-about-building-trust>. Acesso em: 14 ago. 2022.

TRIBUNA PR. Apresentação de PowerPoint de Dallagnol enlouquece a internet. *Tribuna PR*, [Online], 15 set. 2016. Disponível em:

<https://tribunapr.uol.com.br/noticias/politica/apresentacao-de-powerpoint-de-dallagnol-enlouquece-internet/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

TSE – Tribunal Superior Eleitoral. Eleições anteriores. Disponível em: <https://resultados.tse.jus.br/oficial/#/eleicao/resultados>.

UOL. Hernández reconhece derrota para Petro no segundo turno das presidenciais na Colômbia. *UOL*, [Online], 19 jun. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2022/06/19/hernandez-reconhece-derrota-para-petro-no-segundo-turno-das-presidenciais-na-colombia.htm>. Acesso em: 31 jul. 2022.

UOL. Pfizer foi ignorada pelo governo federal 81 vezes, expõe Randolfe Rodrigues à CPI. *UOL*, [Online], 9 jun. 2021. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/25780-pfizer-foi-ignorada-pelo-governo-federal-81-vezes-expoe-randolfe-rodrigues-a-cpi.html>. Acesso em: 12 ago. 2022.

URIBE, G. Ato pró-Bolsonaro tem manifestantes sem máscara e críticas a STF e Congresso. *Folha de S. Paulo*, Brasília, 19 jul. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/07/ato-pro-bolsonaro-tem-manifestantes-sem-mascara-e-criticas-a-stf-e-congresso.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

VALLE, V. do. *Entre a religião e o lulismo: um estudo com pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Editora Recriar, 2019.

VEJA. Acusado de não defender Bolsonaro, MBL é hostilizado no Rio e SP. *Veja*, [Online], 1º jul. 2019a. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/maquiavel/acusado-de-nao-defender-bolsonaro-mbl-e-hostilizado-no-rio-e-sp/>. Acesso em: 7 ago. 2022.

VEJA. Esquerdista derrota ultraconservador em disputa pela presidência do Chile. *Veja*, [Online], 19 dez. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/esquerdista-derrota-ultraconservador-em-disputa-pela-presidencia-do-chile/>. Acesso em: 31 jul. 2022.

VEJA. STF determina início imediato de nova pena de prisão domiciliar de Maluf. *Veja*, [Online], 24 set. 2019b. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/stf-determina-inicio-imediato-de-nova-pena-de-prisao-domiciliar-de-maluf/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

VRYDAGH, F.; ROCHA, C. Right-wing counter publics and the origins of the Brazilian new right. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PENSAR AS DIREITAS NA AMÉRICA LATINA, 3., 20-22 ago. 2018, Belo Horizonte. *Mesas* [...]. Belo Horizonte: LHTP/FAFICH/UFMG, 2018.

WEFFORT, F. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

ZERO HORA. “Tem que ser um que a gente mata antes dele fazer delação”: relembre diálogo de Aécio Neves com Joesley Batista. *Zero Hora*, [Online], 17 abr. 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2018/04/tem-que-ser-um-que-a-gente-mata-antes-dele-fazer-delacao-relembre-dialogo-de-aecio-neves-com-joesley-batista-cjg3t5imn00bv01qozcny8636.html>. Acesso em: 15 ago. 2022.

ŽIŽEK, S. Problemas no paraíso. *In*: HARVEY, D. *et al.* *Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. p. 67-71.